

DEBORAH STROUGO

Sempre Foi Você



spin-off de
INESPERADAMENTE VOCÊ





COPYRIGHT © 2019 DEBORAH STROUGO

SEMPRE FOI VOCÊ

1º Edição — Brasil

Todos os direitos reservados a Autora.

Produção Editorial

Revisão: BIANCA GULIM

Capa: HENRIQUE MORAIS

Diagramação: BRUNO LIRA

**Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação
(cip)**

Strougo, Deborah;

Sempre foi você

1. Ed. — São Paulo — SP — 2019

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. B869.3

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da

Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

2009.

São proibidos o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DEBORAH STROUGO

*Sempre
Foi Você*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*O ENCONTRO INESPERADO, AS SITUAÇÕES INUSITADAS,
O QUE NÃO FOI COMBINADO, MAS TINHA QUE ACONTECER.*

Rubem Alves

PERIGOSAS ACHERON

Nota da Autora

Olá, querido leitor! Como vai?

Em primeiro lugar, muito, muito, muito obrigada por se interessar pelo meu livrinho. Espero, de todo o meu coração, que seus momentos com o Victor e a Isabella sejam inesquecíveis.

Mas, além disso, acho importante avisar que *Sempre Foi Você* é o *spin-off* de *Inesperadamente Você*. Caso não tenha lido o livro que originou esta história, não se preocupe! São livros completamente independentes. Porém, acho importante informar que você encontrará alguns *spoilers* de *Inesperadamente Você* por aqui.

E, apenas para que se sinta mais familiarizado, é bom que conheça a premissa de *Inesperadamente Você*:

Alice Bastos é uma residente de Pediatria que está passando por uma situação complicada após o derrame do pai. Para pagar os custos do tratamento, ela decide vender a casa e morar em um local mais simples e próximo ao hospital em que ele está internado.

Quando surge uma oportunidade de comprar um ótimo apartamento com o preço em conta, Alice não pensa duas vezes antes de fechar o negócio. O que ela não esperava era ser vítima de um golpe que a obrigaria a dividir a moradia com Theo Leone, um profissional de TI arrogante, mal-humorado e bonito demais.

Porém, apesar dos desentendimentos, ambos descobrem que morar sob o mesmo teto pode ser a melhor coisa de suas vidas.

Maravilha! Agora você está mais do que pronto para ler *Sempre Foi Você* e se apaixonar por esta história. Boa leitura e até breve!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Era uma segunda-feira de manhã, e eu pulei da cama antes mesmo do despertador tocar. Estava esperando por aquele dia há algum tempo e toda a ansiedade quase não me deixara dormir na noite anterior, cheguei a acordar umas três vezes durante aquela madrugada. No entanto, o sono que ainda me invadia não era importante. Nada mais era.

Corri para o banheiro, que ficava de frente para o meu quarto, e entrei na ducha em uma tentativa de acordar meus músculos, já que minha mente se agitava na velocidade da luz e o corpo parecia ainda não estar tão disposto a responder a toda minha energia.

Deixei que a água morna me trouxesse alívio e paz, dois sentimentos que eu mal reconhecia por conta das últimas semanas frenéticas. Eu andava muito estressada com minha tese da pós-graduação, e o dia de defendê-la havia enfim chegado. Depois daquele dia, eu estaria livre e, de preferência, com um lindo diploma em mãos. *Felicidade* era meu nome do meio!

Não que eu não gostasse de estudar ou aprender coisas novas, mas, depois de estar focada apenas naquilo pelos últimos dois anos e meio, era impossível não ansiar pelo fim. Tudo que eu queria era colocar em prática meus novos conhecimentos de uma vez por todas, dando um início propriamente dito à minha carreira.

Lavei os cabelos com um pouco de pressa e agradei por ter cortado os fios na altura dos ombros no mês anterior. Assim, eles já não me davam tanto trabalho como antigamente. Terminei o banho e me enxuguei o melhor que pude antes de colocar a calça social preta e a blusa de seda branca. Corri para o meu quarto, ouvindo um resmungo de Camila ao atravessar o corredor que

levava até a sala de estar.

— Bom dia pra você também, priminha — brinquei, sabendo de seu mau humor matinal e me arrependendo no mesmo instante em que seus olhos amendoados, apenas um pouco mais claros que os meus, pairaram sobre mim como uma clara ameaça de morte.

— Hum... — ela resmungou, acenando com a mão.

Sorri amarelo antes de me trancar em meu quarto novamente. Ainda que estivesse cedo, eu queria aproveitar e treinar o discurso ao menos uma última vez. Segurei a versão impressa e inspirei fundo antes de começar a repassar os tópicos.

Acabei me perdendo ao pontuar cada argumento, analisando de forma minuciosa minha postura de frente para o grande espelho do armário branco. Eu precisava que tudo fosse o mais perfeitamente explicado, sem correr o risco de dizer qualquer informação incorreta. Afinal, eu tinha mesmo me esforçado muito naquele projeto, tanto que toda a minha estadia em São Francisco se resumira à especialização e aprendizado. Não podia me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permitir dar qualquer mole logo naquele momento. De jeito nenhum! Eu era perfeccionista demais para isso e muito tempo e dinheiro foram gastos para que eu falhasse na reta final.

Quando finalizei o discurso, me permiti sentar na beirada da cama alta, inspirando fundo e fazendo os exercícios de meditação que Camila me ensinara meses antes. E então, assim de repente, minha ficha caiu: em menos de duas semanas, meu tempo ali acabaria e eu iria embora. Deixaria aquela casa, que se tornara meu lar, junto de minha prima e seu marido.

Camila é filha da irmã mais velha do meu pai. Somos primas de primeiro grau e, por termos praticamente a mesma idade — sendo ela apenas oito meses mais velha do que eu —, sempre fomos bem próximas. Quando Camila e John se apaixonaram loucamente, ela não pensara duas vezes antes de se mudar para São Francisco. Eles apenas retornaram ao Brasil para se casarem na presença da nossa família alguns meses depois, mas desde então moram na tão calorosa Califórnia e não poderiam ser mais felizes.

PERIGOSAS ACHERON

Minha prima abriu um salão de beleza perto de casa, e não demorara muito para que ele fizesse sucesso, principalmente por conta da tal depilação à brasileira, como as americanas chamavam. O empreendimento era um arraso total! John, por sua vez, trabalhava em uma empresa de distribuição de alimentos e era nítido o quanto se devotava à sua esposa. Tanto que não se importou quando Camila me convidara para morar com eles durante meu tempo nos Estados Unidos.

Ainda que de início eu me sentisse um pouco desconfortável com toda a mudança, não podia negar que havia sido a melhor decisão da minha vida. Não que eu fosse infeliz no Brasil, porém não podia dizer que estava satisfeita com minha situação na época. Muitas coisas não eram do jeito que eu esperava e uma grande decepção fora o suficiente para que eu tomasse a decisão de partir.

Morar com minha madrasta e com meu pai era torturante. Nada contra seu Paulo, que sempre fora um pai presente, muito atencioso e preocupado comigo e com meu futuro. Não nadávamos no dinheiro nem nada parecido, mas sempre tivemos

uma vida confortável, nunca nos faltara nada. Inclusive, em especial no que se refere à educação, meu pai sempre fizera questão de investir no melhor para mim. Talvez por isso eu não tentasse abrir seus olhos em relação à Verônica, ainda que ela fosse uma completa megera.

Já fazia cerca de cinco anos desde que eles se conheceram e se casaram, transformando minha rotina em casa num perfeito inferno. Verônica era uma mulher linda, sim, com olhos tom de mel e cachos escuros, mas fútil e sonsa demais, além de quinze anos mais nova que meu pai. Simplesmente não conseguíamos nos dar bem por conta de seus comentários ácidos e sua atitude mesquinha, que foram ficando evidentes com o passar do tempo.

É como dizem: nosso santo não bateu e pronto. E, bom, ninguém precisa de uma explicação muito elaborada para sentir ranço de alguém.

Mas nada — nada mesmo! — me irritava mais do que quando ela dizia que eu deveria crescer e parar de depender tanto do meu pai, como se ela não fizesse exatamente isso.

O mais cômico de tudo era que ela entrara em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossas vidas por minha culpa, já que, por me esquecer de comprar o anticoncepcional, papai, gentil como sempre, se oferecera para ir até a farmácia por mim, onde Verônica o atendeu e tudo começou.

A Camila sempre esteve certa ao dizer que o DIU é muito melhor do que a pílula. Talvez, se eu a tivesse escutado naquela época, com certeza não estaria naquela situação. Porém, a vida é uma caixinha de surpresas e o amor — ou o terror — pode estar logo na esquina. Ou na farmácia mais próxima...

Claro que Verônica largou o emprego depois do casamento; dizia ser boa demais para trabalhar para os outros e, desde então, decidiu cuidar da casa. Da *minha* casa, mais especificamente, ou ao menos era até ela se mudar para lá e se apossar de cada cantinho do apartamento.

Além disso, quanto à minha vida profissional, eu estava longe de alcançar o que almejava. Sequer era capaz de alugar um apartamento e me ver livre das caras e bocas da minha querida madrasta, o que, com certeza, era o meu maior desejo.

PERIGOSAS ACHERON

Óbvio que eu era grata pelo emprego que tivera quando vivia no Brasil. Graças à indicação de Ana, uma amiga da época da escola, eu havia conseguido a vaga de secretária em um escritório de advocacia bem-conceituado. Mas, ainda que adorasse o local e os colegas de trabalho, eu era uma economista e desejava exercer minha profissão. Além disso, minha cidade natal, apesar de não ser minúscula, também não chegava a ser uma metrópole, o que contribuía para o mercado local não estar aquecido.

Quase não havia vagas para minha área, de modo que ninguém estava contratando uma recém-formada. A crise também não ajudava em nada. As poucas empresas do ramo exigiam experiência e um currículo impecável, não davam chance para uma novata. E isso, claro, era uma enorme contradição, pois, sem uma chance, como eu conseguiria experiência? Assim, me vi sem saída, tendo que atender telefonemas e marcar reuniões no dia a dia. E, ainda que fosse melhor do que estar desempregada, aquilo não era o que eu queria para mim naquele momento, muito menos para o meu futuro. Eu não havia me enfurnado durante cinco

anos em uma faculdade para não seguir meu caminho, meu sonho.

Logo, quando surgiu a oportunidade de estudar fora e complementar meu currículo, eu optei por aceitar a chance que a vida me dava. Precisava pensar em mim mesma, principalmente após meu coração ser quebrado em inúmeros pedacinhos. Decidi partir sem me importar com o que ou quem eu deixaria para trás. Eu apenas precisava de distância e confiança para seguir em frente.

Por isso, depois de um ano na A.L. Advogados, pedi demissão e fui embora do país. Graças a um concurso e uma ajudinha de John — que era filho da reitora da universidade —, consegui uma vaga para fazer um MBA em Contabilidade e Gestão Empresarial, tudo com um ótimo desconto. Aquela era minha chance de crescer pessoal e profissionalmente, e, como o curso só começaria depois da segunda metade do ano, eu ainda poderia aproveitar para melhorar meu inglês, o que seria essencial para acompanhar as aulas sem dificuldades.

Eu passaria cerca de dois anos e meio fora, me

PERIGOSAS ACHERON

esforçando e estudando para ganhar meu lugar no mundo dos negócios. Ao menos era essa a desculpa que eu usara por bastante tempo, até finalmente esquecer certo alguém.

— Isa, o café tá pronto — Camila anunciou do outro lado da porta, me tirando dos meus devaneios sobre o passado.

Graças aos céus! Pensar naquelas lembranças era a última coisa que eu precisava no momento.

— Valeu! Tô indo — avisei, levantando da cama e passando os dedos por meus fios loiros, ajeitando a franja lateral para que ela ficasse comportada.

Cinco segundos depois, acabei desistindo de fazê-la ficar apresentável e fui logo até a cozinha, onde o casal comia tranquilamente na pequena mesa de quatro lugares. Puxei uma cadeira e me sentei, me servindo uma boa xícara de café.

— Está ansiosa? — John perguntou com o sotaque carregado.

Ele adorava português, começara a aprender a língua desde que conhecera Camila. Quando possível, eu o ajudava a praticar e com o tempo

formamos uma bela amizade, o que me deixou mais confortável no apartamento deles. *Thanks God!*

— Não muito — menti.

— Você mexeu o nariz — Camila acusou, conspiratória, e John assentiu com a cabeça. — Você sempre mexe o nariz quando mente. — Ela ergueu um ombro com a sobrancelha arqueada. — Então, repetindo a pergunta: tá ansiosa?

Sem ter muito mais o que dizer, me limitei a soltar o ar pela boca ruidosamente antes de admitir, derrotada:

— Acho que meu estômago pode dar uma cambalhota aqui dentro a qualquer momento.

— Você vai se sair bem. Relaxa, prima! Só tenta não pensar demais nisso no caminho, você precisa espairer um pouco.

Percebi os olhos claros de John me fitando, a boca comprimida em uma linha reta.

— Você não sabe o que é cambalhota, né? — indaguei, e ele anuiu, tirando uma risada anasalada de Camila antes de lhe bagunçar os cabelos cor de mel. — Hummm... Ok. Vou te mostrar o que é,

espera aí.

Peguei meu celular e logo escrevi a palavra no campo de busca; ficaria muito mais fácil mostrar para ele ao que eu me referia com um vídeo. John logo entendeu e agradeceu. Sorri antes de fítar novamente o aparelho em minhas mãos, que começou a vibrar por conta de uma inesperada solicitação de amizade.

Não pude evitar a careta surpresa ao me deparar com o nome de Alberto Leone, meu ex-chefe, nas redes sociais. Até onde me lembrava, ele não era muito adepto às novas tecnologias. Aceitei seu pedido sem imaginar que no mesmo instante certa imagem surgiria na minha frente. Uma que continha certo alguém que eu não queria ver nem pintado de ouro. Uma pessoa de quem evitei receber notícias por todo aquele tempo pelo simples fato de sentir meu peito apertar só em lembrar seu nome.

Porém, lá estava ele. Os olhos azuis pareciam mais claros e os cabelos mais negros do que eu me recordava, o sorriso aberto despertou uma sensação estranha de nostalgia e... dor.

PERIGOSAS NACIONAIS

A lembrança de Victor levava um gosto amargo à ponta da minha língua, mas por algum motivo meus olhos não conseguiam desviar daquela fotografia que havia sido compartilhada por seu pai, meu antigo chefe. Nela, Victor abraçava forte o irmão mais novo pelos ombros, ambos em ternos negros perfeitamente alinhados que só serviam para deixá-los ainda mais charmosos. Ao lado deles, uma linda mulher de olhos verdes em seu vestido de noiva com uma menininha em seus braços. Pela descrição, aquela era ninguém menos que Alice, e a criança era claramente a mistura perfeita entre ela e o Leone caçula.

Antes de me mudar, eu acompanhara junto a Victor toda a história daqueles dois, começando pelo golpe do apartamento, como tudo aquilo resultara em um relacionamento entre o irmão e tal garota e até mesmo a perda do pai dela alguns meses depois. Sorri inconscientemente, gostando de ver que se tornaram uma família e que pareciam felizes. Algo que, certa vez, eu também sonhei em ter durante uma ilusão infantil e inocente. Como eu era boba naquela época...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isa, o que foi? Que cara é essa, garota? — Camila perguntou, e no susto bati o celular na mesa. Praguejei baixinho, dando graças aos céus por a tela não ter rachado. — O que é isso, prima? Parece que viu um fantasma.

E era exatamente como eu me sentia naquele instante. Como se tivesse visto a pior das almas penadas.

— Ah... foi só um daqueles vídeos idiotas que dão susto, nada demais — menti, forçando meu nariz a se manter imóvel e balançando uma mão no ar. — Acho que não consigo comer mais nada.

— Hummm... Vídeo, é? — Ela arqueou uma sobrancelha, descrente. — E você? Comendo tão pouco em uma refeição? Isso é bem inédito, viu?

— Acho que é o nervosismo — falei, sem graça, ainda que fosse uma meia verdade. — Melhor eu acabar de me arrumar e sair, quero chegar um pouco antes do horário — avisei, me levantando.

— Vai dar tudo certo, Isabella! — John disse com convicção e um sorriso amigável.

Em contrapartida, minha prima me fitava com os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos semicerrados. Ela era sempre muito perceptiva, e tudo o que pude fazer foi lhe oferecer meu melhor sorriso falso.

— Certo... Vai lá para o salão mais tarde? — ela perguntou, parecendo aceitar minha desculpa.

— Claro! Pretendo trabalhar lá até o último dia se você não se importar.

— Lógico que não me importo. Você é minha melhor funcionária! — Piscou, e eu repuxei o canto da boca.

Claro que eu era sua melhor funcionária, pois a ajudava na parte administrativa, atividade pela qual Camila tinha total aversão. Como recompensa, eu recebia um pequeno salário, comida na mesa e um abrigo para dormir todas as noites. Não podia reclamar, era melhor do que pedir dinheiro constantemente para meu pai e ainda ouvir os resmungos da Verônica do outro lado linha.

— Sim, senhora patroa — respondi, cínica, antes de me retirar.

Bastava escovar os dentes e esconder aquelas olheiras, e então estaria pronta para sair. Eu deveria

PERIGOSAS ACHERON

estar animada, mas, ao entrar outra vez em meu quarto, logo aquela maldita fotografia surgiu em meus pensamentos. Senti o coração se torcer por um segundo. Toda a paz que desejei naquela manhã se esvaiu, minha mente era um turbilhão de lembranças não desejadas.

— Que inferno, Isabella! Não deixa ele te afetar. Só esquece! — pedi para mim mesma, balançando a cabeça em uma tentativa frustrada de esquecer novamente aquele rosto e tudo de ruim que ele representava.

Afinal, Victor Leone era passado, e só.



Capítulo 2

Assim como programado, cheguei à universidade com vinte minutos de antecedência. Avistei alguns colegas de classe sentados em uma fileira de bancos de madeira e logo me juntei a eles. Nossos nomes foram sendo chamados pelo horário determinado, e aquela espera me deixou angustiada. Tão angustiada que senti meu estômago se contorcer quando chamaram por mim. Enchi os pulmões de ar e entrei na sala em que a banca me aguardava.

— Bom dia a todos — desejei em inglês, sentindo as palmas das mãos suarem e a garganta secar.

— Seja bem-vinda, Isabella Furtado — a mulher de cabelos loiros claríssimos disse em sua língua materna, lendo meu nome em na ficha. — Quando quiser começar, fique à vontade.

Estava na hora e, depois de todos aqueles anos me esforçando para chegar até ali, eu não poderia estar mais do que pronta.



— Me conte tudo! Como foi? — Camila perguntou assim que me viu entrar no salão.

A atenção das clientes e dos outros funcionários se concentrou toda em mim, o que me deixou meio sem graça.

— Devidamente pós-graduada — respondi, sorrindo sem jeito.

Mas ela não se importou com isso ou com o fato de estarmos atrapalhando o trabalho de seus funcionários. Camila apenas soltou um gritinho eufórico e lançou os braços em meu pescoço.

— Essa é a minha garota! — falou, se afastando com um enorme sorriso estampado no rosto.

— Ah, linda, tenho certeza de que você arrasou!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fábio, o cabeleireiro do salão e também brasileiro, disse antes de passar os braços morenos e musculosos em volta meu corpo e me tirar do chão por um breve segundo. — Temos que comemorar essa conquista! Não acha, Camilinha?

Ele se virou para minha prima enquanto desgrudava nossos corpos e mantinha as mãos em meus ombros.

— Com certeza! A Isa precisa de uma comemoração e uma despedida digna! Na verdade, eu andei pensando em passarmos o final de semana em Vegas. O que acham?

— Vegas? Que luxo! Acho digníssimo! Tô precisando sair, conhecer um carinha gato e me esquecer do resto. O que acha, meu amor? — Fábio indagou, os olhos escuros brilhando de excitação na direção dos meus.

Com expectativa, Camila também mantinha sua atenção em mim.

Aquela até que parecia uma boa ideia. Logo, eu disse a única coisa que me restava:

— Super topo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então é isso! Vegas, baby! — Fábio disse, animado. — E acho bom você ter uma despedida das boas, quero ver você soltar o mulherão dentro de você, encontrar um homem bem gostoso e não pensar no amanhã.

Ele piscou, travesso. Meu rosto começou a pegar fogo instantaneamente. Por que as pessoas precisavam falar esse tipo de coisa tão alto assim?

— Também acho, Isa! — minha prima comentou. — Tá na hora de se divertir pelo menos um pouquinho. Sem desculpas! Uma loira gata assim tem que tá na pista, curtir a vida ao máximo. Os estudos já acabaram, agora tá na hora de aproveitar todo o esforço. Estamos combinadas?

Camila colocou as mãos na cintura, os olhos ameaçadores focados em mim.

— Ai, gente... acho que essa viagem não vai prestar — falei, preocupada com o que aqueles dois pretendiam.

Minha boca se tornou uma linha fina quando vi os sorrisos na cara da dupla imbatível. Definitivamente não ia prestar.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, vai prestar, sim! Prestar muito! Se preparem, meninas. Agora, se me dão licença... — Fábio mandou um beijo no ar ao se virar para atender sua próxima cliente, que acabava de chegar.

— Relaxa, priminha, vai ser bom se distrair. Confia na gente, ok? — Beijou minha bochecha antes de ir para o balcão.

Suspirei fundo em uma mistura de tensão e animação. Eu merecia me divertir um pouco, não é? Provavelmente seria uma viagem bem louca com aqueles dois, mas também me garantiria ótimas memórias e boas gargalhadas.

Não poderia ser tão ruim assim, certo? Eu não seria obrigada a fazer nada que eu não quisesse. Ao menos era o que eu esperava. Mas com Camila e Fábio na minha cola, talvez eu devesse ficar um pouco mais atenta ao que poderiam tramar contra mim. Ainda mais se fosse algo que envolvesse um cara com mais gominhos na barriga do que eu pudesse contar.

Subi a escada em caracol e me dirigi à pequena sala no segundo andar. Eu precisava arrumar todas as pastas de finanças para que minha prima não

PERIGOSAS ACHERON

surtasse depois da minha partida. Porém, não pude evitar bufar ao ver a quantidade de papéis em cima da mesa. Aquilo tomaria minha tarde toda com certeza.

Peguei o celular dentro da bolsa para checar as horas, e um sentimento esquisito se acomodou dentro de mim. A lembrança daquela maldita fotografia surgiu com força no fundo do meu cérebro, pensei que minha garganta poderia fechar a qualquer momento.

Eu já não pensava em Victor há muito tempo. Desde que me mudara, na verdade, e eu estava indo muito bem assim. Muito bem mesmo! Sem me lembrar do jeito que suas mãos tocavam meu corpo, da maneira como sua boca se grudava na minha... e aqueles olhos que me faziam esquecer o mundo inteiro.

Droga!

Já fazia tanto tempo que me via livre de tudo que ele representava e, naquele momento, sem mais nem menos, lá estava eu, como uma grande boba, me lembrando de como tudo começou.

Era o meu primeiro dia na A.L. Advogados quando o vi pela primeira vez em sua roupa impecável de pessoa importante, saindo de uma reunião com um enorme sorriso ao apertar a mão de um cara qualquer. Eu perdi o ar quase que imediatamente, me perguntando se poderiam existir dentes tão brancos e alinhados como aqueles. Seu sorriso era tão real e aberto que chegava a formar lindas ruguinhas nas laterais daqueles olhos azuis, contrastando de forma perfeita com seus cabelos negros e cheios.

Eu estava ridiculamente encantada por um completo desconhecido. Como a grande idiota que eu era.

— Isabella, como vai?

— B-bom dia, senhor Leone — desejei ao homem de uns sessenta anos, engolindo em seco e sentindo as maçãs do rosto coradas.

Torci muito para que ele não tivesse percebido que eu secara um de seus funcionários há meio segundo.

— Chegou cedo. Seu turno só começa na

próxima hora — ele disse com seus olhos claros um pouco confusos ao checar o relógio de prata.

— Eu queria conhecer melhor o escritório e minhas atribuições — expliquei.

— Ótimo, muito bem! Gosto de pessoas dedicadas, bem que a Ana comentou que você seria ótima para o cargo. Vamos começar o tour, então?

— Claro! — respondi, sem conseguir evitar uma olhada para trás em busca daquele sorriso galante do tal homem misterioso.

Mas, para minha surpresa e decepção, ele sorria abertamente para uma mulher bem bonita de cabelos negros e ondulados até a metade das costas. A saia lápis cinza e blusa preta valorizavam seu corpo definido. Eles conversavam de forma animada, e vi que suas mãos se tocaram de uma maneira íntima, então ele se aproximou para cochichar algo no ouvido dela.

Ah... então eles são namorados. Ou ao menos algo próximo disso, pensei e não pude evitar um suspiro triste.

— Isabella?

— *Ah, desculpe, senhor Leone! — pedi, sem graça, seguindo-o pelos corredores.*

Alberto era um advogado muito conceituado, seu escritório era o maior da cidade. Apesar de sua aparência austera — algo que seu cargo deveria exigir, eu imaginava —, ele me explicou tudo que eu precisava saber com toda paciência do mundo, o que achei incrível, já que eu era uma completa novata no ambiente corporativo. Tudo que eu sentia naquele momento era gratidão pela oportunidade.

— *Bom, por último, mas não menos importante, essa aqui é a sua mesa. — Ele indicou com o braço. — Minha sala fica logo atrás. Suas funções, em geral, são... Victor, meu filho! — Alberto olhou além de mim, um sorriso orgulhoso se formando em seu rosto. — Venha conhecer a Isabella, minha nova secretária.*

Virei-me para cumprimentar a pessoa que se aproximava já dizendo:

— *Bom dia, muito prazer...*

Mas minha língua ficou pesada e a frase morreu

no mesmo instante que aquelas duas piscinas me fitaram. Um sorriso ladino surgiu em seu rosto, fazendo todo meu corpo pinicar.

Perigo!, algo sussurrou dentro de mim no mesmo instante em que nossos olhos se cruzaram.

— O prazer é todo meu, Isabella — disse, a voz rouca conforme suas mãos se acomodavam nos bolsos de sua calça social. — Espero que cuide bem do meu velho. — Piscou, brincalhão.

Eu estava totalmente fora de órbita. Não lembrava mais de como respirar ou falar, me senti ridícula fazendo aquele papel de boba. Por isso, quando minha consciência retornou ao seu devido lugar, arranhei a garganta e coloquei um sorriso no rosto.

— Farei meu melhor, senhor.

— Por favor, me chame apenas de Victor. Senhor é o meu pai. — Apontou com o queixo para o homem mais velho, que ajudava um garoto com algum contrato e não prestava mais atenção em nós. — É o seu primeiro dia, não é?

— É, sim.

— Logo vi, eu jamais deixaria de perceber uma garota tão bonita por aqui. Se precisar de qualquer coisa, estou à sua inteira disposição. — Um novo sorriso, porém mais discreto e completamente malicioso surgiu. — Podemos sair para um café qualquer dia desses para conversar melhor. Talvez outro lugar se preferir...

Meu cenho se franziu por um segundo. Ele estava flertando comigo ou era apenas impressão? E aquela mulher com quem ele estava há poucos minutos atrás? Aquilo me pareceu estranho e... errado. Tão errado!

— Obrigada, mas acho que ficarei bem sozinha — respondi, um pouco incomodada, e vi sua sobrancelha grossa se arquear.

— Não usa aliança, então imagino que não seja casada. Comprometida, talvez? — ele indagou, passando a ponta da língua pelo lábio superior.

— Como?

— Tem namorado? — questionou em um sussurro confidente.

— Acredito que isso não seja da sua conta, não

acha? — retruquei, não gostando muito da sua invasão.

Achei que ele concordaria comigo e apenas se afastaria, mas Victor apenas sorriu, claramente se divertindo com a situação.

— Não vai me dizer que joga no mesmo time que eu? Seria péssimo ter uma concorrente como você — brincou, se fingindo de preocupado.

— Você é um idiota — falei entredentes. Que intimidade era aquela que ele achava que tinha comigo? — E não, eu não jogo no mesmo time que você. Pra sua informação, gosto muito de homem, só não os do seu tipo.

— Não posso te julgar por isso. — Riu baixinho, mas algo em seu tom me fez perceber que atingi em cheio seu ego. — Você só não respondeu minha primeira pergunta, então vou considerar que você não tem um namorado.

Estalei a língua.

— O que te faz ter tanta certeza disso?

Cruzei os braços sobre o peito. Ele parecia tão convencido, arrogante e desagradável naquele

instante que toda sua beleza desapareceu aos meus olhos. Quase como se surgisse uma segunda cabeça de seu pescoço e uma enorme espinha bem no meio da sua testa.

Isso, pensei, determinada, imaginando que daquela forma eu estaria a salvo.

— Se tivesse um... — ele lambeu o lábio inferior e se aproximou alguns centímetros, fazendo meus pulmões prenderem o ar instantaneamente. Ok, talvez eu não estivesse tão a salvo assim —, você não faria tanto mistério e teria dito de uma vez pra me evitar. A não ser que você não queira se livrar de mim...

— E se você tivesse qualquer consideração pela sua namorada, não me perguntaria essas coisas, as quais não te interessam, e muito menos ficaria fazendo essas suposições absurdas! — ralhei, inquieta.

Sua insinuação me parecia uma enorme falta de respeito, eu não desejava fazer parte daquilo.

— Espera... — Ele encrespou a testa na mesma hora, sua feição pareceu séria e confusa. — Do que

você tá...

— Desculpe, onde estávamos? — Alberto o interrompeu ao se aproximar de novo, fazendo o filho comprimir os lábios e torcer a boca. — Ah, sim, suas atribuições!

Victor arranhou a garganta antes de olhar para seu relógio de pulso e avisar:

— Preciso ir, tenho uma reunião em quinze minutos. Até depois, pai. Foi realmente um prazer, Isabella.

Ele piscou antes de se retirar, e eu fiquei ali, tentando prestar atenção em tudo o que Alberto explicava, evitando pensar na conversa esquisita com seu filho.

A manhã passou depressa entre arrumação de agenda e atendimento de ligações. Quando a hora do almoço chegou, Ana surgiu em minha mesa e me cumprimentou com um abraço apertado.

— Seja bem-vinda, Isa! Tive uma reunião externa na parte da manhã e só cheguei agora. Desculpa não poder te recepcionar — pediu com seus olhos castanhos me encarando com sinceridade enquanto

seus cachos escuros balançavam em seus ombros.

— Que isso, Aninha, relaxa! O senhor Leone foi ótimo e já me apresentou pra algumas pessoas.

— Maravilha, fico aliviada! Mas e aí, o que acha de almoçarmos juntas?

— Acho ótimo! Vamos? Tô faminta, acho que comeria um boi inteiro. Talvez dois...

Ela assentiu, soltando uma pequena risada.

— Você não muda nunca.

Conforme caminhávamos até o elevador, Ana contou um pouco sobre o escritório, o ritmo de trabalho e o motivo da antiga secretária de Alberto ter se demitido, após o marido ter sido transferido de repente para outra cidade.

Fomos até um pequeno restaurante próximo ao escritório, e me surpreendi quando Ana me puxou pelo braço até uma mesa onde mais duas mulheres estavam. Uma que eu reconheci na mesma hora.

— Meninas, esta aqui é a Isabella, a nova secretária do senhor Leone. Isa, essa é a Joana — apontou com o queixo para a loira, que sorriu de maneira gentil. — E essa é a Carol — apresentou a

morena de cabelos ondulados, a que estava com Victor mais cedo.

— Muito prazer — falei, tentando não parecer sem graça pelo fato do namorado dela ser um cafajeste de primeira.

— Seja bem-vinda, Isabella! Por que não se sentam com a gente? Acabamos de pedir — Carol sugeriu, e Ana logo puxou a cadeira para se sentar. Eu apenas a imitei.

— E aí, quais os babados da semana? — Ana questionou.

— Ai, amiga, nem te conto! Tive um final de semana maravilhoso com aquele carinha que te falei. Super-romântico, você tinha que ver!

Os olhos verdes de Carol reluziram, e eu me peguei completamente perdida.

— Espera, você não é a namorada do Victor? — questionei, sem pensar antes de perguntar. Quando vi, já tinha dito.

Merda!

— Namorada? Do Victor? — Carol gargalhou, o que fez eu me sentir ainda mais perdida. — O dia

que Victor Leone decidir sossegar o facho o mundo explode!

— Oh, querida, o Victor é a personificação da galinhagem. Ainda tá pra nascer uma mulher que o faça querer algo sério. De onde você tirou que ele e a Carol estavam namorando? Isso é quase absurdo — Ana disse, divertida.

— É que... bem... eu vi os dois mais cedo e pensei que...

— Ah, não! — Carol interveio, balançando a mão no ar. — Bom... quer dizer, a gente fica de vez em quando, mas é algo sem compromisso algum. Só por diversão mesmo. — Piscou um olho de maneira sugestiva. — O Victor não é o tipo de cara pra se apaixonar ou namorar, ele é bom de cama e uma boa companhia. Só isso. Mas, agora que eu conheci um cara legal de verdade, esse rolo terminou também. Vou seguir em frente que é melhor, sabe? Ele nem se preocupou quando contei mais cedo. Bem típico do Victor. Só brincou dizendo que foi bom enquanto durou e que, se eu mudasse de ideia, era só avisar.

Carol fez um aceno e sorriu de maneira
PERIGOSAS ACHERON

descontraída. Um sorriso que não chegou aos olhos, mas preferi não comentar.

— Entendi... — respondi, sem saber o que mais poderia falar.

— Um aviso: cuidado com ele, porque é só ver carne nova no pedaço que ele já ataca — dessa vez, foi Joana que se pronunciou. — Você já chegou a conhecê-lo? — Assenti com a cabeça. — E ele deu em cima de você? — Assenti novamente. — É, claro que deu. Victor não pode ver mulher bonita.

Ela riu. Ana e Carol a acompanharam.

— Então ele dá em cima de todas as garotas do escritório? — questionei, tentando ignorar o fato de me sentir um pouco desapontada com isso.

— Bom, não todas. Só as mais bonitas — Joana respondeu. — Ele nunca tentou nada comigo ou com a Ana, mas porque temos namorados, eu acho. Pelo menos ele respeita bastante as mulheres comprometidas e é um cara bem confiável como amigo e colega de trabalho.

— Olha, o Victor só curte algo casual e sem

amarras — Ana explicou. — Ele é divertido, engraçado e gostoso demais, mas não se pode esperar nada além de sexo, senão vai se arrepender de se envolver com ele — aconselhou, um pouco preocupada.

— Me envolver com ele? Dele eu só quero distância mesmo — avisei, convicta.

— Isso, garota! — Carol aprovou, piscando um olho. — Você faz muito bem.

— Muito bem mesmo — Ana completou, assentindo.

A última coisa que eu queria era me envolver com algum cafajeste, muito menos o filho do meu chefe. Ainda que ele tivesse aqueles olhos azuis penetrantes, que me faziam querer mergulhar e me afogar naquelas piscinas claras sem pensar nas consequências.

Perigo!, o sussurro dentro de mim surgiu mais uma vez e eu balancei a cabeça para espantar os pensamentos.

Não, eu não queria nada com Victor Leone. Apenas distância, muita distância. De preferência,

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns bons quilômetros.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 3

Sexta-feira chegou, e Fábio não parava de falar sobre a viagem para Vegas. Camila também estava animada, ainda que um pouco triste pelo fato de ser minha despedida. Na semana seguinte, eu estaria voltando ao Brasil, pois, com meus estudos finalizados, meu visto também estava prestes a expirar.

O voo durou cerca de uma hora e meia e no fim daquela mesma tarde já estávamos no hotel.

— E aí, gatas, querem ir pra qual balada hoje? Tô pronto pra zoar tudo, quero me esbaldar até não aguentar mais! — Fábio comentou, a ansiedade

evidente em sua voz.

— Tem uma festa que estão falando que vai ser um arraso! Lá no Ceaser, bora? — Camila sugeriu.

— Por mim pode ser — respondi.

— Por mim também. Hoje eu quero ver a Isa se soltar, beijar na boca e de preferência nem voltar pra este quarto de hotel — Fábio disse e piscou, sugestivo.

— *Superapoiado!* Minha priminha aqui necessita urgentemente se divertir sem pensar nas consequências, isso, sim.

— Também não precisam exagerar, né?

Meio ri, meio gemi. Era uma missão impossível convencer aqueles dois de que eu não precisava dormir com um estranho para ter uma noite boa.

— Não é exagero nenhum, meu amor! Desde que você chegou na Califórnia, não saiu com ninguém — Fábio comentou.

— Isso não é verdade! — eu me defendi. — Saí algumas vezes com o Dylan lá do curso.

— Mas foram só duas ou três vezes! — Camila apontou. — E você nunca parecia animada quando

PERIGOSAS ACHERON

ia encontrar com ele, então não vale! Estamos falando de você realmente curtir ficar com alguém, querer sair e estar com outra pessoa.

— Ah, mas é porque eu...

— Estava focada nos estudos, já sabemos — Camila interveio. — Mas os estudos acabaram, e agora você pode aproveitar à vontade. Não vamos deixar você perder essa oportunidade! Dar pelo menos uma chance de alguém se aproximar não pode ser de todo ruim, vai...

O que Camila não sabia era que, sim, dar a chance de alguém se aproximar poderia ser ruim. Ruim demais.

Sua constatação me levou para o passado, mais uma vez lembranças que eu desejava esquecer para sempre invadiram minha mente. Coisas que eu não reclamaria caso sumissem de repente da minha memória.

— *Isabella, pode ir buscar o contrato dos irmãos Fernandes na sala do Victor, por favor?* — *Alberto pediu, e eu praguejei baixinho.* — *Tudo bem, menina?*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro, só senti um pouco de frio por causa do ar-condicionado em cima de mim — menti. — Vou buscar para o senhor, volto logo.

Já estava na empresa há duas semanas e constantemente via Victor pelo escritório. Ele tentou conversar comigo três ou quatro vezes, mas consegui me esquivar em todas elas. Ele, em resposta à minha clara fuga, apenas me oferecia um daqueles seus sorrisos de lado que faziam minhas pernas virarem gelatina. Eu odiava quando ele me olhava daquela forma, como se eu fosse uma presa e ele, um predador pronto para atacar na hora certa.

Mas, talvez, só talvez, se eu o ignorasse ele pararia com aquilo. Ao menos era o que eu esperava.

Inspirei fundo antes de bater na porta de sua sala.

— Entra — sua voz rouca fez os pelos de minha nuca eriçarem.

— O senhor Leone pediu que eu levasse os papéis do contrato dos Fernandes — expliquei ao

PERIGOSAS ACHERON

entrar no cômodo e me aproximar de sua mesa.

Victor estava sentado em sua cadeira de couro, usando um par de óculos que o deixava extremamente bonito. Com as pontas dos dedos, tirou a armação fina do rosto e apoiou o cotovelo na mesa, repousando o queixo em sua mão.

— Ora, ora, olha quem decidiu dirigir a palavra a mim — provocou, me fazendo revirar os olhos. — Bom dia pra você também, Isabella. Como vai?

— Bem... — respondi, mordendo o interior de uma bochecha e desviando o olhar. Era muito difícil não me perder naquelas duas piscinas límpidas. Talvez ganhar as olimpíadas fosse mais fácil... Eu não duvidaria. — Sobre o contrato...

— Não vai me perguntar se eu estou bem também? — questionou com ironia. — Talvez isso não te interesse, já que não vai muito com a minha cara.

— É tão óbvio assim? — retruquei, impaciente.

— Mais óbvio impossível. Você não me deu nenhuma chance de conversar com você nas últimas semanas.

— *E o que você teria pra falar comigo? Coisa boa não é, com certeza.*

— *Olha, a Carol me contou da conversa de vocês e já sei que você está ciente das minhas... bem, preferências de relacionamento, por assim dizer. Você também não pode me culpar por me sentir atraído por você, eu realmente te achei linda, mas eu sei respeitar uma mulher quando o interesse não é recíproco. Eu só queria fazer um pacto de paz — disse, soturno, e se levantou. — Podemos deixar tudo pra lá e começar de novo?*

— *E como eu vou saber que isso não é algum tipo de joguinho seu?*

Semicerrei os olhos de forma automática. Não dava pra confiar naquele cara.

— *Porque eu não sou um garoto. — Aproximou-se, o rosto impassível e os olhos vidrados nos meus. — Sou um homem e não preciso de joguinhos. Se você não quer nada comigo, não tenho pretensão nenhuma de te convencer do contrário, muito menos forçar algo.*

Seu tom sóbrio e verdadeiro levou um bolo à

minha garganta. Talvez eu estivesse sendo dura demais com ele...

— O que você quer de mim então? — Minha voz mais parecia um muxoxo.

— Só quero que possamos nos dar bem. Quem sabe até possamos ser amigos com o tempo, você parece uma garota legal e eu não reclamaria de ter uma amiga de verdade. — Deu de ombros, parecendo sincero. — Além disso, não gosto de pensar que você me vê como um monstro ou algo parecido. Porque eu não sou — falou a última parte baixinho, o que fez meu coração apertar.

— Bom, você tem as piores cantadas do mundo, isso é um fato, mas acho que posso ter me precipitado no meu julgamento. Foi mal por isso — pedi, me sentindo um pouco infantil por classificá-lo como uma pessoa ruim por suas... hummm... formas de levar a vida.

Contanto que eu não fosse incluída nisso tudo, não me dizia respeito, certo?

— Tudo bem, acho que eu tenho uma grande parte de culpa nisso. — Ele sorriu, parecendo um

pouco tímido, o que fez meu estômago pular. — Fico feliz que tenhamos nos resolvido. Posso ter um humor um tanto...

— Atrevido? — sugeri, fazendo-o rir.

— Por aí... — confessou. — Mas acho que podemos nos dar bem, como colegas de trabalho pelo menos. Quem sabe, talvez possamos até tomar um café sem segundas intenções qualquer hora — frisou, quase como uma promessa. — E aí você até teria a chance de me ajudar com... como foi que você disse? — Arqueou uma sobrancelha, como se buscasse na mente as palavras exatas. — Ah, com as piores cantadas do mundo!

Ele se fingiu de ofendido, e eu acabei rindo. Foi inevitável. Em outro universo, Victor poderia ser um ator de Hollywood sem nenhuma dificuldade.

— Não vejo problema em sairmos como amigos, contanto que não fique cheio de gracinhas pra cima de mim — falei, erguendo um ombro. — Além disso, acho que você precisa mesmo de toda ajuda possível.

A zombaria também foi inevitável.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso poderia facilmente magoar alguém, sabia? — respondeu, se fingindo de sério, mas logo abriu um sorriso ladino. — Prometo que não precisa ter medo de mim, não vou fazer nada com você. — Seu sorriso se alargou, me mostrando ruguinhas divertidas em seus olhos. A contragosto, não fiquei muito feliz com sua promessa. — A não ser, claro... — ele sussurrou como quem confia algo, o rosto bem próximo ao meu — que você me peça.

Bufei em uma tentativa de fingir que não havia ficado excitada com sua proximidade.

— Vai esperar sentado — avisei, me afastando e pegando da sua mesa o contrato dos irmãos Fernandes.

Eu precisava sair logo dali, caso contrário ele poderia perceber o quanto me deixava desconcertada ao falar daquele jeito.

— Ei, espera! — chamou, um tanto ansioso, e eu me virei já perto da porta. — Quanto ao café e às aulas de cantadas eficazes... que tal amanhã no final do dia?

PERIGOSAS ACHERON

Cerrei os olhos, pensando no que deveria responder. Ao mesmo tempo em que algo em mim dizia que sair com Victor era um erro, outra parte tentava me convencer do contrário, dizendo que realmente seria uma saída divertida, que poderíamos nos dar bem. Ainda que fosse apenas como amigos.

E era o que papai dizia desde que me entendo por gente: “amigos nunca são demais”. Além disso, ter algum tipo de inimizade logo com o filho do meu chefe não parecia um ponto positivo de nenhum ângulo.

— Vou pensar no seu caso, mas não prometo nada — falei, sorrateira.

Victor sorriu abertamente, uma feição desafiadora de tirar o fôlego. Todos os dentes brancos e alinhados expostos, as ruguinhas deixando seus olhos azuis ainda mais penetrantes... Meu Santíssimo bom Deus! Como ele podia ser tão charmoso assim? Alguém deveria prender esse homem para o nosso bem!

Saí da sala no segundo seguinte, os pulmões implorando por ar e o pulso ameaçando voar.

Perigo!, ouvi meu coração apitar, mas dessa vez eu o ignorei, imaginando ser apenas um exagero. Eu ainda precisava decidir se iria ou não tomar o tal café com Victor. Só que encontrar a resposta correta parecia difícil demais.



O dia seguinte chegou. Após o expediente, Victor apareceu em frente à minha mesa.

— Se ainda está aqui é porque decidiu não me dar um bolo?! — brincou, se escorando na tampa de madeira. — Se isso não é o destino falando pra gente dormir colado hoje, não sei o que é. — Deu de ombros, como se não tivesse falado nada demais. Revirei os olhos, rezando para que o sangue não corresse todo para o meu rosto conforme eu imaginava a cena: Victor, uma cama e nossos corpos... hum... colados mesmo, por completo, com cada pedacinho de pele e... Ai, inferno! — Calma, é só brincadeira! — ele disse, soltando uma risada calorosa que me acertou em cheio. — Não vai desistir na última hora, vai?

— Na verdade, ainda estou me decidindo. Será que você pode voltar em dois minutos pra
 PERIGOSAS ACHERON

descobrir minha decisão final? — retruquei, sentindo o canto da boca tremer com a vontade de rir de sua cara tristonha e arrependida. — Tá, tudo bem — cedi, soltando o ar pelo nariz. — Vamos logo antes que eu me arrependa de vez.

Ele sorriu, extremamente charmoso para o meu gosto, e se desencostou da mesa.

— Essa cafeteria aqui do lado é muito boa. Gosta de doces? — perguntou, colocando as mãos no bolso da calça preta alinhada.

— Quem não gosta?

— Então se prepara para a melhor torta de chocolate com cereja da sua vida, é só isso que posso dizer.

— Opa, minha favorita! — admiti, sentindo a boca salivar.

Já havia passado das seis da tarde e eu estava com fome — quase desfalecendo mesmo —, já que não havia comido nada depois do almoço com Ana e as meninas.

Chegamos até o elevador e logo atingimos o térreo, com Victor nos guiando pela rua.

— *E então, o que tá achando do trabalho?*

— *Tudo certo. Seu pai é muito gentil.*

— *Gentil? Bom, só com quem ele gosta. Em um tribunal, ele pode ser muito assustador se você quer saber. — Ele fez uma careta divertida, e eu segurei uma risada. — Se bem que faz tempo que ele não pisa em um, acho que, conforme a idade foi chegando, ele começou a se cansar da rotina. Não dá pra julgar. Volta e meia ele comenta que quer se aposentar e viajar pelo mundo.*

— *Jura? Isso é muito legal!*

— *É, acho que sim — comentou, abrindo a porta da cafeteria para que entrássemos. — Ele sempre trabalhou muito, por isso nunca teve tanto tempo pra família. Acho que ele quer recompensar minha mãe também.*

— *Ela deve estar feliz, não?*

— *Na verdade, ela tem andado meio pra baixo. Meu irmão foi transferido pra outra cidade, ela tá desolada com a partida do filhote dela. — Balançou a cabeça, soltando o ar pelo nariz de maneira ruidosa. — Agora fica me ligando todo dia pra se*

lamentar sobre a mudança dele e o fato de que eu não a visito com tanta frequência quanto deveria.

— Provavelmente nenhuma mãe gosta de ficar longe dos filhos — comentei assim que nos acomodamos em uma mesa no canto. — Acho que é normal, deve ser o que chamam de instinto materno e tudo mais. Ou apenas carência.

Sorri, dando de ombros.

— A sua é assim também? Te liga todos os dias mesmo que seja pra falar sobre algo banal?

— Er... bom... Na verdade, não, ela já faleceu — respondi, e Victor arregalou os olhos, surpreso.

— Entendo... sinto muito por tocar no assunto — disse.

Vi seus olhos se tornarem mais frios e tristes, o que não me agradou muito.

— Ah, relaxa. — Tentei descontrair com um aceno de mão. — Eu era muito pequena, não tem problema. Meu pai se casou há poucos anos, mas minha madrasta é insuportável. Um dos motivos pelos quais eu aceitei o emprego na A.L. Advogados é tentar juntar dinheiro e alugar um

apartamento, nem que seja um quarto e sala.

— Ela é tão terrível assim?

— A pior! É uma pessoa fútil e a voz dela é fina que dói os ouvidos — confessei, comprimindo os lábios.

— É, você não tirou a sorte grande mesmo.

— Acho que faz parte. — Suspirei. — Pelo menos meu pai não fica tão sozinho.

— Boa noite — uma garçonete surgiu, atraindo nossa atenção. — O que desejam? — perguntou e anotou nossos pedidos sem desviar os olhos de Victor um segundo sequer. Chegava a ser constrangedor e muito, muito irritante. — Mais alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor?

Não pude deixar de perceber o tom sugestivo em sua fala e a maneira quase hipnótica com que o encarava. Pensei em oferecer um babador para a mulher, mas Victor simplesmente sorriu pra ela de maneira bem maliciosa e respondeu:

— O seu telefone seria ótimo.

No mesmo instante, eu engasguei com a própria saliva, não acreditando no que meus ouvidos
PERIGOSAS ACHERON

escutaram e no que meus olhos enxergavam. A garçonete anotou seu número no guardanapo e o entregou para ele, que guardou no bolso com cuidado.

— Vou buscar o pedido de vocês — ela avisou, piscando um olho antes de se retirar.

— E quanto aos seus planos de mudança, já andou procurando alguma coisa? — ele indagou, se virando pra mim como se nada tivesse acontecido.

— Isso é sério? — disparei.

— O quê? — falou, confuso.

— Você acabou de dar em cima da garçonete? Bem aqui, na minha frente?

Sim, eu estava me sentindo ofendida. E sim, eu sabia que não deveria me sentir dessa forma, mas a gente não controla esse tipo de coisa, né?

— Qual é o problema? Não combinamos de ser só amigos? — Assenti, entortando o canto da boca.

— Então isso não é um encontro nem nada parecido. Não precisa fazer essa cara — disse, abrindo um meio sorriso debochado.

— *Achei nada a ver — confessei. — Podia ter feito isso depois, quando estivesse sozinho ou sei lá...*

— *Você parece bem incomodada. Será que tá mudando de ideia sobre ser somente minha amiga? — provocou, passando a língua no lábio inferior e fazendo todo o meu corpo estremecer.*

Seus olhos vidrados em mim pareciam famintos, e por um segundo esqueci como respirar.

— *Não seja idiota. — Bufei. — Eu nunca, definitivamente nunca vou querer qualquer coisa além com você. É melhor já gravar nas suas notas mentais.*

— *Então por que se aborreceu tanto por eu pegar o telefone dela? — perguntou, ainda com um sorriso cínico no rosto.*

— *Ah, quer saber? Esquece esse assunto. Eu não devia mesmo me importar com essa bobagem. Eu já sabia desse seu jeito cafajeste, não sei por que ainda me surpreendo. Só queria entender o motivo pra você ser... bom...*

— *Um homem que gosta de liberdade? —*

completou, me encarando com uma sobrancelha arqueada.

— Eu ia falar galinha, mas podemos chamar disso também.

Sorri, cheia de ironia.

— Você poderia ter usado a palavra libertino. Assim, ao menos eu pareceria legal.

Um canto da sua boca se ergueu e seus olhos se cerraram brevemente. Senti algo pinicar na ponta da língua, mas tratei de ignorar..

— E você não se importa nem um pouco de levar esse tipo de vida?

Ele negou com a cabeça.

— Eu gosto das coisas simples e diretas, Isabella. Relacionamentos e sentimentos são uma bola de confusão, não tenho interesse em trazer isso pra minha vida. Por isso, quando eu encontro mulheres bonitas e divertidas que aceitam algo esporádico e sem compromisso, não perco a chance. Algo casual e sem amarras ou emoções é o melhor caminho pra mim.

— E como você pode ter total certeza de que não

vai se apaixonar por alguma delas? — questionei em desafio, embora eu estivesse mesmo é curiosa.

— Eu não me apaixono. Nunca.

Deu de ombros, os olhos azuis se tornando mais escuros e profundos.

— Você diz isso porque ainda não conheceu a garota certa.

— É mesmo?

Ele se ajeitou na cadeira, apoiando ambos os cotovelos na mesa e repousando o queixo entre as mãos entrelaçadas.

— É, quem sabe?! Talvez, se você der uma chance a alguém, pode se surpreender.

— Quem sabe um dia eu considere seu conselho, vamos ver. — Ele mexeu um ombro, fingindo desinteresse. — Mas, enquanto isso, não me importo de curtir minha vida assim. Com certeza é bem... proveitoso. — Piscou, tentando soar travesso, e eu revirei os olhos. — E levando em consideração que você definitivamente nunca vai querer ser algo além de uma boa amiga pra mim, por que não me conta mais sobre sua vida?

— *E o que você quer saber? — perguntei, não me deixando afetar por sua ênfase provocativa.*

— *No que você é formada?*

— *Economia.*

— *Economia? — perguntou, franzindo o cenho.*

— *É, qual o problema? — perguntei, sem entender sua reação.*

— *Por que está trabalhando como secretária em um escritório de advocacia?*

— *Ah, isso... bom...*

Acabei falando das dificuldades de conseguir emprego na área e a sorte que tive de Ana me indicar para uma vaga.

Victor me escutou com atenção até nosso pedido chegar e seus olhos se perderem no traseiro da maldita garçonete. Fiquei tentada a socar sua cara, bem ali, no nariz fino e perfeito. E depois, talvez, no queixo quadrado, onde a barba estava começando a crescer. Mas, ao contrário do que eu desejei, apenas revirei os olhos e ignorei o gesto.

— *O mercado realmente não anda muito bem, mas sei que você vai conseguir algo na sua área*
PERIGOSAS ACHERON

cedo ou tarde. Não desista de procurar e tentar — aconselhou.

— Você sabe que tá estimulando a secretária do seu pai a se demitir, certo?

Ele riu, balançando a cabeça.

— Se você for mais feliz em outro lugar, é isso que importa. Mesmo que isso signifique ficar sem sua ilustre presença — falou, levando a xícara de café até a boca.

— Assim parece até que você sentiria minha falta — brinquei.

— Claro que sentiria. Principalmente de quando você usa aquelas saias coladas — provocou, não sendo capaz de segurar a gargalhada no instante em que viu minha careta em sua direção. — Foi só uma piada, relaxa! — Ergui meu dedo, pedindo para que esperasse, e peguei meu celular para abrir o bloco de notas. — O que você tá fazendo? — Sua sobrancelha se arqueou.

— Colocando um lembrete pra comprar mais calças. De preferência largas.

Victor gargalhou mais uma vez, o que fez um

mínimo sorriso surgir em meus lábios.

— Eu devia ter ficado quieto — disse, suspirando de forma pesarosa e arrependida.

— Azar o seu.

Dei de ombros, curvando o canto da boca e espetando o garfo na torta de chocolate com cerejas. Levei o doce até a boca e pensei que iria morrer no instante em que aquela maravilha derreteu em minha língua. Victor não estava brincando, aquela torta era a melhor do mundo!

— Uau! — comentei, surpresa, levando mais uma garfada à boca.

— Te falei! É boa, não é?

— Boa? Isso aqui é quase o céu!

Ao terminar a fatia de torta, precisei suspirar.

— Isso, sim, foi uma experiência gastronômica — admiti, satisfeita.

— Podemos fazer isso mais vezes — ele sugeriu.

— Também gosto de sair pra comer, mas todas as garotas estão sempre de dieta. Isso é bem chato.

— E o que te faz pensar que eu não sou igual às

outras garotas?

Ergui uma sobrancelha, e ele riu baixinho.

— Nunca vi alguém sentir tanto prazer em comer uma torta. Com certeza não vou precisar me preocupar de você pedir uma salada no almoço. Aliás... — Ele pegou um guardanapo da mesa e estendeu o braço até que o papel fino tocasse o canto da minha boca. — Você tá suja bem aqui. Prontinho... Agora, sim.

Seu polegar resvalou de leve em meu lábio inferior, fazendo algo gritar perigo nas minhas profundezas.

— Ah... e... me conta, por que escolheu cursar Direito? — perguntei, nervosa, querendo apenas dispersar aquele momento extremamente constrangedor. — Foi por vontade própria ou teve influência do seu pai?

— Acho que um pouco dos dois — ele respondeu, a mão já bem longe do meu rosto... Graças a Deus! — Sempre gostei da profissão e com um escritório próprio já era meio caminho andado.

— Seu pai deve ter ficado orgulhoso.

— Bom, depois que eu passei na prova da OAB, ele me deixou ficar um ano viajando pela Europa antes de me enfiar no trabalho.

— Sério? Caramba, que irado! Deve ter sido uma experiência e tanto.

— É, pode-se dizer que sim. Apreendi muito sobre a vida, com certeza — murmurou a última parte com um tom extremamente esquisito, o que me fez cogitar o que ele estaria pensando naquele momento. — E você? Já fez algo parecido?

Neguei com a cabeça.

— Quem dera, nunca nem saí do país. É um sonho de muito tempo. Um dia pretendo fazer uma viagem assim, passar um tempo fora, conhecer gente nova, viver a vida, sabe? Só fico pensando se eu vou ter essa coragem, de largar tudo e ir embora.

Ele assentiu.

— Se um dia essa chance chegar, você tem que aproveitar de qualquer jeito — aconselhou, um pequeno sorriso se formando em seu rosto, um sorriso que chegou aos olhos e me presenteou com

aquelas adoráveis ruguinhas.

Continuamos a conversar e a entrar em outros assuntos aleatórios como o escritório, a vida e sonhos, até que percebi que as horas haviam voado e que eu já deveria estar na cama, pronta para dormir. Mesmo dizendo que não era necessário, Victor fez questão de me deixar em casa e, assim que o táxi parou em frente ao meu prédio, ele perguntou:

— E aí, não foi tão ruim, certo?

— Foi menos pior do que eu pensava — brinquei, sorrindo amarelo ao vê-lo suspirar.

— Ao menos isso me garante uma nova saída qualquer dia desses?

— Talvez, vou pensar no seu caso com carinho — respondi, piscando um olho e saindo do carro.
— Até amanhã, obrigada por hoje.

— O prazer foi meu, Isabella. Boa noite e pense com muito, muito carinho mesmo — ele pediu, aquelas duas esferas azuis brilhando em minha direção. — Não é todo dia que eu consigo ter uma conversa decente com alguém, foi legal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco, forçando meus músculos a se moverem. Meneei a cabeça rapidamente e fechei a porta, vendo o automóvel se afastar enquanto eu me lembrava de que precisava levar oxigênio para os pulmões.

Tinha mesmo sido legal, não tinha?

— Alô! Terra chamando Isa! — Camila brincou, e eu despertei de meus devaneios, daquelas malditas lembranças.

Sorri, percebendo que estava com a mente longe, ignorando tudo o que ela e Fábio diziam.

— Foi mal, o que foi? — perguntei, retornando de vez para o presente.

— Vamos sair pra comer algo antes de nos vestirmos pra *night*?

— Nossa, por favor! Tô faminta — respondi antes de pegar a bolsa e segui-los para fora do quarto de hotel.

Uma boa refeição com certeza me deixaria bem longe do passado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Gente, socorro, que festa do arraso! —
Fábio disse, começando a dançar conforme íamos até o bar pedir algumas bebidas. — Esta noite vai ser inesquecível! — Ri, achando graça de sua euforia. Afinal, era só uma noitada normal. Ou pelo menos foi o que eu pensei enquanto pedíamos alguns drinques no balcão movimentado. — E aí, meu amor, tem quanto tempo que você não curte uma saída assim? Aposto que não vai a um *happy hour* há anos — provocou.

Peguei-me buscando na memória a última vez que saí para me divertir com os amigos. Como Fábio suspeitava, de fato fazia muito tempo. Um
PERIGOSAS ACHERON

pouco menos de três anos para ser mais específica.

Em uma sexta-feira, Ana me convenceu a ir a um happy hour perto do trabalho. Pensei que alguns copos de cerveja não cairiam mal. Fomos junto do resto do grupo, todos animados demais pela chegada do final de semana. Acomodamo-nos próximo ao balcão de madeira, ocupando um canto e pedindo todo tipo de bebida que havia no cardápio. Não demorou para que as coisas ficassem desfocadas e as risadas surgissem com mais facilidade, especialmente quando Victor contava alguma piada boba perto de nós.

Assim como eu, ele também se divertia e parecia curtir o momento descontraído. Seu sorriso largo me fazia querer sorrir também, de uma forma estranhamente boba, e, quando nossos olhos se encontravam, ainda que por um breve segundo, eu sentia as coisas girarem ainda mais. Desde que começamos a nos aproximar, um laço de amizade fora se formando, até que eu já não era capaz de imaginar meus dias sem ele.

Um dia sem Victor parecia tão... monótono. Eu gostava do rumo que as coisas estavam seguindo,

e, como prometido, Victor em momento algum tentara algo comigo. Pelo contrário, ele parecia mesmo interessado em uma amizade sincera, tanto que me procurava sempre que algo o incomodava. Eu havia virado sua confidente, seu braço direito. E ele, o meu.

Aquilo me fazia feliz, eu me sentia especial de certa forma. Ele era alguém importante na minha vida.

— Essa história é sensacional! — Carol comentou, tocando o braço de Victor de forma sugestiva.

Ele lhe ofereceu um sorriso ladino, e algo em meu estômago se embrulhou. Acho que não fui capaz de evitar que meu rosto se contorcesse, pois Ana me perguntou:

— Tudo bem, Isa? Tá passando mal?

— Acho que exagerei um pouco, vou no banheiro lavar o rosto e já volto — avisei, um pouco sem graça e desejando desesperadamente sair dali.

— Quer que eu vá com você?

— Não, relaxa! Volto rapidinho.

Saí de perto da galera e fui até o fundo do bar. Ao encontrar o banheiro, abri a torneira da pia, molhei as mãos e passei uma delas por minha nuca, sentindo a água gelada me levar um pouco mais de lucidez. Suspirei fundo, massageando o local.

Por que eu estava incomodada? Tentei me convencer de que só podia ser efeito do álcool.

Puxei duas folhas de papel e enxuguei as mãos, soltando uma lufada de ar antes de voltar para onde o grupo estava. Porém, antes que eu pudesse chegar até Ana e o resto do pessoal, duas figuras um pouco isoladas chamaram minha atenção. Infelizmente, já era tarde demais para virar o rosto e os ignorar.

Os braços de Carol rodeavam o pescoço de Victor, emaranhando os fios negros entre seus dedos longos e finos, a boca dele se mexia de forma voraz contra a dela. Engoli em seco sem perceber. Victor a segurava com firmeza pela cintura, puxando o corpo de Carol para junto do seu. Ver aquilo me deixou... desolada.

Fiquei ali, completamente paralisada, encarando
PERIGOSAS ACHERON

aqueles dois aos beijos sem entender por que eu não era capaz de mexer minhas pernas e ir embora. Sentia-me uma intrusa e ainda assim não conseguia desviar o olhar, muito menos evitar o gosto amargo que tomava minha língua e a sensação de vazio dentro do peito.

Por quê? Eu tentava entender o motivo daquilo me afetar tanto.

De repente, os olhos de Victor se abriram. Apenas um filete, mas as esferas azuis já se mostravam o suficiente para que eu pudesse reconhecê-las na meia-luz. Sua atenção voou até mim e suas pálpebras abriram um pouco mais, o suficiente para que eu pudesse ver suas pupilas dilatarem a ponto de esconderem suas íris por completo. Minha boca se abriu e eu ofeguei, perdendo o ar.

Ele continuava beijando Carol, parecendo ainda mais faminto do que antes, mas seus olhos estavam vidrados em mim de uma maneira quase dissimulada. Eu quis me virar e sair, xingá-lo de alguma palavra bem feia e beber mais algumas cervejas para esquecer aquela cena. Ao contrário

disso, eu mordi meu lábio inferior e vi o canto da boca dele se abrir em um sorriso malicioso que fez meus ossos desmancharem.

Eu me sentia hipnotizada, perdida, presa em seu olhar e completamente alheia a tudo, sentindo vontades indesejadas e uma raiva enorme por vê-lo com outra que não fosse eu, beijando uma boca que não era a minha, apertando um corpo que não me pertencia.

— Que demora, Isa! — Ana ralhou, e sua voz me tirou daquele transe, fazendo minhas bochechas corarem de imediato. — Achei que estivesse passando mal, tava indo te procurar, garota!

— Ah... eu... er... foi mal. Tô bem, já estava voltando — falei, sem graça.

Ana ergueu uma sobrancelha, desconfiada, mas logo voltou à sua feição preocupada.

— Beleza, vamos comer alguma coisa? Beber de estômago vazio nunca é uma boa ideia — sugeri.

— Claro, vamos, sim — respondi, praticamente correndo de volta para o balcão, para bem longe daqueles olhos intensos.

Naquele momento, eu precisava da maior distância possível entre mim e Victor. Do jeito que me sentia afetada, talvez nem mesmo um oceano fosse o suficiente.

E o resto daquela noite se passou como se nada houvesse acontecido, ignorei tudo que borbulhava dentro de mim. Afinal, eu acreditava que deveria ser apenas a cerveja e nada mais.

— É, faz muito tempo mesmo — admiti para Fábio, esquecendo as lembranças mais uma vez e retornando à minha realidade. — Então vamos aproveitar, né?

— E como vamos! — Camila disse, contente, levantando sua bebida e propondo um brinde: — Que sua despedida seja inesquecível, prima!

Seu copo bateu contra o meu e o de Fábio, me fazendo sorrir, verdadeiramente feliz por estar naquele lugar com eles.

Continuamos pedindo as bebidas enquanto conversávamos sobre algumas fofocas que o cabeleireiro ouvira no salão. Um pouco mais de meia hora depois, um cara alto, de cabelos claros e

queixo quadrado se aproximou de mim, se recostando ao meu lado. Tentei me virar e evitar algum contato, mas Camila percebeu minhas intenções e logo bloqueou meu caminho.

Desgraçada!

Olhei feio para minha prima, mas ela pareceu me ignorar solenemente e apenas se virou, indo com Fábio para longe e me deixando a sós com o tal desconhecido que parecia muito interessado em tentar puxar assunto.

Respondi uma pergunta ou outra antes de pedir mais uma bebida ao *barman*. Assim que o copo apareceu na minha frente, eu o agarrei com rapidez e balbuciei uma despedida qualquer para o desconhecido, que pareceu não se importar com minha clara falta de interesse.

Demorou alguns minutos até que eu achasse Camila e Fábio pela boate, mas, como meu amigo era bem alto e grande, não foi tão difícil assim de encontrá-los na multidão.

— Ué, o que você tá fazendo aqui? Era pra estar a caminho de um motel ou sei lá... — minha prima

acusou, fechando a cara, e eu ergui um ombro sem saber ao certo o que mais poderia fazer. — Ah, Isa, poxa! É sua última semana, caramba. Um casinho casual não machuca ninguém, vai.

O problema era que, sim, um casinho casual poderia machucar. Bastou eu dar apenas uma chance para Victor entrar na minha vida que todo o meu mundo caiu de repente. Um café se tornara dois, dois cafés se tornaram um almoço, um almoço se tornara na sua companhia no dia a dia. E com o tempo fomos descobrindo que éramos ótimos amigos.

Tínhamos gostos parecidos, passávamos horas conversando, como se nos conhecêssemos a vida toda. Era um sentimento esquisito, mas reconfortante e familiar.

O único problema era que meu corpo ainda falhava comigo, pois ele todo se acendia a cada vez que eu mergulhava naqueles olhos azuis ou quando seu sorriso largo era disparado em minha direção. Eu pensava que poderia incendiar a qualquer momento em que estivesse com Victor.

E assim quase três meses se passaram até que o

PERIGOSAS ACHERON

fatídico dia chegou. O dia em que percorrermos um caminho sem volta.

Era seu aniversário e ele acabava de completar trinta anos. Eu não sei ao certo como tudo aconteceu, porque parecia surreal demais para acreditar. Havíamos bebido alguns shots de sei lá o que e as coisas começaram a ficar confusas em minha mente. Em certo momento, fui até o bar e pedi uma garrafinha de água para me sentir melhor, mas, quando voltei, vi Carol sussurrando algo no ouvido de Victor.

A cena, como da última vez, fez meu estômago embrulhar e, diferente do dia do happy hour, eu não estava nem um pouco disposta a ver aqueles dois se agarrando pelos cantos. Algo naquele pensamento fazia todo o meu sangue ferver, mas eu ainda não era capaz de admitir o verdadeiro motivo de me sentir daquela maneira. Ele podia ficar com quantas garotas quisesse, mas eu não seria obrigada a assistir de camarote.

Sem pensar muito, peguei minhas coisas e parti. Já na calçada deserta, senti uma leve frente fria arrepiar os pelos dos meus braços no mesmo

instante em que eu via um táxi virando a esquina e entrando na rua. Porém, antes que minha mão se levantasse por completo para chamá-lo, dedos longos seguraram meu pulso, me assustando de imediato.

— Aonde pensa que tá indo? — Victor indagou, e eu me virei para ver seus olhos semicerrados.

— Embora, dá licença?

Estava bêbada, chateada, frustrada e tantas outras coisas mais. Eu só queria ficar longe dele. Ou ao menos era o que eu dizia a mim mesma para não aceitar que, na verdade, o que eu queria era o contrário...

— Por que quer ir embora assim, do nada? Sem se despedir... O que aconteceu?

— Só tô cansada, dá pra me largar? — pedi, impaciente.

Victor me fitou, seus olhos levemente escurecidos e a mandíbula trincada.

— O que eu fiz? Por que você tá me tratando assim?

— Nada. — Bufei. — Você não fez nada, tá
PERIGOSAS ACHERON

legal? Só quero ir pra casa... E você parecia estar se divertindo com a Carol, melhor não desperdiçar a oportunidade, né... — Não consegui esconder a mágoa em minha voz.

E naquele segundo eu fiz uma daquelas promessas falsas de que jamais beberia de novo, pois o álcool deixa nossa língua solta e eu precisava tomar muito, mas muito cuidado com o que dizia.

— Você tá com ciúmes? — ele perguntou com os olhos arregalados, um brilho estranho tomando conta deles.

— Ciúmes? Faça-me o favor... — debochei como forma de defesa, mas minha voz embargou e eu mordi o interior de uma bochecha, encarando o chão.

— É, sim, você tá com ciúmes, tá incomodada. Eu tô vendo, eu te conheço! Por que não admite?

— Admitir o que, Victor? Você faz o que quiser com quem quiser. Não é da minha conta! Agora me deixa em paz, quero ir pra casa.

— Não, você não pode fazer isso, Isabella. Você

não tem o direito de ficar com raiva de mim e não me dizer o motivo!

Identifiquei uma mistura de raiva e agonia em seu tom, o que me fez encará-lo, confusa. Seu olhar parecia completamente atormentado, e eu não soube o motivo.

— Não tenho direito? Eu posso me sentir como eu quiser e ir e vir como eu bem entender, sabia disso? — *Enruguei a testa.*

— Não, você não pode fazer isso comigo! — *Victor rosnou, e eu abri a boca, surpresa.* — Não depois de falar com todas as letras que não teria nada comigo, que não queria ter nada comigo. Eu te prometi que não tentaria nada com você e estou cumprindo essa promessa desde então, mas... droga! — *Ele olhou para os lados, começando a bagunçar os fios negros com a mão livre.* — *Você não vê? Eu estou esse tempo todo só esperando que mude de ideia! Mas tudo o que você quer é minha amizade, e é exatamente isso que eu estou te dando, porque eu também gosto disso que a gente tem, ainda que eu queira muito mais! Ainda que eu queira te jogar na minha cama para beijar cada*

*centímetro de você como se não houvesse amanhã!
E te acordar no dia seguinte para fazer tudo de novo!*

— Você... o quê?! — Arregalei os olhos, chocada e ansiosa por imaginar sua boca percorrendo toda minha pele. Aquilo parecia... hum... tentador.

— Você me ouviu — ralhou, inspirando fundo. — E eu não vou retirar o que eu disse! E nem se dê ao trabalho de negar, eu vejo que você também quer. Eu não sou cego, porra!

— Victor, eu... — Não sabia o que dizer. Tudo aquilo, todas aquelas palavras... tudo se chocava no fundo do meu cérebro. Eu não podia acreditar no que ouvia.

Victor se aproximou, ficando a poucos centímetros do meu rosto, me fazendo sentir sua respiração bater em minha bochecha.

— Você quer isso tanto quanto eu, só não aceitou ainda — proferiu aquelas palavras com uma franqueza inigualável, o que fez meu coração perder uma batida e gritar perigo com todas as letras.

Minha garganta ficou seca e os pulmões imploraram por ar. Onde estava o oxigênio quando mais precisávamos dele?

E então, como em um momento de puro instinto, eu tirei coragem das tequilas em meu sangue e joguei meus braços em seu pescoço, colando minha boca na dele com toda a fúria que estava sentindo.

Victor retribuiu com a mesma intensidade, um beijo desesperado e feroz. Seus braços circundaram minha cintura, firme e decidido, nos juntando por completo e me fazendo arfar em resposta. Sua língua se enrolou à minha e todo o meu corpo ficou em alerta.

Aquilo não seria suficiente. Eu precisava de mais.

— Me leva pra sua casa — pedi baixinho com nossos lábios ainda próximos.

— Você sabe o que isso significa? — perguntou, a mandíbula trincada. — Você me conhece, sabe que eu não faço promessas e não me prendo a ninguém... — Assenti, pois eu sabia exatamente onde estava me metendo. E, ainda assim, eu o

queria mais que tudo. — Isabella, essa é a sua última chance de desistir, de me pedir pra parar — ele avisou, os dentes cerrados como se tentasse se controlar de alguma forma. — Se você não falar pra eu me afastar agora, não vou ser capaz de te soltar mais. Eu não vou conseguir.

— Eu não quero que pare nem que se afaste — admiti, e logo sua boca colou à minha mais uma vez com tanta fúria que pensei que o chão desabaria sob nossos pés.

Era um sentimento libertador e angustiante, parecia tanto certo quanto errado. Meu pulso acelerava e borboletas dançavam em meu estômago.

Naquela noite, eu fui dele e ele foi meu. Não existia mais nada nem ninguém no universo.

Victor me fez ver fogos de artifício, estrelas, vagalumes e tantas outras luzes que eu não fui capaz de identificar. E nas últimas horas da madrugada, dormimos tão grudados que parecia que éramos um corpo só.

Apesar de tudo, a conversa do dia seguinte foi

constrangedora. Eu sabia que Victor não tinha interesse em se relacionar seriamente com quem quer que fosse, ele sempre deixara isso claro. O motivo disso eu nunca soube, já que ele jamais quis me contar.

Ele se recusava a se amarrar a alguém e buscava apenas relações casuais, mas eu sentia que não seria capaz de esquecer aquela noite, muito menos não o ter nunca mais. O desejo era óbvio e latente de ambos os lados.

Com isso, aceitei seu estilo de vida e discutimos alguns limites: não poderíamos nos apaixonar e precisávamos ser sempre honestos um com o outro. Para mim, isso bastava, ou era o que eu pensava.

Nos meses seguintes, continuamos com a mesma necessidade de estarmos juntos. Na casa dele, na minha... certa vez até mesmo em uma salinha do escritório. Nossos corpos clamavam um pelo outro com uma necessidade fora do comum. Se eu não o beijasse ou o tocasse, sentia que poderia desabar a qualquer momento. Era uma atração sem igual, algo que eu nunca havia experimentado com mais ninguém. Algo que eu não acreditava existir até

encontrá-lo.

O meu único erro foi ultrapassar o limite que impomos e deixar que os sentimentos me alcançassem. Quando vi, já estava completamente apaixonada por Victor. E me odiei por isso.



Capítulo 5

Não foi fácil convencer Camila e Fábio de que eu não queria conhecer ninguém, nem que fosse para me divertir apenas por uma noite. Depois de algum tempo, acabaram desistindo da ideia e apenas nos divertimos, os três.

Chegamos ao hotel quando o sol começava a raiar e dormimos até o início da tarde. Aproveitamos as horas do dia para passear pela cidade, e, para minha sorte, consegui não pensar nem mesmo por um segundo no passado, especialmente em Victor.

Pelo menos até minha prima, sem aguentar de

curiosidade, enfim comentar:

— Eu não sei o que é que você me esconde, mas eu sei que tem algo errado.

— E por que você acha isso? — retruquei, bebendo um gole de suco na mesa da lanchonete.

— Quando falamos sobre homens ou relacionamentos, você se fecha e fica na defensiva. Aí tem, eu sei. Te conheço desde pequena, Isa — disse, e eu ergui um ombro, sem saber o que responder. — Você é lésbica? É isso?

— O-o quê?

Engasguei, tossindo repetidas vezes enquanto Fábio batia em minhas costas.

— Se for, não tem problema algum, meu amor! Eu sou gay assumido há anos e posso te ajudar a sair do armário com todo o *glamour* do mundo — ele ofereceu com um sorriso gentil.

— Eu não sou lésbica! — avisei com a testa encrespada. — De onde vocês tiraram isso?

— Você não se interessa por homem nenhum, cacete! O que quer que eu pense? — Camila se defendeu e suspirou fundo. — É assexuada, então?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, Deus... — Revirei os olhos. — Eu só... não quero me machucar, ok? Não de novo... — admiti em um sussurro.

Minha prima arregalou os olhos.

— *De novo?* Como assim?

— Quem foi o desgraçado que machucou seu coraçãozinho? Me fala que eu acabo com ele! — Fábio disse, raivoso.

— Isso já faz muito tempo...

— Mas claro que ainda te afeta, já que você se fechou completamente — Camila disse, me fazendo torcer a boca. — Isa, foi por isso que você veio pra Califórnia? Lembro que na época você parecia meio abatida, mas acreditei quando disse que era por conta do trabalho e da sua madrasta. Tinha algo mais? — perguntou, preocupada.

Eu não pude negar a verdade. Não podia mentir para Camila, nunca. Ela saberia na mesma hora. Então, acenei com a cabeça brevemente e soltei um suspiro.

— Desculpa — pedi. Camila me ofereceu um sorriso triste que fez meu coração se partir em dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é que eu quisesse te esconder nada — tentei explicar —, mas... eu queria um novo começo. Viver aqui sem pensar no passado, sem olhar pra trás. Isso faz sentido?

Minha prima, ao contrário do que eu esperava, se aproximou e me puxou para um abraço apertado.

— Claro que faz sentido, Isa — murmurou, beijando meu rosto e se afastando. Suas mãos seguraram as minhas, os olhos eram compreensivos. — Não gosto da ideia de você ter escondido algo de mim, principalmente algo que parece ter te magoado de verdade, mas entendo e respeito.

O canto da minha boca se ergueu, senti um enorme alívio ao ouvir aquelas palavras. Eu confiava na Camila com minha vida e odiei cada vez que não contei a ela sobre Victor, mas somente pensar nele me machucava. Falar, então...

— Olha só, pra mim isso não faz sentido nenhum, tá? — Fábio avisou, cruzando os braços musculosos na altura do peito. — Eu quero saber tudinho que rolou pra você ser uma *hater* do amor.

PERIGOSAS ACHERON

— Assim, eu também não me importaria de saber o que aconteceu. — Camila deu de ombros, mordendo o canto da boca. — Se você quiser contar, é claro.

Revessei meu olhar entre um e outro. A curiosidade que chispava nos olhos dos dois era impossível de ignorar. Talvez, a culpa por ter deixado minha prima no escuro por todo aquele tempo também estivesse me corroendo. Não sei. Só sei que, depois de um longo suspiro, falei:

— Tudo bem, tudo bem, vocês venceram. Vou explicar o que aconteceu. — Fábio pousou a mão grande e morena em meu pulso, enquanto minha prima me olhou com carinho. — Eu estava saindo com um cara do meu trabalho, Victor o nome dele. — Ambos assentiram. — Desde o começo tínhamos combinado de ser algo casual, sem amarras ou compromissos. Não era pra envolver sentimentos nem nada disso, mas...

— Mas você se apaixonou — Camila completou, e eu concordei. — E ele?

— E ele... bom, ele não. Claro que não, Victor não é de se apaixonar, ele tem até pavor da palavra.

Um sorriso triste e inconsciente estampou minha face.

— Você contou pra ele sobre o que sentia? — Fábio quis saber, e eu neguei com a cabeça.

— Se eu fizesse isso, estaria fazendo papel de boba. Eu já tinha ultrapassado a linha, não queria piorar as coisas colocando um peso nas costas dele. Victor era, antes de tudo, um grande amigo. A gente se dava muito bem, eu sempre me sentia feliz e protegida do lado dele.

— Então o que aconteceu? — Camila questionou, ansiosa.

— O que aconteceu é que, como qualquer caso casual, não havia compromisso ou... exclusividade.

Meu estômago se revirou com a lembrança.

— Ele ficava com outras ao mesmo tempo? — A voz de Fábio era receosa, quase como se a simples pergunta pudesse me quebrar em um milhão de pedacinhos.

Talvez, algum tempo atrás, até pudesse.

— Sabe, eu até acreditava que, desde que a gente se envolveu, ele não ficava com mais ninguém. Eu

não via nenhum indício disso na verdade... Até que... bem... vocês sabem. Eu achei que já tinha superado essa porcaria. — Ri, sem humor algum, a voz um pouco trêmula.

Eu odiava como aquilo, mesmo depois de tanto tempo, ainda mexia comigo. Por que eu não podia simplesmente seguir em frente sem sofrer pelo passado? Ao menos ser capaz de pensar em tudo sem sentir vontade de chorar.

— Ah, meu amor... — Fábio me deu um meio abraço, e minha prima ainda apertava minha mão entre as suas.

— Tá tudo bem — murmurei, segurando um soluço. — Por fim, eu acabei descobrindo que ele passou a noite com uma garota lá do escritório. Eles já tinham algo há um bom tempo, antes de nos conhecermos até. Chegaram a parar de ficar por algumas semanas enquanto ela estava saindo com outro cara, mas aí ela terminou e, pelo visto, retomaram o casinho deles. Depois que passamos a noite juntos pela primeira vez e as coisas foram acontecendo, acabei achando que ele não procurava mais por ela, mas obviamente me enganei. Acho

que eu não era o suficiente pra ele.

Engoli o bolo que havia se formado em minha garganta. Não era fácil falar do passado, não mesmo.

— Filho da mãe! — Camila ralhou, enfurecida.

— Aquilo doeu demais — continuei. — Doeu tanto que eu não consegui continuar perto dele. Estava tão triste, desiludida... me sentindo tão patética que só queria fugir, fazer algo pra mim, algo que me trouxesse coisas boas. Eu estava infeliz em não poder seguir minha carreira, cansada da Verônica todo santo dia me perturbando e com o coração partido. Então, como se o universo estivesse me ajudando, surgiu a oportunidade de ir pra São Francisco começar de novo, esquecer todas aquelas dores e seguir em frente. — Arfei, cansada. — Não pensei duas vezes antes de agarrar essa chance.

— E como ele reagiu? Quando você contou que estava indo embora... — Camila perguntou.

— Ficou surpreso e triste, mas entendeu. Como falei, éramos amigos acima de tudo, ele queria o

melhor pra mim. Expliquei que precisava focar na minha carreira, que ela era minha prioridade. Eu, idiota, achava que ele pediria pra que eu ficasse. — Soltei uma lufada de ar, balançando a cabeça. — Achava que ele apareceria no aeroporto implorando pra que eu ficasse com ele, que não o deixasse, afirmando que também sentia algo por mim. Mas a verdade é que ele apoiou minha decisão, como um bom amigo e nada mais. Pouco tempo depois, eu fui embora. Parti com o coração quebrado e desejando esquecer tudo sobre ele. Apaguei o Victor de todas as minhas redes sociais e da minha vida, tentando seguir em frente da melhor forma possível.

— Você fez bem, Isa. Se era alguém que não poderia te levar a sério, então não valia a pena.

— É, eu sei. — Ergui um canto da boca, e Camila fez o mesmo. — Apenas queria que isso não tivesse me marcado tanto.

— Talvez você ainda fique abalada pelo fato de nunca ter se declarado e exposto seus sentimentos. Na verdade, você nunca teve um ponto final — ela disse.

— Já pensou em procurar ele alguma vez? — Fábio questionou, e eu neguei com a cabeça.

— A última coisa que eu quero é ver o Victor. Dizem que o tempo cura tudo, eu só preciso esperar que ele passe.

— Tudo vai ficar bem, mesmo que demore — Camila avisou.

— Vai, sim. Um dia vai.

Tinha de ficar.



— Já estão prontas? — Fábio questionou ao calçar os sapatos sociais. — Falam que esse cassino é um luxo só.

— Prontíssima, meu querido — Camila respondeu, colocando o brinco que faltava e se olhando no espelho.

— Eu também! Bora? — sugeri, ansiosa.

Seria minha primeira vez em um cassino, eu estava bem animada. Por algum motivo, sentia que aquela noite seria inesquecível.

Ah, e como eu estava certa! Ou mais ou menos

isso.

Depois da conversa na lanchonete, senti um peso saindo das minhas costas. Segurei toda aquela história dentro de mim por tanto tempo que ela se tornou uma bola de neve enorme e congelante. Compartilhá-la com meus amigos pareceu tornar a mágoa um pouco menor, e eu agradecia por isso.

Talvez Camila tivesse razão, eu precisava de um ponto final. E se a maneira de conseguir isso fosse desabafando, era bom saber que eu os tinha para ouvirem minhas dores. Eu tinha muita sorte, a verdade era essa.

— Bora! — os dois responderam, e logo saímos do quarto, pegando um táxi e indo diretamente para o cassino mais badalado de Vegas.

Assim como vi em todos aqueles filmes de ação, o lugar era um deslumbre total. Milhares de máquinas caça-níqueis decoravam o enorme salão com carpete vermelho. Tudo reluzia, como se fosse feito de ouro, e em seu centro havia diversas mesas de jogos com homens e mulheres que pareciam da alta sociedade.

— Ainda bem que viemos arrumados — Camila comentou. — Aliás, esse vestido azul ficou incrível em você, Isa. Amo esse modelo de uma alça só, a pessoa que te deu tem um ótimo gosto, não acha? — Ela piscou, divertida.

— Não posso discordar disso — respondi, rindo baixinho. Afinal, aquele vestido fora um presente dela mesma no último Natal. — Você também tá um arraso, priminha! O John é um cara de sorte.

Camila usava um vestido vermelho tomara que caia que marcava bem sua cintura fina e os seios medianos. Ambas tínhamos a mesma altura e curvas parecidas, o que era ótimo, pois podíamos usar as roupas uma da outra.

— E não vão falar nada de mim? — Fábio perguntou, fazendo bico.

— Você está um gato, Fabinho — respondi, sorrindo. — O homem mais charmoso deste lugar.

— Ai, sua linda, você é uma graça! — Ele sorriu, agradecido, e ajeitou a postura, evidenciando todo o seu porte atlético, a pele morena fazendo um ótimo contraste com a blusa social branca debaixo do

blazer. — Agora vem cá, deixa eu só ajeitar esse seu *long bob* rebelde! — Ele se aproximou, passando suas mãos de cabeleireiro por meus fios loiros. — Pronto, agora, sim. Perfeita!

— Você e sua mania com cabelos — brinquei.

— Não posso evitar, é mais forte que eu. — Ergueu os ombros.

— Ok, dondocas. Vamos beber alguma coisa? — Camila sugeriu, e a seguimos até o bar.

Não fazia sentido ficar com as mãos vazias em pleno cassino. Com isso, o garçom logo nos serviu alguns *shots*.

— À nossa última noite em Vegas e à Isa, que conquiste tudo que desejar quando chegar em casa!

— É isso aí, bonitona, arrasa no Brasil!

— Obrigada, pessoal! Vou sentir falta de vocês.

— E nós a sua, priminha, mas ainda vamos nos visitar muito.

Camila bateu seu pequeno copo no meu e no de Fábio, levantando-o levemente antes de sorver todo o líquido. Nós dois fizemos o mesmo, senti a bebida descer por minha garganta como lava,
PERIGOSAS ACHERON

deixando uma quentura engraçada na boca do estômago.

Pedimos mais algumas doses enquanto conversávamos e gastávamos nossos trocados nas máquinas engolidoras de dinheiro. Minha mente, um pouco nublada, adormecia um pouco a tristeza de saber que tudo aquilo que eu vivera nos últimos dois anos e meio estava prestes a acabar. Eu voltaria para casa em poucos dias e não conseguia imaginar como seria.

Será que eu conseguiria um emprego? Será que teria paciência para aguentar as chatices da Verônica de novo? Será que... eu esbarraria no Victor em uma esquina qualquer?

Balancei a cabeça, tentando afastar aqueles pensamentos, mas tudo o que consegui foi me sentir ainda mais zozza. Praguejei, me arrependendo de ter exagerado na bebida.

— Eu vou pegar uma água, já volto — avisei e logo ouvi Fábio reclamando por os caça-níqueis estarem arrancando todo o salário dele.

Caminhei com cuidado pelo carpete vermelho,

sentindo os brilhos dourados ofuscarem um pouco minha visão. Eram muitas luzes por todo o lado, muita gente andando para lá e para cá, o que começava a me deixar confusa. Tão confusa que sequer percebi que tinha um corpo grande logo à minha frente antes de colidir diretamente com ele.

Meus pés se confundiram, senti que a gravidade começava a me empurrar para trás. Meu raciocínio estava lento, mas eu soube que em poucos segundos cairia no chão. Sem ter um reflexo bom para me salvar daquele constrangimento, apenas fechei os olhos e aguardei pelo tombo que nunca veio.

Para minha surpresa, apenas senti algo formigando em minha cintura e abri as pálpebras apenas para me arrepender amargamente. Aquelas duas piscinas límpidas que eu conhecia muito bem me fitavam de forma minuciosa, uma mistura de surpresa, saudade e dor. O braço forte continuava me contornando, senti por um segundo que levou meu corpo para mais perto por puro instinto e familiaridade.

E então, percebendo que aquilo não era uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

miragem ou alucinação, eu abri a boca e ofeguei.

— Victor?

PERIGOSAS ACHERON



— Isabella, é... você mesmo? — ele perguntou, tão perplexo quanto eu.

Os olhos claros estavam arregalados, os lábios rosados e entreabertos. Alguns fios negros caíam na testa, precisei segurar o impulso de tirá-los dali. Em vez disso, arranhei a garganta e retomei o controle do meu corpo, tentando me desvencilhar do seu aperto em minha cintura.

Senti seu braço relutar por um segundo ou dois antes de finalmente me soltar e me questionei se era porque Victor ainda estava petrificado em nos encontrarmos daquela maneira ou se algo dentro

dele também reconhecia o meu corpo de forma instintiva.

— O que faz aqui? — indaguei, me repreendendo por minha voz sair afetada.

Meus olhos percorreram todo o seu tronco, odiando o fato de que ele ainda ficava impecável em trajes negros, os músculos parecendo firmes debaixo de todo aquele pano fino e alinhado.

— Eu... eu vim pra um congresso e... — Ele bagunçou os cabelos com uma das mãos, gesto que ele costumava fazer quando ficava nervoso. — Onde você esteve todo esse tempo? Por que desapareceu do nada depois que viajou?

As perguntas foram disparadas como se ele não precisasse de ar, o que me surpreendeu. Seus olhos se tornaram dois mares irados, as pupilas dilatadas e as íris azuis se tornando mais escuras, quase me fazendo estremecer. Victor parecia irr. Verdadeiramente furioso. E não era como se eu pudesse culpá-lo por isso, mas não havia nada que eu pudesse fazer ou dizer.

— Isso... er... não vem ao caso — respondi,

ainda sentindo a cabeça girar, sem saber se era pelo álcool ou por sua presença repentina.

— Claro que vem ao caso, você tem ideia de quantas vezes tentei fazer contato com você? Eu achei que estávamos bem quando você viajou, o que eu te fiz pra me ignorar assim? — Seu tom era uma mistura de desespero e preocupação.

Senti uma ponta de culpa atingir meu peito. Na verdade, ele não tinha feito nada. Bom, pelo menos não de propósito. E nada que eu já não devesse esperar também. Ainda assim, a ideia de imaginá-lo se questionando o que havia feito de errado me pareceu um pouco cruel da minha parte. Só que eu não poderia explicar realmente meus motivos, nem no passado, nem naquele momento. Talvez, só talvez, se eu falasse uma meia verdade... quem sabe ele não aceitasse?

— Não fez nada, Victor — admiti, suspirando fundo. — Eu só precisava de um novo começo.

— E esse começo não podia me incluir? Droga, Isabella! Eu achava que éramos amigos! — esbravejou, aproximando seu rosto do meu e me fazendo sentir seu hálito de uísque.

Uma feição raivosa e cheia de desgosto tomou conta de sua face, e eu mordi o canto da boca para que ela parasse de tremer. Era frustrante descobrir que, mesmo depois de todo aquele tempo, Victor era capaz de me desestabilizar por inteira.

— Nós éramos, mas... — O que eu poderia dizer? Eu não queria voltar àquele assunto do passado, eu só queria enterrá-lo. Por que essa simples vontade não podia ser atendida? Por que eu não era capaz de deixar aquela tormenta de lado de uma vez por todas? — Acho que é melhor eu ir embora.

— Não, eu não vou te deixar ir. Não sem antes a gente conversar direito — avisou, sério, e me vi engolindo em seco, como se minha garganta fosse o deserto do Saara em pleno verão.

— Victor, já faz muito tempo! É melhor só esquecer isso. Não temos nada pra conversar — tentei dizer, mas ele balançou a cabeça em negativa.

— Temos muito, *muito* o que conversar.

Sua expressão estava impassível. Fui atingida por

tantos sentimentos que me senti instantaneamente zozona. Eram muitas emoções juntas e misturadas para que eu pudesse entender o que significavam. Aqueles olhos, mais penetrantes do que nunca, me encaravam com insistência e determinação, e eu soube que não teria escapatória. Victor não me deixaria ir sem uma resposta que fizesse sentido.

— Você não vai desistir, não é? — perguntei, derrotada, e ele meneou a cabeça em negativa novamente. — Tudo bem... — concordei, sabendo que não tinha mais jeito.

Ele me fazia perguntas e eu escolheria a melhor mentira para encobrir cada verdade que não deveria ser dita. Ao menos aquele me parecia o melhor plano do momento.

— Vem, vamos pra um lugar mais sossegado — sugeriu.

Victor apoiou a mão na base da minha coluna, deixando o local formigando, e me conduziu para a área do bar. Por quê? Por que meu corpo tinha de reagir assim com um toque tão banal?

Acomodamo-nos nas banquetas altas e

desconfortáveis, então ele perguntou:

— Quer alguma coisa pra beber?

— Gin tônica — respondi, sabendo que precisaria de mais coragem para começar aquela conversa.

Victor pediu meu drinque e uma dose dupla de uísque para si. Olhou-me, apreensivo, e suspirou fundo. Era um som baixo, triste e atordoado, o que fez meu peito se comprimir.

— Eu senti sua falta, Isabella — disse, tomando um gole do líquido âmbar.

Não respondi. Não sabia o que dizer, pois a verdade era que eu também sentia sua falta de uma maneira dolorosa. Mas eu não queria admitir que aqueles sentimentos ainda viviam dentro de mim, os mesmos sentimentos que fizeram meu coração rachar em tantas partes anos antes.

Eu o tinha esquecido, não tinha? Claro que tinha. Muito tempo se passou e eu mudara, não era mais a mesma Isabella daquela época. E Victor também já não devia ser o mesmo cara que eu conheci.

Suspirei fundo com certo alívio. Essa linha de

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamento facilitava um bocado as coisas.

— Tudo bem, vamos começar pelo mais fácil, ok? — ele sugeriu pacientemente, e eu gostei daquela proposta. Ir pelo mais fácil parecia... reconfortante. E menos perigoso... Com certeza menos perigoso. — Como foi a pós? Como anda sua vida?

— Foi boa, gostei muito. Terminou na semana passada — contei, sorvendo o líquido do copo e sentindo a língua adormecer. — A vida... bom, nada demais pra contar...

— Você realizou seu sonho de viajar e viver, mas não me parece tão feliz quanto deveria — ele comentou, uma sobrancelha arqueada e um meio sorriso que não alcançou seus olhos.

Aquele sorriso estranhamente parecia tão... vazio. O homem na minha frente não parecia o Victor que eu conhecia.

— É só impressão — menti, bebendo mais do meu gin e sentindo a garganta queimar mais uma vez.

— Me diz, valeu a pena?

PERIGOSAS ACHERON

— O quê?

— Ter partido, ter se mudado. Valeu a pena? Eu preciso saber — pediu com uma angústia estranha em um tom que fez algo em mim se revirar.

— Por que isso é importante? — indaguei, sem entender aonde ele queria chegar.

— Só me diz se valeu a pena — repetiu, a respiração se tornando pesada. — Eu fiz a coisa certa em te incentivar a ir? — murmurou tão baixo que cogitei a possibilidade de ter ouvido errado.

Meu pulso disparou e meu corpo começou a suar frio assim que comecei a lembrar daquele dia, quando recebi a confirmação do curso. Meu primeiro instinto foi correr até ele.

Já havia passado da hora de ir embora naquela sexta-feira, mas o escritório ainda contava com alguns funcionários por conta de um contrato de última hora. Tudo estava uma loucura quando vi o e-mail. Levei as mãos à boca e não pensei duas vezes antes de voar até a sala de Victor, fechar a porta atrás de mim e abafar um grito.

Ele ficou me olhando, assustado, e depois se

levantou, perguntando o que tinha acontecido. E então eu contei a novidade com todo o orgulho e euforia que me habitavam. Victor correu até mim e me pegou em seus braços, apertando forte minha cintura, sussurrando em meu ouvido o quanto estava feliz por mim.

Só que, diferente de como eu deveria me sentir — considerando que éramos grandes amigos e que ele torcia por mim —, fiquei triste com aquela situação. Uma parte dentro de mim, ainda que mínima, acreditava que ele ao menos ficaria um pouco abalado ao descobrir que eu iria embora e que as coisas não seriam mais as mesmas. Porém, se ele sentiu qualquer coisa do tipo, não demonstrou em momento algum. Apenas me ofereceu seu maior sorriso e disse que tínhamos de comemorar.

Acho que era o que um amigo devia fazer... Mas eu já não o via apenas como um amigo, não é mesmo? Não era exatamente por esse motivo que eu correra atrás daquela pós com o intuito de me mudar e me afastar?

Naquela mesma noite, Victor me levou para

PERIGOSAS ACHERON

jantar no rooftop de um hotel ao qual sempre tive vontade de ir, ouviu meus medos e apreensões, me lembrando sempre de que era uma oportunidade única, que eu não poderia desperdiçá-la. Parecia tão certo e seguro de suas palavras que nem mesmo tive coragem de questionar sobre como ele se sentia quanto àquilo.

Ele também não pareceu querer me dizer nada mais. Foi quando eu percebi que não deveria nutrir quaisquer esperanças de que ele pudesse mudar de ideia quanto a nós dois.

— Você me odeia? — ele questionou, ansioso com meu silêncio.

Despertei no mesmo instante, encarando-o e vendo sua feição austera. Seus olhos vidrados nos meus me fizeram voltar de vez à realidade e ignorar as memórias que passavam por minha mente como um filme.

Só então percebi o que ele me perguntara e engasguei com a saliva, tomando alguns goles da bebida em seguida para limpar a garganta. Minha cabeça voltou a girar, dessa vez com mais intensidade, e eu ofeguei antes de responder:

— Claro que eu não te odeio!

Era verdade, o meu ódio estava direcionado exclusivamente para mim mesma, por ser tonta o suficiente para me apaixonar por alguém que jamais retribuiria o sentimento.

— Então por que sumiu da minha vida depois que viajou? Seu celular só dava fora de área, ninguém tinha o número novo ou foram instruídos a não me passar... — Ergueu uma sobrancelha em desafio, e eu, culpada, mordi o lábio inferior. — Me excluiu de todas as suas redes sociais e simplesmente esqueceu tudo o que a gente viveu junto. Se isso não é odiar alguém e querer distância, então eu não sei o que é.

Inspirei fundo, terminando o resto do gin em um gole só. Victor balançou a cabeça e também terminou sua dose dupla no segundo seguinte. Minha língua começou a ficar mais grossa e pesada dentro da boca, meus olhos arderam a ponto de lacrimejar.

Eu não sabia o que dizer. Teria mesmo de contar a verdade? Contar o quanto fui tola por me apaixonar por ele? Era difícil demais admitir, mais

PERIGOSAS ACHERON

doloroso ainda com ele me encarando daquela forma.

— Você... bem, eu... o que a gente teve foi...

— Foi muito bom, pelo menos pra mim, e eu achava que tinha sido pra você também — me interrompeu.

— Foi bom, Victor. Mas não era o suficiente — tentei explicar, e ele fez uma careta antes de pedir mais bebidas para o garçom, que rapidamente nos serviu. — Chegou a um ponto em que você não poderia me dar o que eu queria.

— Entendo... — murmurou, parecendo reflexivo e desolado.

Uma ponta de mágoa passou em seus olhos, o que fez meu peito doer. Ele entortou a boca em uma careta e, não aguentando olhá-lo, tomei minha bebida em um grande e único gole sem pensar duas vezes, muito menos cogitar as consequências. Eu só queria sentir minha mente e meu corpo entorpecidos para, quem sabe, evitar toda a angústia que aquela conversa gerava.

— E o que você queria, Isabella? Por que eu não

era o suficiente? — Quis saber, a voz embargada e levemente agitada.

Victor virou sua bebida em um só gole também, o brilho dos seus olhos começava a desaparecer, deixando as duas esferas quase opacas. Minha cabeça rodopiou pelo álcool, pelo nervosismo, pela ansiedade e pelo medo que se apossavam de mim.

Você, eu quis dizer. Eu queria você por completo, você inteiro pra mim. Mas eu não poderia proferir aquelas palavras, poderia? Em troca, só receberia seu olhar de pena e um lembrete de que ele havia avisado que aquilo jamais seria uma opção. Nunca fora.

E assim, no segundo seguinte, eu levei a mão à testa e tudo se tornou um grande borrão colorido antes de virar uma imensidão escura.



Acordei sentindo como se um caminhão ou dois tivessem passado por cima de mim. Tentei mexer o corpo e senti todos os músculos protestarem. É, definitivamente foram dois caminhões. Talvez três...

As pálpebras estavam pesadas e minha cabeça latejava tanto que tive vontade de cortar tudo do pescoço para cima fora só para me livrar daquela dor insuportável. Suspirei fundo e finalmente consegui abrir um pouco os olhos, constatando que já era de dia. O colchão macio embaixo de mim me dizia que eu estava em uma cama e, pelo pouco que pude enxergar, parecia estar em um quarto de hotel.

O único problema era que aquele com certeza não era o *meu* quarto de hotel. Ofeguei, assustada, e me sentei, sentindo tudo girar. E me arrependendo na mesma hora.

— Inferno! — praguejei baixinho, massageando as têmporas em busca de algum alívio.

Fechei os olhos com força e enchi os pulmões de ar. Eu não deveria ter misturado bebidas nem exagerado nas doses. Mas acho que a gente nunca aprende, não importa por quantas ressacas tenhamos de passar na manhã seguinte.

Ao mesmo tempo em que tentava regular a respiração, *flashes* de cenas esquisitas vieram à tona em minha memória. O reencontro com Victor passou como um longa-metragem em minha mente:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa conversa no bar, a tonteira, ele sugerindo que saíssemos de lá para que eu tomasse ar puro... De repente, um buraco, eu não me recordava de muita coisa além de muitas luzes coloridas, flores brancas, uma mulher de cabelos loiros e... Elvis?

— Mas que porra aconteceu ontem? — questionei, reunindo forças para me levantar.

Coloquei-me de pé, enfim, e só então percebi que usava apenas as roupas íntimas. Meus olhos se arregalaram e com um enorme pavor olhei para o outro lado da cama, onde um corpo grande ressonava tranquilamente.

Victor.

— Puta merda, isso não pode estar acontecendo!

Ele se mexeu ao som da minha voz, e o lençol branco que o cobria rolou para o chão, me dando a incrível visão dos seus ombros largos. Notei que ali havia um grande e robusto lobo de pelo acinzentado com os olhos de um tom muito parecido com os de Victor. Aquele azul cristalino de águas calmas, quase como um convite para mergulhar e... se afogar caso não tomasse cuidado.

PERIGOSAS ACHERON

O traço fino e perfeito deixava aquela tatuagem incrivelmente bonita, máscula e hipnótica, sendo irresistível desviar a atenção para qualquer outra coisa. Mas, com algum esforço, consegui desprender meu olhar daquele desenho tão realista, correndo sem querer pelo abdômen com os gominhos alinhados e... sua *boxer* preta com uma clara e enorme ereção escondida. Foi quando me lembrei da minha situação.

Ai cacete! O que diabos a gente fez?, abafei o pensamento para que não saísse por minha boca e levei as duas mãos ao rosto, tentando conter um grito de frustração. Não tínhamos transado, não podia ser. Mas tudo indicava que sim e... e a última coisa que eu queria era ter de lidar com Victor depois daquilo.

Esfreguei as mãos no rosto, buscando qualquer clareza ou resposta sobre a noite anterior. Foi quando, de repente, percebi que um objeto estranho se acomodava em meu dedo anelar, algo que não estava ali na noite passada. Estiquei o braço para frente e arregalei ainda mais os olhos ao perceber que se parecia muito com uma aliança. Na verdade,

PERIGOSAS NACIONAIS

não só se parecia como era. Era uma maldita aliança! Como se...

Não! Não mesmo! Eu devo estar imaginando coisas, pensei, nervosa, querendo ir embora dali o quanto antes.

Busquei minhas roupas pelo quarto e avistei meu vestido azul jogado em um canto qualquer, amontoado logo embaixo de um monte de flores brancas. Eu as reconheci, embora naquele momento estivessem completamente despedaçadas. Aproximei-me nas pontas dos pés, pegando o que sobrou do buquê com uma das mãos, me lembrando da sensação de segurá-lo daquele mesmo jeito na noite anterior.

Franzi o cenho, perdida e confusa, puxando meu vestido do chão. Foi então que vi uma foto no estilo daquelas câmeras polaroides instantâneas. Torci para que fosse uma montagem de muito mau gosto, pois na imagem eu segurava o maldito buquê com um sorriso idiota nos lábios, ao meu lado um Elvis Presley muito contente e Victor, colocando aquele círculo dourado em meu dedo com uma feição tão bêbada quanto a minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo era um pesadelo, não era? Eu só podia estar sonhando. Ou talvez ainda estivesse bêbada da noite anterior. Simplesmente não podia ser verdade, não tinha como! Olhei em volta, buscando qualquer indicação de que aquilo não fosse real, e encontrei a certidão com nossas assinaturas tortas e quase ilegíveis jogada logo ao lado, o que provava que nada daquilo era uma alucinação.

Eu havia me casado com o Victor!

— Puta que pariu, que merda que eu fiz? — rugi, incrédula, me virando para trás e vendo que Victor voltava a se remexer nos lençóis.

Ele murmurou algo que parecia bastante com meu nome, o que fez todo o meu corpo congelar e a cabeça doer ainda mais. Eu não tinha condições de lidar com ele ou qualquer porcaria relacionada àquela loucura naquele momento. Eu precisava sair dali. Eu precisava sair dali muito rápido!

Coloquei meu vestido aos tropeços, peguei minha pequena bolsa, que estava jogada em outro canto, e fugi. Fugi como se não houvesse amanhã, pois meu coração gritava *perigo* e os soluços de desespero começavam a surgir sem freio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que diabos eu tinha feito?

PERIGOSAS ACHERON



No instante em que abri a porta do quarto de hotel, Camila e Fábio surgiram como um furacão à minha frente. Suas feições ansiosas me mostravam que eu não poderia tomar um banho tão cedo, muito menos ocultar onde estivera na noite anterior.

— Desembucha logo! Como foi? — Minha prima quis saber, eufórica.

— Olha o estado dela, Camilinha! Ela tá um caco, claro que a noite foi boa! — Fábio disse, piscando de maneira sugestiva. — Conta tudo, gatona! Como foi que você conheceu o moreno

delícia?

— Nós... — tentei dizer, mas algo me chamou atenção. — Espera aí! *Moreno delícia?* Vocês viram a gente?

— Claro que vimos, priminha! — Camila abriu um largo sorriso. — Você estava demorando e fomos te procurar algum tempo depois. Vimos vocês dois no bar, conversando, e aí se levantaram e foram para aquela área externa do cassino.

— É, danadinhos! Queriam um lugar mais reservado, né? — Fábio brincou.

— Vocês me seguiram? — perguntei, perplexa.

— Mas é claro! Não queríamos perder nada, foi a primeira vez que você parecia tão à vontade com um cara, logo pensamos que ele devia ser bom de lábia, né? Pra te convencer a sair com ele, só podia ser.

Ela deu de ombros, ainda com uma expressão ansiosa e feliz.

— E o que mais vocês viram? — questionei, a curiosidade tomando conta de mim.

Eu não me lembrava de nada desse momento,
PERIGOSAS ACHERON

realmente nem mesmo um *flash*, o que era bastante preocupante.

— Bem, foi meio esquisito, na verdade — ela disse, refletindo. — Mesmo observando de uma distância segura, dava pra ver que vocês não falavam nada. Só se olhavam de uma maneira muito intensa.

— É, isso foi estranho mesmo. Parecia que vocês iam, sei lá, se comer ali ou algo parecido. — Fábio soltou um risinho divertido. — Isso que eu chamo de atração, hein!

Praguejei baixinho, me perguntando mentalmente se eu deveria questionar o que mais eles viram ou não. Será que eu queria mesmo saber?

— Mas aí, de repente... você tascou um beijão nele! Caramba, aquilo foi um beijo arrebatador de verdade! Nem sabia que você era do tipo ousada.

Minha prima piscou, sugestiva e, pelo visto, orgulhosa.

— Puta merda, eu o quê? — gritei, arregalando os olhos.

Não podia acreditar que eu tinha feito uma coisa

PERIGOSAS NACIONAIS

daquelas. Eu devia estar muito bêbada, totalmente fora de mim.

— É, menina! Não se lembra, não? — ela perguntou, confusa, e eu neguei com a cabeça. — Porra, Isa! Você tinha bebido tanto assim?

Assenti e arfei, derrotada.

— O que mais vocês viram?

— Ah, vocês ficaram lá nos amassos por um tempo. Parecia até que suas roupas estavam costuradas de tão juntos que estavam. Quando vimos, vocês estavam sussurrando alguma coisa de forma animada... Depois foram embora.

— Pois é, meu amor. Você parecia tão... de boa ali com ele, curtindo e tal, que achamos que estava aproveitando o momento pra tirar o atraso. Chegamos a te mandar algumas mensagens depois, mas você não respondeu, e né... só podíamos pensar que estava bem ocupada — Fábio explicou, fazendo um pequeno bico de canto.

— Você tá bem? Realmente não se lembra de nada? Acha que precisa... fazer algum exame? — Camila perguntou, dessa vez um pouco receosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A-acho que não! Espero que não! — falei, nervosa.

No caminho até o hotel, fiquei pensando sobre o assunto. Ambos vestíamos as peças debaixo e, bêbados como estávamos, caso algo tivesse acontecido, com certeza não teríamos perdido tempo colocando as roupas de volta. Mas e se eu estivesse enganada? Pessoas fora de si fazem coisas sem sentido o tempo todo. E do jeito deplorável em que nos encontrávamos, com certeza não teríamos nem mesmo pensado em camisinha. O que seria muito, muito preocupante.

— Acho que não chegamos tão longe, mas quando chegar no Brasil talvez eu deva confirmar com ele.

— *Confirmar com ele?* — Camila pareceu intrigada. — Quer dizer que ele é brasileiro?

— Acho que ainda tenho muita coisa pra contar pra vocês... — assumi, tentando pensar qual seria a melhor forma de começar. — Esse moreno delícia, como vocês o apelidaram, é o Victor — disparei, vendo os dois abrirem a boca e arregalarem os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Como é que é? — ambos falaram ao mesmo tempo.

— Pois é, o próprio. E o pior é que, bem... acho que ele é também o meu... er, marido. — Levantei a mão, vendo Camila engasgar com a saliva e Fábio soltar um gritinho agudo que doeu em minha alma.

— Explica isso direito, Isabella! — minha prima gritou, o que fez minha cabeça latejar.

— Tá, tá, vou explicar. Só não grita, tá legal? — pedi em um muxoxo antes de me sentar na cadeira ao lado. Os dois se sentaram na cama, de frente para mim, ansiosos para saber mais. — Tudo começou quando eu estava indo para o bar e acabei esbarrando logo nele...

Contei para eles tudo o que me lembrava da noite anterior, ainda que não fosse grande coisa. Expliquei sobre acordar na mesma cama que o Victor, a aliança, a foto e o certificado de casamento. Fábio e Camila me ouviram com toda atenção, claramente chocados com tudo que eu dizia.

Pra mim, aquilo foi parecendo ainda mais surreal

à medida que as palavras saíam da minha boca. Eu ainda não era capaz de acreditar que aquilo estava acontecendo e torcia para que a qualquer momento eu acordasse e percebesse que nada passara de um sonho.

Quer dizer, de um pesadelo. Sim, definitivamente um pesadelo.



— Nós somos péssimos amigos, os piores! — Fábio ralhou, andando de um lado para o outro no quarto do hotel. — Eu devia ter ido até você, perguntado se estava tudo bem e checado a índole do sujeito. Porque se eu soubesse que era o tal Victor, te colocaria no ombro e te levaria para longe dele. — Sua mão esfregou a testa com certa força. — Me desculpe, meu amor. Erramos feio com você.

— Não é verdade, vocês não tinham como saber. Eu não deveria ter perdido a noção dos meus limites também, mas... perto dele, eu só...

— Você ainda o ama? — Camila disparou, a feição séria fazendo tudo em mim se remexer.

— Já faz tanto tempo... — Soltei uma lufada de ar pela boca. — Nem somos mais as mesmas pessoas de antes. Além disso, como eu poderia responder a essa pergunta com certeza se mal me lembro do que falamos um para o outro ontem?

Mas a verdade era que eu sabia bem como responder aquela pergunta. Cada cicatriz aberta em meu peito era a prova de que eu ainda tinha sentimentos por ele. Sentimentos tão profundos que já estavam cravados lá no fundo, no meu âmago. Não era mais amor, claro que não. Mas era algo... talvez apenas mágoa.

Sim, deveria ser isso. Apenas uma mágoa que nunca sarou.

— Os assuntos do coração nunca são fáceis, Isa, mas, quando amamos, nós simplesmente sabemos. Talvez você ainda não esteja pronta pra pensar no assunto, mas esse momento vai chegar — falou, juntando minha mão entre as suas. — O mais importante neste momento é saber o que você vai fazer pra consertar essa situação toda.

— Não seria melhor você ir conversar com ele hoje? — Fábio sugeriu, e eu rapidamente neguei

PERIGOSAS ACHERON

com a cabeça.

— Acho que não tenho condições de fazer isso, não agora pelo menos. Ainda preciso digerir tudo. Na verdade, eu saí tão apressada do hotel que nem sei direito onde estava. Só peguei um táxi e voei pra cá.

— Mas vocês precisam conversar. Sabe disso, não sabe? — ele disse, condescendente.

— Sei. Dessa vez não vou poder fugir. — Suspirei com pesar. — Quando chegar no Brasil, vou procurar por ele e resolver o divórcio o mais rápido possível.

— Talvez toda essa loucura tenha acontecido por algum motivo, Isa — Camila comentou, fazendo questão de inserir um ar de mistério em seu tom de voz. — Talvez seja o momento de dar seu ponto final nessa história toda, quem sabe contar pra ele os verdadeiros motivos por você ter se afastado.

— Toda vez que eu penso nisso, me sinto patética. — Bufei. — Além disso, eu já sei o que o Victor vai dizer se eu contar pra ele que acabei me apaixonando. Já conheço todo o seu discurso sobre

não ter interesse em se apaixonar por ninguém e muito menos em um compromisso sério. O nosso tempo já passou, nada do que ele fale vai adiantar de alguma coisa, só me machucar mais e me provar que eu fui uma estúpida por ter deixado aquilo acontecer.

— Isa...

— Não, é verdade! Na nossa primeira noite, ele me perguntou se eu sabia o que significava ficarmos juntos. Me deu uma chance de desistir, e eu, burra, não quis. Estava tão... feliz de estar nos braços dele, como se aquele fosse o meu lugar, mesmo sabendo que não era e nunca seria. Eu me iludi, me deixei cair na ilusão de que, talvez, as coisas fossem diferentes comigo. Mas por que seriam?

Uma risada reverberou da minha garganta, um som tão esquisito e sem humor que demorei a identificá-lo.

— Por que você é especial — Camila disse, amável. — E pelo que contou pra gente, eram amigos antes de tudo. Tinham uma conexão forte e...

— Isso não era o suficiente — expliquei, deixando o cansaço transparecer em minha fala. — Ele sabia, eu também. Não existem desculpas, eu ultrapassei os limites e aceitei as consequências disso. Fui embora e o cortei da minha vida. E estava tudo bem até... até agora.

Pelo menos eu achava que estava, mas eu apenas me enganei aquele tempo todo. Deixei que os sentimentos se entorpecessem dentro de mim, acreditando que haviam ido embora. Mas lá estavam eles, gritando e implorando para sair. No final, todo aquele esforço para esquecê-lo não serviu para absolutamente nada, pois uma parte de Victor ainda vivia em mim. Pulsando e me lembrando de cada pedaço de dor que sentira quando descobri que eu era apenas mais uma. Eu jamais seria diferente das outras que ele levava pra cama, isso era tão claro quanto as águas do caribe.

Os soluços acompanharam as primeiras lágrimas, e então, para a minha tristeza, eu me senti da mesma forma como no dia em que embarquei no avião rumo a São Francisco: completamente desolada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquela época, eu tinha certeza de que jamais veria Victor de novo e de que tudo o que nutri por ele, assim como todas as minhas cicatrizes, desapareceriam com o passar dos meses. Eu só não imaginava estar tão, mas tão errada...

PERIGOSAS ACHERON



Quando a data do meu voo para o Brasil chegou, três dias após aquela manhã conturbada de domingo, meu medo de retornar para casa foi maior do que eu imaginava. Sempre soube que em algum momento, mais precisamente quando o curso acabasse, eu teria de retornar. Ainda que viver com papai e Verônica me trouxesse um enorme desconforto, aquela era a minha vida, aquele era o meu mundo, e eu precisava enfrentá-lo por bem ou por mal.

Porém, ali, com Camila, Fábio e John, eu me sentia segura, protegida. Era como a casa e a companhia que eu desejava ter, como se o Victor PERIGOSAS ACHERON

fosse apenas parte de um passado distante que não poderia me afetar nunca mais. Só que aquela sensação era mais uma mentira que eu contara para mim mesma, só uma forma inconsciente de achar que eu poderia começar do zero sem dar meu ponto final naquela história.

Ao menos dessa vez eu não seria capaz de seguir sem resolver aquela situação. Não tinha mais escapatória, eu teria de encará-lo de uma vez por todas para me ver livre das amarras invisíveis que meu destino criou em volta dele.

— Tudo pronto? — Camila quis saber, os olhos cor de avelã parecendo tristes.

— Sim, acho que não estou esquecendo nada.

— Você sabe que pode voltar sempre que quiser, não sabe?

— Eu sei e vou te agradecer por isso pra sempre.
— Puxei-a para um abraço, sentindo seus soluços morrerem em meu ombro. — Vai ficar tudo bem, ainda vamos nos ver bastante. Não fica assim, senão eu...

A garganta pinicou e a voz embargou. Não fui

capaz de continuar fazendo o papel de garota forte, apenas deixei que as lágrimas caíssem e molhassem a camisa da minha prima, que aumentava o aperto do abraço em volta do meu corpo.

Despedidas nunca são fáceis, essa é uma verdade absoluta.

— Por favor, se cuida e dê notícias! — ela pediu, e eu meneei a cabeça.

— Prometo.

Camila inspirou fundo e me afastou pelos ombros, me olhando com um sorriso trêmulo nos lábios.

— Seu pai sabe que você está a caminho, certo?

— Sim, senhora! — Sorri. — Mas ele me mandou uma mensagem hoje dizendo que precisou ir para o interior visitar a mãe da Verônica. Achrom que ela pode estar com pneumonia ou algo assim.

Fiz uma careta, e minha prima revirou os olhos.

— Não duvido nada que seja mentira da sua madrasta.

— Bem provável, mas sabe como papai é gentil, não consegue ver essas coisas acontecendo sem

PERIGOSAS ACHERON

fazer nada. — Dei de ombros. — Enfim, ele acreditou e levou ela até lá. Só vou vê-lo em alguns dias.

— Ainda não entendo por que você nunca falou com ele sobre ela.

Camila bufou, consternada.

— E pra que, Ca? Bem ou mal, ela faz companhia pra ele. Eu odiava ver meu pai de luto pela minha mãe... Acho que ele nunca superou sua morte repentina por causa de uma embolia pulmonar.

— Você era tão pequena, prima... Deve ter sido difícil pra ele, virar pai solteiro assim, de repente.

— Meu pai é um cara incrível — falei, suspirando. — Sempre fez tudo por mim, não posso reclamar de nada. Mas ele tinha fechado o coração completamente até a Verônica aparecer, o mínimo que posso fazer é deixá-lo ser feliz, ainda que eu não entenda como ele pôde escolher logo ela.

— Ela é bem mais nova que ele, né? O tio Paulo provavelmente se encantou pela beleza e juventude e acabou não vendo o que tinha por trás —

comentou. — Mas e você?

— Eu só quero minha independência e liberdade. Assim que conseguir um emprego legal, vou começar a buscar um lugarzinho pra mim. Enquanto isso, vou morar com eles. Não é como se eu tivesse outra opção... — Fiz uma careta. — Ele disse que deixaram a chave na portaria e confesso que gosto da ideia de ter o apartamento só pra mim, sem precisar aturar aquela chata. Nem que seja por alguns dias.

Camila riu em concordância, e eu ergui o canto da boca.

— Então essa viagem inesperada acabou sendo um ponto positivo.

— Com certeza — concordei, suspirando fundo ao checar o horário do meu voo. — Certo, já tá na hora de ir.

— Boa viagem, Isa — John disse com seu português carregado de sotaque e me abraçou apertado.

— Venham nos visitar qualquer hora, viu? — pedi, e ele assentiu ao se afastar. — Vou adorar te

levar pra tomar um açaí bem gelado.

— Açaí? — ele perguntou, repetindo a palavra com cuidado.

— É a melhor coisa que você vai provar, pode confiar — avisei, entusiasmada, e ele anuiu.

Eu me despedi dos dois mais uma vez e desci pelo elevador, Fábio me aguardava na entrada do prédio com seu carro para me levar até o aeroporto. Ele me ajudou a guardar minhas malas no banco traseiro, e em menos de quarenta minutos já estávamos em frente ao nosso destino.

— Bom, é aqui que nos despedimos — falei, não conseguindo evitar um sorriso triste.

— Vou sentir sua falta, meu amor — Fábio confessou antes de ajeitar minha franja e sorrir, satisfeito. — Cuida bem desse cabelo rebelde, da próxima vez que nos virmos quero fazer umas luzes *bafônicas* nele.

Não contive uma risada.

— Vou pensar no seu caso. Do jeito que você é, vai me deixar loira platinada.

— Platinado tá na moda, querida. Você que não

PERIGOSAS ACHERON

sabe de nada! — brincou, me puxando para um abraço. — Boa viagem e... boa sorte com... você sabe o quê.

Assenti, beijando sua bochecha. E então, eu fui de volta para casa. Sem saber a grande confusão que me esperava.



Durante todo o voo e o percurso até em casa, não pude deixar de pensar em Victor e em nosso reencontro inesperado. Sem falar, claro, no fato de que estávamos casados.

Céus, eu estava casada! E por um Elvis Presley ainda por cima! Um Elvis bem malfeito, diga-se de passagem! Esse pensamento fazia minhas entranhas se remexerem de uma maneira esquisita.

E conhecendo Victor do jeito que eu conhecia, ele devia estar desesperado, subindo pelas paredes por estar em um compromisso com alguém, ainda que por engano. Não pude evitar rir um pouco, ainda que por somente um breve segundo. Eu estava vivendo um pesadelo, mas Victor deveria estar vivendo seu inferno astral.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei finalmente no prédio de dez andares, onde vivi por toda a minha vida antes de me mudar para a Califórnia. Para minha decepção, eu não senti qualquer nostalgia boa ao chegar àquela portaria, apenas um cansaço súbito ao imaginar como meus dias dali pra frente seriam lado a lado com Verônica.

— Bom dia, seu Carlos! — desejei ao porteiro de sempre, reconhecendo aquele enorme bigode em seu rosto.

— Isabella, menina! Há quanto tempo! Como você está? — saudou.

— Tudo bem, só exausta. Doida pra chegar em casa e cair na cama. O senhor pode pegar a chave pra mim, por favor? — pedi, soltando um bocejo involuntário.

— Chave? — Ele me olhou, confuso, o que fez meu cenho se franzir.

— É, a chave que meu pai e a Verônica deixaram pra eu entrar.

— Mas eles não deixaram nada...

— Como assim não deixaram nada?

PERIGOSAS ACHERON

Aquilo só podia ser um engano. Não tinha como meu pai se esquecer de deixar a chave para eu entrar. Aquele seria o cúmulo, a gota d'água!

Logo peguei meu celular e tentei discar seu número, mas praguejei ao ver que estava fora de área. Eu já deveria imaginar, eles estavam no fim do mundo do interior, onde Judas perdeu as botas e o vento fez a curva. Claro que não teriam sinal, e eu ficaria presa fora de casa até que retornassem.

Que maravilha, viu?!

— Não conseguiu falar com eles? — Carlos perguntou, e eu neguei com a cabeça. — Olha, eu conheço um bom chaveiro, mas o serviço é meio caro e ele só conseguiria vir amanhã. Se quiser, posso ligar pra ele.

— Valeu, seu Carlos! Vou continuar tentando falar com meu pai e qualquer coisa te aviso. Obrigada mesmo pela ajuda! — agradei, sincera.

Porém, eu não tinha muito dinheiro comigo e pagar por um serviço daqueles não estava ao meu alcance no momento.

Talvez eu possa ficar na casa da minha tia,

pensei. Ela morava relativamente longe, quase três horas de ônibus, mas era melhor do que pagar um albergue. Talvez, quem sabe, eu pudesse ficar na casa da Ana também. Sabia que estava morando com o noivo, e eu odiava pensar em atrapalhar a intimidade dos dois, mas, se fosse uma alternativa, não custava pedir uma ou duas noites de abrigo.

Tentei ligar para ela algumas vezes, sem sucesso.

O que diabos aconteceu enquanto eu estive fora? As pessoas fizeram algum tipo de passeata contra os smartphones?

Passei a mão pelos cabelos, um pouco nervosa. Tinha como as coisas ficarem piores? Assim que abaixei a mão, o brilho do maldito anel reluziu e me lembrei que, sim, as coisas sempre podiam ficar piores. E já que eu estava sem muitas opções de descansar, decidi resolver pelo menos um dos meus problemas de uma vez por todas.

Agradei ao seu Carlos, peguei minhas malas e fui para o único lugar que eu não queria, mas precisava ir. Cheguei até o prédio alto e de aparência moderna, suspirando aliviada ao ver que também era o mesmo porteiro de sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa tarde, seu Plínio — desejei, um pouco sem graça, sem saber se ele se lembraria de mim.

— Isabella! Já faz bastante tempo, né? Veio visitar o senhor Victor? — Quis saber, e eu assenti, agradecendo por ele ainda morar naquele mesmo prédio. — Pode subir, ele está em casa.

— Ah, show! Obrigada — respondi, pegando minhas coisas e entrando no elevador.

Um frio na barriga se expandiu para os outros órgãos. Aquela mesma sensação de quando uma montanha-russa ligeira dispara e o coração vai à boca.

Parei em frente à porta branca e inspirei o máximo de ar que pude aguentar. A coragem enfim me alcançou, e toquei a campainha, mordendo um canto da boca para controlar meu nervosismo. Havia ensaiado aquela conversa milhares de vezes na minha cabeça, mas parecia que todas as palavras sumiram de repente.

Ouvi passos e algo escureceu o olho mágico. Algo azul e reluzente. Então a porta se abriu.

— Estava me perguntando se você iria me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

procurar depois de fugir de fininho do hotel — Victor comentou, um sorriso vitorioso estampando sua face.

Ao contrário do que eu achava, ele não parecia surpreso, desesperado e muito menos subindo pelas paredes. Estranhei sua reação calma conforme o corpo grande se escorava no batente da porta. Como ele podia estar tão tranquilo assim em meio àquela confusão?

— E o que eu deveria fazer? — resmunguei.

— Até onde eu me lembrava, você gostava de ficar para o café da manhã e depois... bom, você deve se lembrar do que a gente fazia depois.

Sorriu de maneira cínica, o desgraçado.

Arfei em uma mistura de impaciência e constrangimento, pois, sim, claro que eu me lembrava muito bem das nossas manhãs, das noites, tardes e de qualquer momento livre em que pudéssemos ficar sozinhos.

— Eu realmente não vim aqui pra ouvir esse tipo de coisa, Victor — falei, obrigando minha voz a sair o mais firme possível.

PERIGOSAS ACHERON

— Então me conte, por que a visita?

Ele deu espaço para que eu enfim entrasse, e assim o fiz. Deixei as malas perto da porta e comecei a andar pela sala de um lado para o outro, nervosa.

— Eu vim por causa disso! — Levantei a mão próximo ao seu rosto, o anel dourado reluzindo nas duas esferas azuladas.

— Olha que coincidência, eu tenho um igualzinho.

Ele levantou a própria mão, mostrando que usava o par da aliança em seu dedo.

— Isso não é engraçado, Victor! Isso é bem sério! Não me lembro de praticamente nada, não sei nem como a gente chegou a fazer uma besteira dessas. A gente tá casado, você entende a gravidade disso? — Victor comprimiu os lábios, e percebi que os cantos de sua boca tremiam. — Por que diabos você tá rindo? — reclamei, incrédula.

E foi o suficiente para que sua gargalhada explodisse. Aquele som tão familiar, quente e cheio de vida reverberou por todas as minhas células e

fez desabar as minhas estruturas ali mesmo. O que me deixou muito, muito irritada comigo mesma.

— Desculpa, Isa, mas você tá muito desesperada por nada — disse, controlando o riso.

— Por nada? Você acha que eu queria me casar com você? Eu fui embora da última vez exatamente pra ficar *longe* de você! — admiti, raivosa, sentindo o sangue borbulhar por ele levar aquele assunto na brincadeira.

Estava tão transtornada que nem mesmo percebi as palavras que saíram da minha boca.

— Pra ficar... longe de mim? — ele repetiu, surpreso e confuso.

Seu cenho se franziu e a feição, até então relaxada, se tornou dura. Victor se aproximou, ficando há poucos centímetros de meu rosto. Seus olhos estavam mais escuros e opacos, com uma intensidade que eu jamais vira e... dor. Havia dor em suas íris, eu podia perceber.

Meu corpo murchou e os ombros caíram assim que reconheci meu erro.

— Podemos esquecer tudo isso e só resolver o

divórcio de uma vez? — praticamente implorei.

— *Divórcio...* — repetiu lentamente, refletindo sobre o significado da palavra, até que falou com falsa calma: — Não.

— *Não?* — Pisquei os olhos mais vezes que o normal. — Como assim *não*?

— Não, não vai ter divórcio nenhum. Não enquanto você continuar escondendo as coisas de mim. Se você quer tanto assim se livrar da minha pessoa, vai ter que começar a ser honesta. Nossa amizade inteira e tudo o que veio depois foi construído na confiança e sinceridade, nós prometemos sempre falar a verdade um para o outro, e de repente você se esqueceu disso e ignorou a minha existência e como eu poderia me sentir por não ter nenhuma notícia sua. Não foi justo, sabia?

— Eu me esqueci? *Eu* me esqueci? Tem certeza disso, Victor? — questionei, incomodada.

Era cômico ele dizer tudo aquilo sobre confiança e honestidade sem nunca ter lhe ocorrido que deveria ter compartilhado que ainda saía com a

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol e sabe-se lá mais quem durante o tempo em que dormíamos juntos.

— Eu não sei ao que você se refere, mas eu nunca escondi coisa alguma de você. Sempre fui muito sincero, dizendo o que eu procurava desde o início. Nunca menti em relação a nada — se defendeu, o que me fez rir sem humor algum.

Inspirei fundo, tentando me acalmar. Afinal, ele tinha razão. Ele realmente tinha esclarecido completamente o fato de querer algo casual e nada mais.

— Olha, eu não quero brigar, tá legal? — disse, exausta. — O passado é passado, eu quero resolver nosso problema e seguir em frente. Mas, pra isso, você precisa deixar essa teimosia de lado pra começarmos a ver a papelada do divórcio. Quanto antes acabarmos com isso, melhor.

— Já disse que não — ele respondeu, a feição ainda fechada.

— Para com isso, Victor! Por Deus, parece até uma criança birrenta! — ralhei, mas ele continuou impassível. — É impossível falar com você!

PERIGOSAS ACHERON

— Não, Isabella, é impossível falar com *você* — retrucou, passando as mãos pelos fios negros, deixando-os ainda mais bagunçados.

Estalei a língua no céu da boca, insatisfeita com o rumo daquela conversa.

— Quer saber? Melhor eu ir embora. A gente pode falar disso outro dia, quando você voltar a ser adulto.

— Certo. Então vamos fazer o seguinte... — falou, se aproximando sorrateiramente mais uma vez. Seus olhos pareciam capazes e penetrar minha alma, precisei me controlar para que minhas pernas não cedessem e eu fosse ao chão a qualquer momento. — Você me dá uma semana, nós vamos fazer uma coisa diferente a cada dia. Depois disso, se você ainda quiser se livrar de mim, eu não vou tentar te impedir.

— O quê? — Ofeguei. — Que tipo de proposta é essa? Não faz o menor sentido!

— É pegar ou largar — respondeu, dando de ombros. — Se prefere gastar uma grana com um advogado pra me fazer assinar qualquer coisa, a

PERIGOSAS NACIONAIS

opção é sua. Só se lembre de que eu sou o melhor da cidade e posso fazer o processo demorar muito, muito tempo.

Sua feição zombeteira deu as caras, deixando aquele chame todo, do qual eu me lembrava bem, em evidência.

Inferno!

— Que droga, Victor! Por que todo esse joguinho? Por que não me dá logo o que eu quero?

— Porque desconfio de que você não saiba o que quer — murmurou, desviando o olhar e retorcendo o canto da boca. — Mas é isso, a decisão é sua — avisou, ficando ereto para retomar sua postura séria.

Suspirei, sentindo o peso do cansaço em meu corpo. Estava morta da viagem, da situação, de tudo. Eu só queria que aquilo acabasse logo e, se eu precisasse perder uma semana, então que fosse. É o que dizem: o sono pode te fazer contar seus piores segredos. Ou, no meu caso, concordar com as coisas mais malucas.

— Tudo bem, você ganhou. Uma semana...

PERIGOSAS ACHERON

Mesmo não entendendo o que você espera ganhar com isso, o que provavelmente será *nada* — avisei, torcendo para ele mudar de ideia no dia seguinte e acabar logo com tudo aquilo.

Mas ele não parecia nem um pouco disposto a desistir, e eu já não tinha forças para debater.

— Você ainda mora naquele mesmo apartamento? — Quis saber.

— Na verdade, neste momento eu não moro em lugar algum. — Fiz uma careta, me lembrando de que ainda não tinha um lugar para ficar naquela noite.

— Como assim? — Victor ergueu uma sobrancelha, e eu lhe expliquei o que aconteceu. Ele torceu a boca ao final da história e ofereceu: — Eu tenho um quarto de hóspedes vazio, pode ficar aqui até seu pai voltar.

— Quê? De jeito nenhum!

Só a ideia de passar alguns dias sob o mesmo teto que Victor me dava falta de ar. Já era difícil o bastante olhar para ele e aceitar uma semana inteira em sua companhia, quanto mais dormir no quarto

ao lado.

— Você tem outra opção? — questionou, irônico.

— Ah... eu posso ficar num *hostel* caso não consiga falar com a Ana.

Eu não aguentaria mais três horas de ônibus para chegar até a casa da minha tia. Pelo menos não naquela noite.

— A Ana tá de férias e viajou pra Ásia com o noivo, não vai conseguir falar com ela.

Droga! Eu não tenho um pingô de sorte mesmo!

— Bom, então vai ser o *hostel*. Meu pai não deve demorar muito pra voltar de qualquer jeito.

— Você sabe como são os *hostels* por aqui, não sabe? A não ser que esteja ansiosa pra dividir o quarto e o banheiro com algum mochileiro, claro. Aí é com você. — Ergueu um ombro, fingindo despretensão, e eu me peguei pensando que não gostaria mesmo de dividir o banheiro com outras dez pessoas desconhecidas. — Olha... — Victor continuou com a voz calma e suave. — Eu tenho um quarto vazio e você está precisando de um lugar pra ficar. Você aceitou passar a semana comigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estando aqui, será mais fácil. Não precisa ser tão teimosa assim. Além disso, você sabe que não vou fazer nada. Pode ficar tranquila que o quarto tem chave, você pode trancar a porta sempre que quiser. Você me conhece bem o bastante pra saber que eu jamais tentaria algo sem que você me pedisse.

Piscou, travesso, e eu engoli em seco, me recordando de quantas vezes eu implorei para que ele me fizesse sua naquele mesmo apartamento.

— Eu não acho que seja uma boa ideia... Você disse isso da última vez... — murmurei, não sabia ao certo o que dizer.

O canto da boca de Victor se ergueu de forma maliciosa, me fazendo prender o ar.

— E não cumpri exatamente a minha promessa? Ou será que minhas memórias estão confusas e você não me pediu pra eu te trazer pra minha casa? — provocou, uma feição vencedora tomando conta de todo o seu rosto.

Ofeguei, envergonhada e frustrada com a situação. Aquilo havia mesmo acontecido. E, sim, a culpa fora toda minha, eu que pedira para ele ficar

PERIGOSAS ACHERON

comigo, Victor apenas atendeu ao meu pedido. Mas esse erro não seria cometido de novo. Não por mim. Não era nem mesmo uma opção.

Eu sabia que era mais forte e racional do que a Isabella do passado. Não era mais a garota boba que sonhava com o impossível. Eu tinha uma consciência maior das coisas, por isso sabia que ficaria bem. Não havia motivos para me preocupar. A tentação, apesar de grande, não venceria novamente. Eu não deixaria que vencesse.

— Isso não vem ao caso — respondi, fazendo uma careta.

— Vem, sim, se você está pensando em não aceitar minha proposta por medo — retrucou.

— E do que eu teria medo, Victor? — questionei em deboche.

— Se está tão segura assim de que não precisa ter medo, então por que não deixa de ser tão cabeçadura e aceita minha proposta? Acho que não tem nenhum problema você ficar aqui enquanto seu pai não volta, não acha? — Ergueu uma sobrancelha grossa. — São apenas sete dias, Isabella. Mas a

decisão é sua, só espero que seja sensata e fique em segurança, onde quer que você decida ficar.

Victor deu de ombros, e eu bufei, derrotada. Eu realmente não tinha muitas opções. Tinha? Pelo menos naquela primeira noite, talvez fosse minha melhor alternativa.

— Tá bem, eu aceito. Pelo menos por *hoje* — enfatizei a última palavra.

— Maravilha! — ele disse, entusiasmado, os lábios se abrindo para um sorriso enorme tomar conta do seu rosto. Um sorriso que, para o meu azar, chegou aos olhos e levou consigo aquelas ruguinhas que eu tanto adorava. Talvez dividir um banheiro em um *hostel* não fosse de todo mal... — Vem, vamos colocar suas coisas lá. Você deve estar cansada do voo.

Assenti, sentindo o corpo clamar por um banho quente e por uma cama. Victor pegou minhas malas, e logo eu estava em seu quarto de visitas. Não era muito grande, mas bastante confortável. O cômodo continuava o mesmo desde a última vez que eu o vira, assim como todo o resto da casa. Nada tinha mudado, e isso era, de certa forma,

PERIGOSAS ACHERON

bastante negativo, já que eu continuava me recordando de tudo o que vivera naquele apartamento.

O quarto tinha uma cama de casal no meio, um criado-mudo de madeira em cada lado, uma cômoda com cinco gavetas com uma televisão na parte de cima e uma pequena mesa no canto esquerdo. Eu não precisava de nada além disso.

— O banheiro fica no final do corredor, mas você já sabe disso também — comentou cinicamente. — Bom, eu vou deixar você descansar agora. Se quiser comer algo, tem comida na geladeira. E só pra você saber, hoje não conta. Os sete dias começam a partir de amanhã — avisou, dando uma piscadela que me fez revirar os olhos.

— Ah, Victor... — chamei antes que ele saísse, um pouco desconfortável pelo assunto que precisava abordar. — Na verdade, tem algo que eu queria te perguntar... é que, bem, naquela noite...

— Você quer saber se a gente dormiu junto, não é?

— Sim — admiti, sentindo as bochechas

queimarem.

— Não, não dormimos. Bom, quer dizer, a gente dormiu na mesma cama, mas foi só isso — explicou.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Mas então... por que eu acordei, você sabe, só de calcinha e sutiã? E você estava... — Arranhei a garganta. — Sem roupa também.

— Sabe, eu também tinha bebido bastante naquela noite. — Riu, sem jeito. — Não me lembro de tudo nos mínimos detalhes.

— Então como pode ter tanta certeza de que não rolou nada? — perguntei, desconfiada.

— Eu posso não me lembrar de muita coisa, mas eu jamais esqueceria a sensação de me afundar em você, Isabella — disparou baixinho em tom de provocação.

Um sorriso ladino e muito charmoso surgiu em seu rosto enquanto eu tentava não engasgar com a própria língua.

— Victor! — repreendi, fingindo impaciência

PERIGOSAS ACHERON

apenas para esconder o quanto ficara desconcertada com aquele comentário.

Ele deu de ombros, parecendo se divertir, e depois falou:

— Mas relaxa, eu realmente me recordo que chegamos no hotel com a roupa molhada de champanhe e tiramos tudo antes de nos jogarmos na cama. Depois disso, a gente só apagou mesmo.

— Graças a Deus! — exclamei, aliviada, e Victor fez uma careta.

— Antigamente você só ficava aliviada assim depois que... hum... deixa pra lá.

— Cala a boca, não precisa ficar me lembrando dessas coisas — disse, envergonhada.

— Ah, é impossível esquecer — falou e logo após passou a língua no lábio inferior, fazendo todo o meu corpo estremecer.

— Eu já esqueci faz tempo — avisei, mas minha voz tremeu, evidenciando minha óbvia mentira.

Repreendi-me mentalmente por isso. Victor riu, balançando a cabeça.

— Se precisar de algo, você sabe onde me

PERIGOSAS ACHERON

encontrar. Sinta-se em casa, Isabella — falou, alegre demais para o meu gosto, antes de fechar a porta e me deixar sozinha e imersa em pensamentos.

Eu realmente queria saber o que ele estava aprontando com toda aquela maluquice e em que furada eu havia me metido.

De novo.



A maior prova de que eu estava exausta no dia anterior foi o fato de eu ter dormido pouco tempo depois de Victor me deixar sozinha. Não tive tempo nem mesmo de trocar de roupa, eu apenas apaguei como se minha vida dependesse disso. E, bom, talvez dependesse mesmo. Eu me sentia em uma bola de neve, estressada, ansiosa e cansada. Ao menos a noite bem-dormida me garantiu um pouco de alívio por alguns segundos, até eu me lembrar de onde estava, tão perto de alguém de quem teoricamente eu deveria querer distância.

Esfreguei os olhos e bocejei, me recostando na cabeceira cinza da cama e tentando mais uma vez

PERIGOSAS ACHERON

ligar para o meu pai. Eu poderia aguentar a companhia de Victor pela próxima semana, mas ao menos dormir na minha própria casa já seria bem mais tranquilo. E bem menos perigoso também, vale ressaltar.

A chamada tocou uma, duas, três vezes e nada. Bufeí, não acreditando que aquilo estava mesmo acontecendo. Tentei mais cinco vezes, e na última tentativa eu ouvi uma voz um pouco falha do outro lado. Porém, para minha eterna infelicidade, não era a voz que eu esperava escutar.

— Seu pai não pode atender agora, Isabella. O que quer? — Verônica perguntou de forma grosseira.

Quero enterrar sua cabeça na bunda de uma vaca!, desejei dizer, mas o pobre animal não merecia uma afronta como essa. A vaca, claro. Verônica, sim, merecia e muito.

— Ele falou que vocês deixaram a chave na portaria, mas não estava lá — expliquei, tentando não xingá-la entre uma palavra e outra.

— Aaaaah, Jesus! Será que eu me esqueci de

deixar a chave com o seu Carlos? Caramba! — Sua voz não poderia ter soado mais cínica.

Mordi a língua para evitar mandá-la para os confins do inferno.

— E não deixou nenhuma chave reserva com ninguém, Verônica?

— Oh, querida, receio que não. Além disso, fizemos uma dedetização no seu quarto antes de viajar e não acho uma boa ideia você entrar nele, sabe? Mas veja pelo lado bom, use esses dias para procurar um apartamento pra ficar — sugeriu, irônica. — Assim não precisará ficar vivendo às custas do seu pai, não acha? Já está bem grandinha pra isso.

— Verônica, deixa eu falar com o meu pai. Chama ele — pedi, contando até dez mentalmente.

— Ele não pode mesmo te atender, mas direi que você ligou, tudo bem? Tchau, tchau.

— Verônica, falo sério, eu preciso...

Mas a desgraçada desligou. Meu sangue ferveu e eu mergulhei o rosto em um travesseiro, gritando as tripas para fora. Eu odiava aquela mulher, eu a

odiava com todas as minhas forças!

Alguns segundos depois, um pouco mais calma, massageei as têmporas e comecei a pensar na minha atual situação. Gastar uma grana com um chaveiro realmente não estava nos meus planos e, se o que Verônica dissera sobre a dedetização fosse verdade, eu teria de dormir no pequeno sofá da sala. Aquilo não me parecia muito convidativo e muito menos confortável. Sem contar que meu orgulho gritava tão alto que eu mal ouvia meus pensamentos ou qualquer voz racional.

Pensei mais uma vez em Ana. Victor disse que ela estava de férias com o noivo, mas talvez chegasse em breve e eu pudesse me hospedar em sua casa. Eu poderia sondar Victor, ele saberia quando ela retornaria, já que minha amiga de escola parecia estar completamente fora de área.

Levantei da cama, sentindo o corpo agradecer pelas boas horas de sono em um colchão macio após tantas horas sentada na cadeira dura e pequena do avião. Pessoas que conseguiam dormir em um troço daqueles deviam ser abençoadas ou coisa do tipo.

Abri a porta e olhei para os dois lados do corredor, nenhum sinal de Victor. Antes de tudo, eu precisava tomar um banho e colocar uma roupa limpa. Peguei tudo o que precisava na mala e corri para o banheiro, fechando a porta com o trinco e me escorando nela por um segundo. Apoiei as mãos na pia logo ao lado e observei meu rosto no espelho quadrado.

Eu estava um caco, e isso sendo gentil comigo mesma. Meus cabelos eram um emaranhado de fios loiros que corriam por todas as direções. Entortei a boca ao pensar que Fábio me daria um daqueles seus olhares mortais se os visse nessas condições. Tentei passar os dedos para desembaraçá-los ao menos um pouco, mas não ajudou muito. Por isso, apenas me despi e corri para o chuveiro, deixando a água quente limpar cada centímetro de pele e relaxar cada músculo do meu corpo.

Não tive pressa, aproveitei a sensação boa e relaxante. Lavei os cabelos com cuidado, penteando-os embaixo da água para que ficassem domados ao secar. Enrolei-me na toalha branca, que imaginei ter sido deixada para mim por Victor

na noite anterior, e peguei minha *nécessaire* em cima da tampa da privada. Escovei os dentes, vendo que minha expressão parecia um pouco melhor, e em seguida coloquei uma muda de roupa limpa e levemente amassada.

Saí do banheiro e percorri o corredor, percebendo que a porta do quarto de Victor estava fechada e que não havia nenhum barulho no apartamento. Deixei minhas coisas no quarto de hóspedes e me direcionei à sala, um pouco receosa.

— Victor? — chamei, não ouvindo resposta.

Adentrei mais ainda o cômodo, constatando que estava mesmo sozinha. Suspirei, aliviada. Parecia que eu andava com sorte.

Percorri a sala, observando a disposição de cada móvel, exatamente os mesmos dos quais eu me lembrava: o sofá de couro negro, as paredes acinzentadas, a grande estante escura com a televisão de plasma presa à parede... Próxima à cozinha americana, uma mesa de quatro lugares que, para minha surpresa, contava com café e estava repleta de pães e bolos. Um recado deixado em cima da tampa de vidro dizia que Victor havia

PERIGOSAS ACHERON

ido trabalhar, mas que eu não ficaria com fome até que ele retornasse no final da tarde. No final, ele pedia que eu estivesse pronta às cinco horas.

O bilhete me trouxe certa angústia e estranhamento. Percebi, então, que aquilo era real, estava mesmo acontecendo. Victor estava de volta à minha vida, e tudo o que eu podia esperar era que aquela semana não fosse tão danosa para mim.

Meus olhos vaguearam o ambiente, cada canto, cada prateleira, a copa da cozinha e a entrada para o corredor que levaria até os quartos e o banheiro. Recordava-me de cada milímetro daquele lugar, de todas as sensações e emoções que eu vivera entre aquelas paredes. Caminhei inconscientemente para o quarto que era o centro das minhas lembranças. A porta estava fechada, mas eu girei a maçaneta ainda assim, vendo que estava vazio como o resto do apartamento.

Um bolo se formou em minha garganta, senti uma ponta de dor ao tentar engolir. Os pelos em meus braços se arrepiaram, achei que minha pressão pudesse cair a qualquer segundo. Meus olhos percorreram milímetro por milímetro daquele

cômodo, o que me fez recordar da primeira vez que entrara ali.

Victor e eu já podíamos nos considerar bons amigos há algumas semanas, e certo dia ele me ligou dizendo que não se sentia muito bem, perguntando em seguida se eu podia lhe fazer companhia.

Sem muito o que fazer naquela tarde de domingo, acabei aceitando seu convite apenas para descobrir que o seu mal-estar era por conta da bebedeira da noite anterior. Revirei os olhos ao ver seu estado precário e não pensei muito quando pedi para que ele se acomodasse no sofá enquanto eu procurava algum remédio para a enxaqueca da qual ele tanto reclamava. Após não encontrar nada no banheiro, entrei naquele mesmo quarto, somente para me deparar com uma enorme bagunça entre os lençóis e duas embalagens de camisinha abertas dentro da lixeira.

Senti uma vontade enorme de mandá-lo para o quinto dos infernos e ir embora. Afinal, eu não era babá e muito menos enfermeira de ninguém. Victor podia ser o libertino que quisesse, mas eu não era

obrigada a cuidar de seus restos mortais no dia seguinte. Ele que pedisse para a companhia da noite anterior lhe ajudar a se recuperar.

Revoltada, andei a passos firmes até a sala de estar, o xingamento perfeito na ponta da língua, então o vi completamente apagado no sofá, dormindo com tanta tranquilidade que a raiva se apaziguou — ao menos um pouco — em meu coração. Um sentimento de pena tomou conta de mim, ele parecia mesmo bem destruído.

Inspirei fundo e dei meia-volta apenas para fechar a porta de seu quarto, que eu deixara aberta. Aquele final de domingo se resumiu a uma canja, uma ligação para a farmácia e Victor ressonando como uma criança em meu colo.

Com o fim daquela memória, senti minha mente girar e no instante seguinte eu já estava sentada na cama grande e arrumada. Meu corpo comprovava que o colchão continuava o mesmo desde a época em que eu era a responsável por amassar aqueles lençóis, um mês e meio depois daquela minha primeira visita trágica ao apartamento. Uma época em que nossos braços e pernas se enrolavam na

planície macia e jogavam todo o resto para o chão branco do recinto, cabíamos apenas eu e Victor ali. Nada de cobertores ou travesseiros, apenas os nossos corpos grudados e emaranhados como um só.

Um soluço saiu pela minha boca, senti que ele viera do fundo da minha alma. Talvez porque realmente tivesse vindo de lá.

Recostei a cabeça no travesseiro, deixando que minha atenção voasse pelo restante do cômodo, analisando um grande armário de madeira escura, uma bancada preta ao canto direito e uma televisão de frente para onde eu estava. Era uma sensação esquisita estar ali, como se tudo o que vivemos naquele lugar fora em outra vida. Acreditei de fato que jamais colocaria meus pés ali de novo e, para a minha surpresa, eu estava completamente enganada. Mas quem diria que o destino teria outros planos para nós?

O aro frio em meu dedo me lembrou de que estávamos casados. Praguejei baixinho, incomodada. Aquilo era demais para eu lidar.

Fechei os olhos por um segundo, inspirando

PERIGOSAS ACHERON

fundo e sendo inebriada por aquele cheiro de homem e shampoo masculino, aquele aroma que me lembrava tanto o Victor do passado. O mesmo cheiro que eu sentia quando ia dormir naquela mesma cama, naquele mesmo colchão, onde tantas vezes fizemos amor.

Não! Amor não!, me corrigi mentalmente. *Sexo*. Nunca foi amor. Não da parte dele.

Meu coração se apertou e aquela dor tão familiar surgiu como um golpe certo. Minhas mãos apertaram o travesseiro e meu corpo se encolheu no mesmo instante. Minha memória, perversa, trazia uma mistura de cenas que se passavam em minha mente quase como um filme feito em pedaços.

— Eu te quero mais do que posso suportar — Victor disse na nossa primeira noite. E, por um segundo, enquanto ele se afundava entre minhas pernas, eu pensei que ele pudesse me querer também de outra forma, talvez de todas. — Eu gosto de ficar assim com você — ele falou após encontrarmos nossa libertação.

Seu corpo abraçava o meu em um aperto tão confortável que me fez dormir no mesmo instante.
PERIGOSAS ACHERON

A manhã seguinte, diferente do que eu esperava, não foi das melhores. Junto com o sol, veio também a realidade. As palavras dele me fizeram perceber que eu precisava crescer, deixar de acreditar em contos de fadas.

— Você sabe o quanto eu gosto de você, Isabella — murmurou, sem jeito. — Mas você também sabe que eu não procuro um relacionamento sério, certo?

Tudo que pude fazer foi assentir, pois, sim, eu sabia disso. Sempre soubera e, ainda assim, escolhi estar ali com ele.

— Eu sei bem o que foi a noite passada — falei, me fingindo de desinteressada.

Era isso ou deixar a voz tremer.

— Eu não quero te magoar — ele disse, apreensivo.

— Você não pode fazer isso, porque não há sentimentos para serem magoados — afirmei, na época eu ainda não sabia que era uma mentira.

Eu achava fielmente que era uma mulher esperta, madura o suficiente para poder encarar algo

casual e sem compromisso.

Eu o queria, não queria? Então eu o teria e ainda poderia conservar minha liberdade. Parecia um bom plano. Era o que eu repetia para mim todas as noites em que estava sozinha, pois nas outras, aquelas que passávamos juntos, eu não pensava em mais nada além de beijá-lo, tocá-lo...

Victor mexia com todo o meu corpo, minha mente e minha alma. Quando suas mãos me tocavam ou sua pele se encostava à minha, o incêndio era certo e então eu já não era capaz de controlar minha vontade de tê-lo.

— Você realmente quer isso? — perguntou por fim.

Não respondi, pois, se dissesse que sim, estaria mentindo. E se dissesse que não, estaria mentindo também. Por isso, sem muitas opções, eu o beijei. Colei minha boca na dele como se precisasse de seu gosto para viver. Victor entendeu aquilo como uma resposta positiva, e eu o deixei acreditar que era isso mesmo pelos meses seguintes. Até que eu mesma não fui mais capaz de suportar minha negação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti uma lágrima solitária molhar minha bochecha, depois mais uma cair e se dissolver na franha do travesseiro, que eu agarrava com todas as minhas forças. Se eu continuasse me deixando levar para o passado, acabaria perdendo a cabeça em algum momento.

E eu já não a tinha totalmente no lugar. Não ali, no centro do mundo daquele que mexia tanto com o meu próprio.

— Seja forte — sussurrei em um pedido para mim mesma. — Você não pode mais deixar essas coisas te afetarem.

Bati algumas vezes no rosto, retomando minha postura e evitando que mais lágrimas caíssem. Aquelas gotas já deveriam ter secado há anos, já não lhes cabia cair naquele momento.

Soltei uma breve risada sem graça, balançando a cabeça e me obrigando a deixar de ser patética. Eu era muito mais do que a antiga Isabella e seria capaz de enfrentar o que viesse para conseguir o maldito divórcio. Depois disso, tudo ficaria para trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Decidi, ali, em uma promessa muda, que não choraria mais, não sofreria mais pelo passado. Eu só precisava me focar no futuro, um futuro sem Victor, sem lágrimas, sem dor. E se para isso eu precisasse apenas suportar aqueles sete malditos dias, então eu o faria. Estava decidido.

Levantei em seguida e soltei uma lufada de ar, marchando a passos rápidos para fora daquele quarto e fechando a porta atrás de mim sem olhar para trás.

O ronco em meu estômago me lembrou da mesa recheada de comida, e fui saciar minha fome, ignorando quaisquer outras lembranças que cada centímetro daquele apartamento me trazia.

PERIGOSAS ACHERON



Depois de comer tudo de que eu tinha direito, aproveitei o resto da manhã para arrumar minhas coisas e, com tudo devidamente ajeitado nas gavetas do cômodo, peguei meu *laptop* e comecei a reestruturar meu currículo.

De jeito nenhum eu me submeteria a viver na mesma casa que Verônica por muito tempo. Seria demais para a minha sanidade, em algum momento eu enfiaria a cabeça dela na privada.

Com o documento pronto e atualizado, me vi mais tranquila. Comecei a buscar empresas que me interessavam e enviei um e-mail para cada uma

delas, torcendo para que ao menos uma me chamasse para uma entrevista.

Eu só queria trabalhar, de preferência na minha área. Isso era tão difícil assim?

Suspirei, elevando os braços e me espreguiçando, o corpo ainda moído do dia anterior. Lembrei-me no mesmo instante que ainda não havia dado qualquer notícia para Camila, minha prima devia estar subindo pelas paredes. Abri o programa de conversas e vi o símbolo verde ao lado do seu nome, junto de inúmeras mensagens, algumas raivosas, outras apenas preocupadas.

Cliquei no botão de ligação, e Camila atendeu na primeira chamada, seu rosto com o cenho franzido preenchendo toda a minha tela.

— Sua maldita! Por que demorou tanto pra dar notícias? — indagou, soltando o ar pelo nariz com força. — Tem telefone pra que se deixa essa porcaria desligada?

— Foi mal, as coisas ficaram meio... complicadas — expliquei com um sorriso amarelo. — Acabou que esqueci de carregar o celular.

— Onde você tá? Esse não é o seu quarto. Ou a bruxa da Verônica reformou tudo sem te avisar? Por favor, não me diz que ela fez isso!

— Quem dera fosse isso. Se eu te falar onde eu tô, acho que você nem vai acreditar.

— Me conta logo, Isa! Que quarto é esse?

— Do Victor — respondi em um muxoxo, vendo a boca de Camila se escancarar. — Quer dizer, não exatamente o dele! — expliquei, nervosa. — É o quarto de hóspedes, mas estou na casa dele.

— E por que diabos você tá aí, garota? Não me diga que... vocês dormiram juntos?

— Claro que não! — ralhei. — É uma longa história... espero que você esteja com tempo.

— Eu sempre tenho tempo pra você, boba! — Sorriu com gentileza, me fazendo retribuir o gesto.

— Sinto sua falta — admiti.

— Eu também. — Sua voz pareceu embargar, mas ela arranhou a garganta e continuou: — Agora para de me enrolar, explica logo o que tá acontecendo.

— Bom, tudo começou quando eu cheguei no

PERIGOSAS ACHERON

meu prédio e...

Contei para Camila tudo sobre o dia anterior, a conversa com Victor e sua proposta esquisita, indo até a descoberta de que Verônica provavelmente não deixou a chave para mim de propósito. Vi o rosto da minha prima se contorcer inúmeras vezes, ficando vermelho de ódio em certo ponto, o que eu entendia muito bem.

— Que porcaria de confusão, hein! Essa Verônica é o demônio na Terra, só pode! Mas a verdade é que fico preocupada com você nessa situação, Isa. Morar com o Victor... será que é uma boa ideia mesmo?

— Ah, definitivamente não é uma boa ideia! Inclusive, deve ser a pior ideia da minha vida. Mas que outra opção eu tive ontem? Não ia dormir na rua, né? — resmunguei.

— Claro que não! Mas será que não é melhor ir pra casa da minha mãe? Sei que é longe e tal, mas...

— Hoje eu já comecei a enviar alguns currículos. Caso me chamem para uma entrevista, é bom que

eu esteja por perto — expliquei, e ela assentiu.

— É, acho que você tem razão.

— Mas vou procurar outro lugar pra ficar nos próximos dias, também acho que meu pai não deve demorar pra voltar. E, sinceramente? Se a Verônica aprontar mais alguma, eu vou contar pra ele tudo que eu penso sobre ela. Ele pode ser cego e ignorar o que eu tenho a dizer, mas ao menos eu vou fazer minha parte.

— Tá certíssima, prima. Essa jararaca não pode ficar saindo impune. Agora eu preciso sair, tá quase na hora de ir para o salão. Vou avisar o Fabinho que você deu notícias, ele tava preocupado também.

— Foi mal mesmo. Manda um beijão pra ele. A gente se fala outra hora.

— Isa... — Camila chamou, seu rosto um pouco abatido.

— Que foi?

— Tem certeza de que você vai ficar bem? Sabe, perto do Victor...

Abri a boca para dizer algo, mas logo a fechei.

Eu não sabia como responder sua pergunta. Realmente não sabia.

Estava determinada a passar por aquela semana sem nenhuma nova cicatriz, mas não podia negar que meu coração ainda batia forte por ele ao mesmo tempo em que ainda se quebrava em mil pedaços. Provavelmente não, eu não ficaria bem perto de Victor. Não enquanto ainda tivesse qualquer sentimento vivo dentro de mim. Mas era tarde demais para voltar atrás. Eu aceitei aquela semana ao seu lado e desistir apenas me daria mais dor de cabeça, pois ele não assinaria o divórcio.

E, para poder me ver livre dele e de tudo o que ele significava, eu precisava da sua maldita assinatura. Depois disso, seria como se nada houvesse acontecido.

— Claro — falei, engolindo em seco. — Relaxa, eu sei me cuidar.

— Mas, Isa... — ela tentou dizer.

— Fica tranquila, de verdade! Agora preciso ir, já tá na hora do almoço e eu tô faminta — falei, tentando fugir do assunto. — A gente se fala

depois, se cuidem!

— Tudo bem. Você também, prima — ela respondeu, soltando um muxoxo e desligando a chamada.

Fechei o *laptop* e corri até a cozinha, abrindo a geladeira em busca de alguma coisa que pudesse servir de refeição. Achei um pote com carne e outro com macarrão e juntei tudo em um prato antes de colocar no micro-ondas. Comi tão rápido que meu pai seria capaz de brigar comigo por eu não mastigar direito a comida.

Senti, então, saudades da época em que éramos só nós dois. Sempre nos demos bem, ainda que ele muitas vezes não soubesse lidar com uma filha adolescente, principalmente quando se tratava de assuntos femininos. Ainda assim, ele se esforçou e deu o seu melhor por mim. Seu Paulo fora um paizão, ainda era. Mas também sempre fora meio solitário, o que me entristecia. Durante toda a minha vida, nunca o havia visto dar uma chance ao amor mais uma vez, até que Verônica chegou e o encantou de uma forma irreversível.

No início, ela parecia uma mulher divertida e

PERIGOSAS ACHERON

inteligente. Dávamo-nos bem naquela época, mas, depois que finalmente se casaram, ela se transformou de uma maneira quase brutal. Ao menos comigo.

Os sorrisos gentis se tornaram olhos revirados e comentários rudes. Nunca entendi o que a fizera mudar tanto, mas o tempo apenas me trouxera um enorme incômodo por precisar conviver com aquela mulher. Ela, de forma óbvia, sentia a mesma repulsa por mim, já que tentava de tudo para me afastar de papai.

Como ele não parecia perceber, deixei que as coisas acontecessem. Não queria estragar a relação deles, não depois de vê-lo sozinho por tantos anos. Eu apenas queria minha liberdade e independência, não só para ficar longe daquela bruxa, mas também por mim. Especialmente por mim!

Eu queria ter meu próprio lugar, decorá-lo como bem entendesse e cuidar de mim mesma sem interferência de terceiros. Queria viver como a adulta que era, como eu me sentia. Como ainda me sinto, na verdade.

Determinada a seguir esse sonho, lavei a louça

PERIGOSAS ACHERON

suja e voltei para o computador, buscando mais empresas para enviar meu currículo. E assim a tarde se passou em um piscar de olhos, até que a porta do meu quarto se abriu e a figura de Victor me trouxe de volta à realidade.

— E aí, o que tá fazendo? — ele perguntou, curioso.

— Mandando currículos — respondi, tentando parecer descontraída.

Estava tão imersa no que estava fazendo que acabei me esquecendo de onde estava e de que tínhamos planos para aquele final de tarde.

— Mal chegou e já tá procurando um emprego?

— Claro! — falei, fechando o computador e me levantando. — Preciso de dinheiro pra arrumar algum lugar pra mim.

— Você ainda é doida pra morar sozinha, hein?
— Um meio sorriso se formou em seu rosto, e eu dei de ombros, concordando. — E já tá pronta para o nosso compromisso?

— Na verdade... — Sorri amarelo —, eu meio que esqueci. O que acha de esquecermos essa

história toda e você assinar o divórcio logo de uma vez? — sugeri, e Victor fechou a cara na mesma hora.

— Isso não está aberto a discussão — declarou.

— Tá bom, já entendi — murmurei. — Pode me dar alguns minutos? — pedi, vendo seu sorriso surgir de novo.

— Desconfio de que você não tenha esquecido coisa nenhuma — provocou.

— Esqueci, sim, é verdade. Mas fico pronta já, já.

— Então, pelo visto você continua uma cabeça de vento.

Victor entortou os lábios, pensativo.

— Também não é assim. — Bufe. — Eu só perco a noção do tempo quando...

— Quando está empolgada ou focada em alguma coisa. Sim, eu sei — ele disse, parecendo um pouco nostálgico, o que fez meu coração perder uma batida. — Temos tempo ainda, pode se arrumar com calma. Vou tomar um banho também. Nos encontramos na sala em vinte minutos?

— Beleza.

— Ótimo, até já!

Ele piscou um olho antes de sair e fechar a porta do quarto. Joguei-me no colchão macio e, com o rosto afundado no travesseiro, murmurei:

— Onde eu fui me meter?



Victor não quis me dar nem mesmo uma dica de aonde estávamos indo. Nunca gostei muito de surpresas, e ele sabia bem disso, mas pareceu ignorar o fato para continuar com o mistério. Ao menos até que seu carro parasse de frente para um lugar que eu conhecia bem. Muito bem, aliás.

— Que foi? Não gostou? — Quis saber, parecendo ansioso.

— Não, não é isso — expliquei, evitando seus olhos. — É que você tava fazendo tanto suspense que não pensei que fosse me trazer pra cá, mas confesso que gostei. Já estava pensando em vir qualquer dia e comer...

— A torta de chocolate com cereja. Essa foi a minha ideia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sorriu, contente. As piscinas azuis sorriram também, aquelas ruguinhas ao seu redor.

— É... — murmurei, desviando o olhar. Era sempre difícil vê-lo assim, tão leve e natural, um sentimento familiar demais para aguentar. — Então, vamos entrar?

— Vamos — respondeu cheio de animação antes de sair do carro. Fiz o mesmo, precisando conter meus cabelos, que voavam com a brisa da primavera. — Sabe, não cheguei a falar, mas eu gostei bastante desse novo corte de cabelo — comentou, me guiando para a entrada da cafeteria, a mesma que frequentávamos após o expediente na A.L. Advogados.

— Ah, valeu! Foi ideia do Fábio... No início fiquei apreensiva de cortar, mas curti o resultado.

— Fábio? — perguntou, e não pude deixar de reparar no vinco entre suas sobrancelhas.

— Um amigo que conheci em São Francisco — expliquei. — Vamos entrar? Tá meio frio aqui.

— Ah, claro, vamos — respondeu, abrindo a porta de vidro para que eu passasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que entrei na cafeteria, percebi que passara por algumas reformas, mas o ambiente continuava habitual e confortável. Peguei-me pensando como o mesmo acontecera comigo. Eu me sentia diferente, mudada e definitivamente mais madura. Porém, minha essência continuava a mesma, assim como aquele lugar.

— Espero que a torta continue tão gostosa quanto eu me lembro — disse ao me sentar na mesa cativa.

— Você não vai se arrepender, pode confiar — Victor respondeu, chamando a garçonete com a mão no ar.

A morena de grandes, grandes atributos nos atendeu prontamente, anotando com cuidado nossos pedidos. Revirei os olhos assim que percebi os dela brilhando na direção de Victor. *Algumas coisas nunca mudam*, pensei, entediada.

— Mais alguma coisa, senhor? — ela perguntou, a expectativa em sua voz quase palpável.

— Não, só isso. Obrigado — Victor respondeu e, para a minha surpresa, nem se deu ao trabalho para olhá-la de novo. E muito menos para o sinuoso

PERIGOSAS ACHERON

decote que ela exibia.

A mulher se retirou, claramente decepcionada.

— Só isso? — indaguei, incrédula.

— Só isso o quê? — Sua sobrancelha se arqueou e um brilho confuso passou por suas íris.

— Nada não, deixa.

— E aí, mandou quantos currículos hoje?

— Não muitos, na verdade. Preciso dar uma pesquisada melhor nas empresas da região, devem ter novos escritórios que eu não conheço ainda.

— Abriram algumas empresas novas lá no prédio que fica a A.L.. Não sei ao certo do que, mas você podia dar uma olhada. De repente bate em algumas portas por lá e vê qual é — sugeriu.

— E você acha que é tranquilo? Tocar uma campainha, me apresentar e entregar o currículo?

— Ah... — Ergueu um ombro. — Não vejo problema nisso. Na verdade, eu veria a pessoa como alguém dedicado e realmente interessado em trabalhar.

— Será? — comentei, pensativa.

— Mal não vai fazer.

Concordei com a cabeça. Realmente, poderia ser uma opção. Eu não estava mesmo em circunstância de recusar qualquer ideia.

— Acho que você tem razão. Vou ver isso amanhã, só preciso imprimir algumas cópias pra entregar.

— Você pode imprimir lá no escritório, sem problemas.

— Tem certeza? — perguntei, um pouco sem jeito.

— Claro! Meu pai vai adorar te ver.

— Tudo bem, obrigada. E eu vou gostar de ver o seu Alberto também — confessei.

— Então tá combinado. Você vai comigo pela manhã e almoçamos juntos depois. Esse era o plano de amanhã de qualquer maneira — comentou de maneira descontraída.

A garçonete morena surgiu no mesmo instante, deixando nossos pedidos na mesa e olhando uma última vez para Victor, talvez esperando que ele dissesse algo. Mas nada, nem uma palavrinha. Seus

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos azuis mal se mexiam, vidrados completamente nos meus, o que fez meu corpo todo pinicar.

— Então... almoçar era o plano de amanhã? — Quis saber, tentando disfarçar o desconforto.

— Sim, vamos naquele restaurante italiano que almoçávamos juntos nas sextas, lembra?

— Uhum... A comida de lá é muito boa — falei, focando toda a minha atenção na deliciosa torta de chocolate repleta de cerejas à minha frente.

— Quer um guardanapo? — ele perguntou, rindo.

— Hã? Por quê? — Entortei a boca, confusa.

— Você tá praticamente babando! — brincou, me fazendo sorrir sem que eu percebesse. — Vai, pode atacar! Eu sei que você tá doida por isso.

Não pensei muito, apenas peguei uma boa garfada e senti todo o sabor doce e familiar se dissolver na minha língua, uma explosão nostálgica que eu nunca pensara ser capaz de sentir.

— Puta merda, é ainda mais gostosa do que eu lembrava! — falei, o entusiasmo presente em cada palavra.

PERIGOSAS ACHERON

— Ando pensando a mesma coisa — Victor murmurou, parecendo perdido em pensamentos. Eu o encarei, confusa. Ele, então, me fitou e seus olhos se arregalaram na mesma hora. — Não falei nada, esquece — pediu, um tom avermelhado tomando conta de todo o seu rosto sem eu entender o motivo. — Mas e aí... — Arranhou a garganta. — Tava com saudades dessa torta?

— Sim, só não imaginava o quanto! — respondi, voltando a devorar aquela maravilha dos deuses. — Lá em São Francisco eu comia muitos doces bons também, mas acho que nada se compara a isso aqui.

— É mesmo? O que você comia de bom por lá?

— A Camila, minha prima, já fez um curso de confeitaria quando mais nova. Ou seja, ela arrasa com tudo que é doce. Uma vez ela fez uma bomba de doce de leite com coco que era do outro mundo! Ela só parou de fazer essas besteiras quando a gente descobriu que tinha engordado três quilos em um mês. Não foi nada fácil perder depois, sofremos muito na academia.

Fiz uma careta ao me lembrar. Victor riu com todos os dentes à mostra, incrivelmente lindo, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas com a distância de um braço de mim.

— Do jeito que você se dá bem com academia, tenho certeza de que foi uma tortura — respondeu, o canto da boca tremendo por segurar o riso.

— Você tá se lembrando da vez que eu paguei mico na esteira, não é?

Encrespei a testa, e ele não aguentou, gargalhando em seguida.

— Não tem como esquecer isso, você quase me matou naquele dia — se defendeu, respirando fundo e erguendo as mãos em rendição.

Quando éramos amigos, realmente só amigos, Victor me convenceu a entrar na academia em que ele malhava. Eu estava me sentindo muito preguiçosa e parada naquela época, achei que fosse uma boa ideia fazer algum aeróbico depois do trabalho.

O problema era que a academia tinha umas esteiras diferentes das que eu conhecia, e eu acabei me enrolando na velocidade. Quando vi, já estava gritando e sendo empurrada para trás, batendo com as costas no peito do Victor, que foi rápido o

PERIGOSAS ACHERON

bastante para chegar até mim e me segurar. Meu corpo bateu no dele com tanta força que ambos caímos sentados no chão.

Claro que todo mundo parou seus exercícios para ver se estávamos bem. Meu rosto se transformou em um pimentão de tanta vergonha. Depois do incidente, decidi fazer caminhadas na rua mesmo. Com certeza me parecia mais seguro.

— Tá, tudo bem, é uma história engraçada— admiti, deixando uma risada baixa escapar com a lembrança. — E como tá tudo? Com o pessoal do escritório, seu pai...

— Todos estão bem, não tem tanta novidade assim pra contar. A Ana ficou noiva, mas isso você já sabe. A Carol conseguiu umas contas bem grandes pra gente, então a empresa deu uma boa guinada nos últimos tempos. Meu pai tá bem, decidido a se aposentar no final deste ano sem falta. Com as contas novas, ele acabou adiando a aposentadoria, mas minha mãe disse que não iria mais esperar por ele pra conhecer o mundo.

— E seu Alberto, claro, não quer deixar a esposa viajar por aí sozinha — concluí, e Victor assentiu.

— Exatamente. Mas acho que você não perdeu nada demais nesse meio-tempo, as coisas continuam praticamente as mesmas.

Victor deu de ombros, e me questionei se aquilo significava que ele continuava a ser o galinha de sempre, quem sabe até continuasse a ter um caso casual com a própria Carol.

Tentei não me importar quando ele disse seu nome, mas não pude deixar de sentir uma pequena pontada na boca do estômago. Aquilo ainda me magoava: o fato de ele procurá-la quando ficávamos, ainda que eu soubesse que não tínhamos compromisso nenhum. Eu me senti... insuficiente.

— Agora me conta do curso, foi tudo o que você esperava? — ele perguntou, e eu agradeci aos céus por mudarmos de assunto.

— Foi ótimo! Aprendi muito e ainda consegui praticar bem o inglês. Eu não era tão segura assim com a língua, mas agora é natural pra mim. Então esse é um ponto bem positivo.

Continuamos a conversar sobre meus estudos, e percebi que estava realmente empolgada com o

assunto e toda a experiência que vivi em São Francisco. Victor me escutava com atenção, comentando um ponto ou outro. Sequer vimos o tempo passar e só percebemos que estava na hora de ir quando a garçonete perguntou se iríamos pedir mais alguma coisa.

O caminho até a casa dele foi silencioso enquanto eu observava as luzes da cidade passando por nós. Peguei-me pensando que as coisas ainda pareciam as mesmas depois de tanto tempo, o que era meio cômico de certa forma.

— Cansada? — A voz de Victor me despertou.

— Um pouco, eu acho.

— Eu gostei de hoje — comentou, parecendo um pouco tímido. Olhei para ele por um breve instante, sua boca era apenas uma linha fina. Seu rosto estava virado para a rua, focado na direção. — Foi muito ruim pra você?

Seus olhos fitaram os meus por meio segundo antes de ele voltar sua atenção para frente.

— Não, não foi — foi tudo o que consegui dizer.

De relance, vi o canto de sua boca se erguer,

precisei controlar minha vontade de observá-lo melhor.

Despedi-me às pressas assim que alcançamos o corredor, evitando que ficássemos juntos e sozinhos entre aquelas paredes estreitas, o que poderia causar uma situação constrangedora de alguma forma. Victor desejou boa-noite e eu sorri amarelo, fechando a porta atrás de mim e me jogando na cama, querendo imensamente dormir para não ter de pensar sobre aquele dia.

Mas, claro, nem tudo é como gostaríamos. Minha mente turbulenta parecia ter outros planos para aquela noite.



— Porcaria de despertador idiota! — ralhei, me revirando entre os lençóis e desejando desligar aquele som dos infernos, que me acordara antes do que eu gostaria.

Peguei o celular e acabei de uma vez com aquele barulho agudo e espaçado, constatando que precisava levantar se quisesse ir com Victor até o escritório para imprimir os currículos e começar minha busca implacável por um emprego. Sim, eu queria muito um trabalho! Caso contrário, apenas me viraria e voltaria a dormir.

Estava exausta, quase não dormira na noite

anterior por conta da minha mente travessa. Não queria nem imaginar como estavam as olheiras em meu rosto. Com certeza, não eram nada atraentes e, se eu não desse um jeito naquilo, provavelmente fechariam as portas na minha cara no mesmo instante em que colocassem os olhos em mim. Afinal, quem deixaria um zumbi entrar em sua empresa?

Por fim, eu não teria nem mesmo a chance de me apresentar a ninguém, muito menos conseguir alguma coisa que me garantisse minha independência. E eu definitivamente não queria continuar dividindo um teto com Verônica por muito tempo quando ela e papai retornassem de viagem.

— Isa? — A voz abafada de Victor soou atrás da porta do quarto, me fazendo prender a respiração e me cobrir até o pescoço. — Tá acordada?

— Sim. Tô, sim... — respondi um pouco mais alto e com a voz mais esganiçada do que gostaria.

— Já saí do banho, pode usar o banheiro se quiser. Vou sair em meia hora. Você vai comigo, certo?

— Certo! Já tô indo — avisei, apertando o cobertor até os nós dos dedos ficarem esbranquiçados.

— Beleza, sem pressa.

Ouvi seus passos se afastarem e o barulho de sua porta sendo fechada em seguida. Inspirei fundo, agradecendo por ele não ter feito nenhuma menção de que entraria no quarto. Meu orgulho não me perdoaria caso eu deixasse Victor me ver naquele estado: descabelada, com cara de morta-viva e totalmente amassada em um pijaminha mais curto do que o aceitável naquela situação.

Ah, eu comentei que era um pijama de *minielefantes*? Pois é...

Levantei de súbito e peguei uma muda de roupa na mala, correndo para o banheiro em seguida. O banho foi rápido e em poucos minutos eu estava pronta. Ajeitei a blusa preta de botões e passei as mãos pela calça bege-clara, sentindo um pouco de nervosismo pelo dia que eu teria pela frente. Eu nunca fui muito tímida, mas pensar em bater nas portas de desconhecidos fazia minhas mãos suarem um pouco. Porém, não era hora de desistir. Por isso,

PERIGOSAS ACHERON

juntei minhas coisas e deixei tudo no quarto quando... *Brrrrr*, meu estômago, de repente, rugiu.

Comprimi a boca em uma linha fina e conferi as horas, eu precisaria tomar o café da manhã bem rápido. Por isso, corri aos tropeços pelo corredor, chegando até a sala e esbarrando em algo grande e... rígido. Um cheiro que eu conhecia bem começando a impregnar nas minhas roupas e pele.

Arregalei os olhos quando percebi que havia trombado no peito de Victor, suas duas piscinas focadas em mim com atenção e um brilho de divertimento.

— Falei que não precisava ter pressa, lembra? — falou em tom de brincadeira, suas mãos segurando meus braços e cada centímetro do meu corpo tocado por ele formigando.

— Foi mal — pedi, sentindo o coração bater forte contra as costelas. — Acabei demorando mais do que imaginava e não quero te atrasar.

— Relaxa, não tenho nenhuma reunião pela manhã. Não tem problema chegarmos alguns minutos depois do horário, pode tomar café com

calma.

— Ah, sim, que bom! Mas não vou demorar, preciso só de cinco minutinhos e tô pronta pra sair — avisei, ainda nervosa por estar praticamente em seus braços. Uma estranha sensação familiar fez os pelos da minha nuca se arrepiarem. — Eu... er... pode me soltar agora... — pedi meio sem jeito, desviando o olhar para o chão antes que a hipnose daquelas esferas azuis esplêndidas roubasse todo o meu raciocínio.

— Opa, claro! Desculpa — falou, e percebi que suas mãos ainda demoraram um segundo ou dois para enfim me soltarem. — Eu... vou acabar de me arrumar e já volto. Fica à vontade.

E então Victor saiu, parecendo um pouco perdido e confuso, o que me deixou bastante intrigada. Mas o tempo era curto, eu não poderia perder nem um segundo pensando naquilo. Voei até a cozinha e preparei algo para comer, dez minutos depois já estava no carro a caminho da A.L. Advogados. Porém, sem saber por que, um sentimento esquisito pairava na boca do meu estômago.



O caminho até o escritório foi praticamente tomado pelo silêncio, tirando um comentário ou outro sobre algumas empresas que Victor pesquisou ter no prédio e que poderiam contar com um setor de economia. Eu estava um pouco ansiosa e tudo o que consegui fazer foi agradecê-lo pela ajuda. Ao menos eu saberia por onde começar, e nada que uma pesquisa prévia no mural com os nomes das empresas na portaria do prédio comercial não ajudasse também.

Chegamos pouco tempo depois e, assim que atravesssei a porta de entrada, percebi que o lugar se mantivera o mesmo desde a última vez que estive ali. Algumas coisas eram novas, como a cafeteira, mas, em geral, era o mesmo escritório o qual eu deixara há quase três anos. As mesmas paredes brancas, os móveis sóbrios de madeira, as pessoas em suas vestes sociais falando dos contratos e clientes.

Conforme adentrávamos o local, fui reconhecendo os funcionários da minha época. Seus olhos brilharam assim que perceberam que eu não era um fantasma nem nada parecido. Fui

recebida com abraços e perguntas referentes ao curso e à viagem, o que me deixou contente por me sentir querida por aquelas pessoas que deixara para trás, mas que ainda pareciam se preocupar comigo. Senti um leve remorso por não ter dado notícias durante aquele tempo, mas eu simplesmente me afastara de tudo o que me lembrava Victor e meu coração partido, porque doía, doía muito naquela época.

— Isa, é você? — Uma voz conhecida soou atrás de mim, e eu me virei para ver os olhos verdes curiosos em minha direção.

— Carol, e aí? — falei, um pouco sem graça e odiando o fato de que ela parecia ainda mais bonita do que eu me recordava, principalmente com aqueles cabelos negros e sedosos soltos.

Uma ponta de ciúmes e inveja atingiu meu âmago, mostrando que eu ainda estava ressentida pelo que acontecera.

— Menina, há quanto tempo! Pensei que nunca mais íamos te ver! — Aproximou-se para um abraço, apertando seu corpo contra o meu. Cheguei a sentir falta de ar. — E com o Victor ainda por

PERIGOSAS ACHERON

cima, não sabia que vocês mantinham contato — sussurrou em meu ouvido, sugestiva e... incomodada?

— Ah, é uma longa história — respondi, não querendo contar que ele era ninguém menos que meu marido, que estávamos dormindo na mesma casa e que eu prometera minha semana a ele sabe-se lá para que antes de me afastar de novo e fingir que nada daquilo acontecera. — Vamos deixar esse assunto pra lá, me conta como você tá... — pedi, não dando brecha para que ela comesse um interrogatório.

— Eu tô ótima, amiga! Nada muito interessante para contar, na verdade. As coisas continuam... as mesmas.

Ela piscou um olho, sorrindo de forma irônica para Victor, que tirava a dúvida de um estagiário logo ao lado.

— Sei... — murmurei, mordendo o interior de uma bochecha a fim de segurar a língua para não perguntar aquilo que eu não deveria querer saber. Não, eu definitivamente não queria saber que tipo de relacionamento eles ainda tinham. — Que bom, PERIGOSAS ACHERON

eu acho — comentei, engolindo em seco e não conseguindo esconder a decepção na minha voz.

— E aí, você vai passar o dia aqui com a gente ou veio só fazer uma visita rápida? — ela perguntou, um sorriso vitorioso surgindo em seus lábios cheios.

— Na verdade, eu vim usar a impressora e dar um oi pra todo mundo.

— Impressora? — questionou, arqueando uma sobrancelha.

— A Isabella vai distribuir currículos pelo prédio, descobrimos que tem algumas empresas novas por aqui que provavelmente têm setor financeiro — Victor explicou, se aproximando mais uma vez.

— Ah, então você pretende trabalhar por aqui?
— Carol quis saber.

— Vamos ver, quem sabe?!

Trabalhar no mesmo prédio que Victor e Carol com certeza era um ponto muito negativo, mas um emprego era um emprego, e, naquele momento, achar um era minha prioridade. Depois eu poderia

pensar melhor sobre como nunca esbarrar com eles nos elevadores. Talvez, usar as escadas fosse uma ótima opção de exercício.

— Ela vai conseguir, com certeza. Ninguém seria burro o bastante pra não contratar a Isabella — Victor disse com confiança, e eu sorri, envergonhada.

— Claro — Carol concordou, um pouco evasiva. — E temos tanto pra conversar, botar o papo em dia! O que acha de almoçarmos hoje pra me atualizar das novidades, falar dos homens californianos? — perguntou, descarada, cutucando minhas costelas com o cotovelo. — Eles são tão sarados como os filmes mostram?

— Eu... er... Bom, não sei. Acho que eles são... normais.

Inexplicavelmente, meus olhos se viraram para Victor, que estava com a cara fechada.

— Aposto que são e você não quer abrir o jogo, mas eu te perdoo, Isa. — Ela riu, brincalhona. — No almoço você me conta melhor, combinado?

— Na verdade, nós já tínhamos combinado de

PERIGOSAS NACIONAIS

almoçar hoje... — Victor começou a dizer, a voz um pouco irritadiça, mas ela ignorou sua expressão dura e o interrompeu:

— Maravilha! Assim a Isa pode atualizar nós dois ao mesmo tempo, não é, querido? Encontro vocês meio-dia pra irmos. Preciso correr para uma ligação agora — avisou, acenando com a mão ao se afastar.

Victor suspirou alto, bagunçando os fios negros com os dedos longos.

— Tudo bem? — indaguei.

— Tudo — resmungou. — Vamos imprimir seus currículos?

— Vamos, mas seu pai tá por aqui? Queria ver ele também.

— Na verdade, ele tem algumas reuniões externas hoje pela manhã, mas vai estar aqui de tarde. Tenho certeza de que meu pai vai ficar surpreso em te encontrar.

— Então eu falo com ele depois do almoço. Vamos acabar logo com isso pra eu deixar você trabalhar, já te atrapalhei demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorri, meio divertida, meio culpada.

— Você nunca atrapalha, sabe disso — respondeu, um meio sorriso tomando conta da sua boca, me fazendo perder o raciocínio.

Achei melhor não dizer nada, apenas esperei que ele fosse na frente até chegarmos à sua sala. A mesa de mogno continuava a mesma, mas parecia mais polida e brilhante. Percebi também que as fotos mudaram, eram mais recentes. Uma, inclusive, que despertou meu interesse dias antes. Era a mesma fotografia que vi Alberto compartilhar nas suas redes sociais, aquela que parecia ter sido tirada no casamento do Leone caçula, junto com a noiva e a neném de cabelos escuros.

— Essa é a Alice e essa coisa fofa aqui é a Manu — Victor disse ao apontar para a mulher de branco e a criança em seu colo.

— *Coisa fofa* — repeti, achando graça. — Nunca imaginei ouvir essas palavras saírem da sua boca.

— Isso é porque você tá acostumada a ouvir *outras coisas* saindo da minha boca — provocou com um pequeno sorriso malicioso que me fez

PERIGOSAS ACHERON

engasgar e tossir.

Victor bateu duas vezes nas minhas costas, depois de alguns segundos fui capaz de voltar a raciocinar.

— Então quer dizer que você virou um tio babão?
— perguntei, mantendo o assunto de antes.

— Não posso negar, eu realmente virei um tio desses — assumiu, soltando uma breve risada. — Ela é muito esperta e linda. Meu irmão fez um ótimo trabalho, tenho que admitir. Fico pensando em como vai ser quando eu tiver uma filha, se eu serei tão protetor quanto sou com a Manu.

— Você? Uma filha? — questionei, surpresa. — Não era você que dizia não ter pretensão alguma de ter filhos, já que pra isso deveria se casar primeiro, o que definitivamente não estava nos seus planos?

Victor me fitou com um ar de mistério, e então ergueu um canto da boca.

— Sabe, Isabella, muitas coisas permaneceram iguais desde quando você foi embora. Outras, no entanto, mudaram. Além disso, se me lembro bem, já estou casado, então meus planos do passado

foram por água abaixo, não acha?

Seus olhos pareciam conter certa diversão, e, ainda assim, seu tom de voz permanecia firme e suave. Minha boca se abriu e fechou algumas vezes, quase como um peixe, sem saber ao certo que som ou palavra proferir.

— E-eu... — Repreendi-me mentalmente por gaguejar e arranhei a garganta, tentando firmar a voz. — Acho que deveríamos imprimir logo os currículos.

— Claro, como quiser.

O canto de sua boca tremeu por um segundo, parecendo segurar uma risada. Ele estava apenas brincando comigo, me provocando, e eu sabia bem disso. Minha testa se encrespou, e eu bufei baixinho. Não deveria levar as coisas que Victor falava a sério, eu já deveria ter aprendido aquela lição.

Imprimimos cerca de dez cópias e combinamos de nos encontrarmos na hora do almoço. Victor me desejou boa sorte e eu agradeci, saindo do escritório e checando nas notas do celular as salas

em que eu pretendia passar para entregar os currículos.

A manhã inteira se resumiu a isso, passar de andar em andar, bater em portas, me apresentar e entregar o papel nas mãos das pessoas que me atendiam. Algumas me receberam com sorrisos, já outras pareciam não estar em seu melhor humor. Ainda assim, eu torci para que pelo menos uma entrega acabasse em entrevista. Não era pedir muito, era?

Após me livrar de todos os currículos que tinha em mãos, olhei as horas e constatei que o horário de almoço estava próximo. Peguei o elevador e retornei até a A.L. Advogados. Avistei Victor pela parede de vidro que dava para a sua sala e percebi que ele estava em uma ligação que parecia bastante importante. Não pude evitar observá-lo por alguns segundos, admitindo que ele continuava extremamente irresistível naquela roupa engomadinha e com os cabelos negros um pouco revoltos. Não era de se admirar que me apaixonara por ele no passado. Provavelmente, nenhuma mulher em sã consciência conseguiria evitar que

PERIGOSAS NACIONAIS

aquilo acontecesse.

— Isa, que bom que chegou! Tô morrendo de fome — Carol disse ao se aproximar com um sorriso largo.

Bom, talvez existisse uma. Ela sempre soube lidar com Victor e suas expectativas, nunca esperou nada além do que sabia que receberia. Carol era esperta, e eu a invejava por isso.

— E aí — saudei. — Só precisamos esperar o senhor importante ali e vamos — avisei, apontando com o queixo para onde Victor estava, ainda no telefone.

— O Victor continua um pedaço de mau caminho, não acha? — Carol comentou, e, sem que eu percebesse, minha cabeça assentiu. — As estagiárias novas ficam doidas com ele, mas acho que isso não é novidade.

— É, acho que não...

— Não sabia que vocês andavam tendo contato, Isa. Quando você se mudou, o Victor comentou comigo que não conseguia falar com você de jeito nenhum, que você tinha sumido do mapa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, eu acabei desaparecendo mesmo. Tava muito atolada com os estudos, sabe como é...

Dei de ombros, torcendo para que ela não continuasse perguntando sobre o assunto.

— Claro, super te entendo. Mas não esperava que fosse ver você surgir atrás dele aqui no escritório de novo — comentou, deixando transparecer certa ironia em seu tom, o que me fez olhá-la com curiosidade. — Estão saindo ou algo assim?

— Não, nada disso! — expliquei. — Só estamos colocando o papo em dia, como dois amigos normais. E ele tá me ajudando com a parada do emprego também, só isso.

Aquilo definitivamente não era verdade, mas eu também não poderia dizer que era cem por cento mentira. Também foi a melhor desculpa que consegui dar para Carol antes que ela tirasse quaisquer conclusões precipitadas. Ela parecia querer falar algo mais, porém a porta da sala de Victor se abriu e ele saiu dali com um sorriso no rosto.

— Vamos? — sugeri, e eu meneei a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol fez o mesmo antes de agarrar o braço dele e dizer, animada:

— Vai ser como nos velhos tempos! Só faltou a Ana, ela vai morrer de inveja quando souber. Claro que ela tá curtindo as férias, mas...

Parei de escutar o que ela dizia ao ver seus braços segurando o de Victor como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se tivessem uma intimidade inigualável. E o pior é que eles tinham.

Também, depois de tudo o que já fizeram... como não seriam pelo menos... íntimos? Balancei a cabeça, espantando os pensamentos. Aquilo não era da minha conta.

— Melhor irmos logo, senão o restaurante vai ficar cheio — Victor avisou, se desvencilhando do aperto de Carol e abrindo a porta do escritório para que passássemos.

Ela, por sua vez, pareceu não se importar e logo se agarrou ao meu braço, me guiando daquela forma por todo o caminho até o restaurante enquanto contava sobre o pedido de casamento que Ana recebera do noivo alguns meses atrás.

PERIGOSAS ACHERON

Atingimos a fachada italiana pouco tempo depois, sendo recepcionados por um garçom simpático que logo nos acomodou em uma mesa de quatro lugares. Victor sentou na minha frente e Carol se acomodou ao seu lado, logo conferindo o cardápio.

— A lasanha daqui é maravilhosa! — ela bradou.

— Eu me lembro, era meu prato favorito quando almoçávamos aqui — respondi, sentindo a boca salivar.

Era um pouco cômico como meu humor mudava perto de comida...

— Isso e suco de uva, você sempre pedia exatamente a mesma coisa. E ainda tomava sorvete de morango naquela barraquinha da esquina depois — Victor comentou, e eu assenti, impressionada por ele se lembrar daquilo.

— Isso que eu chamo de memória boa — Carol brincou.

— Certas coisas a gente nunca esquece — ele disse, o canto da boca se repuxando.

O garçom surgiu mais uma vez, anotando nossos

pedidos. Eu, claro, pedi o mesmo de sempre, estava bem animada em comer aquele prato mais uma vez. O sorvete, se a barraquinha de seu Zé ainda existisse, com certeza seria a sobremesa perfeita para aquela tarde quente.

— Mas e aí, Isa — Carol chamou —, me conta tudo! Como foram esses últimos anos na ensolarada Califórnia?

Apesar de meus pensamentos estarem focados no que mais Victor não havia esquecido, me forcei a dar atenção à pergunta de Carol. Acabei falando sobre as mesmas coisas que contei para Victor no dia anterior, porém, ao contrário dele, ela só parecia querer saber se eu havia arranjado algum namorado ou conhecido algum carinha especial por lá. Ela também me pareceu bastante decepcionada quando eu confirmei pela terceira vez que não.

— Mas e essa aliança aí? Não significa nada? — ela questionou, meio impaciente.

— Aliança...?

Olhei para minha mão, percebendo que tinha me esquecido completamente daquele anel. Pelo visto,

PERIGOSAS NACIONAIS

continuava em meu dedo como se fizesse parte de mim desde a noite em Vegas. Na mesma hora, fitei as mãos de Victor em cima da mesa, o anel dele não estava mais presente. O desgraçado, claro, se lembrou de tirar. E eu não!

— Aaaaah, isso aqui? Não é nada! — declarei, nervosa. — Minha prima me deu de presente, mas só coube neste dedo, então deixei aí. Não significa nada, absolutamente nada!

Victor segurou uma risada, e eu controlei o impulso de dar um peteleco no nariz dele.

— Poxa, que pena! — Carol disse, fazendo um biquinho. — Se quiser, tenho vários amigos solteiros pra te apresentar, viu?

— A comida tá demorando, né? — Victor comentou, parecendo impaciente.

— Ah, já tá chegando. Aqueles são os nossos pedidos, eu acho — avisei, vendo o garçom se aproximar para colocar os pratos na mesa.

O almoço continuou sem muitos problemas. Para o meu alívio, Carol não fez mais nenhum comentário sugestivo sobre me juntar com alguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Victor perguntou se tudo deu certo com as entregas de currículo e ambos me contaram algumas novidades envolvendo as pessoas do escritório, o que fez a hora passar voando. Quando vimos, já estava na hora de irmos embora.

Logo após pedirmos a conta, percebi que meu celular vibrava e logo vi o nome de Camila na tela. Pedi licença a eles e fui até um canto atender a chamada com maior privacidade.

— Consegui um tempinho aqui no salão e aproveitei pra checar se você ainda tava viva — minha prima explicou.

— Essa é a sua desculpa pra não admitir que tá morrendo de saudades? — provoquei e a ouvi soltar o ar do outro lado da linha.

— A casa não é a mesma sem você — admitiu, carente.

— Também sinto sua falta, prima.

— E como tá tudo? Algum sinal do seu pai?

— Que nada! Depois da conversa com a Verônica que te contei, não consegui mais ligar pra ele. O celular só dá fora de área.

PERIGOSAS ACHERON

Revirei os olhos, ainda estava transtornada com aquela história.

— Então você ainda tá na casa do Victor?

— É... pois é.

Mordi o canto da boca. Ainda achava esquisito estar dormindo sob o mesmo teto que ele. Esquisito e perigoso. Muito perigoso! Mas que outra opção eu tinha, ora?

— Tô preocupada com você, Isa — Camila assumiu. — Ele não tentou nada, né?

— Não, ele tem sido bem respeitoso com o meu espaço, mas...

— Mas é difícil demais pra você ficar tão perto dele assim — ela completou, como se lesse meus pensamentos.

— É, sim... — admiti após um longo suspiro. — Me sinto sozinha, sabe? A única amiga de verdade que eu tinha por aqui tá de férias, eu nem sei quando volta. Fico sem ter com quem conversar além do Victor, e ainda tô tendo que lidar com a Carol, acredita?

— Carol? *Aquela* Carol?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, *essa* Carol — resmunguei. — Não é que ela seja má pessoa nem nada assim, mas não consigo...

— Ver ela como uma amiga, apenas como a garota com quem Victor transava enquanto estava com você.

— Exatamente!

Inspirei fundo e me virei para ver se o garçom já havia levado a conta para a nossa mesa. Nesse mesmo instante, vi quando Carol se aproximou e sussurrou algo no ouvido de Victor. Ele, em resposta, sorriu abertamente e assentiu com a cabeça.

Meu estômago de repente se revirou, pensei que poderia colocar tudo para fora. Era claro e evidente que *aquilo* entre eles não mudara, eles com certeza ainda mantinham o sexo casual de sempre. Por algum motivo que eu não queria aceitar, meu peito doeu de uma forma que me fez cogitar a possibilidade de um ataque cardíaco. Mas aquela dor era tão familiar que eu já sabia que não tinha nada a ver com nenhum problema de saúde.

PERIGOSAS ACHERON

— Isa? Tá aí?

— O-oi, sim! Foi mal, Ca, mas preciso desligar.

— Por que sua voz tá estranha? — Ela quis saber, preocupada.

— Ah, deve ter sido só impressão sua — falei, torcendo para que ela acreditasse.

— Sei... Bom, a gente se fala depois, tá bem?

— Claro, com certeza.

Eu me despedi da minha prima e desliguei a chamada, vendo o garçom entregando a conta e Victor passando tudo em seu cartão. Cheguei a tempo de vê-lo se levantar, Carol fez o mesmo em seguida.

— O Victor é sempre muito generoso — ela comentou um pouco maravilhada demais para o meu gosto.

— Você pagou tudo? Espera aí, deixa eu te dar a minha parte — pedi, abrindo a bolsa e pegando a carteira.

— De jeito nenhum. — Sua voz saiu séria, e meu pulso foi segurado por sua mão grande na mesma hora. O contato quente de sua pele na minha fez
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu sangue queimar nas veias e por um segundo pensei ter sentido seu polegar acariciando a minha palma. — Foi um convite, não quero que pague nada.

— Mas...

— Não seja boba, Isa — Carol me interrompeu, fazendo Victor instantaneamente soltar meu pulso. Senti um pouco de frio no pedaço de pele livre. — Devemos sempre aproveitar quando um cavalheiro paga a conta. Mas é melhor irmos, nosso tempo de almoço já terminou.

— Ah, claro.

Mais uma vez, ela se enroscou no meu braço, me guiando de volta ao escritório. Não tive nem mesmo a chance de agradecer pelo almoço, pois ela já começava a tagarelar sobre milhares de assuntos. Cheguei até a esquecer o tal sorvete, o que, na verdade, não fora de todo mal, já que meu estômago ainda parecia um mar em plena ressaca com a constatação de que eles dois ainda ficavam. Eu não estava imaginando coisas, estava? Parecia tão... óbvio.

PERIGOSAS ACHERON

Chegamos ao escritório em pouco tempo de caminhada. Assim que entramos pela porta de madeira, uma estagiária chamou Carol, que se despediu com um abraço e um sorriso antes de sumir pelo corredor.

— Presente da sua prima, hum?! — Victor sussurrou próximo demais de meu ouvido. — Se a rápida memória que tenho desse momento não estiver errada, acredito que eu tenha comprado pra você na mesma capela em que você prometeu ser minha mulher pelo resto dos seus dias.

Praguejei, odiando o fato de que minhas pernas pareciam feitas de gelatina conforme sua voz preenchia cada cantinho do meu cérebro. Tão suave e sedutoramente irritante...

— Não acredito que me esqueci de tirar esta porcaria! — ralhei comigo mesma, tentando na mesma hora retirar aquele aro dourado do meu anelar, sem muito sucesso. — Não, essa coisa não pode estar presa, pelo amor de Deus!

Puxei com um pouco mais de força, sentindo que poderia arrancar meu dedo junto a qualquer momento, enquanto o anel não parecia nem um

PERIGOSAS ACHERON

pouco inclinado a sair de onde estava.

Inferno!, pensei. Torci para que no banho ele finalmente saísse, caso contrário eu poderia usar manteiga ou óleo. Nem que eu precisasse usar graxa, alguma coisa teria de servir!

— Desistiu? — Victor perguntou, se divertindo às minhas custas.

— Não enche! — resmunguei com as bochechas inflando por si só. Victor gargalhou na mesma hora, as ruguinhas em seus olhos mostrando quão sincera e espontânea era aquela risada, o que fez meu sangue ferver em um misto de vergonha e raiva. — Para de rir, cacete! Não é engraçado, tá legal? Esta porcaria tá presa mesmo! — Tentei, sem sucesso, puxar o anel mais uma vez. Uma careta terrível de derrota tomou conta do meu rosto, vi a feição de Victor se acalmar aos poucos, ainda que os cantos de sua boca tremessem com a vontade de continuar rindo da minha cara. — Acabou? — perguntei, impaciente, e ele assentiu, mordendo a boca para se controlar. Revirei os olhos em resposta. — Você devia é me ajudar a tirar essa coisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você não tá conseguindo sozinha, talvez não seja pra ele sair mesmo — comentou, dando de ombros.

— Hã? Como assim?

— Talvez ele esteja exatamente onde deveria estar — falou, vidrando aquelas duas piscinas em mim, parecendo mais austero do que nunca.

Meus músculos tencionaram, percebi que um vinco se formou em minha testa. Não entendia aonde Victor queria chegar com aquelas brincadeiras e provocações sem sentido, mas não tive tempo de dizer coisa alguma, pois uma voz conhecida chamou meu nome bem atrás de mim:

— Isabella! É você mesmo, menina?

— Seu Alberto!

Virei o corpo para ver o homem alto de cabelos grisalhos e olhos azuis — em um tom um pouco mais escuro que os de Victor — se aproximando.

— Me falaram que esteve aqui mais cedo, que bom que voltou agora de tarde. Eu ficaria chateado se não a visse. Como você está, querida? — indagou, segurando uma de minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, e com o senhor?

— Nada a reclamar — disse, sorrindo. — Preparando tudo para deixar o escritório nas mãos do Victor. Espero que ele não faça nenhuma besteira depois que eu me aposentar — sussurrou a última parte de maneira cúmplice, mas não baixo o suficiente para que o filho não o ouvisse.

Victor resmungou alguma coisa inaudível de cara fechada, e eu segurei o riso.

— Tô sabendo da novidade. O senhor e sua esposa devem estar bem animados, não?

— Ah, sim! Se eu não parar de trabalhar, acho que a Clara aparece aqui com um martelo e destrói cada uma dessas paredes — admitiu, divertido, mas também parecendo preocupado com a ideia.

— A mamãe é um amor de pessoa, mas ela tem os seus momentos — Victor completou.

— E eu que não quero sofrer a ira daquela mulher! Aliás, ela vai adorar saber que você voltou, ficou bem triste quando soube da sua mudança. Vamos combinar algo qualquer dia desses, sim?

— Claro, seu Alberto! Será um prazer.

PERIGOSAS ACHERON

Os pais de Victor sempre foram muito gentis comigo, eu com certeza guardava um enorme carinho pelos dois. Era gratificante saber que era recíproco.

— Ótimo! Então vou falar com a Clara para escolhermos o melhor dia. Infelizmente preciso ir agora, tenho algumas coisas para resolver. Espero que possa nos visitar mais vezes.

— Se tudo der certo, pai — Victor interveio —, você vai vê-la com bastante frequência. — Alberto fitou o filho com curiosidade. — Isabella distribuiu alguns currículos hoje aqui no prédio — explicou.

— Que maravilha! Claro que eu adoraria se você voltasse para a A.L. Advogados, mas com certeza desejo que encontre um lugar que te faça feliz, estou certo de que vai conseguir algo logo.

— Obrigada, seu Alberto! O senhor é sempre muito gentil. — Sorri, agradecida e sentindo as bochechas corarem. — Mas não quero te atrasar, ainda vamos ter tempo pra conversar melhor.

— Claro que teremos! Foi ótimo te ver, menina. Se cuida! — disse antes de beijar minha mão e

soltá-la depois de todo aquele tempo.

Ele, então, se virou e partiu, me dando a brecha para fazer o mesmo.

— Bom, melhor eu ir também. Tenho outras coisas pra resolver — avisei.

— Tudo bem — Victor respondeu. — Na verdade, eu tenho muito trabalho pela frente. Devo chegar tarde. Não precisa me esperar pra jantar nem nada do tipo.

Chegar tarde, ele disse. E tudo o que passou em minha cabeça foi a cena de Carol sussurrando em seu ouvido e ele meneando com a cabeça. Com certeza, ele não iria chegar tarde em casa por causa do trabalho. Ah, não, eu sabia que não. Eles provavelmente passariam a noite juntos, se embolando na cama dela.

— Tá... — murmurei, engolindo o bolo em minha garganta. Eu preferia não ter imaginado a cena. — Valeu pelo almoço! Bom trabalho.

Tentei soar ao menos um pouco simpática, ainda que eu só quisesse fazer uma careta bem feia. Girei em meus calcanhares, sem dar chance de ele falar

mais qualquer coisa, e fui embora de uma vez.

Tentei ignorar o quanto me sentia... decepcionada. Ainda que eu soubesse que não podia me sentir assim — nunca! —, pois eu jamais deveria esperar qualquer coisa diferente daquilo de Victor, aquela vida de galinhagem que ele tinha tanto orgulho em levar.

Eu acreditava que, quando esperávamos o pior de outra pessoa, ela ficava incapacitada de nos desapontar. Pelo jeito eu estava enganada.

É... definitivamente enganada.



Capítulo 12

Passei a tarde toda grudada em meu *laptop*, procurando outras empresas para enviar meu currículo. Quando os olhos começaram a pesar, olhei para a janela e percebi que já estava de noite. Aproveitei a pausa e tentei ligar para Camila, como havia prometido, mas a chamada caiu na caixa postal. Não liguei muito, sabendo que minha prima volta e meia esquecia de carregar o celular, não conseguir falar com ela não era algo tão incomum assim. John, tadinho, ficava desesperado às vezes.

Desistindo de falar com minha prima, fui para a cozinha preparar algo para comer. Estar naquele apartamento era estranho demais, e tudo ficava

PERIGOSAS ACHERON

ainda mais esquisito quando eu ficava completamente sozinha ali.

Fui dormir no início da madrugada, Victor ainda não havia chegado. Falar que aquilo não me incomodou seria uma grande e gorda mentira, mas me obriguei a ignorar aquele gosto amargo no fundo da língua. Eu não tinha o menor direito de me chatear com o que quer que ele fizesse. Diferente da última vez, não tínhamos absolutamente nada — tirando, claro, uma certidão de casamento com nossas assinaturas. Não que isso importasse alguma coisa, certo?

Também estaria escondendo a verdade se não admitisse que me peguei pensando sobre os motivos que levaram Victor a pedir aquela semana. Na minha cabeça, não fazia o menor sentido um pedido daqueles. Por que ele apenas não me dava o divórcio e seguíamos cada um o seu caminho? Para que me manter por perto? Por que aquilo era remotamente importante para ele? Pois era, isso estava claro como água para mim. Mas... por que, caramba?

Revirei em minhas lembranças tudo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conversamos nos últimos dois dias, tentando encontrar qualquer dica de seus motivos. Certas coisas que ele me dissera me deixaram encucada, quase como se todo o seu mistério recomendasse que eu tivesse alguma esperança. Seus olhos suplicavam por um voto de confiança e uma... nova chance, ainda que eu não soubesse exatamente para quê. Talvez ele sentisse um vazio, a falta de uma amiga de verdade, e por isso me queria por perto. Ele provavelmente sentia saudades do que eu representava pra ele antes de complicarmos as coisas e pararmos na mesma cama para, por fim, Victor invadir meu coração como se ele o pertencesse desde sempre.

Ele sempre fora muito honesto quanto a isso. Aliás, ele sempre fora honesto com tudo, e essa era uma das coisas que eu mais gostava nele. Dizia com todas as letras o quanto eu era importante em sua vida, uma amiga de verdade, na qual ele confiava de olhos fechados e a única pessoa que o fazia se sentir confortável para se abrir. Eu não podia negar ou ignorar o laço de amizade que criamos. Era forte, real.

PERIGOSAS ACHERON

Então, para mim, só podia ser isso. Esse *tinha* de ser o motivo de ele fazer aquela proposta maluca. *Apenas isso*, tentei me convencer, não deixando que minhocas tomassem conta de meus pensamentos, fazendo-os viajar para outras possibilidades improváveis.

Ele queria a *amiga* de volta e eu não poderia culpá-lo por isso. Podia?

Não havia saudades da mulher, dos beijos e dos carinhos da madrugada. Com certeza não, pois, se fosse o caso, ele não estaria esquentando a cama da Carol naquela noite. Esperar que Victor nutrisse qualquer sentimento por mim seria ingenuidade demais da minha parte. E ingênua eu nunca fui.

Ao que tudo indicava, ele continuava sendo o mesmo libertino galanteador de sempre. Apesar de eu perceber claras diferenças em suas atitudes, eu não era tola o bastante para acreditar que ele não estava com a Carol. Obviamente, eu não queria pensar sobre aquele assunto, mas foi impossível não visualizar certas cenas desagradáveis no fundo do meu cérebro. A imaginação, muitas vezes, é uma grande merda. Isso, sim!

Praguejei ao me revirar nos lençóis, tentando inutilmente ignorar a sensação desconfortável no fundo do peito. Eu me peguei questionando se também sentia falta dele. Como um amigo, claro. E, para a minha surpresa, não demorou mais do que cinco segundos para concluir que sim. Victor fora uma pessoa de extrema importância em minha vida, um alguém por quem criei um enorme carinho e, bom... algo mais. Mas essa não era a questão. Antes daquela noite fatídica, eu o considerava meu melhor amigo, pois foi exatamente o que ele se tornara. Nós dois nos divertíamos como ninguém, era tudo espontâneo e natural. Não havia sequer um dia em que Victor não me fizesse sorrir, fosse como fosse. Eu era feliz e estava satisfeita.

Por que diabos, então, eu quis mais? Não era o suficiente? *Bom...* não, não era, constatei, derrotada.

A vontade que foi crescendo dentro de mim se tornou insuportável com o tempo, e negar aquilo me deixaria maluca mais cedo ou mais tarde. Se eu reprimisse aquele desejo por mais um dia, talvez precisasse me internar em um manicômio. Era forte

demais para qualquer um aguentar.

Mesmo depois de todo aquele tempo separados, bastou apenas poucos dias para que eu percebesse que também sentia falta dele. Do meu amigo. Porém, ao contrário de Victor, uma parte de mim, uma pequena parte escondida lá dentro da minha alma, também sentia falta do homem, do corpo e dos beijos. A grande questão era: eu conseguiria separar as coisas dessa vez?

Infelizmente, acabei dormindo sem encontrar minha resposta.



Acordei um pouco desnorteada, ouvindo um barulho de passos no corredor e uma porta se fechando em seguida. Ao que tudo indicava, parecia que Victor acabara de entrar no banheiro. Meus olhos se reviraram por conta própria ao imaginar a que horas ele deveria ter chegado na noite anterior. Provavelmente tarde da madrugada, mas claro que aquilo não era da minha conta, de jeito nenhum.

Alonguei-me na cama, enfiando a cara no

travesseiro e desejando dormir mais um pouco. No entanto, minha mente já estava desperta e... curiosa demais para o meu gosto.

Bufei, chutando as cobertas, e peguei o celular no criado-mudo ao meu lado. Já eram quase nove horas da manhã. Escrevi para Camila, mas a mensagem nem chegou até ela. Talvez ainda não tivesse percebido que estava sem bateria, aquela cabeça-oca. Tentei falar com Fábio em seguida, mas parecia que ele também estava incomunicável, o que me deixou inquieta. Mas, antes que eu pudesse fazer uma segunda tentativa, ouvi a porta do banheiro se abrir e logo a do quarto próximo ao meu se fechar. Levantei da cama em um pulo, pegando uma muda de roupa e indo até o banheiro tomar um bom banho para lavar meu cabelo, que estava uma bagunça.

Saí do chuveiro, troquei de roupa e abri a porta, sendo alcançada imediatamente pelo cheiro de panquecas. Pelo visto, Victor estava preparando o café da manhã, aquele aroma doce fez meu estômago roncar. Nenhuma novidade até aí.

Deixei as coisas no quarto e caminhei para a

PERIGOSAS ACHERON

cozinha, avistando suas costas. Ele parecia bastante concentrado no fogão.

— Bom dia — ele desejou, me olhando sobre o ombro e logo retornando sua atenção à frigideira.

— Bom dia — saudei em resposta, e uma lâmpada surgiu em cima da minha cabeça. — Espera, você não devia estar no trabalho a essa hora?

Um vinco confuso se formou em minha testa. Se eu não estivesse enganada, ainda era quinta-feira.

— Tirei o dia de folga hoje — explicou. — E aí, dormiu bem?

— Sim, você que pelo visto não.

Mordi a língua assim que a última palavra escorregou da minha boca, praguejando internamente por não ter conseguido evitar que elas saíssem. Torci para que ao menos ele não percebesse a ironia em minha voz, e ele pareceu mesmo não perceber, pois apenas riu baixinho.

— Minha cara tá péssima assim? — brincou, se virando para me fitar.

— É... tá, sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergui um ombro, fingindo desinteresse.

— Bom, foi uma longa noite.

Victor suspirou fundo, cansado.

— E foi boa pelo menos? — questionei, escondendo a amargura da pergunta.

— Foi... hummm... proveitosa — disse, fazendo um calafrio passar por minha coluna. Claro que seria proveitosa, não é mesmo? — Mas foi muito cansativa também. Cheguei de madrugada, então não dormi tanto quanto gostaria, mas com certeza valeu a pena.

Segurei minha vontade de bufar assim que ele se virou e passou por mim com o prato cheio de panquecas. Sorrii quando nossos olhos se encontraram, um leve repuxar de lábios que o dava aquela aparência charmosa de sempre. Tentei reparar se havia qualquer mínimo de malícia naquele gesto, mas, se havia, eu não consegui captar.

— Imagino... — respondi, sem ter mais nada a falar. Eu realmente não deveria aprofundar aquele papo, afinal não queria saber nenhum detalhe

PERIGOSAS ACHERON

sórdido. — O cheiro tá bem bom — comentei, me sentando à sua frente na mesa.

— Que bom, espero que esteja com fome. Acho que exagerei na quantidade — observou, entortando a boca ao fitar o prato com um bom montante de panquecas.

— Provavelmente sim, mas pra sua sorte eu tô morta de fome.

Comecei a me servir, salivando ao sentir o calor e aroma da comida baterem em meu rosto.

— Ótimo, quer dizer que não vai sobrar nada — ele disse, provocativo, seus cotovelos apoiados na mesa e o queixo quadrado descansando sobre as mãos entrelaçadas.

Suas íris me encaravam de maneira cínica, um brilho de diversão pairando ali. Meu pulso ameaçou acelerar, então apenas mostrei a língua pra ele e desviei minha atenção para a comida.

— É melhor você separar algumas pra você logo, senão pode ser que fique sem café da manhã.

Com os olhos arregalados e percebendo que aquela era, sim, uma possibilidade, Victor pegou

logo três panquecas e as colocou em seu prato, enchendo-as de mel e comendo com devoção. Eu, claro, não estava muito diferente. Aquilo era bom demais para se comer com calma.

— E por que tirou o dia de folga? — questionei antes de beber um gole de suco.

— Hoje a nossa saída vai levar o dia inteiro — avisou, e eu arqueei uma sobrancelha. — Não adianta me olhar assim — ele disse, achando graça. — Não vou te contar pra onde vamos, é surpresa.

— Você sabe que eu não gosto de surpresas — resmunguei, voltando a devorar as panquecas.

— Dessa eu suponho que vá gostar. — Repuxou o canto da boca, uma ruguinha aparecendo em seu olho esquerdo. — Vamos almoçar um pouco mais tarde hoje, por isso fiz um café da manhã reforçado.

— Esse mistério todo tá me deixando ansiosa — admiti.

Victor alargou o sorriso, dessa vez mostrando todos os dentes brancos e alinhados.

— Ótimo — respondeu, por fim, voltando sua atenção ao seu prato e deixando claro que não

falaria mais nada.

Emiti um estalo com a língua em resposta. Eu realmente não sabia lidar com surpresas, mas não tinha muita escolha, tinha?

Terminamos de comer dez minutos depois. Victor sugeriu que nos vestíssemos para sair, pedindo que eu usasse uma roupa confortável. Frustrada por não conseguir tirar nem mesmo uma dica dele, acabei indo até meu quarto para me preparar. Mas é simplesmente muito difícil se preparar para algo que você não sabe o que é, e um pouco irritante também, preciso confessar.

Coloquei uma calça listrada de tecido leve e uma camiseta preta justa, achando que era uma ótima combinação para qualquer destino, e saí do quarto, vendo que Victor já me aguardava no sofá. Ele usava uma calça jeans escura e uma blusa azul, que muito combinava com seus olhos. As duas piscinas me analisaram dos pés à cabeça, me deixando desconfortável com a forma com que ele sorria em aprovação. Era um sorriso astucioso demais para eu fingir que não vi. Mordi o interior de uma bochecha e desviei o olhar, encarando uma parede qualquer

da sala de estar.

— Você tá doida pra saber aonde vamos, não tá?
— comentou, entendendo errado meu nervosismo, o que eu, claro, achei ótimo.

— Não entendo por que todo esse mistério.

— Talvez eu devesse vender você... — comentou, pensativo.

— Se você pensar em colocar uma venda em mim, eu juro que não vai sobreviver para ver o dia de amanhã — ameacei com os olhos semicerrados, fazendo-o rir e se levantar com as mãos para o alto.

— Tudo bem, tudo bem. Sem vendas — falou em rendição. — Vamos?

Assenti, ainda o fitando de maneira desconfiada, e o segui pelo apartamento afora a caminho da garagem do prédio. O caminho foi longo, mas tranquilo, o que me fez lembrar mais uma vez de Camila e Fábio. Olhei a tela do celular, não havia nenhuma resposta deles. Será que estava tudo bem?

— Aconteceu alguma coisa? — Victor perguntou, e eu neguei com a cabeça.

— Não é nada. — Eu devia apenas estar me
PERIGOSAS ACHERON

preocupando à toa, para variar. — Estamos chegando?

— Na verdade, já chegamos — avisou, me observando de soslaio enquanto eu avistava o grande complexo à minha frente, onde montanhas-russas e uma grande roda-gigante tomavam o horizonte.

— Mentira! — falei, arregalando os olhos de imediato.

— Sei que não deve se comparar à *Disney* nem nada do tipo, mas abriu recentemente e você sempre dizia que gostava de parques.

Ele deu de ombros.

— Eu adoro! — confessei, animada. — Minha tia sempre levava eu e a Camila em um que tinha perto de onde ela mora. No meu primeiro mês em São Francisco, nós pegamos um sábado e fomos para o Six Flags passar o dia. Foi incrível!

— Com certeza foi um dia e tanto — falou, seu tom carregado de gentileza. — Eu nunca fui em uma montanha-russa, achei que tava na hora de ver qual é — Victor explicou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai se amarrar! A sensação do frio na barriga, o vento batendo no rosto, a adrenalina...

— Só espero não passar mal. Definitivamente não quero vomitar.

— Bom, então você não deveria ter comido tantas panquecas... — observei, e ele me fitou, assustado. — Relaxa, só tô brincando! Você não vai colocar as tripas pra fora. Pelo menos eu espero, né...

Ele comprimiu os lábios em uma linha fina, nervoso pela minha provocação. Uma nova risada encheu minha boca na mesma hora, e Victor resmungou algumas palavras desconexas, percebendo que eu ria *dele*.

O clima era leve e descontraído, o que me fez ficar estranhamente confortável demais em sua presença. Era como se o tempo voltasse e fôssemos a mesma Isabella e o mesmo Victor de anos atrás, os bons amigos, procurando diversão lado a lado. Aquilo me trouxe uma nostalgia sem igual e eu percebi que sentira saudades dele mais do que poderia imaginar, mais do que era capaz de admitir em voz alta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que o carro foi estacionado, eu saí do veículo e me permiti observar a entrada do parque e aquele horizonte cheio de grandes e coloridas atrações. Com certeza seria um dia e tanto, eu estava mesmo animada.

Victor, ainda que um pouco tenso, sugeriu irmos logo para aproveitarmos o máximo do dia. Eu, claro, não objetei em momento algum. Para começar, fomos a alguns simuladores. Como era a primeira vez dele em um parque de diversões, não quis assustá-lo o levando para os brinquedos mais radicais, mas foi impossível não entrar na fila da maior montanha-russa do parque no instante em que passamos em frente a ela. Era enorme, robusta e tinha tantos *lupes* que eu mal conseguia contar. Era perfeita, sem mais.

Por ser um dia de semana e por o parque ser novo, não esperamos mais do que dez minutos até a nossa vez, o que eu achei maravilhoso, sem dúvida alguma. Insisti para irmos na primeira fileira e pude ver quando ele encheu os pulmões, inspirando todo o ar ao nosso redor. Ri baixinho, achando graça em como ele parecia aflito, mas não fiz nenhum tipo de

PERIGOSAS ACHERON

provocação, não queria que ele desistisse. Victor precisava conhecer aquela sensação maravilhosa de adrenalina e expectativa. Desejava, sinceramente, poder compartilhar aquela experiência incrível com ele.

Quando a portinha de aço se abriu e o homem de vestes pretas pediu para que nos acomodássemos no assento de dois lugares, eu quase corri para o banco vermelho, aguardando ansiosamente que a barra de segurança se fechasse ao nosso redor. Victor, por outro lado, parecia um pouco pálido, então eu perguntei:

— Ei, você tá bem?

Quando suas íris se voltaram para mim, reconheci o medo em seu olhar. Mas, ao contrário do que ele estava realmente sentindo, me deu um sorriso mínimo e respondeu:

— Claro.

Segurei o riso e me virei para frente, a contagem regressiva começara. E, no segundo seguinte, o carrinho voou pelos trilhos com a rapidez de um raio e com o som de um trovão. Porém, eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

consegui me focar na sensação conhecida de andar em uma montanha-russa, pois a mão de Victor segurava a minha de maneira tão forte que tudo o que eu era capaz de sentir era o calor de sua pele na minha.

Virei-me para ele, vendo-o gritar, uma mistura de desespero e diversão. Em seguida, ele sorriu de um jeito tão lindo que perdi o fôlego. Seus olhos encontraram os meus e seu sorriso aumentou ainda mais, os fios negros voando de forma descontrolada e seus dedos se entrelaçando aos meus com uma enorme naturalidade. Eu, sem conseguir evitar, sorri também, apertando forte sua palma e me deixando levar por aquele momento.

Gritei quando atingimos o primeiro *lupe*, não conseguindo evitar uma gargalhada logo depois. Uma explosão de sentimentos se apossou de mim, pensei que aquele era um dos momentos mais felizes da minha vida. Tudo parecia certo.

Naquela velocidade, não demorou mais do que dez segundos para que chegássemos novamente ao ponto de partida, ambos descabelados, ofegantes e aos risos.

PERIGOSAS ACHERON

— Puta que pariu, isso foi incrível! — Victor falou, soltando o ar pela boca com força. — Temos que ir de novo!

— Te falei que você ia gostar! E graças aos céus não vomitou em mim, eu estava mesmo preocupada... — fingi seriedade, mas Victor apenas riu, ainda extasiado pela experiência.

E só então, com a respiração se regulando e os batimentos cardíacos voltando ao normal, reparei que nossas mãos continuavam agarradas. Um pouco sem graça, desvencilhei nossos dedos e olhei para o outro lado, fingindo aguardar o homem que nos livraria daqueles assentos, mas, na verdade, apenas querendo fugir das duas piscinas azuis que com certeza me encaravam. Assim que ficamos livres, nos levantamos e seguimos o fluxo de pessoas até a saída.

Victor, que pelo visto se tornara um viciado em montanhas-russas como eu, insistiu para que fôssemos nas outras duas que tinham ali perto antes de almoçarmos. Aceitei de bom grado sua sugestão e me obriguei a ficar com as mãos para o alto. Apesar de gostar da sensação de ter seus dedos

PERIGOSAS NACIONAIS

misturados aos meus, também sabia muito bem o quão perigoso qualquer toque poderia ser. E se eu realmente estivesse cogitando a ideia de voltarmos a sermos os amigos de antes, dessa vez eu precisaria me precaver para que não fôssemos nada, absolutamente nada além disso. Eu só não sabia que isso seria uma missão impossível.

Depois de irmos às outras atrações, chegamos à conclusão de que estava na hora de comermos algo. Caso contrário, poderíamos desmaiar ali mesmo, em pleno chão do parque.

Victor falou sobre um lugar especial ao qual deveríamos ir, e percebi que havia algo maléfico em seu olhar quando fez a sugestão. Franzi a testa, desconfiada, mas deixei que ele me guiasse até seu destino final. Entendi tudo assim que entramos em um restaurante todo colorido repleto de pistas de boliche. Ele adorava jogar e era muito competitivo no esporte. Algo que ele aprendera com o pai durante a adolescência e acabou gostando mais do que esperava. Eu, por outro lado, era uma completa negação e perdera para ele em diversas vezes no passado. Victor só não sabia que nos últimos dois

PERIGOSAS ACHERON

anos e meio eu tivera John para me ensinar a jogar e que ele era quase um profissional.

— E aí, pronta pra perder uma pra mim? — questionou, cínico.

Eu não disse nada, apenas sorri, travessa. Às vezes, gestos valem mais do que palavras, e eu estava pronta para fazê-lo engolir aquela provocação barata.

Fomos até o balcão e pedimos uma pista. Uma mulher simpática nos levou até lá para nos acomodar e anotou nossos pedidos enquanto aguardávamos o jogo começar. Colocamos nossos nomes no painel, e deixei que Victor fizesse a primeira jogada. Aproveitei para me jogar no sofá vermelho e acolchoado, beliscando a porção de batata frita que a moça nos trouxera.

O barulho de todos os pinos caindo não me surpreendeu, a palavra *strike* surgiu com um alvoroço na pequena televisão acima da nossa pista. O grupo de jovens da pista ao lado olhou para Victor com entusiasmo, cochichando algo entre eles. Ele se virou, me encarando com um sorriso vencedor no rosto antes de se aproximar e sentar no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofá em frente ao que eu estava, do outro lado da mesa.

— Suponho que seja sua vez — observou, levando uma batata à boca.

— Suponho que esteja certo — respondi, me levantando sem pressa e alongando a coluna.

Dirigi-me até o ponto onde as bolas me aguardavam e testei o peso delas até achar a que acreditei ser ideal para mim. Acomodei meus dedos nos respectivos buracos e me posicionei na linha marcada, me virando brevemente para ver Victor de soslaio, que me encarava com ansiedade e divertimento. Enchi meus pulmões de ar, coloquei a franja rebelde atrás de orelha para não atrapalhar minha visão e impulsionei o braço para trás. A bola, então, foi lançada, sorri quando ela atingiu em cheio todos os pinos. Um lindo e perfeito *strike* apareceu na tela acima de mim.

Os jovens da outra pista aplaudiram, e eu fiz uma breve reverência em resposta, agradecendo com um sorriso para finalmente encarar Victor, que estava com a boca aberta e os olhos arregalados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que é melhor *você* se preparar pra perder uma pra mim hoje — avisei ao me aproximar e me sentar no sofá mais uma vez. — Aliás, é sua vez.

Ele resmungou alguma coisa inteligível ao se levantar, o que me fez sentir uma enorme satisfação. Sabia o quanto ele havia ficado surpreso e frustrado com a descoberta de que aquela batalha não seria tão fácil assim.

A próxima hora continuou desse mesmo jeito: em uma disputa séria e cheia de provocações de ambos os lados, os jogadores das outras pistas dando mais atenção a nós do que aos seus próprios jogos, ansiando saber quem ganharia no final. Por fim, apesar de ter sido bastante acirrado, eu ganhei por uma última jogada, já que, na anterior, Victor deixou dois pinos em pé. Foi engraçado vê-lo xingar a si mesmo, incrédulo com a própria falha.

— Não acredito que você ganhou, cara. Como isso é possível? — resmungou, se jogando no sofá conforme o público começava a se dispersar.

— Sendo, ué. Fazer o que se eu sou melhor que você?

PERIGOSAS ACHERON

Pisquei, divertida, e recebi dele um olhar enviesado.

— Como você ficou boa assim? Droga, Isabella! Você era péssima!

Ri, não conseguindo evitar achar graça de como ele parecia um garotinho emburrado.

— Você não disse ontem que muitas coisas continuam as mesmas, mas que outras mudaram? — Ele me olhou com expectativa. — Bom, isso vale pra mim também, não acha? — As duas piscinas incrivelmente azuis continuaram me fitando, um brilho cheio de curiosidade nadando naquela água cristalina, o que me fez pensar que um afogamento seria uma boa ideia. *Droga! Foco, garota!* Balancei a cabeça, mandando embora aqueles pensamentos e continuei: — Mas, respondendo a sua pergunta, o John, marido da minha prima, me ensinou. Tinha um boliche perto da casa deles, íamos lá direto. Acabei pegando o jeito da coisa com o tempo. — Dei de ombros. — Mas não fica assim, da próxima vez posso pegar mais leve com você. — Victor fez um bico extremamente fofo e virou o rosto, consternado, o

PERIGOSAS NACIONAIS

que apenas fez com que eu gargalhasse de vez. — Ah, vamos, não seja um mau perdedor — aticei, vendo-o revirar os olhos.

— Ainda bem que não apostei nada com você — resmungou, pegando o cardápio. — Tô com muita fome, vamos comer alguma coisa melhor agora? Essas batatinhas não deram nem pra entrada.

Sua feição relaxou assim que assenti com a cabeça e logo todo aquele clima competitivo se esvaiu como poeira no ar, dando abertura para que continuássemos conversando sobre o que mais eu aprendi em São Francisco. Victor me ouvia com bastante atenção, perguntando algumas coisas vez ou outra, realmente interessado em cada palavrinha que saía da minha boca.

Comemos um hambúrguer cada um sem pressa e pedimos a conta ao garçom. Assim que levantamos e começamos a caminhar para a saída do restaurante, senti o celular vibrar no bolso da calça. Peguei o aparelho, estranhando o número desconhecido, mas atendi ainda assim:

— Alô?

PERIGOSAS ACHERON

— Boa tarde, falo com a Isabella? — a voz feminina do outro lado perguntou.

— Sim, é ela. Com quem eu falo?

— Tudo bem, Isabella? Meu nome é Patrícia, falo da DW Brands, você passou aqui ontem pra deixar seu currículo. Gostaríamos de marcar uma entrevista com você amanhã. Você estaria livre às dez horas?

Ai. Meu. Bom. Deus!

Foi quase inevitável dar alguns pulinhos no lugar, segurando a vontade de gritar histericamente de felicidade. Respirei fundo e olhei para Victor, que me encarava com curiosidade.

— Claro, estou disponível, sim. Esse horário fica ótimo pra mim — avisei, tentando soar o mais profissional possível, ainda que por dentro me sentisse uma criança em pleno Natal. Quando a ligação foi finalizada, algo aconteceu com meu corpo, algo que eu não poderia prever de jeito nenhum, mas que aconteceu ainda assim. Eu estava tão feliz, empolgada e ansiosa com a entrevista eminente que, quando vi, meus braços já rodeavam

o pescoço de Victor. — Me chamaram pra uma entrevista amanhã! — contei, ainda enroscada nele, soltando uma risada alta.

Seus braços, um pouco hesitantes de início, me abraçaram forte logo em seguida. Seu rosto se encaixou na curvatura do meu pescoço, pude sentir sua respiração bater na pele sensível da região. E, então, ele sussurrou:

— Fazia muito tempo que eu não te ouvia rir assim. Acho que esse é o meu som favorito no mundo.

Sua voz tão baixa, rouca e próxima à minha orelha fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem e um grito de *perigo* veio do fundo da minha alma para me despertar. Só então percebi o quanto estávamos agarrados um ao outro, nossos corpos encaixados com perfeição naquele abraço íntimo. Íntimo demais...

Cacete, o que eu fiz? Como perdi o controle assim? Com muita vergonha e... calor — por mais que eu odiasse admitir —, me desvencilhei dele e sorri, sem graça. Victor pareceu um pouco perdido assim que me afastei, mas logo um sorriso enorme

PERIGOSAS ACHERON

estampou seu rosto, fazendo todo o meu sangue correr diretamente para as minhas bochechas.

— E o que mais a pessoa disse? — Ele quis saber, animado.

Contei melhor sobre a ligação, me forçando a esquecer o breve momento constrangedor de segundos atrás. Não era hora nem lugar para pensar em como eu me senti confortável nos braços dele. Como se eu houvesse voltado, enfim, para casa.



O resto da tarde foi mais tranquila entre os jogos de tiro, argolas e tudo mais. Em um deles, Victor ganhou um unicórnio cor-de-rosa pelo qual Manu supostamente se apaixonaria. Ele de fato havia se tornado o tio mais babão do universo.

Quando a noite chegou, voltamos ao carro e retornamos ao apartamento, completamente exaustos, mas satisfeitos.

— Valeu mesmo por hoje, gostei muito do passeio — confessei.

— Eu gostei bastante também. Você tinha razão, um parque de diversão é muito... bem, divertido!

— disse, rindo por não ter encontrado uma palavra melhor.

Acabei sorrindo em resposta e concordando com a cabeça. Então fui atingida por um bocejo involuntário e levei os braços para cima, me espreguiçando.

— Acho que já vou dormir. Quero acordar cedo pra me preparar pra a entrevista de amanhã.

— Claro, é uma boa ideia. Se quiser, pode ir comigo para o escritório e ficar por lá enquanto espera dar a hora. É no mesmo prédio.

— Seria ótimo, obrigada! — agradei. — Então, boa noite... — desejei, sentindo meu rosto esquentar sem saber ao certo o motivo.

Talvez fosse pelo fato de estarmos em um corredor estreito, próximos demais para o meu gosto.

— Boa noite, Isabella. Até amanhã — respondeu, o canto da boca se curvando de leve para cima antes de se virar e entrar no próprio quarto.

Soltei o ar pela boca de uma vez e fui para o quarto de hóspedes, me jogando na cama apenas

para ser inundada por milhares de pensamentos. De repente, me senti confusa e perdida sobre o que acontecia dentro de mim. Aquele dia fora incrível em tantos sentidos que era impossível enumerar. Mas, por outro lado, fui obrigada a aceitar de uma vez que Victor ainda mexia comigo, o que poderia ser um problema muito, muito grande.

Porém, ainda faltavam quatro dias para que aquela semana terminasse e eu pudesse enfim decidir o que faria a seguir: eu tentaria ser amiga — e somente isso — de Victor ou o tiraria da minha vida mais uma vez? Era uma pergunta traiçoeira, e eu sabia, pois nenhuma das opções me deixava à vontade. Eu queria as duas coisas e, ao mesmo tempo, não desejava nenhuma delas. Como isso era possível eu não sabia.

Mas tinha certeza de uma coisa: não deveria me precipitar em minha decisão. Eu ainda tinha tempo, mesmo que fosse pouco, então esperaria para não escolher errado e me arrepender. Quem poderia saber o que ainda poderia acontecer? Eu, com certeza, não sabia.

Esperar me parecia uma boa solução, mesmo que

os pensamentos ainda martelassem em minha mente e eu me sentisse ansiosa para que alguma resposta divina chegasse até mim.

Dei uma olhada na tela do celular, pensando que seria um ótimo momento para ouvir os conselhos de Camila, mas ela não retornara nenhuma das minhas mensagens, o que começava a me deixar preocupada de verdade.

Dormi, então, decidida a entrar em contato com John para saber o que diabos acontecera com a minha prima se ela não desse notícias até a manhã seguinte.



Era sexta-feira, consegui acordar meia hora antes do despertador tocar de tão nervosa que estava pela entrevista daquela manhã. Diferente do que eu pensava, não tive problemas para dormir nem sonhei com Victor, talvez por ter tido um dia cansativo demais no parque, o que fez meu corpo ceder pela exaustão por toda a noite. Ainda bem! Já estava com a cabeça embolada demais para continuar pensando no assunto e perder o sono.

Olhei para meu celular, torcendo para que houvesse alguma notícia de Camila, mas nada. Porém, ainda estaria de madrugada em São Francisco e era melhor eu esperar algumas horas

PERIGOSAS ACHERON

antes de perturbar John com minhas paranoias. Por isso, fui tomar um banho e me vestir, não queria perder a carona.

Já pronta em uma calça social preta e uma blusa de botões azul-clara, caminhei sem pressa até a sala de estar, vendo Victor tomar uma xícara de café parecendo muito interessado nas notícias daquele dia.

— Bom dia! — desejei.

Victor abaixou o jornal, me fitando com a sobancelha arqueada ao mesmo tempo em que bebericava o líquido fumegante.

— Alguém está de muito bom humor — observou, me oferecendo um sorriso caloroso. — Bom dia pra você também! Ansiosa?

— Sim, até demais — admiti. — Acha que essa roupa tá boa?

Dei uma voltinha para que ele pudesse conferir o *modelito*. Demorei alguns bons minutos para me decidir, mas ainda estava um pouco insegura em relação à possibilidade de não passar uma boa mensagem. Assim que voltei para sua frente, vi sua

PERIGOSAS NACIONAIS

boca se esticar em um sorriso de aprovação.

— Você tá ótima. Vai conseguir a vaga, tenho certeza.

— Espero que esteja certo. — Suspirei. — Andei pesquisando sobre a empresa e ela está expandindo bastante neste ano. Pode ser uma oportunidade muito boa de crescer com ela.

Fui logo me sentando em frente a Victor, me servindo com os pães e os bolos que estavam na mesa. Perguntei-me se ele tinha tanta variedade assim de comida antes de eu me hospedar em sua casa ou se aquilo era apenas para me agradar. Mas eu não deveria pensar naquele tipo de coisa, pois isso só traria outros pensamentos desnecessários à tona.

— Eu estou sempre certo, então acho que não precisa se preocupar.

Percebi seu tom de deboche e o encarei com olhos semicerrados. Victor deu de ombros e segurou uma risada, me fazendo soltar o ar pelo nariz de um jeito barulhento, rindo baixinho.

— Convencido — murmurei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prefiro o termo *realista*.

— Mas *convencido* se encaixa infinitamente melhor em você — retruquei, provocativa.

— Acho que discordo.

— Então aí está a prova de que você não está *sempre* certo.

— *Touché*. Acho que não tenho uma resposta digna depois dessa.

Dei risada ao ver sua careta, me sentindo um pouco nostálgica. Não era à toa que havíamos nos tornado unha e carne anos antes. Realmente nos dávamos bem, estar em sua companhia era sempre divertido e agradável.

Meus pensamentos morreram no instante seguinte, quando meu celular tocou e vi que era um número desconhecido. Torci para que não fosse a tal Patrícia cancelando a entrevista e atendi um pouco cautelosa, me surpreendendo quando reconheci de imediato a voz do outro lado da linha:

— Isa!

— Camila! Sabe quantas vezes tentei falar com você ontem? — ralhei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, eu estava... fora de área.

— É, eu sei. O Fábio também não recebeu nenhuma das minhas mensagens. Fiquei com medo de ter acontecido alguma coisa, cacete!

— Não precisa se preocupar, estamos muitíssimos bem!

Ouvi a risada abafada de Fábio do outro lado da linha.

— Mas que número é esse? O que aconteceu com seu celular?

— Esse chip é provisório, só enquanto estamos de passagem.

— *Passagem?* — questionei com o cenho franzido.

Do que diabos ela estava falando?

— É, prima, de passagem no Brasil! — disse, por fim, e eu odiei o fato de estar bebendo o suco na mesma hora, porque engasguei, fazendo Victor levantar e ir até mim para bater em minhas costas.

Olhei para ele, sorrindo em agradecimento. Arranhei a garganta e respirei fundo, tentando controlar a voz falha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim vocês estão aqui? — questionei com uma voz um pouco esganiçada demais, não acreditando que eles realmente estavam por perto.

Senti uma emoção grande encher meu peito e uma saudade que eu não percebera o quanto era grande até então. Fazia poucos dias que eu não os via, mas saber que não tínhamos previsão para nos encontrarmos novamente me esmagava. E assim, de repente, eles estavam ali, ao meu alcance.

— Achamos melhor te fazer uma surpresa! — ela explicou, e ouvi Fábio me mandar um beijo ao fundo. — Agora me passa o endereço de onde você tá pra gente se encontrar. Temos muito o que conversar, mocinha!

— Meu Deus, Ca! Ainda acho que vocês estão apenas zoando com a minha cara. Não acredito que estão mesmo aqui! E o John, veio também?

Antes que eu pudesse perceber, já estava em pé, andando de um lado para o outro sem conseguir conter o enorme sorriso em meu rosto. Victor me observava com atenção, seu olhar era de pura curiosidade. Fiz um gesto com a mão, querendo

PERIGOSAS ACHERON

dizer que já contaria o que estava acontecendo. Ele assentiu, parecendo ainda mais ansioso.

— Por que diabos a gente mentiria sobre uma coisa dessas? — ela retrucou. — John ficou em casa. Sabe como é, ele não tinha como tirar férias do trabalho agora, mas eu e o Fabinho estamos aqui, em solo brasileiro. Agora, desembucha, onde fica a casa do Victor?

— Ai, droga! — murmurei, mordendo a ponta do polegar. — A gente vai sair daqui a pouco. Eu tentei te contar ontem, mas não consegui falar com você. Eu tenho uma entrevista de emprego!

— Mentira! Sério?

— Seríssimo! Agora de manhã. Mas podemos nos encontrar assim que acabar. Almoçamos juntos, o que acham?

— Achamos ótimo, é claro!

— Show, prima! Tô muito ansiosa pra ver vocês, socorro! — Ri, cheia de empolgação, e ela me acompanhou. — Te mando uma mensagem com o endereço e nos encontramos lá, pode ser?

— Combinado, Isa! Vamos arrumar as coisas por

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui enquanto isso.

— Afinal, onde vocês estão? Em algum hotel?

— Um amigo do Fábio tem um quarto e sala aqui que ele aluga pra temporada. Como tava vazio, ele deixou a gente ficar por uns dias.

— Amigo? — questionei, uma sobrancelha se arqueando.

— Tá mais pra *ex-peguete* do que amigo, mas vamos relevar esse fato — brincou.

— Hummm... Entendo — respondi, sugestiva, e logo ouvir um “não é bem assim” de Fábio.

— Pensei em te chamar pra ficar com a gente, mas o apartamento é tão pequeno que mal cabe nós dois.

— Relaxa, prima! Meu pai também não deve demorar muito mais pra voltar.

— Menos mal.

— Bom, a gente se vê em algumas horas. Podem fazer suas coisas com calma e descansar um pouco também.

— Beleza, estamos bem mortos mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso imaginar — confessei.

— Até depois, prima.

— Até!

Desliguei a chamada e me vi pulando no lugar. Era absurdo pensar que ela e Fábio estavam tão perto, tão acessíveis! Não esperava vê-los por um bom tempo, era maravilhoso saber que os encontraria naquele mesmo dia. Maravilhoso e surreal! Com certeza surreal.

— Aham — Victor arranhou a garganta, e eu me lembrei de sua presença. — Posso saber por que você parece uma criança que acabou de ganhar o melhor presente de aniversário da vida?

— Minha prima e um amigo nosso vieram pra cá de surpresa!

— Sua prima de São Francisco? — indagou, e eu assenti. — E um amigo, é?

Assenti novamente, ainda mais rápido dessa vez.

— Você vai adorar o Fábio, ele é o cara mais engraçado que já conheci.

— Hum... Entendi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Victor pareceu um pouco triste, por isso perguntei:

— O que foi?

— Nada, relaxa.

Ele se virou para levar sua xícara até a pia.

— Vamos, desembucha.

— Não se preocupa, é que eu pretendia te chamar pra almoçar também. Queria que você me contasse da entrevista. — Deu de ombros, sem se virar para mim. — Mas você me conta de noite, sem problemas.

— E por que você não vem almoçar com a gente?
— sugeri, levando meu copo e meu prato até a pia, onde ele estava.

— Tem certeza?

Victor me olhou de soslaio enquanto lavava a louça suja.

— Claro, eles com certeza querem te conhecer — admiti, torcendo para que Camila e Fábio fossem gentis com ele.

— Será que eles não se importam mesmo se eu

PERIGOSAS ACHERON

invadir o almoço? — perguntou, um pouco sem graça.

— Com certeza não vão se importar.

Ele me fitou nos olhos, dessa vez mais confiante.

— Ótimo! Então eu aceito o convite. — Sorriu.
— A gente se encontra em frente ao prédio ao meio-dia? — sugeriu, e eu meneei a cabeça em concordância.

— Vou acabar de me vestir pra não atrasarmos, em dez minutos tô pronta — avisei, quase correndo até meu quarto para terminar de me arrumar.



Passei todo o percurso remexendo minhas mãos em meu colo. Há anos eu não fazia uma entrevista, e aquela era minha chance de conseguir uma vaga legal em uma empresa boa. Não queria estragar aquela oportunidade, era minha chance de finalmente começar a trabalhar na minha área e de começar o caminho que escolhi seguir em minha carreira.

Enchi os pulmões de ar e fechei os olhos, tentando me tranquilizar. Mas, diferente do que eu

esperava, meu pulso acelerou ainda mais. Pensei por um segundo que meu coração rasgaria minha pele e pularia do meu peito.

O motivo dessa reação inesperada foi nada menos do que a mão de Victor sobre a minha, segurando meus dedos com firmeza em uma tentativa de me dar alguma segurança e conforto.

— Você vai se sair bem, não precisa ficar nervosa. Se você conquistou Alberto Leone, então é capaz de conquistar o mundo inteiro — disse com uma voz suave e macia que me fez agradecer por estar sentada. Caso contrário, sabia que minhas pernas amoleceriam.

— Obrigada. Vou tentar me acalmar, *preciso* me acalmar — falei, mais para mim mesma do que para Victor.

Segurei a vontade de suspirar fundo novamente quando sua mão deixou a minha e voltou ao volante. Seus olhos estavam vidrados na direção, e não pude deixar de observá-lo, me lembrando mais uma vez o quanto ele ficava lindo naquela roupa social. Ele parecia tão... adulto. Tão... homem.

— Quer treinar algumas respostas básicas? — sugeriu.

— Como assim?

— Posso te fazer perguntas comuns que acontecem em entrevistas e avalio suas respostas.

— Isso parece bem útil — respondi, sincera. — E pode me distrair também.

— Então vamos começar. Por que escolheu fazer economia?

— Sempre gostei de números. Diferente dos outros alunos da minha escola, a matemática nunca me assustou. Na verdade, ela me fascina — admiti, pensativa. — Gosto da sensação de quando as contas batem e não consigo parar até que isso aconteça.

— E você é assim só com a matemática ou com tudo na sua vida?

Victor me olhou rapidamente com uma sobrancelha arqueada.

— Bom, posso dizer que me acho bastante determinada com tudo. Às vezes um pouco teimosa e insistente também, mas faz parte da minha
PERIGOSAS ACHERON

vontade de chegar até a resposta certa ou o caminho certo.

— O que você considera ser o caminho certo?

— Um caminho que me leve até um lugar ao qual eu possa pertencer. Algum lugar que me aceite e me dê uma chance de mostrar tudo o que eu tenho a oferecer, tudo o que aprendi nos últimos anos. Quero provar que toda a minha dedicação valeu à pena e poder aprender na prática sobre o mercado e tudo o que ele tem a me ensinar.

— Olha, acho que você tá mais do que pronta — Victor disse, uma ponta de orgulho pairando no ar.

— Mas você só fez três perguntas! — reclamei.

— Eu te contrataria na mesma hora depois das suas respostas — disse e, para minha surpresa, pareceu estar falando bem sério. — Na verdade, eu perguntaria sua pretensão salarial antes, porque vai que, né...

Victor riu, e eu não pude evitar fazer o mesmo. Dei-lhe um leve soco no ombro e pedi:

— Podemos continuar? Não me sinto tão confiante assim.

— Como a senhorita quiser.

Continuamos com as perguntas e respostas até o momento em que o carro foi estacionado em sua vaga cativa no prédio comercial. Victor estava certo, aquilo realmente me ajudara bastante. Sentia-me mais segura quanto a mim mesma e comecei a acreditar que talvez ele estivesse certo, que tudo ficaria bem, que aquela vaga seria minha. Eu a queria muito. Muito mesmo!

Ao chegarmos ao escritório, Victor deixou que eu ficasse em sua sala enquanto não dava a hora da entrevista. Como vi que ele estava ocupado com uma pilha enorme de papelada, fiquei apenas revisando tudo mentalmente, tentando não perder o foco toda vez que sentia seus olhos em mim. E não foram poucas vezes.

Quando vi que estava na hora, pulei da poltrona de couro marrom e pedi:

— Me deseje sorte!

Ele apenas sorriu de modo travesso e respondeu:

— Não. — Fiz careta. — Por que você não precisa de sorte — explicou, piscando um olho em

minha direção.

Um sorriso tímido surgiu em meus lábios sem que eu pudesse evitar, mas o rebuliço em meu estômago me fez acenar com a cabeça e partir.

Já no andar da tal empresa, soltei forte o ar pela boca antes de tocar a campainha da porta de madeira. Fiquei aliviada quando uma mulher simpática me atendeu, informando que era a própria Patrícia. Ela me acomodou em uma sala de reunião grande, mas modesta. Não demorou até que um homem baixinho de uns quarenta anos surgisse pela porta, me cumprimentando com entusiasmo.

E então a entrevista começou e eu dei o melhor de mim, achando cômico quando algumas de suas perguntas batiam exatamente com as de Victor durante nosso treino no carro.

Anotei mentalmente para agradecê-lo mais uma vez.



Capítulo 14

A entrevista demorou mais do que eu esperava e definitivamente foi melhor do que eu poderia imaginar. Minhas mãos suavam, eu estava um pouco trêmula, doida para contar a novidade para Victor, Camila e Fábio, mas eu precisaria me segurar para surpreendê-los pessoalmente.

Verifiquei o celular e vi que minha prima enviara uma mensagem, dizendo estar me aguardando em frente ao prédio comercial. Avisei que estava descendo e logo pedi para Victor nos encontrar no térreo. Tentei segurar o enorme sorriso que se alargava a cada segundo, mas foi impossível. Assim que desci pelo elevador e encontrei Camila e

PERIGOSAS ACHERON

Fábio, eu corri até eles e pulei em seus braços.

— Você quer me derrubar, Isa? — minha prima resmungou, mas percebi que havia diversão em sua voz. — Também estava morrendo de saudades, mas não precisa agir como se ver a gente fosse a melhor coisa do mundo.

— Neste momento, ver vocês é a *segunda* melhor coisa do mundo! — avisei, animada.

— E qual é a primeira? Tô sentindo cheiro de babado forte! — Fábio disse, entortando a boca em um bico engraçado.

— Eu consegui! Consegui um emprego! — explodi, não aguentando guardar a felicidade para mim.

Fábio me olhou boquiaberto e me puxou para seus braços, levantando meu corpo como se eu não pesasse mais do que uma pluma. Ele nos girou, me abraçando forte, e sussurrou:

— Parabéns, gata! Arrasou!

— Aham... — Uma garganta foi arranhada, mais alto do que o costume, e encarei Camila, que me fitava com alegria e... confusão ao olhar por trás de

mim e Fábio.

Segui seu olhar e dei de cara com Victor com uma expressão meio mal-humorada. Sem entender o motivo daquela carranca, me desvencilhei dos braços morenos de Fábio e me aproximei dele.

— Eles me contrataram! — contei e, de repente, sua feição suavizou e o canto de sua boca se ergueu.

— Eu não tinha dúvidas de que contratariam.

Meus braços quase se levantaram para abraçá-lo também. Ele havia me ajudado tanto nos últimos dias... Eu queria agradecê-lo com toda a sinceridade do meu coração. Mas, sabendo que aquela não seria uma boa ideia e já sentindo todo o meu sangue correr para as minhas bochechas, me forcei a ficar parada no lugar e apenas disse:

— Obrigada por tudo! Você me ajudou demais, de verdade. As perguntas eram bem parecidas com as que você fez e o Rodrigo, o dono da empresa, foi muito simpático. Ele me contou que estavam com pressa para preencher a vaga e disse que gostou muito de mim. Me contratou na mesma hora, disse

que o RH me ligaria mais tarde pra resolver a burocracia. Ele me pediu para começar na segunda agora!

Sorri tão abertamente que pensei que minha boca poderia se rasgar. Victor me fitou com carinho e orgulho, abrindo a boca para dizer algo, mas Camila foi mais rápida:

— Estou tão feliz por você, prima! — Seus braços me puxaram para um abraço forte. — Você merece muito!

— Obrigada, Ca — agradei, retribuindo o aperto.

— Agora, que tal nos apresentar devidamente? — sugeri baixinho, me fazendo arregalar os olhos.

— Caramba, foi mal! — pedi, revezando minha atenção entre os três. — Victor, essa é a minha prima Camila e esse é o Fábio, nosso amigo que te falei. Pessoal, esse é o Victor.

— Ouvimos falar muito de você — Camila disse, fitando-o com os olhos semicerrados.

Segurei a respiração, sentindo um clima tenso pairar no ar. *Ai, droga! O que essa doida está*

fazendo?, pensei.

— Pelo visto não foram coisas muito boas. — Victor encarou Camila, que sustentou seu olhar, desconfiada. — Mas espero ter a chance de mudar sua impressão sobre mim.

— Pelo que vi, você ajudou bastante a Isa, por isso vamos te dar uma chance de se redimir. Não a desperdice — avisou, séria, e Victor assentiu, assumindo uma expressão austera.

— Até porque não terá outra — Fábio complementou, ficando mais ereto em uma tentativa de parecer amedrontador.

Victor sequer estremeceu, ainda que Fábio fosse alguns bons centímetros mais alto e com um físico bem maior que o dele graças a toda malhação do dia a dia.

— Eu garanto que não precisam se preocupar — respondeu com firmeza, e Fábio meneou a cabeça, oferecendo um aperto de mão.

As palmas dos dois se encontraram em um baque surdo e, por algum motivo esquisito, senti que poderiam sair faíscas dos olhos daqueles dois a

qualquer momento. Isso era preocupante. Por isso, sentindo a enorme necessidade de acabar com aquela névoa densa do ar, me intrometi:

— Então, voltando ao assunto do meu novo emprego... eu adoraria se pudéssemos comemorar mais tarde. O que acham?

— Na verdade... — Victor falou —, nossos planos de hoje incluíam uma festa. É uma comemoração boa pra você? Senão, podemos ir em outro...

— Uma festa seria ótimo! — Camila o interrompeu. — Com certeza eu sinto falta de uma boa noite brasileira.

— Eu super topo — respondi, animada.

Fábio sorriu em concordância.

— Beleza! Eu passo os detalhes pra vocês depois — Victor disse. — Vamos almoçar agora?

— Ah, por favor! — Camila pediu, colocando sua mão em meu cotovelo. — Já sabe aonde vamos?

— Ainda tem aquela churrascaria aqui perto? — perguntei, olhando para Victor, que concordou com PERIGOSAS ACHERON

a cabeça e começou a nos guiar.

Durante o caminho, Camila e Fábio nos contaram o quanto a viagem fora cansativa. Fiquei preocupada com Victor, achando que ele podia se sentir de lado ou desconfortável, mas, graças aos céus, Camila fora sincera sobre dar uma chance para ele. Quando vi, já estavam em um assunto animado a respeito da vida na Califórnia.

Fábio ficou um pouco atrás, ao meu lado, me explicou que eles ficaram preocupados com tudo o que tinha me acontecido naqueles últimos dias. Especialmente pelo fato de estar tendo de ficar tão próxima de Victor por conta da tal proposta de uma semana. Ou chantagem, como Fábio classificou.

Quando lhe contei que ele não tentara nada esquisito e tudo o que fizera por mim naquela semana, meu amigo pareceu se tranquilizar e chegou até a fazer algum comentário indecente sobre como Victor era charmoso e outras coisinhas mais. Eu, claro, revirei os olhos. Não podia dar brecha para que ele soubesse que eu concordava com sua opinião.

Chegamos à churrascaria poucos minutos depois

PERIGOSAS ACHERON

e, por pedido — ou exigência — de Camila, ficamos o mais próximo possível do *buffet* de acompanhamentos.

— Senhor, como eu senti falta disso! — ela disse, chamando o garçom que carregava um enorme pedaço de filet mignon no espeto.

— Nem me fala, eu também morri de saudades de um churrasco. Faz muito tempo que não coloco as mãos em uma boa carne — comentei, sentindo a boca salivar com o cheiro de carne inundando meus sentidos.

Victor, de repente, riu baixinho e eu soube exatamente o motivo. *Maldita boca a minha!*

— Não! Não se atreva! — mandei, fuzilando-o com os olhos.

Isso, claro, só o fez rir ainda mais, tentando sem sucesso abafar o som com a mão por cima da boca.

— O quê? — Camila e Fábio perguntaram ao mesmo tempo.

— Deixa eu contar, por favor — Victor suplicou.

Os olhos dos outros dois se viraram para ele e depois de volta para mim, com uma curiosidade

PERIGOSAS ACHERON

brilhando em suas íris.

— Droga, Victor! Tá bom, acho que eles não vão me deixar em paz se você não contar...— resmunguei.

— Uma vez... — Respirou fundo, segurando a risada. — Nós fomos em uma churrascaria na hora do almoço. Era aniversário do meu pai e todo mundo do escritório foi, mas a Isabella teve que ir no dentista ou sei lá o que na parte da manhã e disse que nos encontraria lá. Então ela apareceu, correndo e... — Victor me fitou, um sorriso arteiro no canto da boca.

— Ai, cacete... — Camila arfou, cheia de expectativa.

— E então ela bateu de frente com uma picanha — Victor continuou, os lábios trêmulos pela lembrança. — Eu vi perfeitamente quando ela se chocou contra o pobre garçom e, em vez de tentar ajudar o coitado, ela apenas abraçou a picanha em uma tentativa de não deixar o pedaço de carne cair no chão.

— Puta que pariu! — Fábio bradou, gargalhando

em seguida.

— Meu Deus, Isa! — Camila disse, rindo até lhe faltar o ar. — Isso é muito a sua cara mesmo, salvar a comida em vez de uma pessoa. Isso foi sensacional!

— História verídica — Victor completou, balançando a cabeça com lentidão. — Eu estava lá, de camarote e tudo.

— E em vez de levantar e me ajudar, ficou rindo que nem uma hiena — acusei, furiosa.

Além do mico inesquecível, ainda tive de ir para casa lavar a roupa completamente suja.

— Eu sequer conseguia respirar, como eu iria levantar? Mas não se esqueça de que quem te levou pra casa fui eu e meu carro ficou cheirando a churrasco por uma semana — lembrou, me fazendo sorrir amarelo em resposta.

Depois da história descontraída, Camila e Fábio pareceram bastante inclinados a ouvir outras histórias sobre mim. Algumas mais constrangedoras do que eu gostaria, mas vê-los conversar de maneira tão entusiasmada com Victor

fazia valer a pena relembrar aquelas situações embaraçosas.

Por algum motivo, eu queria que os três se dessem bem e que Victor fosse, de certa forma, aprovado por eles. Eu só não entendi exatamente o motivo de aquilo parecer tão... importante.



Depois do almoço, Victor se despediu de nós, avisando que precisava retornar ao escritório. Fábio e Camila sugeriram que fôssemos tomar um sorvete ali por perto antes de voltarem para o apartamento em que estavam hospedados. A ideia era que pudessem descansar o máximo possível antes de irmos para a festa naquela noite.

— Fiquei muito feliz que vocês vieram, de verdade — admiti enquanto nos acomodávamos na pequena mesa da sorveteria com nossas respectivas casquinhas em mãos.

— Pode me chamar de louca e paranoica, mas pensei que você poderia precisar da gente — Camila respondeu.

— E realmente estávamos preocupados com sua

situação com o Victor — Fábio comentou. — Mas, diferente do que eu pensava, ele parece ser um cara legal. Acho que ele gosta de você.

— É... só que essa história toda dos sete dias ainda não me desceu — minha prima disse.

— Acho que ele quer conquistar minha amizade de volta ou algo assim — falei, provando o sorvete de morango.

— E como você sabe que é só isso que ele quer? — Fábio questionou, semicerrando os olhos.

Suspirei, mais triste do que gostaria. Havia conseguido ignorar aquilo nos últimos dias, mas algo ainda estava preso em minha garganta, eu precisava compartilhar com alguém antes que ficasse impossível suportar.

— Ele ainda fica com a Carol. Dormiu com ela há duas noites. Não tem por que querer qualquer coisa além de amizade comigo, ele já tem o que *precisa*. Além disso... — continuei —, acho que, se ele quisesse alguma coisa a mais, teria falado ou ao menos tentado algo. Mas tudo o que fizemos até agora foram programas de amigos, o tipo de coisa

que fazíamos antes de rolar algo entre a gente. Só posso deduzir que é isso que ele quer, a amiga de volta.

Dei de ombros.

— E você quer isso também? — Camila quis saber, uma preocupação familiar em sua voz.

— Eu queria que as coisas fossem mais fáceis — admiti, suspirando. — Eu gosto muito dele como pessoa, Victor é um amigo incrível, sempre foi. E claro que eu sinto falta disso. Mas, se eu disser que não sinto falta de *outras coisas* também, estaria mentindo. Entende?

Camila assentiu, mordiscando o lábio inferior.

— O que você pretende fazer quanto a isso? — Fábio questionou.

— Ainda não sei. É tudo muito confuso, minha cabeça tá uma bagunça completa! — Bufei, passando a língua pelo sorvete antes que derretesse em minha mão. — Eu fiquei tão triste e furiosa quando ele dormiu com a Carol outro dia... Acho que é uma mágoa que ainda não superei, sabe? Por isso, acho que não vou conseguir realmente ser a

amiga que ele espera. Além disso, eu não tenho pretensão nenhuma de cair na mesma burrada da outra vez e aceitar algo além da amizade. Não nasci pra essa coisa de sexo casual, não. É difícil demais não se deixar envolver.

Torci o canto da boca, odiando o fato de não ser capaz de separar as coisas. Isso estava muito além de mim, era quem eu era.

— Mas, ao mesmo tempo, você também não quer se afastar dele de novo. Quer? — Fábio quis saber, e eu neguei com a cabeça.

— Tem medo de se apaixonar por ele mais uma vez? — Camila perguntou, hesitante. — Você sabe, caso decida continuar a amizade e tal.

Aquele era o tipo de pergunta que valia um milhão de dólares. Talvez até euros, para valorizar um pouco mais a dificuldade de uma resposta. Era o questionamento que eu mesma andara me fazendo nos últimos dias, mas até então não havia chegado nem perto de uma conclusão concreta.

Apesar de gostar muito de Victor, depois de tudo que acontecera, eu seria capaz de amá-lo de novo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Teria qualquer mínimo espaço no meu coração para surgir esse sentimento mais uma vez? Eu esperava que não. Eu torcia e rezava desesperadamente para que não.

Acreditar que não era possível me garantia certo alívio, então eu ficava repetindo aquilo mentalmente. Se eu acreditasse que nunca me apaixonaria por ele de novo, então não iria acontecer. Certo? Aquela história toda sobre colocar a razão acima da paixão deveria servir para alguma coisa...

— Não, isso é impossível — respondi, tentando convencer mais a mim mesma do que qualquer outra pessoa.

Minha prima me encarou, desconfiada, mas não disse nada. Foi melhor assim. Eu preferia não ter de entrar em um assunto tão profundo quanto aquele.

— Que problemão em que você se meteu, Isa — ela murmurou finalmente.

— Nem me fale, nem me fale... — Suspirei. — Por enquanto, vou esperar esses sete dias acabarem. Depois eu decido o que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estaremos com você quando se decidir —
Camila avisou.

— E seja qual for sua escolha, vamos te apoiar —
Fábio completou.

Eu sorri para os dois, verdadeiramente agradecida. É verdade o que dizem: quem tem amigos, tem tudo.

Minha única preocupação era se eu me sentiria da mesma forma tendo Victor como amigo, ou se, ao contrário daquele momento, eu perceberia que sua amizade não era o suficiente.

Porque... e se não fosse?

PERIGOSAS ACHERON



Cheguei ao apartamento decidida a tirar um cochilo naquela tarde. Camila e Fábio iriam fazer o mesmo para que pudéssemos aproveitar a tal festa para a qual Victor nos convidara. Na sorveteria mesmo já tinha acertado tudo com a moça do RH pelo telefone e ansiava demais para que a segunda-feira chegasse.

Coloquei uma roupa confortável e já estava pronta para me jogar na cama quando meu celular começou a vibrar de forma frenética. Quando vi o nome no visor do aparelho, mal pude acreditar.

— Pai? — falei ao atender a chamada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filha, finalmente consegui falar com você! Aqui o sinal é terrível, tive que vir até a cidade mais próxima pra te ligar. Como você está, meu amor? Está instalada direitinho?

Bastou aquilo para que eu percebesse que Verônica não contara sobre a chave para papai. Claro que não, ela não era boba nem nada. Sem ele saber da minha situação, os dois continuariam na casa da mãe dela, enquanto eu poderia morar embaixo da ponte que ela não se importaria.

Meu sangue começou a ferver como lava pelas veias, e eu praguejei.

— Instalada? — Bufe. — Acho que sua esposa não te contou a novidade — disse, furiosa, não conseguindo pensar direito.

Naquele momento, as palavras apenas eram cuspidas para fora de mim, eu não me importava nem um pouco com as consequências. Estava cansada de precisar aturar uma pessoa que só queria meu mal, ainda que fosse alguém que fizesse bem ao meu pai. A paciência pode ser uma virtude, mas a minha cota já esgotara há muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— A Verônica? Como assim, filha? — indagou, confuso.

— É, ela mesma. A fofa *esqueceu*, ou ao menos é o que ela diz, de deixar a chave na portaria. Além disso, sugeriu que eu não fosse mesmo pra casa por causa de uma história de dedetização. Ou isso era mentira também?

— Espera aí, Isabella, do que você está falando? Você não está em casa? Então onde você está dormindo esses dias? E que história de dedetização é essa?

Apesar de não ser capaz de vê-lo, eu percebi a contradição em sua voz e consegui imaginar o rosto de papai cada vez mais vermelho conforme proferia suas perguntas. Eu estava cansada de ignorar e deixar para lá. Era egoísmo da minha parte e eu sabia disso, mas simplesmente não consegui evitar que toda a minha frustração saísse de mim.

Eu tentei segurar minha língua, mas eu já transbordava de raiva e aquela fora a gota d'água para que minha represa desmoronasse de vez. A falsidade daquela mulher rondava meus pensamentos, e eu apenas continuei a despejar a

PERIGOSAS ACHERON

verdade:

— Eu tive que me abrigar na casa de um amigo. Era isso ou dormir num *hostel*, já que ela me deixou sem um teto de propósito.

— Não, deve ter sido algum engano. Talvez o porteiro tenha se confundido ou você tenha entendido errado.

Aquilo doeu. Doeu porque era triste pensar que meu pai não acreditava em mim, que bastava uma mulher para esquentar sua cama que ele daria um crédito maior a ela do que à própria filha.

Ah, papai. Não é engano algum, eu entendi tudo perfeitamente bem, eu quis dizer. Mas, se ele preferia acreditar que a filha era louca, não havia mais nada que eu pudesse fazer, não é?

— Se o senhor acha que foi um engano, deveria tirar essa história a limpo com ela e seu Carlos. De qualquer maneira, pode ficar tranquilo, eu consegui um emprego hoje e isso vai deixá-la radiante com certeza, já que em breve vou ter dinheiro pra me mudar.

— Um emprego? — ele repetiu, animado. — Isso

é ótimo, meu amor!

Sim, era ótimo. Era maravilhoso, na verdade. Mas ainda assim senti a garganta fechar e os olhos lacrimejarem. Ele simplesmente havia ignorado todo o resto. Será que não se importava?

Percebi que eu estava sendo boba, me iludindo ao pensar que poderia fazê-lo ver o quanto Verônica era tóxica. Meu pai devia estar doido para ter a casa só para eles dois. Era de se esperar. Afinal, eram casados e deveriam querer mais privacidade.

— Preciso desligar, pai — respondi, controlando a voz para não falhasse.

Uma enorme decepção cresceu dentro de mim, se expandindo a cada segundo.

— Espera, Isabe... — ele tentou dizer, mas eu desliguei ainda assim.

Meu dia tinha sido incrivelmente feliz, eu não tinha a menor vontade de deixar qualquer coisa ou qualquer um estragar o meu momento.



Meus planos de dormir naquela tarde foram um completo desastre. Em vez disso, fiquei que nem
PERIGOSAS ACHERON

uma idiota chorando com a cara enfiada no travesseiro. Doía muito saber que meu pai preferia acreditar em Verônica a acreditar em mim, mesmo que eu já devesse prever aquela reação.

Ao menos eu estava aliviada por saber que não precisaria mais lidar com ela. Mesmo que ainda demorasse a receber meu primeiro salário, eu já poderia começar a pesquisar algumas opções de apartamento. Uma quitinete iria servir. Pensei, por um mísero segundo, que poderia ficar na casa de Victor enquanto não encontrasse nada, mas logo percebi que estava enganada. Ainda não sabia qual seria minha decisão após aqueles sete dias, mas com certeza não deveria ficar sob o mesmo teto que ele por tanto tempo assim, independente do que eu decidisse.

Torcia para que Ana chegasse logo de férias. Não devia demorar muito, certo? E mesmo odiando pedir para que me acolhesse, eu preferia isso a ficar perto de Verônica mais um dia.

Dispersa em meus planos mirabolantes, acabei perdendo a noção do tempo, tomando um enorme susto quando três batidas foram dadas em minha

porta.

— Pode entrar!

Uma fresta foi aberta e metade de Victor surgiu em minha visão. Ele sorria, mas, assim que seus olhos encararam os meus, sua expressão se tornou mais séria e preocupada.

— Ei, o que aconteceu? — perguntou.

Imaginei que meus olhos estivessem inchados, dando a entender que eu havia chorado. Esfreguei as costas das mãos nas pálpebras e ofereci um sorriso, que saiu mais triste do que eu gostaria.

Victor entrou de vez no quarto, sentando na ponta da cama e me fitando com atenção. Ele não disse nada, apenas ficou ali, imóvel por dois segundos, provavelmente pensando no que poderia dizer. Parecia ponderar se deveria insistir ou não no assunto.

Antes que ele pudesse se decidir, optei por contar de uma vez:

— Meu pai me ligou. contei pra ele sobre a história da Verônica ter esquecido a chave e a conversa acabou não sendo das melhores.

Torci a boca, em parte chateada, em parte querendo evitar que novas lágrimas surgissem. Victor percebeu que eu não tinha intenção de entrar em detalhes, então apenas mexeu a cabeça, e, de repente, sua mão pousava por cima da minha. O calor de sua pele percorreu meu pulso, braço, ombro, costas... ocupou todo o meu corpo. Cogitei estar ficando febril, mas no mesmo instante em que sua mão se retesou eu senti um frio congelante em todos os membros.

— Se quiser, podemos fazer outra coisa hoje. Talvez pedir uma pizza e ficar por aqui — ele sugeriu de uma maneira tão amável que senti vontade de me jogar em seu pescoço e deitar em seu peito. Pedir para que ele mexesse em meu cabelo e sussurrasse em meu ouvido que tudo ficaria bem.

Em vez disso, eu apenas disse:

— Não, de jeito nenhum. Eu ainda quero comemorar!

Eu queria, de verdade. Tratei de colocar meu melhor sorriso no rosto, convencendo a ele e a mim mesma de que uma festa era exatamente do que eu

PERIGOSAS ACHERON

precisava para recuperar a alegria de mais cedo.

— Tem certeza? — questionou, desconfiado.

Uma sobrancelha grossa se ergueu, ele parecia tentar ler meus pensamentos.

— Absoluta! Combinamos de encontrar a Camila e o Fábio lá naquela boate às nove horas, não foi?

— Ele assentiu. — Beleza, dá tempo de pedirmos uma pizza antes de precisarmos nos arrumar pra sair. O que acha?

— Acho que pizza é sempre uma boa ideia — respondeu, tirando o celular do bolso da calça social preta e acessando os contatos. — A de sempre?

Sua feição era artilosa, o que me fez segurar um sorriso.

— Ah, sim, a de sempre. Com certeza a de sempre.

— É pra já, madame — avisou, arqueando um canto da boca.

Sorri, contente, e refleti sobre o quanto aquilo era bom. Aquele clima divertido de amizade, de verdadeiros companheiros que estavam ali um pelo

outro, dividindo dores e alegrias. Sentia-me bem com Victor ao meu lado, confortada e protegida de certa forma. Ele sempre me fizera sentir assim e esse era um dos motivos pelos quais eu me apaixonara.

Se a vida fosse mais simples e todo o nosso relacionamento se baseasse apenas na amizade, as coisas com certeza seriam mais fáceis e minha decisão já teria sido tomada. Mas não era. Aquela não era exatamente a nossa relação, eu não podia me esquecer disso. E a breve lembrança de segundos antes, quando sua mão tocou a minha e todo meu corpo se acendeu, me preocupou.

Será que aquela atração irracional continuaria para sempre? Será que eu jamais seria capaz de ficar perto de Victor sem que uma parte, ainda que mínima e muito bem escondida dentro de mim, o quisesse por inteiro?

— Com bebida? — ele perguntou, afastando o aparelho da boca e me fitando.

Mexi a cabeça de forma positiva, agradecendo pela interrupção dos meus pensamentos. Não era hora nem lugar para aqueles questionamentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E pede pizza doce também— pedi, e ele semicerrou os olhos em uma acusação divertida.

Levantei as mãos e sorri amarelo, tirando dele um meio sorriso charmoso enquanto terminava o pedido.

— Assim você vai ficar uma bola — brincou ao desligar a ligação.

— Dizem que os homens não gostam de mulheres sem carne pra pegar — respondi no mesmo tom, dando de ombros.

— Hummm... Concordo cem por cento com esse ditado — disse, pensativo, antes de levar um dedo até minha barriga e cutucar bem próximo ao meu umbigo.

Contorci-me com o toque por apenas meio segundo, sentindo um pouco de cócegas, o suficiente para me arrepender amargamente.

— Ah, não! — Percebi os planos de Victor tarde demais e, antes que pudesse continuar meu protesto, suas mãos já corriam por todo o meu tronco, fazendo malditas cosquinhas por onde passavam. — Cacete, Victor... — Gargalhei alto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pa-para com isso! Ai! — Continuei rindo, não dava pra controlar. — Eu vou te matar, juro que vou!

— É mesmo, é? — retrucou, brincalhão. — Então é melhor eu não parar se eu tenho amor à minha vida, não acha?

Aumentou as cócegas, fazendo todo o ar de meus pulmões se esvaírem de vez.

— Desgraçado! — consegui dizer antes de explodir em mais uma gargalhada incontrolável.

De repente, para meu alívio, suas mãos se distanciaram. Recolhi-me mais para o canto da cama, controlando a respiração e o encarando com uma fúria que assustaria qualquer criancinha na rua. Mas, aparentemente, meu olhar fulminante só fez Victor achar ainda mais graça da situação, abrindo um sorriso enorme. Então pegou o celular, que vibrava sem parar.

— Agradeça ao meu irmão, ele acabou de te salvar — avisou, se levantando e saindo do quarto enquanto dizia: — Ora, ora, Theozinho, a que devo a honra da sua ligação?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Balancei a cabeça, incrédula pelo que havia acabado de acontecer. Victor era um homem, mas às vezes conseguia agir como uma criança. O mais curioso era que essa era uma das coisas que eu mais gostava nele: como a vida ao seu lado podia ser divertida e descontraída.

Com a respiração compassada e o coração mais calmo, mandei uma mensagem para Camila confirmando a hora e o endereço e logo peguei uma roupa e corri para o banheiro para tomar um bom banho. Depois de sair do chuveiro, sequei os cabelos no quarto apenas para que não ficassem completamente encharcados e atingi a sala no mesmo instante em que a campainha tocou.

Victor ainda estava no telefone com o irmão, próximo ao parapeito da janela da sala de estar. Fiz sinal com a mão para avisar que atenderia, e ele agradeceu com um aceno. Paguei o entregador e me equilibrei para carregar as duas caixas de pizza e a sacola com a bebida até o balcão da cozinha. Enfim, abri a caixa, fazendo um aroma maravilhoso de queijo derretido invadir o ambiente. Sem demora, fui inundada por uma fome monstruosa.

PERIGOSAS ACHERON

Victor surgiu logo em seguida atrás de mim, saboreando com o olfato e com os olhos a pizza portuguesa perfeitamente montada à nossa frente.

Nós nos acomodamos na mesa e começamos a devorar a comida, ele contando que o irmão viria visitá-los no próximo final de semana.

As duas horas seguintes passaram tão rápido que me assustei ao olhar para o relógio. Guardamos tudo e fomos nos vestir. Camila não era o tipo de pessoa que gostava de atrasos, e eu não queria receber um olhar enviesado dela.

Encontrei com Victor na porta do apartamento pouco mais de trinta minutos depois em um vestido preto justo e uma maquiagem simples, apenas com um batom *nude* e um bom delineador. Ele, por sua vez, estava com uma calça caqui e uma blusa preta de botão. Os cabelos negros e molhados estavam levemente desalinhados, deixando-o ainda mais charmoso que de costume, o que me fez pensar que com certeza precisaria aturar muitos olhares maldosos em sua direção durante aquela noite.

Suspirei fundo com o pensamento, mas Victor logo chamou minha atenção ao informar que o táxi

PERIGOSAS ACHERON

já tinha chegado. Encontramos Camila e Fábio quinze minutos depois em frente à boate, da qual eu me lembrava bem, pois era a mesma onde Victor comemorara seus trinta anos e onde demos nosso primeiro beijo, que terminou em sua cama naquela mesma noite. Se ele escolhera aquele lugar de propósito ou não, eu não sabia dizer.

Tentei não me ligar àquelas lembranças. Eu não deveria me deixar levar por qualquer ideia boba ou fantasiosa. Afinal, Victor me via apenas como a boa amiga de sempre, e eu estava recomeçando minha vida, a começar com uma nova oportunidade de trabalho. Eu não via nenhum sentido em pensar no passado, sequer sentia vontade disso.

Eu só queria beber, dançar e comemorar até o sol raiar. Era um daqueles dias em que queremos ser felizes, brindar a alegria e amigos e não pensar no amanhã. Muito menos no ontem.

— Vamos entrar? — sugeri, cumprimentando Camila em seu vestido azul e Fábio em uma calça jeans escura e camisa vermelha de botões que deixava seus músculos bem apertados nas mangas dobradas.

Ambos assentiram e entramos na boate, já sentindo os tímpanos tremerem com a música alta. O ambiente era bem escuro, típico de uma festa, e bem no meio da pista de dança estava um enorme bar todo preto, repleto de luzes coloridas. O *DJ* tocava algum eletrônico qualquer, e eu apenas queria soltar o corpo e me divertir. Sequer perdi tempo checando as áreas formadas por pufes brancos e mesas baixas.

— Vamos pegar alguma coisa pra beber! — Victor gritou em meu ouvido.

Concordei com a cabeça e ofereci um sorriso, aprovando sua sugestão.

— Rapidinho, linda, vem cá — Fábio disse ao se aproximar de nós, e, mesmo com a música alta, senti que Victor, que estava bem próximo de mim, ouvira, pois franziu a testa no mesmo instante. Fábio, sem perceber ou fingindo não ligar, levantou a mão grande e ajeitou minha franja, colocando uma mecha atrás da minha orelha com carinho. — Pronto. Agora, sim.

Ele sorriu, fazendo um leve afago em minha bochecha com o polegar, e eu apenas sorri de volta.

— Obrigada.

Como o lugar estava bem cheio, Fábio começou a abrir caminho até o bar com Camila segurando seu antebraço e com a mão livre segurando a minha. Victor ficou logo atrás, quase como um guarda-costas, garantindo que ninguém esbarrasse em mim. Mas sua proximidade era tanta que eu facilmente consegui sentir o calor de sua pele emanando pelo tecido e atingindo a minha retaguarda com precisão.

Uma voz dentro de mim sussurrou *perigo*, e eu engoli em seco.

Chegamos até o *barman*, que logo nos atendeu e nos encheu com doses de todos os tipos de tequila. Uma delas era até mesmo flambada, o que nos deixou ainda mais animados.

— Preciso dançar! — minha prima bradou, batendo as palmas das mãos no balcão e nos oferecendo um sorriso de orelha a orelha.

— Somos duas! — exclamei, sentindo a língua já dormente.

Camila começou a se mexer no ritmo da música,

se afastando do bar, indo para uma parte mais vazia da pista. Fábio deixou o copo para trás e a acompanhou. Olhei para Victor com expectativa, mas ele parecia bastante confortável bebendo uma dose de uísque com um dos cotovelos recostado no balcão atrás de si.

Ele sorveu um gole lentamente, os olhos azuis cravados em meu rosto com curiosidade. Sorri, travessa, e vi sua sobrancelha se arquear antes do copo deixar sua boca. Era uma boa hora para me vingar do ataque súbito de cócegas.

— O que você pretende? — ele perguntou, desconfiado.

— Isso — falei, puxando-o pela mão e o levando contra sua vontade para onde Fábio e Camila dançavam.

Ri da feição nem um pouco amistosa de Victor. Mas, para minha surpresa, ele logo abriu um sorriso, balançando a cabeça.

— Sabe que eu não sou de dançar — lembrou, e eu assenti.

— Mas eu sou e não te deixaria de jeito nenhum

PERIGOSAS NACIONAIS

ali sozinho para as abutres virem atrás da sua carne. — Tentei fazer uma piada, mas ele apenas pareceu pensativo, até que um canto de sua boca se ergueu de forma bastante maliciosa.

Meu coração pareceu que saltaria do peito a qualquer instante. A música, de repente, mudou e parecia ainda mais alta que a anterior, fazendo Victor se aproximar de meu ouvido para dizer:

— Quem diria que você se importaria com isso, hum?

Seu hálito se chocou contra a pele sensível do meu pescoço, e eu arfei de forma inconsciente, meus músculos se retesando e a garganta ficando seca como um deserto.

— E-eu... eu não me importo! — falei sem convicção nenhuma, o que me fez praguejar baixinho.

— É mesmo? — ele continuou, cínico, finalmente se afastando, mas não o suficiente.

Ainda era capaz de sentir sua respiração em minha bochecha, era úmida e tinha um delicioso cheiro de menta com uísque. Aquelas duas piscinas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me encararam, mais parecendo dois mares revoltos e incrivelmente profundos.

— Que pena... — murmurou, um sorriso de canto debochado se fazendo presente. — Confesso que tinha gostado bastante da novidade. Isso poderia significar que eu ainda tenho uma chance, mesmo que mínima.

Abri a boca, um pouco perplexa e duvidando de que havia escutado certo. A música estava alta e eu não podia dizer que estava cem por cento sóbria. Devia ter ouvido errado, só podia. Mas a forma com que Victor me olhava, com tanto fogo e... esperança, me provou que não era um engano. E antes que eu pudesse entender o que ele queria dizer ou até mesmo pensar em alguma resposta, Camila me puxou pelo pulso e gritou:

— Preciso ir no banheiro! Vai comigo?

Assenti com rapidez e a acompanhei até os sanitários, repetindo em minha mente o que Victor dissera, tentando inutilmente buscar algum sentido ou significado em suas palavras. A que tipo de chance ele se referia?

PERIGOSAS ACHERON

Foi muito... suspeito.

Suspeito e estranho.

Suspeito, estranho e... bom.

Droga!

— Atrapalhei alguma coisa? — minha prima indagou enquanto lavava as mãos. Neguei com a cabeça, sem saber o que dizer. — A senhorita estava um pouco nervosa e provavelmente muito, muito vermelha.

Camila levantou uma sobrancelha no mesmo instante em que levei minhas mãos às maçãs do rosto.

— Acho que ele só estava me provocando, eu não deveria levar as coisas que o Victor fala tão a sério — respondi em um muxoxo.

— Ah, não! Nada de ficar pensando nessas coisas agora, esta noite é pra gente se divertir e comemorar! — ralhcou com as mãos apoiadas no quadril. — O que me diz? Vamos tomar mais algumas doses?

— Você tem razão — concordei. — Mas acho que não vou mais beber, não. Tô de boa, não quero

PERIGOSAS ACHERON

exagerar como em Vegas.

Sorri amarelo.

— Ah, Isa, da outra vez você acordou casada, o máximo é acordar grávida dessa vez.

Camila deu de ombros.

— Bate nessa boca, Camila! Puta que pariu, nem brinca com isso — ralhei, e ela riu, batendo três vezes nos lábios.

— Relaxa, eu e o Fabinho combinamos de ficar bem próximos de vocês desta vez. Pra evitar qualquer... hummm... complicação. Vamos ficar com os olhos bem abertos.

— Não sei se eu deveria me sentir agradecida ou com medo... — comentei, refletindo sobre aquilo.

— Talvez um pouco dos dois. Só mais uma dose, o que diz?

— Tudo bem, a última! — avisei, séria.

Camila me puxou pela mão e nos guiou para fora do banheiro até de volta para o bar. Avistamos nossos companheiros recostados no balcão, e minha prima se aproximou de Fábio, que parecia pedir algo para si. Percebi que Victor estava com uma

PERIGOSAS ACHERON

feição fechada e temi que algo tivesse acontecido entre os dois em nossa ausência. Aproximei-me dele, pronta para apertar seu ombro, avisando de minha presença, mas outra garota foi mais rápida e o puxou pelo braço, ficando nas pontas dos pés bem junto a ele.

Trinquei a mandíbula sem perceber e me segurei para não ranger os dentes. A atirada sussurrava algo em seu ouvido, e eu não gostei nem um pouco de ver aquela cena. Porém, em certo momento, percebi que ele começava a se mover, parecendo um pouco desconfortável, buscando distância. O que era uma grande surpresa, claro, já que Victor nunca fora o tipo de cara que se afasta de uma mulher bonita. Mas, como ele continuava ali, ouvindo o que quer que a madame atirada tinha a dizer, talvez fosse só fruto da minha imaginação. Eu não tinha total certeza. Na verdade, eu não tinha certeza de nada além do meu nome naquele instante.

Camila surgiu ao meu lado no segundo seguinte com o copo de tequila na mão. Virei a dose da bebida de uma só vez, fazendo um barulho esganiçado por sentir a garganta queimar. Minha

cabeça girou na mesma hora e alguma força estranha me impulsionou para frente ao ouvir Victor dizer algo como “sinto muito, não estou interessado”. Mas, quando vi a mulher apertar ainda mais seu antebraço e quase colar os lábios cheios em seu ouvido, eu não pensei muito e agi.

Nem parecia que havia bebido um *shot* de tequila. Estava mais para uma poção de coragem e ousadia. Pelo menos essa era a única explicação que eu encontrava, já que, antes que eu pudesse entender o que estava fazendo, minha mão já se entrelaçava com a de Victor e nós estávamos nos afastando da morena dada.

— Ei, o que foi isso? — ele perguntou conforme eu continuava o puxando pela boate.

— Isso o quê? — Fiz-me de desentendida.

— Espera aí, Isa! — falou, fincando os pés no chão e me fazendo perder o equilíbrio e cair com as costas em seu peito. Victor me virou pelos braços até que eu estivesse de frente para ele. Arfei com o movimento rápido e repentino. Minha mente estava um pouco nublada e o corpo, meio devagar. Ah, eu sabia que não deveria ter cedido a mais um *shot*...

— O que foi aquilo? Por que me puxou desse jeito?

Havia expectativa em sua voz, e eu me odiei por não ter virado e ido embora quando o vi com a morena. Seria tudo muito mais fácil, eu não precisaria negar que vê-lo com outra me incomodava mais do que eu gostaria de admitir.

E foi então, naquele mesmo momento, que eu percebi que não daria conta. Não, eu não poderia ser amiga de Victor. Nem no passado, nem no presente, nem no futuro. Algo nele despertava sentimentos incontrolláveis dentro de mim, seria impossível negar por mais um dia. Simplesmente não dava.

— Não foi nada, só pensei que a gente podia conhecer o resto do lugar — menti.

— Ah... então não teve nada a ver com a garota que tava dando em cima de mim? — questionou, a voz mansa e sugestiva.

Neguei com a cabeça de forma frenética, sentindo a garganta muito seca.

— Claro que não! Tinha uma garota com você? Poxa, nem vi, foi mal estragar as coisas —

PERIGOSAS NACIONAIS

respondi, tentando não ser tão cínica quanto de fato eu estava sendo.

— Você sabia que enruga o nariz toda vez que conta uma mentira? — perguntou, abrindo um sorriso largo. — E eu acho que, sim, você estava com ciúmes e muito, muito incomodada pra me puxar com tanta determinação.

— Claro que não estou com ciúmes, que besteira! Na verdade, só achei que você poderia precisar da minha ajuda pra sair daquela emboscada. — Dei de ombros. — Só quis ser uma boa amiga, nada mais.

— Você não tá me convencendo nem um pouco, sabia?

Seus olhos azuis, que pareciam quase negros por conta das pupilas dilatadas, me fitavam com intensidade. Fiquei sem palavras, como se não soubesse mais como falar. Acompanhei o movimento lento de sua mão, subindo de forma angustiante, se encaixando em meu rosto, o polegar acariciando a pele da minha bochecha... Ele então pendeu a cabeça para frente, se aproximando ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todo o meu corpo gritou *perigo*. Mas eu não consegui me mexer. Céus, eu mal consegui piscar!

— Eu tenho alguma chance com você? — sussurrou de forma tão tortuosa que eu senti uma enorme necessidade de abraçá-lo.

Suas íris pareciam atormentadas.

— Do que... — Engoli em seco, nervosa. — Do que você tá falando?

— Eu tenho alguma chance contra ele? — Quis saber, ansioso, nervoso, magoado e tantos sentimentos mais. — Só me diz.

Seu pedido era quase uma súplica, senti seus dedos se tencionarem em meu rosto, como se estivesse lutando contra si mesmo para não acabar com a mísera distância entre nós. Mas em vez de me focar no fato de que Victor parecia querer me beijar tanto quanto eu desejava beijá-lo, tudo que rondava minha cabeça eram suas palavras sem sentido. Chance contra quem?

Abri a boca para perguntar sobre o que ele estava falando, mas, antes que qualquer som saísse por meus lábios, o corpo de Victor foi empurrado com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

força, se chocando contra o meu e nos levando ao chão.

Uma físgada aguda atingiu meu pulso no instante em que ele saiu de cima de mim, me deixando respirar finalmente. Ofeguei, enchendo fundo os pulmões e tentando, sem muito sucesso, não fazer uma careta ao tentar mexer o pulso direito.

— Puta que pariu! — Victor rugiu, empurrando com fúria o homem que havia caído em cima dele. — Bêbado desgraçado! — Logo dois homens foram ao socorro do amigo. Os olhos preocupados de Victor se focaram em mim, e meu olhar franzido na direção do braço dolorido chamou sua atenção. — Você se machucou? — perguntou, uma mistura de preocupação e desespero.

— Acho que torci o pulso — avisei, comprimindo os lábios com a dor pulsante a cada movimento que tentava fazer.

— O que aconteceu? — Camila questionou, aflita, surgindo em meu campo de visão.

— Meu amor, você tá bem? — Fábio apareceu em seguida, esbaforido.

PERIGOSAS ACHERON

— Um imbecil caiu em cima de mim, e eu caí em cima da Isabella. — Victor passou uma mão pelos cabelos, nervoso. — Vou levá-la para o hospital, o pulso dela tá machucado.

— Não precisa! — disse. — É só colocar gelo e amanhã vai estar bom. Relaxa, não precisamos ir até o hospital.

— Você vai, sim, nem que eu te leve no colo — Victor bradou. — Então, qual vai ser? Por bem ou por mal?

Merda!

— Tá, tá, eu tinha me esquecido de como você é teimoso! — Bufeí, sabendo que ele seria muito bem capaz de me jogar em seu ombro e me levar embora dali como um saco de batatas, ainda que eu esperneasse como uma criança de cinco anos.

— Ótimo — falou, me ajudando a levantar. Fábio se abaixou para fazer o mesmo, mas Victor disse, sério: — Pode deixar.

Meu amigo apenas meneou a cabeça em concordância, sem dizer nada. Aquela reação só me fez pensar mais uma vez que algo provavelmente

havia acontecido entre eles durante o tempo em que eu e Camila fomos ao banheiro.

Assim que fiquei de pé, aqueles olhos azuis me observaram de forma minuciosa, como se procurasse por qualquer outro lugar machucado. Constatando que eu estava inteira, tirando o pulso dolorido, Victor suspirou de alívio.

Ele tirou a carteira do bolso, entregou algumas notas para Camila junto das nossas comandas e pediu para que ela pagasse a conta enquanto ele me levava até a saída da boate. Fábio acompanhou minha prima até o caixa e não demorou para que entrássemos em um táxi em direção ao hospital.

Eu, claro, não estava nem um pouco satisfeita com o resultado da minha noite. Não que eu tivesse planos de terminar em outra cama senão a minha ou qualquer coisa do tipo, mas, com certeza, não esperava passar pelo hospital.

Chegando à emergência, vimos que o lugar estava bastante cheio e provavelmente demoraria até eu ser atendida. Sugeri que Camila e Fábio fossem embora e descansassem, já que não deixariam tanta gente assim entrar comigo nas

PERIGOSAS ACHERON

consultas. Mesmo relutantes, consegui convencê-los no final, depois de Victor garantir que não sairia do meu lado e que os avisaria quando chegássemos em casa.

Assim que os dois se foram, uma enfermeira prestativa chamou meu nome e nos levou até uma sala totalmente branca com um médico à nossa espera. O homem avaliou meu pulso com delicadeza, informando que era uma torção no punho, que eu tive sorte de não ter sido uma luxação. Avisou que colocaria uma atadura apenas para diminuir a mobilidade do local e prescreveu uma pomada anti-inflamatória e compressas com gelo.

Ele, então, pediu licença e nos deixou a sós.

Victor e eu.

Eu, chateada e incomodada pela dor, e Victor com um olhar baixo e reflexivo.

— A culpa não foi sua. Sabe disso, né? — falei, mas ele não olhou para mim, sequer pareceu me ouvir. — Ei, tá me escutando? Não foi sua culpa! — Aumentei o tom de voz, e ele balançou a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não acredito que me desequilibrei e caí em você... — Bufou. — Me desculpa, Isabella — pediu, parecendo atordoado.

— Não tem do que se desculpar e, se você me fizer repetir outra vez que a culpa não foi sua, eu vou torcer o *seu* pulso com minhas próprias mãos — desafiei e gostei de ver que um canto de sua boca se ergueu minimamente. — Show, estamos entendidos.

Ele assentiu com um aceno, colocando os olhos em mim de maneira bastante determinada.

— Eu vou te poupar hoje, mas não pense que me esqueci de que você não respondeu minha pergunta — avisou, austero.

— E-eu... — gaguejei. — Olha, Victor... — Suspirei fundo, pensando nas palavras que deveria escolher. — Não acha que essa brincadeira toda já deu?

— Brincadeira? — repetiu, franzindo a testa. — Pra mim isso tudo é muito sério, Isabella.

— Eu sei que aceitei essa proposta maluca dos sete dias, mas não acha que podemos acabar com

PERIGOSAS ACHERON

isso de uma vez? Por que não assina o divórcio logo? Tudo acabaria mais rápido.

Senti a garganta secar e segurei para que os olhos não comesçassem a lacrimejar. Era muito difícil dizer aquelas coisas, era muito doloroso aceitar que eu não tinha opção. Não como imaginava que tivesse. Ser amiga de Victor era apenas um pensamento ingênuo. Uma vontade verdadeira, sim, mas impossível.

Claro que eu não queria me afastar de Victor. Porém, me lembrar de como eu reagia quando o via com a Carol ou qualquer outra mulher só me mostrou que eu sabia que uma distância entre nós era completamente necessária. Não havia outro jeito.

Eu não poderia mais mentir para mim mesma e muito menos para ele, fingindo que poderíamos retomar a amizade. Pois não poderíamos...

— E quem disse que eu quero que acabe? — ele murmurou.

Fitei seu rosto, a expressão séria e as piscinas azuis vidradas em mim. Meu corpo estremeceu ao

perceber o quão profundos estavam, um brilho sincero bem no meio de suas íris.

— Então o que diabos você quer de mim? — esbravejei, nervosa, cansada, confusa e ainda meio bêbada. — Eu não posso ser sua amiga, cacete, não posso!

— Por que não? — perguntou, algo chispando em seus olhos.

Algo que parecia... esperança?

— Porque eu...

A porta se abriu e minha voz pairou no ar.

— Vamos enfaixar esse pulso? — o médico falou ao entrar na sala branca, me fazendo fechar a boca no mesmo instante.

Assenti freneticamente, agradecida por ele ter aparecido na mesma hora. Eu sabia que iria me arrepender das palavras que teria dito. Victor, por outro lado, não parecia muito contente por termos sido interrompidos.

Com o braço enfaixado e já medicada, voltamos para casa no mais puro silêncio. Ele parecia reflexivo e inalcançável. Foi completamente

PERIGOSAS ACHERON

desconfortável, mas era melhor do que entrar em um novo interrogatório.

Quando atingimos o corredor para os quartos, Victor chamou meu nome e eu me virei, ansiosa e com um pouco de medo.

— Você me prometeu uma semana — sussurrou.
— Faltam só três dias, e eu vou cumprir minha palavra, porque é isso que os amigos fazem. Se você quiser distância de mim, vou respeitar sua decisão, mas não me peça pra desistir de você antes disso.

— Victor! — Meio gemi, meio ofeguei em surpresa. — Eu...

— Por favor — pediu de novo.

Não pude lhe negar aquilo. Simplesmente não era capaz quando ele me olhava daquela forma. E, bem ou mal, eu tinha mesmo prometido a semana completa. Não metade, nem mesmo um dia a menos...

— Tudo bem — concordei. — Mais três dias.

Pensei que me arrependeria daquilo, de continuar aquela farsa que não nos levaria a lugar algum,

mas, quando sua boca se abriu e ele sorriu, todo o meu mundo caiu. A vontade de vê-lo alargar aquele sorriso era maior que qualquer angústia que se formava em meu peito, e eu sabia o quanto aquilo poderia ser perigoso.

— Obrigado — murmurou, ao mesmo tempo contente e sem graça, antes de se aproximar e beijar minha testa com tanto carinho que fez minhas pernas se desmancharem e todo o meu corpo acender como uma fogueira em pleno inverno. — Boa noite e... se cuida, ok?

Concordei com um aceno e ele se virou, entrando em seu quarto e fechando a porta atrás de si.

Um pouco perdida em pensamentos, me forcei a fazer o mesmo, puxando as cobertas da cama e me encolhendo embaixo delas. Xinguei-me mentalmente, me sentindo uma completa idiota. Eu deveria saber que aquilo aconteceria, deveria aceitar que algo nele me atraía de forma irreversível. A noite em Vegas era a maior prova de que eu não era forte o suficiente perto de Victor e que toda aquela aproximação não daria muito certo. Por que diabos eu me colocava naquela situação?

Camila mesma me contara que eu o beijei, que eu tomei a iniciativa. Então a culpa de tudo era minha. Não era?

Talvez, mais uma vez, eu não fosse capaz de resistir aos encantos de Victor. O jeito que meu corpo respondia ao dele era algo além do meu controle. “Por que é isso que os amigos fazem”; “Não me peça para desistir de você...”, ele disse.

E ouvir aquelas coisas de sua boca era muito doloroso, pois eu sabia que ele não queria desistir da nossa amizade, do nosso laço, já que era somente isso que eu tinha a oferecer.

Para todo o resto, ele tinha a Carol e tantas outras garotas aos seus pés. Do que mais ele precisaria vindo de mim além de uma amiga verdadeira? Victor gostava de relações casuais e aquilo não mudara. Nunca mudaria, e eu não podia me esquecer disso jamais. Mesmo assim, todo os meus pelos se arrepiavam quando ele se aproximava demais, minhas pernas viravam gelatina e meus lábios tremiam com a vontade de se juntar aos dele.

Ri sem humor algum, achando patética a maneira como eu não conseguia controlar meu corpo e

PERIGOSAS ACHERON

mente quando Victor me tocava. Era tão mais forte que eu... E ainda assim eu precisaria aguentar mais três dias sem fraquejar, sem cometer o mesmo erro de anos antes.

Só mais três dias...



Não estava com muita vontade de sair do quarto naquela manhã de sábado. Se eu pudesse, passaria o dia inteiro enfurnada ali, de preferência dormindo para não pensar em mais nada. Minha cabeça já latejava de tanto que minha mente repassara a noite anterior, só consegui pegar no sono depois de me convencer de que precisaria esperar aquela semana terminar para ter paz, ainda que minha opinião sobre o que eu faria depois já estivesse formada.

Como um aviso de que eu não poderia seguir com aquela ideia de continuar recolhida até a noite chegar, meu estômago roncou alto, informando que

PERIGOSAS ACHERON

sua necessidade de ser alimentado era de extrema importância. Mais ainda do que minha pouca vontade de ficar próxima de Victor.

Ah, e eu sabia... ele já estava acordado há horas, eu ouvia seus passos marchando pelo corredor de um lado para o outro, quase como se estivesse aguardando algum sinal de fumaça de dentro do meu quarto.

Praguejei baixinho ao sentir todo o meu tronco vibrar com a fome e, um pouco irritada, chutei as cobertas para o final da cama antes de me levantar. Já estava na hora do almoço, eu morreria a qualquer momento se não colocasse algo para dentro.

Aproveitei para mandar uma mensagem para Camila, avisando que era melhor eu ficar de molho naquela tarde enquanto ela e Fábio passeavam pela cidade. Encontrar com aqueles dois resultaria em muitos questionamentos e, além disso, eu também não queria prendê-los dentro de casa em plenas férias. Minha prima, por sorte, não retrucou e disse que poderíamos nos encontrar depois caso eu já não estivesse com dor. Por fim, me desejou melhoras, e

eu torci para que eles tivessem um dia proveitoso. Afinal, ficariam apenas duas semanas e tinham muito a fazer, além de outros amigos para visitar.

Peguei algumas roupas e caminhei até o banheiro para tomar um banho quente, agradecendo por não encontrar Victor pelo caminho. A ducha, claro, não foi nada fácil, já que eu precisei tomar todo o cuidado do mundo para não molhar a maldita faixa que rodeava meu pulso. Pelo menos, de acordo com o médico, bastava eu ficar de repouso e fazer as compressas frias que na segunda-feira estaria nova em folha. Graças a Deus! A última coisa que eu queria era chegar ao meu primeiro dia de trabalho e não conseguir fazer minhas tarefas direito. Ah, aquela com certeza não seria uma boa impressão.

Sentindo-me limpa e com uma roupa confortável para ficar em casa, caminhei a passos lentos até a cozinha. Não me surpreendi ao ver Victor sentado no sofá, passando pelos canais da televisão em busca de alguma coisa interessante para assistir.

— Bom dia — ele saudou, se virando para me observar dos pés à cabeça.

— Bom dia — respondi em um murmúrio.

Como eu podia ficar tão desconcertada assim só com um olhar?

Victor, então, se levantou de repente e se aproximou de mim.

— Dormiu bem? Como está o... — Apontou meu braço com o queixo, os olhos preocupados analisando o local enfaixado.

— Mais ou menos. — Dei de ombros. — Acordei algumas vezes com dor, acho que dormi em cima dele em algum momento.

— Hummm... Você realmente se mexe bastante dormindo — comentou, pensativo, e eu mordi o interior da minha bochecha, um pouco envergonhada por me lembrar do porquê ele sabia disso. — Deixa eu ver — pediu, mas não esperou por uma resposta.

Victor pegou meu braço com todo o cuidado do mundo — o que fez com que eu me sentisse como uma boneca de porcelana — e o levantou até a altura de seu rosto. Ele girou lentamente meu pulso de um lado para o outro, me perguntando se doía, e, quando eu assenti, ele retorceu o rosto em uma

careta.

— Espera aqui — pediu, me soltando e sumindo no corredor.

Ele voltou dois minutos depois com um anti-inflamatório em gel e uma munhequeira. Pediu que eu retirasse a faixa, e assim o fiz. Victor me guiou até o sofá, onde se sentou ao meu lado e me fitou como um pedido mudo. Balancei a cabeça em concordância, e seus dedos levaram meu braço para perto dele, espalhando a pomada por toda a região em movimentos circulares.

Seria mentira se eu dissesse que meu coração não acelerou com seu toque e todo aquele cuidado que Victor parecia ter ao me tocar e cuidar de mim. Ele, pelo visto, percebeu que minha pulsação aumentou o ritmo, pois me observou de soslaio com um sorriso cínico que me fez perder o ar.

— Acho que já tá bom — comentei baixinho, sentindo a boca seca.

Victor não disse nada, mas continuou me olhando com firmeza, ainda com aquele repuxar de boca insolente. Em seguida, quase como se tivesse pena

PERIGOSAS NACIONAIS

de mim, afastou os dedos longos da minha pele e me entregou a munhequeira.

— Consegue colocar? — Quis saber. — Ou prefere que eu coloque em você?

Sorriu abertamente, o desgraçado.

— Eu coloco sozinha — resmunguei, constrangida e com uma enorme vontade de socar seu nariz perfeito.

E então, um barulho estrondoso me despertou, um novo ronco cheio de fúria vindo do meu estômago que eu não duvidava ter atravessado as paredes e chegado até os vizinhos. Victor, claro, riu.

— Acho que você tá morrendo de fome, não? — Sorri amarelo em resposta. — Acabei levantando cedo hoje e fui no mercado aqui perto. Pensei em cozinhar algo e ficarmos por aqui hoje, o que acha? Podemos ver alguns filmes juntos, de repente. Você precisa repousar.

A ideia de passar o dia inteiro em casa me parecia boa. Mas o fato de que eu passaria o dia inteiro em casa com *ele*, bom... aquilo era um

PERIGOSAS ACHERON

pouco preocupante. Principalmente por estar consciente de que eu ainda o queria bem mais do que um simples amigo. Não que eu estivesse apaixonada, longe disso! Eu não estava, não *poderia* estar. Claro que não.

Entretanto... algum sentimento, mesmo que muito bem escondido lá dentro de mim, pulsava e eu tinha medo de que ele pudesse tentar emergir caso eu desse a chance. Por isso, o ideal seria me manter o mais afastada possível de Victor até o final daqueles sete dias.

— Você tá considerando se é uma boa passar o dia comigo, não tá? — ele questionou, sagaz. Em resposta, apenas arregalei os olhos. Estava surpresa por ele saber exatamente o que se passava em minha cabeça. Victor, então, suspirou, se recostando no sofá e fechando os olhos. — Não pode ser tão ruim ficar perto de mim, Isa... Eu sou tão entediante ou insuportável assim? — murmurou, virando a cabeça e abrindo as pálpebras, aquelas duas piscinas vidradas em mim esperando por uma resposta honesta.

E ali, bem no fundo, eu vi uma mágoa verdadeira

PERIGOSAS NACIONAIS

nadando naquelas águas. Aquilo apertou meu coração mais do que eu gostaria, pois a necessidade de vê-lo sorrir gritou mais alto.

— Acho que é impossível ficar entediada com você, Victor. E, bom, quanto a ser insuportável... — Sorri, divertida. — Eu diria que está mais para implicante, teimoso ou até irritante, mas insuportável, insuportável... não.

Então ele sorriu, mostrando todos os dentes e fazendo surgir aquelas ruguinhas adoráveis. Aquilo fez uma paz sem igual se instaurar em meu peito.

Ah, sim... ficar perto de Victor era muito perigoso, de fato. Não importava o quanto eu queria manter distância, quando a hora chegava todo o meu corpo me implorava para que eu não o fizesse. Algo em mim não me permitia deixá-lo sofrer, uma necessidade urgente em vê-lo feliz, sorrindo, crescia em mim e controlava minha língua e meus atos.

— E quanto à fome — continuei —, eu sinto que posso desfalecer aqui no seu sofá a qualquer momento. O que tem de bom pra comermos?

PERIGOSAS ACHERON

— Hummm... Na verdade não temos nada — ele disse, comprimindo os lábios.

Eu o fitei com desespero ao questionar:

— Mas você não disse que foi no mercado, criatura?

— Eu fui... — se defendeu, se virando para mim.
— Mas a comida não vem pronta, né?!

— E o que estamos esperando? Vamos logo fazer o almoço, homem! — Eu me levantei, indo até a cozinha e retirando tudo o que achava de interessante de dentro da geladeira. — Como você pagou por isso aqui, deixa que eu faço alguma coisa pra gente.

— O quê? — gritou. — De jeito nenhum! Sai dessa cozinha, Isabella — mandou, a voz muito, muito séria.

— Olha só, eu sei que não sou nenhuma *chef*, mas antigamente você não reclamava tanto quando eu fazia miojo. Pegou aversão ao macarrão instantâneo, é?

Eu o encarei de forma desafiadora.

— Você é péssima na cozinha, nós dois sabemos
PERIGOSAS ACHERON

disso. — Riu, debochado, e eu levei a mão ao peito, fingindo estar ofendida. — Mas eu estava mais preocupado com seu pulso, na verdade.

— Ah — falei, sorrindo sem graça. — Tá tudo bem, acho que não vai ter problema. É só eu não for... Ei, o que você tá fazendo? Victor!

Ele me empurrou de volta para o sofá, me obrigando a sentar meio desengonçada no lugar que ele ocupava antes.

— Fica quietinha aí, eu faço o almoço pra gente. Nem pense em levantar daí hoje — ordenou.

— Mas... — tentei retrucar, porém isso apenas deixou seu olhar ainda mais firme, o que me fez fechar a boca e bufar. — Eu só torci o pulso, ainda posso andar e me mexer normalmente, sabia? — resmunguei, contrariada.

— Não me interessa.

Ele deu de ombros.

— Eu não quero ficar aqui sem fazer nada enquanto você cozinha — reclamei, torcendo a boca.

— Vai ficar aí quietinha, sim. E, se reclamar de
PERIGOSAS ACHERON

novo, talvez eu repita o ataque de cosquinhas de ontem.

Victor ergueu uma sobrancelha em desafio, e eu balancei a cabeça em negativa de forma nervosa.

— Vou ficar quietinha — avisei, tensa.

Ninguém vai encostar na minha barriga hoje!, pensei, desesperada.

— Ótimo — falou baixinho, aproximando o rosto do meu e semicerrando os olhos. — Posso começar sem me preocupar se você vai tentar algo?

Prendi o ar no mesmo instante. Victor estava perto. Perto demais. Tão perto que minha imaginação começou a trabalhar, pensei em como seria se aqueles míseros centímetros entre nós fossem findados de uma vez só. Sua boca colaria na minha em um beijo arrebatador e feroz, depois sua língua percorreria minha orelha, pescoço, descendo até meu maxilar e...

Que inferno!

— A-aham — gaguejei, engolindo em seco e espantando aqueles pensamentos.

— Você tá vermelha. Se sente bem?

PERIGOSAS NACIONAIS

— S-sim! Só um pouco de calor, eu acho. Tá meio abafado hoje, né?

— Vou abrir as janelas.

Suspirei fundo em uma mistura de alívio, por ele aumentar a distância entre nós, e uma frustração enorme pelo mesmo motivo.

Aqueles últimos dois dias e meio seriam, no mínimo, torturantes...



— Mesmo você sendo fã número um de miojo, sinto informar que hoje vai comer um macarrão de verdade — Victor informou ao colocar a panela em um descanso em cima da mesa da sala de estar.

— Acho que posso relevar dessa vez — comentei, sendo atraída pelo cheiro delicioso de carne refogada e massa fresca. — Isso tá com uma cara muito boa!

— *Isso?* Ora, tenha mais respeito pela comida que fiz pra você, ingrata — ralhou cheio de ironia.

— Essa *macarronada* parece boa pra caramba! — corrigi, erguendo o canto da boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora, sim! A receita é simples, mas foi a esposa do meu irmão que me ensinou da última vez que fui visitá-los — explicou ao pegar os talheres nas gavetas.

— A Alice, não é?

Aproximei-me para ajudá-lo, mas Victor me fuzilou com o olhar no mesmo instante.

— Vá se sentar — mandou, e eu revirei os olhos, girando em meus tornozelos e retornando à minha cadeira cativa. — E sim, foi a Alice. Você iria gostar dela, quem sabe não acabam se conhecendo quando eles vierem no final de semana que vem?!

Quis dizer que aquilo provavelmente não aconteceria, pois, quando segunda-feira chegasse, eu também estaria livre da minha promessa e poderia me afastar mais uma vez de Victor e todo aquele rebuliço que ele me causava.

Com certeza, não seria tão fácil assim cortá-lo da minha vida, já que trabalharíamos no mesmo prédio e estávamos na mesma cidade, mas Victor sempre cumpria o que prometia e, se dissesse que ficaria longe de mim... bom, ele ficaria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas aquele pensamento, em vez de reconfortante, trouxe uma pontada ao meu peito, me fazendo pensar que meu coração poderia parar de bater a qualquer segundo. Desejei esquecer aquele assunto por ora. Poderia sofrer o quanto fosse necessário depois, pois eu sabia que conseguiria me recompor mesmo que demorasse mais algum tempo.

Por isso, apenas respondi:

— Ela deve ser gente boa mesmo.

— Ela é — concordou, terminando de colocar tudo na mesa e se sentando à minha frente. — E a Manu é irresistível, especialmente por conta das bochechas. Definitivamente são as bochechas — sussurrou a última parte, refletindo.

— Deve ser bom ser um tio babão — comentei.
— Não vejo a hora de ser a minha vez, na real. Queria muito que a Camila e o John aumentassem a família logo.

— Tenho certeza de que você vai apreciar a experiência — disse com convicção, um sorriso bobo no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem diria que logo você ia gostar tanto de crianças — brinquei, e ele ergueu um ombro, servindo meu prato. — Nem isso eu posso fazer? — questionei em um resmungo.

— Não quero que pegue peso, pode piorar seu estado — explicou com carinho. — E não é que eu goste de todas as crianças, mas a Manu é família e... bom, é divertido ver a cara de ciúmes do Theo quando ela pede para ficar no meu colo.

Sorriu, travesso.

— Você não vale nada, Victor — constatei, balançando a cabeça.

— Nem um pouquinho?

Ele me olhou com um falso sorriso triste.

— Não, nem um pouquinho mesmo — avisei antes de rir com sua feição derrotada.

— E sua prima, já falou com ela hoje? — Ele mudou de assunto, voltando a comer a macarronada.

— Aham... Assim que acordei. Ela e o Fábio vão passear hoje, provavelmente encontrar alguns amigos.

PERIGOSAS ACHERON

— Entendi.

Eu me recordei na mesma hora de algo que havia me encucado na noite anterior.

— Você e o Fábio tiveram alguma desavença, ou... sei lá...

Victor levantou os olhos e entortou o canto da boca em uma careta.

— Por que a pergunta?

— Achei vocês estranhos quando eu e a Camila voltamos do banheiro, pensei que pudessem ter discutido sobre algo, não sei...

Dei de ombros, tentando parecer desinteressada, mesmo que estivesse muito curiosa com o assunto.

— Não foi nada demais — respondeu, bebendo um gole de água. — Só temos... bem, interesses em comum, mas com... opiniões diferentes, eu acho.

Pensei em fazer uma nova pergunta, já que sua resposta não havia esclarecido absolutamente nada, mas Victor não parecia nem um pouco à vontade com o assunto e nada inclinado a continuar aquela conversa. Por isso, preferi não forçar e voltei minha

atenção ao prato. Fábio poderia me esclarecer as coisas outra hora.

— Tá muito gostoso mesmo esse almoço. Bendita seja a Alice!

Victor sorriu, concordando com a cabeça.

— Bendita seja. Meu irmãozinho é um cara de sorte mesmo.

Assenti, tratando de repetir o prato.

Terminamos o almoço e Victor, mais uma vez, não deixou que eu mexesse um músculo, não importava quantas vezes eu bufasse ou revirasse os olhos. Ele parecia não se importar. E eu, bom, não conseguia evitar me sentir... querida. Um tanto mimada também.

Acomodamo-nos no sofá e começamos a analisar o que poderíamos assistir. Apesar de não gostar tanto assim de ficar mofando em casa, até que um dia sem nada para fazer parecia relaxante. Ainda mais se considerasse que a partir de segunda-feira eu teria um trabalho em tempo integral.

É, aquilo parecia um bom programa para um sábado. Se não fosse, claro, a companhia

desconcertante ao meu lado. Mas eu não tinha outras opções, tinha? Então, tratei de ignorar o fato de que sua perna encostava de leve na lateral da minha coxa e me obriguei a prestar atenção no que acontecia na televisão.

Acabamos escolhendo um filme de ficção científica e, para a minha sorte, era de fato muito bom, já que consegui desgrudar a mente do corpo, ignorando o roçar de sua calça em minha pele e entrando na história.



Depois de terminar o segundo filme, me espreguiceei no sofá, sentindo os músculos reclamarem por eu ficar tanto tempo na mesma posição. Victor, ao meu lado, bocejou, esticando as pernas e braços para o alto.

— Até que passou rápido, daqui a pouco vai escurecer — ele disse.

— Caraca, já?

Olhei para a janela, vendo que o céu era uma linda e calorosa mistura de azul-claro, laranja e rosa.

Quando me virei de volta, percebi que Victor passava a mão por todo o braço, fazendo com que o tecido branco levantasse e denunciasse os riscos acinzentados do lobo.

— Você tem uma tatuagem! — Arfei, me lembrando de como ficara deslumbrada quando vira o desenho naquela manhã em Vegas. — Tinha me esquecido completamente dela!

— Ué, esquecido? Mas eu fiz muito tempo depois de você viajar, como você sabia que eu... Ah! Já entendi — falou em um tom muito, muito malicioso, o que fez todo o meu sangue subir para o rosto na mesma hora.

Maldita boca a minha!

De repente, quase como um milagre, ouvi o barulho do celular tremendo no encosto de braço ao meu lado e me virei para pegar o aparelho. Ao ver o nome que piscava no visor, não pude deixar de me surpreender e franzir a testa.

— Não vai atender?

Aceitei a chamada, levando o aparelho até meu ouvido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, pai — saudei, um tanto receosa.

— Filha, onde você tá?

— Na casa de um amigo, já te falei.

— Mas onde fica? Estou indo aí te buscar.

Engasguei, pulando do sofá em seguida.

— O quê? Como assim vindo me buscar?

— Podemos conversar pessoalmente? Estou dirigindo agora, acabei de entrar na cidade.

— Pai, olha...

— A Verônica ficou na casa da mãe... Não se preocupe, você não vai mais ter que lidar com ela. Mas precisamos conversar, Isabella, e também quero ver minha filha depois de todo esse tempo.

Mordi o lábio inferior, segurando a pergunta que estava na ponta da minha língua.

— Tá. — Inspirei fundo. Quando desliguei a ligação, Victor me fitava com ansiedade e preocupação em um questionamento mudo sobre o que aconteceu. — Meu pai voltou — expliquei. — Disse que quer me buscar e conversar comigo.

— E você quer conversar com ele?

PERIGOSAS ACHERON

Dei de ombros.

— Ele é meu pai — respondi. — Mas também queria descobrir por que a Verônica não veio junto com ele. Ela não é do tipo que deixaria meu pai voltar pra cidade sozinho pra ela precisar pegar um ônibus depois. Achei muito suspeito.

— Então você vai voltar com ele? Pra sua casa...

— Sim — falei, meio sem graça. — Acho que não faz sentido eu ficar aqui agora que consigo entrar em casa, sabe?

— Entendo. É... faz sentido — ele murmurou, parecendo um pouco decepcionado.

— Mas obrigada mesmo por me deixar ficar aqui estes dias. Foi... muito gentil da sua parte.

— Não foi nada. — Ergueu um canto da boca por meio segundo. — E sabe que pode voltar se precisar.

— Obrigada, mas chega de tirar sua privacidade — agradei, um pouco sem jeito, mordendo um canto da boca. — Bom, é melhor eu arrumar minhas coisas. Ah, droga! — murmurei, e Victor me encarou, confuso. — Eu coloquei algumas

roupas pra lavar ontem. Acho que ainda não secaram.

— Sem problemas, eu levo pra você na segunda.

— Não, que isso... Eu posso vir buscar amanhã.

— Na verdade, para amanhã já temos outros planos e é melhor que você não leve uma sacola de roupa com você — avisou.

— Planos?

— Nossa semana só termina na segunda, esqueceu? Amanhã você não vai escapar de mim, se era o que estava esperando.

Ele piscou, charmoso demais para o meu pobre coração.

— Isso é mesmo necessário? — indaguei após um longo suspiro.

Alguma parte de mim esperava que, ao sair de sua casa, Victor poderia desistir daquela proposta doida e simplesmente me deixar ir de uma vez por todas. Mesmo que aquela opção não me parecesse tão atraente como eu gostaria.

— Bom, se você quer que eu assine o divórcio... então, sim, é necessário. Acha que conseguimos ter

PERIGOSAS ACHERON

uma noite divertida como antigamente?

— Acho que não é como se eu tivesse opção...

— resmunguei.

— Não, não tem.

Ele repuxou o canto da boca feito um vencedor.

— Eu só queria entender aonde você quer chegar com tudo isso —confessei, emburrada.

— Eu também queria entender por que você me excluiu da sua vida sem mais nem menos, mas nem sempre temos todas as respostas, não é? — devolveu com sarcasmo. Eu o olhei e torci a boca, sem saber o que dizer. — Olha, você vai saber as coisas na hora certa. Enquanto isso, vamos só viver e aproveitar os últimos dias, tá legal?

Assenti, achando melhor não o contrariar. Victor não parecia disposto a falar mais qualquer coisa sobre o assunto, e eu tinha outras coisas para me preocupar no momento. Como o fato de que meu pai estava chegando após ter acontecido algo entre ele e Verônica.

— Tudo bem — concordei. — E só pra confirmar: não existe a menor possibilidade de

PERIGOSAS NACIONAIS

você me contar aonde vamos, não é? — Ele negou com a cabeça e sorriu de forma arteira. — Já imaginava. Amanhã eu descubro o que você tá aprontando.

— Depois te aviso que horas vou te buscar, mas aconselho a ir arrumada. Vamos comemorar seu último dia sem um emprego — avisou, me deixando ainda mais curiosa.

Maldito!

— Bom, melhor eu me apressar antes que meu pai chegue.

Arrumei as malas, que estavam no chão do quarto de hóspedes. Foi o tempo exato de meu pai ligar avisando que estava lá embaixo. Mesmo eu falando que não precisava, Victor fez questão de descer comigo e me ajudar com as tralhas.

Assim que atingimos o térreo, fui abraçada com força por papai, que não parecia muito disposto a me soltar tão cedo. E ainda que eu estivesse chateada com ele, não fui capaz de resistir à saudade e o abracei de volta. Era muito bom vê-lo de novo.

PERIGOSAS ACHERON

— Senti muito a sua falta, pequena — ele sussurrou e se afastou, segurando meus ombros. — Você está mais linda ainda! Uma mulher feita.

— É... acho que sim — respondi, constrangida, e ele então fitou meu punho. Fiz um aceno com a mão, dizendo que explicaria depois, e ele meneou a cabeça, olhando em seguida para a figura atrás de mim. — Ah, foi mal. Esse aqui é o Victor, pai. Victor, esse é o meu pai, Paulo.

Ambos apertaram as mãos, e meu pai disse:

— Obrigado por cuidar dela nestes dias e desculpe qualquer problema ou incômodo.

— O prazer foi meu, senhor. Não foi incômodo algum — Victor respondeu, polido.

— Espera, eu não te conheço? Você me é fami... Ei, não era você o namoradinho da Isabella?

Ai, meu Senhor Santíssimo! Não... Não!

Meus olhos se arregalaram, e Victor começou a tossir freneticamente.

— O-o quê? — Minha voz saiu de forma esganiçada. — Do que você tá falando, pai? A gente não era namorado! De onde você tirou isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

Céus...

— Ah, namorado, ficante, *crush*, rolo, contatinho... Vocês jovens gostam de complicar as coisas com esses nomes esquisitos.

A tosse de Victor cessou, mas ele prendia o ar e parecia muito, muito nervoso.

— Pai... — praguejei, cerrando os olhos.

— Você não achava que eu realmente acreditava quando você dizia que ia dormir na Ana, né? Uma vez eu te segui... — avisou, e eu o encarei de forma acusatória com um enorme vinco na testa. — Não me culpe, eu estava preocupado com você. Esse é o meu direito como pai. — Deu de ombros, e eu apenas fiquei mais constrangida. — Bom, eu vi vocês dois vindo... é, pra cá mesmo. Foi neste prédio mesmo. Como eu não percebi antes? — Ele riu, achando graça não sei de quê. Eu não estava achando graça nenhuma! — Acho que estou ficando velho mesmo, minha memória não anda das melhores — declarou por fim.

— Pai... pelo amor de Deus — meio murmurei, meio gemi, não acreditando que aquilo estava

PERIGOSAS ACHERON

acontecendo.

Victor estava tão pálido quanto uma folha de papel, pensei que ele poderia desmaiar a qualquer momento. E quem poderia culpá-lo?

— Mas então, não são mais namoradinhos? — meu pai repetiu a pergunta, e eu quis enfiar minha cabeça no cimento.

— Cacete, pai! Não! Somos só *amigos*! — enfatizei. — Podemos ir embora agora, *por favor*?

— Claro, claro, querida. Acho que deveria ter ficado quieto — ele riu, sem jeito, provavelmente percebendo o quão constrangedor era aquilo tudo.

— Só... vamos logo, tá bem? — pedi baixinho.

— Claro, claro. Foi um prazer, Victor — meu pai disse, sorrindo e colocando as malas dentro do carro.

— O pr... — Victor arranhou a garganta, ainda tenso. — O prazer foi meu, senhor.

— Me desculpa por isso — pedi em um sussurro, e ele apenas soltou o ar pelo nariz de uma vez só, voltando à sua cor normal.

— Relaxa, não se preocupa. Só me pegou... bem,
PERIGOSAS ACHERON

desprevenido.

— Somos dois — resmunguei. — Bom, até amanhã?

— Até amanhã, com certeza.

Sorriu, um pouco tímido, mas me dando a graça de uma pequena ruguinha surgindo no canto do olho direito. Mexi a cabeça em um aceno e entrei no carro do meu pai.

— Não acredito que você falou aquilo em voz alta, pai — murmurei, me encolhendo no banco assim que ele deu a partida.

— Acho que é papel dos pais fazerem os filhos passarem vergonha — brincou.

Eu ri, balançando a cabeça de forma incrédula. Devia existir algum termo para se tornar pai. Algo como: “prometo, por toda a eternidade, fazer minhas crias passarem pelos momentos mais vergonhosos possíveis”. E depois todos eles passam por um culto de piadistas iniciantes antes de ganharem o título da paternidade.

— Acho que você tem razão. Mas quer me adiantar por que sua digníssima esposa não veio?

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo que ainda estivesse sentindo o rosto queimar, minha curiosidade era mais latente.

— Bom... — Papai suspirou fundo. — Acho que o mais importante é falar que agora eu não tenho esposa alguma.

Eu o fitei, as pálpebras bem abertas pela surpresa.

— Do que você tá falando?

— Filha, você tinha razão, a Verônica não deixou a chave pra você de propósito.

— Eu disse...

— Eu sei. E, depois que nos falamos por telefone, fui tirar aquela história a limpo com ela. As coisas que a Verônica falou... — Balançou a cabeça, tentando organizar os pensamentos. — Eu jamais poderia continuar casado com uma mulher que pensa tanta bobagem sobre você. Não sei como não vi antes que vocês não se davam bem a esse ponto, me desculpa — pediu, sincero. — Mas você nunca ficava em casa, também nunca disse nada. Eu achava que você não queria ficar com dois velhos, e sim com os amigos da sua idade, não pensei que era...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por causa dela, eu sei. Eu nunca falei nada porque... poxa, pai, eu nunca quis estragar seu casamento — admiti, sentindo a voz embargar. — Eu só queria que você fosse feliz.

Sua mão tocou a minha e apertou meus dedos por dois segundos antes de voltar ao volante.

— Ô, minha filha... — Repuxou um canto da boca em apaziguamento. — Eu tenho saúde, um emprego e você. É tudo o que eu preciso para ser feliz.

— Ah, papai. E-eu senti tanta a sua falta.

Foi tudo o que consegui dizer. Depois, só pude abaixar a cabeça e chorar.

— E eu a sua, pequena — respondeu com tanto carinho na voz que só fez aumentar meu choro. — E não pense nem por um momento que a culpa é sua. A Verônica não era a pessoa que eu imaginava, e eu já não era feliz com ela há algum tempo, essa foi apenas a gota d'água. Imagine só... — Estalou a língua, e percebi a raiva em seu tom. — Ninguém vai falar se minha filha precisa ou não sair de casa, a casa é nossa. Você sai quando bem entender e não

PERIGOSAS ACHERON

porque alguém quer despachá-la. Onde já se viu...

Ele parecia de fato revoltado, precisei morder o lábio inferior para não rir. Meu pai ficava fofo com um vinco na testa e a feição irritada.

— Mas e agora, pai? O que vai acontecer?

— Esse seu amigo... Victor, ele é advogado, não é? — Quis saber, e eu meneei a cabeça positivamente. — Que bom, acho que vou precisar de um pra papelada do divórcio. O que acha?

— Eu?

— Claro, quem mais? — retrucou como se fosse óbvio.

— Eu acho que ele vai gostar bastante de te ajudar, pai.

— Maravilha, porque eu não vejo a hora de me livrar daquela mulher venenosa. Tudo aquilo que ela despejou em mim foi o cúmulo. — Bufou, balançando a cabeça, que parecia estar prestes a explodir. — Sem falar que não transamos há quase um ano!

— Ah, pai, não preciso saber disso, né? — resmunguei, tentando controlar a cara de nojo.

Ninguém merece imaginar uma cena dessas...

— Desculpe — ele sorriu, sem graça, e uma risada baixa escapou de minha garganta. — O que importa é que voltaremos a ser eu e você, pequena. Como se sente quanto a isso?

— Bem, muito bem! — confessei, aliviada.

— Que bom, porque provavelmente vou demorar para matar tantas saudades de você — falou, me olhando de soslaio com uma feição animada.

Minha boca se abriu no mesmo instante com um sorriso de orelha a orelha, uma felicidade me inundando por todo o corpo e me trazendo uma sensação de paz muito bem-vinda.

Talvez, só talvez, eu pudesse adiar meus planos de alugar um apartamento próprio. A verdade é que eu não me importaria de matar as saudades que eu também tinha dele.



Capítulo 17

A noite anterior fora muito melhor do que eu esperava. Papai e eu passamos horas conversando, contei sobre os últimos dois anos e meio fora, a proposta de emprego e o fato de Camila estar na cidade.

Quando o sono nos atingiu em cheio, nos despedimos com um boa-noite muito familiar e cada um se retirou para o seu quarto. Era incrível como o apartamento ficava mais leve sem a presença de Verônica.

Entrei no cômodo no qual passara toda a minha vida, uma sensação nostálgica me dominando na

mesma hora. Comecei a pensar em como eu quis por tanto tempo deixar aquele apartamento para trás, ter o meu próprio canto, onde eu mandasse em cada mínimo detalhe. E eu sabia que uma das maiores razões para esse desejo intenso era a presença da minha ex-madrasta, que se apossava da minha casa e de meu pai dia após dia, ao passo que eu me sentia cada vez mais excluída, uma estranha no lugar que eu deveria considerar um lar.

Durante tanto tempo, pensei que tudo ficaria bem se eu apenas fosse embora, pois meu pai não ficaria sozinho. Não seria como se eu o estivesse abandonando ou algo do tipo. Eu só não queria mais conviver com alguém que só agregava energias negativas. Imaginava também que papai gostaria de preservar sua intimidade com a esposa, então dar mais liberdade a eles seria um ponto positivo para todos os lados.

Porém, as coisas mudaram de repente com a notícia do divórcio, senti meu mundo virando de cabeça para baixo. Não que isso fosse uma coisa ruim. Na verdade, não era mesmo.

Eu não podia mentir e dizer que não estava

PERIGOSAS ACHERON

contente por ele ser finalmente capaz de enxergar quem era a verdadeira Verônica e muito menos dizer que não estava pulando pelas paredes ao descobrir que ele escolhera a mim em vez de a ela. Era um sentimento bastante reconfortante para ser sincera. Mas papai não teria mais uma esposa para chamar de sua e eu voltara a ser tudo o que ele tinha. E, por mais que tentasse esconder, eu sabia que ele se sentiria solitário se ficasse sozinho naquele apartamento. Eu, claro, não seria capaz de fazer isso com seu Paulo. Principalmente no momento em que ele enfrentaria um divórcio inesperado e, com certeza, turbulento. Verônica certamente não deixaria as coisas baratas nem facilitaria o processo.

Ah, não. Claro que não. Verônica era ruim demais para apenas aceitar a derrota e sumir. Era melhor estarmos preparados para a artilharia pesada. E deixar meu pai encarar a cobra sozinho não era uma opção.

Imaginei que estaria tudo bem se eu adiasse um pouco meus planos de me mudar. Afinal, a família deve estar sempre presente. “Família significa

nunca abandonar”, não é isso que aprendemos em *Lilo & Stitch*, da Disney? Por isso, eu não seria capaz de deixar meu pai enfrentar tudo sozinho. Estava na minha hora de retribuir tudo o que ele já fizera por mim.

É, eu aguardaria mais um tempo para procurar um lugar próprio, isso não seria um problema. Realmente não tinha problema algum, contanto que estivéssemos juntos. E, para a minha alegria, seria só eu e ele dali pra frente. Então, tudo estava em paz. Sabia que um dia ele poderia encontrar outra pessoa, eu torcia por isso com todas as minhas forças. Para qualquer filho, a felicidade do pai sempre vem em primeiro lugar. E vice-versa. Apenas torcia para que da próxima vez ele escolhesse alguém de coração bom e que gostasse mais dele do que de sua carteira.

Suspirei fundo ao ver as malas no chão do quarto. Teria bastante trabalho nos próximos dias para arrumar tudo. Mas eu podia esperar até o dia seguinte para começar a organização, não podia? Olhei de novo para as malas e deduzi que sim, aquilo poderia esperar.

Então, decidi me atirar na cama e dormir de uma vez por todas. Porém, aquela tarefa se mostrou muito mais difícil do que eu pensava, pois olhos azuis invadiram o fundo do meu cérebro. Diferente do que eu esperava, não eram os olhos azuis rodeados de ruguinhas que eu conhecia bem, e sim os imersos nos pelos acinzentados daquele lobo marcante, o qual eu era incapaz de esquecer.

Peguei-me imaginando qual seria seu significado. Por que um lobo? Quando Victor decidira marcá-lo na própria pele e o que aquela tatuagem representava em sua vida? Alguma coisa incrivelmente tentadora despertava em mim quando eu pensava no assunto. Gravar algo tão profundamente e irreparável em si... Era algo tão... eterno. Definitivo. E, ainda assim, lindo. Tão lindo...

Acabei dormindo enquanto me questionava se um dia eu seria corajosa o bastante para fazer algo tão ousado assim.



Acordei com papai batendo gentilmente em minha porta e entrando em seguida, dizendo que
PERIGOSAS ACHERON

Camila e Fábio foram me fazer uma visita. Rolei entre os lençóis e, com muita preguiça, me forcei a levantar. Troquei de roupa entre um bocejo e outro e saí do quarto cerca de dez minutos depois com a cara amassada e os cabelos revoltos.

Ao atingir a cozinha, vi os três tomando café da manhã juntos, parecendo muito entusiasmados. Bocejei de novo, dessa vez um pouco mais alto, fazendo com que a atenção de todos pairasse em mim.

— Olha, olha, a princesa acordou. Como vai, Bela Adormecida? — Fábio provocou. — Não vou nem comentar essa juba, tá?

Em um gesto de enorme maturidade, eu mostrei a língua para ele. Depois passei as mãos pelos fios embaraçados sem pressa.

— A gente combinou alguma coisa de manhã? — perguntei, confusa.

Lembrava-me de termos trocado algumas mensagens na noite anterior, quando eu lhes contara que estava em casa com papai e a história sobre ele largar Verônica, mas realmente não me

recordava de chegarmos a falar alguma coisa além disso.

— Vamos dar uma volta pelo parque do centro, pensamos que você gostaria de ir. — Camila deu de ombros. — A ideia é fazer um piquenique e pegar um pouco de vitamina D.

— Beleza, pode ser. Além disso, acho que eu vou surtar se ficar mais um dia em casa sem fazer nada.

— Isso quer dizer que o pulso tá melhor? — Ela quis saber.

— Tá melhor, sim, quase não sinto mais dor quando mexo, olha. — Girei o punho de um lado para o outro dentro da munhequeira. — Acho que a pomada que o Victor usou ontem ajudou muito, vou ver se compro uma na farmácia hoje. Deve ter alguma no caminho do parque.

Camila assentiu, e eu me sentei à mesa com eles, passando manteiga em uma torrada e levando à boca, esfomeada.

— E aí, vamos com a gente, tio? — Camila chamou, mas papai balançou a cabeça em negativa.

— Vão vocês, crianças. Estou bem cansado ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

da estrada de ontem, acho que já não tenho mais idade pra dirigir longas distâncias. Prefiro ficar aqui e ver televisão — avisou.

— Tem certeza de que isso não tem nada a ver com o jogo que vai passar no canal de esportes de tarde? — indaguei, semicerrando os olhos.

Papai, claro, riu sem jeito, levando a mão à nuca e massageando o local.

— Você me conhece mesmo, pequena.

— Tem certeza de que não quer ir? Vai ser divertido — disse, pensando que seria bom para ele um pouco de ar puro.

Ainda assim ele recusou, e me peguei pensando que talvez ele precisasse de um momento sozinho. Terminar um relacionamento não é fácil e qualquer pessoa que já tenha passado por algo semelhante sabe disso. Por isso, perguntei se ele queria que eu ficasse, mas ele praticamente me ameaçou caso eu não saísse. Com as mãos levantadas em rendição, pedi licença para ir até o banheiro tomar uma ducha e trocar de roupa. Não via mesmo a hora de sair ao ar livre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Demorou cerca de quarenta minutos para que saíssemos de casa e chegássemos até o parque, onde muitos jovens relaxavam em suas cangas ou toalhas, aproveitando os raios solares que aqueciam seus corpos. Uma brisa morna batia em nossas peles, fazendo com que meu cabelo voasse livremente e Fábio me encarasse com insatisfação. Sorri amarelo e prendi os fios antes que ele decidisse fazer algo ele mesmo.

Deitamos em duas toalhas grandes e coloridas, deixando os sanduíches e bebidas que compramos no caminho ao nosso lado. O dia estava limpo, o céu azul e sem nenhuma nuvem... O clima era bastante agradável. Algumas árvores rodeavam o parque, gerando sombras onde famílias com crianças pequenas se abrigavam do sol.

Então, ali, deitada sem nada para fazer e sem nada para me preocupar, eu me senti em paz. Senti aquela sensação de que tudo está bem e na mais perfeita calma em um mundo onde não há pressão, dor ou desespero. Parecia perfeito. Existia apenas a tranquilidade e o som das conversas paralelas, que mais pareciam sussurros pela distância que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos das outras pessoas.

— Isso é tão bom — murmurei, sentindo o calor me esquentar.

— Por algum motivo, o sol parece mais acolhedor aqui, não acham? — Camila disse, fechando os olhos e inspirando fundo.

— Eu poderia dormir aqui facilmente — Fábio respondeu com uma voz arrastada e mansa.

— Queria que papai tivesse vindo. Acho que faria bem pra ele — observei.

— Às vezes ele queria ficar sozinho, digerir tudo — Camila respondeu. — Deve ter sido um baque pra ele descobrir que a Verônica não era a mulher que ele pensava ser.

— É, eu sei. — Suspirei fundo. — Fico triste e feliz ao mesmo tempo. Isso faz algum sentido?

— Claro que faz, linda — Fábio disse, a voz ainda calma, mas cheia de certeza. — Nós sempre queremos o melhor pra quem amamos e, mesmo que sua madrasta seja uma bruxa, é natural que você se importe com a maneira como ele tá se sentindo com tudo isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você tem razão. Só espero não precisar cruzar com ela de novo.

— Que os céus te ouçam! — ele falou, abrindo um pequeno sorriso.

Levantei o pulso para cima e observei a munhequeira, lembrando na mesma hora de passar o remédio no local. Sentei-me e me estiquei para pegar a sacola da farmácia.

— Deixa que eu te ajudo — Camila disse, pegando a pomada anti-inflamatória de dentro do saco plástico.

— Valeu — agradei, vendo-a passar o gel sobre a área com cuidado.

Sem querer, me recordei de como Victor fizera exatamente o mesmo no dia anterior.

— O Victor cuidou direitinho de você ontem, meu amor? — Fábio perguntou, curioso e... desconfiado?

— Ah, sim — respondi, um pouco sem graça e torcendo para não corar. — Ele foi ótimo. Não me deixou fazer nada, na verdade. — Ri baixinho. — Me deu vários esporros quando eu tentei ajudar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com alguma coisa. Praticamente vivi como um perfeito vegetal o dia inteiro.

— Maravilha! Então posso deduzir que ele foi um perfeito cavalheiro ontem? — questionou, mais sério do que de costume.

— Sim... acho que sim.

— Acha?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não, ele foi! — me apressei em falar. — Um perfeito cavalheiro, sem dúvida. Não tenho nenhuma reclamação.

— E não tentou nenhuma gracinha, certo?

— Certo... — falei, sem entender do porquê daquele interrogatório.

— Que bom — ele disse. — Pelo visto ele entendeu o recado.

Fábio se deitou de novo na toalha, colocando os óculos escuros no rosto e apoiando a cabeça nos braços.

— Ei, como assim *ele entendeu o recado*? — repeti, cutucando seu ombro, que pareceu não ligar.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você falou pra ele na festa, hein?

— Nada demais — respondeu, se ajeitando. — Só falei a verdade, que você é uma pessoa importante pra mim e que, se ele te magoasse ou tentasse qualquer brincadeirinha suja, eu apresentaria meus punhos à cara dele.

— Fábio! — ralhei, arfando.

— Não acredito que você falou mesmo isso! — Camila bradou, surpresa e mal segurando uma risada. — Por isso ele tava com aquela cara de quem comeu e não gostou. Ai, Fabinho, você com certeza colocou medo nele.

— Camila! — repreendi. — Desde quando isso é bom?

— Ah, mas... — Fábio tentou dizer, mas eu o interrompi:

— Eu sei que ele me magoou no passado e tudo mais, mas ele só tem me ajudado desde que eu cheguei aqui, sabe? Não o quero pensando que vocês o odeiam ou que eu falo mal dele pelas costas.

— A gente não o odeia, prima — Camila falou,

gentil. — Longe disso. Ele parece se importar com você e tal, mas não estaríamos sendo seus amigos de verdade se não desconfiássemos das atitudes dele. Principalmente devido ao histórico e toda essa proposta de sete dias.

— É, lindinha, nós só queremos te proteger — Fábio explicou. — Além disso, confesso que fiquei bastante surpreso com o que ele me disse depois.

— O-o que ele respondeu?

Prendi o ar no mesmo instante, uma expectativa estranha crescendo dentro de mim.

— Você gaguejou? — Camila questionou com um vinco se formando em sua testa.

— E-eu? N-não... Merda! Tá, gaguejei. Me deixa em paz, tá legal?

— Ah, não! Você tá doida pra saber o que ele falou! — minha prima acusou. — E para de fazer essa cara de emburrada só porque eu constatei o óbvio!

Revirei os olhos, irritada comigo mesma por dar tão na cara que, sim, eu estava mesmo intrigada com o mistério. Quem não estaria, caramba?

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que ele respondeu, afinal? — Olhei para Fábio, ignorando sua feição cínica. — Fala logo, homem!

— Bom... — Arranhou a garganta, parecendo se preparar para um discurso. — Ele disse que eu não precisava me preocupar e que eu não deveria ficar entre vocês dois.

— Hum... Entendi. Tá bem, então — falei, tentando fingir desinteresse.

— Sua falsa! — Camila acusou. — Tenho certeza de que você tá remoendo essas palavras por dentro. Não vem fingir pra mim que não tá nem aí, não. Te conheço como a palma da minha mão, Isabella!

— Não estou sendo falsa! — retruquei, soltando uma lufada de ar pelo nariz de maneira ruidosa. Mas Camila me olhava com tanta determinação que foi impossível continuar mentindo. — Inferno, Camila! Tá legal, eu fiquei curiosa mesmo.

— E quer nos dizer o por quê?

— Bom... Na verdade, não.

Ela suspirou fundo, se acalmando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tá apaixonada, não tá?

— Claro que não!

— Claro que tá! Você enrugou o nariz, eu vi! — avisou, apontando para meu rosto.

Praguejei baixinho. *Maldito tique idiota!*, pensei. Mas não era uma mentira. Eu não estava apaixonada, claro que não.

Eu podia admitir que havia certo... interesse. Um interesse muito forte, para o meu azar, mas não passava disso. E eu estava agradecendo aos céus pelo fato de que não precisaria mais dormir sob o mesmo teto que ele. Isso com certeza faria sumir qualquer sentimento bobo rapidinho.

A distância faria com que minha cabeça clareasse e eu voltasse à racionalidade. A tentação diminuiria longe dele e eu o esqueceria. Fora assim da última vez — mesmo com dificuldade —, e seria assim naquele momento, provavelmente com maior facilidade e rapidez, já que não tínhamos qualquer envolvimento como no passado. Eu só precisava de tempo e espaço. Apenas isso, e então eu viraria aquela página para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Só que até explicar isso para Camila e a convencer de que eu não nutria nada profundo por Victor, acabaríamos perdendo a tarde toda. E a maldita ainda continuaria insistindo no assunto, porque teimosia era de família. Eu não tinha dúvidas.

— Olha, podemos, por favor, esquecer esse assunto e só curtir o sol? — implorei, e minha prima inspirou fundo.

— Só me prometa que, aconteça o que acontecer, você não vai guardar isso pra você. Estou aqui, Isa — declarou com um sorriso amável. — *Nós* estamos aqui.

Fábio tocou o ombro de Camila com carinho, me encarando de forma misteriosa.

— Se ela ainda não aceitou ou identificou os próprios sentimentos, nós não podemos fazer isso por ela, Camilinha — ele disse, sugestivo.

Revirei os olhos. Sabia que não deveria entrar naquele assunto com os dois.

— Não tem sentimento nenhum, ok? — Camila abriu a boca para falar, mas eu continuei: — E eu

PERIGOSAS NACIONAIS

prometo que vou deixar vocês cientes de tudo, podem ficar tranquilos. Sei que vocês estão aqui por mim e agradeço muito. Podem confiar em mim, tá bem? — pedi.

Juntei nossas mãos com carinho e eles assentiram, sorrindo.

Eu realmente tinha muita sorte por ter pessoas que me amavam a ponto de atravessar um continente inteiro apenas para ficar ao meu lado. Eu queria mesmo curtir uma tarde com eles, sem pensar em Victor ou em qualquer outra coisa que me despertasse certo desespero, dúvida ou confusão. Um momento de paz com meus amigos era tudo o que eu desejava.

— Bom, agora que estamos resolvidos... — Fábio começou. — Vamos mudar de assunto e falar de coisas boas?

— Que tipo de coisas boas? — Camila questionou.

— Hummm... Boas como aqueles dois gatos ali, ó! — Apontou com o queixo para dois caras que brincavam com seus cachorros a alguns metros de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nós. Ambos estavam sem blusa, e Fábio só faltava babar.

— Ok, eu aprovo esse *tipo* de assunto — Camila comentou.

— Pobre John — murmurei em tom de brincadeira.

— Ah, querida prima, eu estou casada, mas definitivamente não estou morta. Olhar não tira pedaço.

Piscou, travessa, e eu ri, concordando com a cabeça.

— Não, não tira mesmo — Fábio disse, suspirando. — O que é uma pena, aliás.

PERIGOSAS ACHERON



Recebi uma mensagem de Victor por volta de três horas da tarde, avisando que me buscaria em casa às oito. Camila pediu para eu tomar cuidado quando a abracei em despedida, percebi que ela realmente estava preocupada comigo e com toda a situação. Nada mais do que uma prova do quanto me amava, e eu não queria deixá-la assim tão receosa sobre aquela noite. Seria apenas uma noite normal como as outras, não seria? Avisei para que ela ficasse tranquila, pois tudo acabaria em breve. Ela assentiu, mesmo com o pé atrás.

Ambos decidiram ficar pelo parque, e eu fui caminhando até em casa. Não era um trajeto curto, PERIGOSAS ACHERON

mas um momento para espairer era sempre bem-vindo. Na manhã seguinte, eu começaria um trabalho novo e ansiava muito por isso. Também seria o último dia em que precisaria cumprir minha promessa a Victor, mas, diferente do emprego, eu não parecia querer tanto aquilo como deveria. Era uma sensação esquisita, uma vontade enorme de que a segunda-feira chegasse, mas que nunca acabasse.

Pensei que talvez eu não quisesse dar adeus mais uma vez a um amigo, principalmente por saber o quanto poderia ser doloroso. Porém, não era como se eu tivesse muitas cartas na mesa naquele momento. Eu sabia que conviver de novo com Victor e reviver aquela amizade intensa acabaria trazendo mais danos do que qualquer coisa. Mas, enquanto isso, eu podia muito bem aproveitar sua companhia. Afinal, ele sempre me fazia sorrir de uma maneira sincera e espontânea, eu sentia falta daquela alegria fácil na minha vida.

Então, decidi que aproveitaria aquela noite. Naquela noite eu queria mesmo poder me divertir com Victor, fingir que no dia seguinte não haveria

PERIGOSAS NACIONAIS

uma despedida, enganar o tempo e ser capaz de curtir uma boa conversa, rir e acreditar que nosso laço ainda poderia se manter mesmo após tudo. Ainda que não pudesse, por uma culpa que era exclusivamente minha. Por não ser forte o suficiente para querer somente um pouco dele. Mas é o que dizem, nós desejamos tudo que não podemos ter. Talvez eu só fosse humana no fim das contas. Aparentemente, aquele seria meu pecado. Então, me precaver não era só necessário, e sim obrigatório.

Quando o relógio marcou oito horas, eu estava pronta e Victor já me esperava em frente ao prédio. Beije a testa de papai e saí de casa, atingindo a portaria em poucos minutos.

— Azul sempre caiu muito bem em você — ele disse assim que me aproximei, fazendo um sorriso envergonhado surgir em meu rosto conforme eu alisava o vestido com detalhes de renda. — Não, sério, você tá linda.

Ele sorriu, parecendo encantado ao me ver. O que foi, no mínimo, estranho. Bastante perturbador também, na verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada — respondi, sentindo as bochechas queimarem e tentando inutilmente não me deixar afetar pelo elogio. — Você também não está nada mal.

— Ufa, que bom que acha isso. — Levou a mão ao peito, fingindo estar aliviado. — Pensei que precisaria trocar de roupa para acompanhar tanta beleza.

Ri, balançando a cabeça.

— Menos, Victor! Você é muito exagerado, sabia?

Ele sorriu, as ruguinhas me cumprimentando instantaneamente.

— Só quando isso significa te fazer sorrir assim.

— Tinha me esquecido dessas suas cantadas ruins — comentei, tentando não mostrar que minhas pernas poderiam ceder a qualquer momento.

— Se fossem tão ruins assim, você não ficaria da cor de um tomate — provocou, erguendo um canto da boca de uma maneira charmosa demais para meu coração não palpitar.

PERIGOSAS ACHERON

Eu definitivamente não sairia inteira daquela semana...

— É só a luz do poste que dá essa impressão — resmunguei. — Podemos ir agora?

— Mas é claro, madame. Hoje, a noite é toda sua — respondeu, abrindo a porta do táxi que nos aguardava.

Olhei-o com sarcasmo pelo “madame” antes de me acomodar no banco traseiro do veículo, mas Victor apenas riu, se divertindo com minha reação.

Durante o caminho até o local misterioso, Victor perguntou como fora meu dia e a conversa com meu pai, ficando bastante orgulhoso por minha decisão de ficar por uns tempos em casa com ele para lhe companhia. Quando falei da tarde com Camila e Fábio, percebi que ele fez uma breve careta ao escutar o nome do meu amigo, mas preferi não dizer nada. Imaginei que trazer à tona a conversa que os dois tiveram na boate só faria o clima ficar estranho, e eu não queria nada além de tranquilidade e diversão. Claro que com limites bem definidos, sem que a noite terminasse em uma capela com um Elvis qualquer e mais um par de

PERIGOSAS ACHERON

alianças.

Assim que o táxi parou, me permiti olhar pela janela, subindo os olhos até reconhecer o prédio em questão.

— Não acredito que me trouxe pra cá!

Arfei, surpresa.

— Achei que seria apropriado, não acha? — Ergueu um canto da boca, pretensioso. — Foi aqui que comemoramos antes de você viajar, e é aqui que vamos comemorar o seu novo emprego.

— Mas não é pra tanto — falei, um pouco envergonhada. — É só um trabalho...

— Um trabalho é uma conquista. Então, sim, é pra tanto. Vamos?

Assenti, impressionada por saber que Victor realmente falara sério sobre comemorarmos naquela noite. Eu imaginava algum tipo de barzinho ou até um restaurante, só para jogarmos papo fora e bebermos alguns drinques diferentes. Mas, como sempre, Victor me surpreendeu.

Estávamos subindo até o *rooftop* do prédio mais alto da cidade. O mesmo lugar aonde fomos quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu descobri que havia conseguido a bolsa para a pós-graduação. A última noite em que o beijei. De certa forma, aquela fora a nossa despedida.

Naquela época, depois que descobri que Victor dormira com Carol, eu simplesmente não pude mais ter qualquer contato mais íntimo com ele. Eu odiava me sentir apenas mais uma, por isso inventei as mais diversas desculpas pelas semanas seguintes para que nada rolasse entre nós.

Por sorte, não precisei fingir por muito tempo. Ele logo percebera que eu estava distante e bastou me perguntar uma vez o que tinha acontecido para que eu dissesse que relações casuais podem sempre começar e terminar de repente. Aquela fora a melhor resposta na qual eu pude pensar, uma que não me obrigava a dizer o que sentia por ele nem comentar que, na verdade, estava com ciúmes por ele ter outras opções, enquanto para mim apenas ele bastava.

Victor não perguntou mais nada. Encarou-me de maneira séria e apenas concordou sem mais questionamentos. Agradei internamente todo o tempo por ele não insistir no assunto.

PERIGOSAS ACHERON

Quando recebi a notícia da pós, não pude pensar em mais ninguém com quem eu gostaria de compartilhar a novidade em primeiro lugar. Mesmo que um pouco afastados nas últimas semanas, ainda éramos amigos e eu queria compartilhar a novidade com ele, pois Victor, bem ou mal, fazia parte daquilo também.

Ele me abraçou tão forte que pensei que meus ossos pudessem quebrar a qualquer momento. Por um minuto, eu senti que suas mãos me apertavam por outros motivos, quase como um pedido para que eu não fosse, que eu não me afastasse. Mas esse pensamento foi embora tão rápido quanto surgiu, no mesmo instante em que ele se afastou e me parabenizou.

Um dia antes de partir, ele insistira para que comemorássemos, para que nos despedíssemos. Então me levou ali, para aquele mesmo *rooftop*. Onde eu pude ver toda a cidade iluminada em uma visão inesquecível, que ficou marcada no fundo da minha memória como uma lembrança boa. Pois, naquela noite, naquela única noite, não havia ninguém além de nós dois. Não havia Carol, não

havia nenhuma outra mulher. Não havia tristeza ou mágoa. Apenas eu e ele. Eu e Victor recordando o que vivemos naquele ano, rindo, brincando e agindo como os melhores amigos que éramos antes de tudo mudar.

E eu amei aquilo, amei cada minuto daquela noite, cada piada, cada gargalhada, cada sorriso que ele dava em minha direção. Foi a noite em que voltamos ao passado e nos lembramos de quem éramos e de como as coisas pareciam... simples.

Mas a verdade é que nada é simples. Nunca é.

No final daquela noite, olhando as estrelas e as luzes da cidade, eu o beijei. Victor demorou meio segundo para me retribuir, mas, quando o fez, havia tanta fúria, saudades e desespero na forma que sua boca tomava a minha que pensei que morreria ali mesmo, sem ser capaz de respirar ou sustentar o próprio corpo. No entanto, quando seus lábios deixaram os meus e nossas respirações ofegantes se chocaram, eu vi em seus olhos que ele sabia. Ele sabia que aquele era um adeus. Simplesmente porque deveria ser.

Mas, quem diria, as coisas nunca são como
PERIGOSAS ACHERON

esperamos. Lá estávamos nós, no mesmo lugar anos depois.

— Eu daria tudo que eu tenho pelos seus pensamentos agora — ele comentou assim que chegamos ao terraço. Eu o fitei, piscando mais do que o comum. — Você parece aérea. Tá tudo bem?

— Por que aqui? — Quis saber.

— Este lugar me traz boas e más lembranças — explicou, pensativo. — Eu gostaria de criar mais algumas boas para substituir as más de vez — disse tão baixo que eu mal pude ouvi-lo completamente. — Mas, se não gostou, podemos ir embora. Pra outro lugar, onde você quiser.

Seus olhos reluziram alguma coisa que eu não fui capaz de decifrar, aquilo parecia importante para ele. Então, neguei com a cabeça. Eu me sentia culpada por pretender tirá-lo novamente da minha vida, sabia que aquilo o machucara no passado e machucaria mais uma vez. Mas era isso ou correr o risco de me apaixonar por ele e ter o coração dilacerado de novo.

Bom, aquela não era uma opção, eu não

aguentaria ir tão longe.

— Não, tudo bem. Este lugar é bem bonito mesmo — comentei, observando o terraço minuciosamente.

Era um misto de luzes azuis, amarelas e vermelhas por todo o lugar, onde mesas bem distribuídas deixavam o local elegante e descontraído. Havia poucas pessoas, provavelmente por ser um domingo à noite, o que deixou tudo ainda mais íntimo e confortável.

Logo fomos levados até uma mesa próxima ao parapeito, que era todo feito de vidro, chegava a parecer que não havia nada entre nós e o abismo. Lá de cima era possível ver as ruas e os carros passando com seus faróis amarelados, deixando um rastro luminoso por todas as vias escuras. Uma vista e tanto, com certeza. Uma experiência cômica e libertadora, de certa forma. Além de muito, muito familiar.

— O que acha de um vinho? — perguntou, olhando para o menu com atenção. Concordei com a sugestão, e logo o garçom nos serviu. Com as taças cheias, Victor levantou a sua e disse: — A um PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

novo começo?

— Isso soou muito clichê — brinquei, batendo minha taça à dele. — Mas sim, a um novo começo.

Provei o líquido escuro, sentindo descer como veludo por minha garganta.

— Animada pra amanhã? — questionou, chamando minha atenção.

— A ponto de achar que não vou conseguir dormir esta noite — confessei com um leve sorriso no rosto.

— Você vai tirar de letra, tenho certeza.

— Queria eu ter toda essa certeza também.

— Você só precisa confiar em você mesma — explicou, e eu meneei a cabeça, concordando. — Aliás, sabe quem volta amanhã para o escritório?

Esticou um canto da boca, misterioso.

— Quem? Não me fala que...

— Sim — interrompeu. — A Ana volta de férias amanhã.

Sorri, animada. Estava morrendo de saudades dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vejo a hora de me encontrar com ela!

— Imagino. Por isso, combinei de almoçarmos amanhã, nós três. Se você puder, claro.

— Com certeza! Vai ser ótimo! — falei, ansiosa. Mas, de repente, a lembrança do que o dia seguinte também significava me fez murchar. — Amanhã... é o último dia — lembrei, tomando um gole do vinho.

— É... É, sim — ele respondeu.

Achei ter visto o brilho de seus olhos sumirem por meio segundo.

— Além do almoço, tem mais alguma coisa planejada? — Tentei não demonstrar tanto interesse, mas minha voz um pouco trêmula não acompanhou minha vontade.

— Na verdade, sim — avisou, parecendo um pouco distante. — Depois do seu trabalho, quero te levar pra um lugar. — Desconfiada, olhei para ele, e Victor logo continuou: — Não se preocupe, não é nenhum lugar esquisito nem nada do tipo.

— Ainda bem, pensei que poderia me sequestrar e me trancar em um daqueles chalés afastados e

assustadores — brinquei.

— Ora, por que eu não pensei nisso antes? — falou, divertido, o que me fez rir.

— E depois disso?

— Depois disso é você que decide, Isabella.

— Ah, sim... — murmurei, girando em meu dedo a aliança que ainda estava presa a mim. — Vou precisar te devolver isso — comentei, tentando inutilmente puxar o anel para fora.

— Ainda preso, hein? — constatou o óbvio, e eu resmunguei, concordando. — Talvez ele só não esteja pronto pra sair.

— Ou talvez ele só precise de um bom tablete de manteiga — falei, deixando escapar um sorriso travesso. — Onde tá a sua? — indaguei, mesmo achando que aquilo não era da minha conta.

— Guardada em um lugar especial — respondeu, erguendo um canto da boca antes de beber um gole do vinho. — Como ela tava meio larga, achei melhor não correr o risco de perder. — Não tive tempo de abrir a boca para falar mais nada, pois o garçom logo nos atendeu para anotar os pedidos.

Mas, assim que o homem nos deixou a sós de novo, Victor continuou: — Sabe, eu nunca imaginei que fosse te ver de novo. — Ele parecia estranhamente pensativo, com a cabeça muito distante. — Quando a gente se esbarrou naquele cassino, eu fiquei muito feliz, Isabella.

— A gente só não precisava ter levado as coisas pra outro nível, né?! — comentei, balançando a mão com o anel no ar.

Victor apenas riu, mostrando uma ruguinha ou duas perto dos olhos azuis intensos. Eles pareciam querer me dizer algo, mas eu não tinha a menor ideia do que. Talvez eu apenas não quisesse realmente saber.

— Às vezes são essas aventuras que nos fazem sentir vivos e nos obrigam a lembrar que a vida é uma caixinha de surpresas.

Deu de ombros, entortando a boca.

— Isso pareceu bastante profundo.

— Talvez fosse pra ser — ele brincou, se virando para ver a paisagem. Eu o imitei, sentindo a breve brisa da noite tocar meu rosto quase como em um

carinho. — O que eu quis dizer é que foi muito bom te reencontrar. Eu sentia falta da minha amiga, sabe? — Soltoou uma risada baixinha. — Por muito tempo, eu tive o impulso de tentar te ligar ou mandar mensagem contando sobre as coisas que aconteciam por aqui ou até pra dizer que nada andava acontecendo e que eu estava entediado.

Aquilo fez meu coração se apertar e a garganta secar instantaneamente. Apesar de seu tom soar divertido, o brilho em seus olhos sumira, eles estavam opacos e tristes. Por minha culpa. Por minha maldita culpa...

— Victor, olha...

— Não precisa se desculpar — ele disse, como se lesse meus pensamentos.

— Acho que preciso, sim.

— Tenho certeza de que você teve os seus motivos. Pretende me contar quais foram? — Neguei com a cabeça. Eu não poderia. — Então não precisa pedir desculpas. Não é isso que eu quero.

— Mas eu não quero que você pense que foi por

maldade nem nada do tipo. Não foi! — tentei me defender, mas ele balançou a cabeça.

— Nunca pensei que fosse. — Mordi o lábio inferior, sem saber ao certo o que dizer depois daquilo. Como eu poderia tentar explicar sem lhe contar meus verdadeiros motivos? Eu não queria mentir, não parecia certo inventar uma desculpa qualquer. Mas eu também não queria contar a verdade, me expor daquela forma. Percebendo que meu silêncio se agravava, Victor pareceu se compadecer de mim e contou: — Quando eu fiz a tatuagem, eu cheguei a te mandar uma foto, mas acho que você nunca recebeu, não é?

— Não... Eu troquei de número assim que cheguei em São Francisco e acabei desativando as redes sociais por um tempo. Acho que eu queria uma nova vida... um novo começo...

— Faz sentido, eu acho — murmurou.

O clima voltou a ficar estranho e um pouco denso. Por sorte, nossos pratos chegaram e o garçom quebrou aquele silêncio desconfortável.

Eu estava nervosa, e Victor parecia ansioso de

alguma forma. Um de seus dedos batia na mesa de maneira inquieta, percebi que ele evitava me olhar nos olhos, o que fez com que eu me sentisse péssima e com uma enorme vontade de consertar as coisas.

— Mas... — falei, elevando a voz assim que o garçom se retirou — Me conta da tatuagem — pedi, realmente interessada.

— O que quer saber?

— Hummm... Vamos ver... Por que um lobo?

Victor ergueu um canto da boca e disse:

— Achei que nunca ia perguntar.

— E eu espero que você não faça nenhum mistério sobre isso também — devolvi, rindo. — Me conta, por que escolheu esse desenho?

— O lobo — começou, reflexivo — é um animal muito fiel e astuto, que geralmente é relacionado à coragem e inteligência. Existem diversos significados pra ele em muitas culturas. Mas a verdade é que não fui eu quem o escolhi.

— Como assim?

— Ele me escolheu, por assim dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergueu um ombro.

— Você precisa explicar isso melhor — avisei com uma careta, fazendo-o rir.

— Era domingo e eu estava em casa o dia inteiro resolvendo um contrato que precisava entregar no dia seguinte. Quando eu enfim terminei, achei que seria bom sair pra comer algo por perto, respirar um ar puro, sabe? Foi aí que vi um cara carregando algumas caixas pra dentro de uma loja vazia. Ele parecia um pouco enrolado com tantas coisas nas mãos e cansado, provavelmente de ficar carregando aqueles pesos sozinho. Acabei me oferecendo pra ajudar e conseguimos terminar de colocar tudo pra dentro em quinze minutos. Durante esse tempo, ele me explicou que estava abrindo um estúdio de tatuagem com uma proposta diferente e perguntou se eu queria ser o primeiro cliente dele. Na hora eu pensei “por que não?” e acabei topando.

— Diferente como? — Quis saber. — Isso me parece... sei lá, perigoso.

— Diferente no sentido que a proposta dele é criar o desenho na hora, na pele da pessoa. De

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surpresa, entende? — tentou explicar, mas eu franzi o cenho, ainda sem entender. — Ele não te diz o que vai desenhar em você, ele apenas faz algo que acha que vai combinar com quem você é.

— Mas como ele vai saber quem você é? Do que gosta, do que não gosta...?

— Ele ficou quase uma hora conversando comigo, como se estivesse realmente me estudando. Foi uma experiência muito legal, gostei demais do resultado. Ele disse que, se eu fosse um animal, seria aquele lobo. Acho que ficou bastante parecido comigo mesmo.

— Então, os olhos...

— Sim. Não foi muito fácil chegar no mesmo tom que os meus, mas ele conseguiu com perfeição, não acha? — Sorriu, travesso e orgulhoso.

— Acho — respondi, ainda perplexa. — Você foi muito corajoso, Victor. E se o cara fosse ruim? Sei lá! Você podia ter uma sopa de tomates no ombro agora!

Victor não conseguiu conter uma risada.

— É o que dizem: a vida é feita de riscos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não riscos desnecessários! — ralhei. — Como você pôde confiar em um completo desconhecido?

— Não foi tão difícil assim, na verdade. O cara é formado em Psicologia e sempre amou tatuar, então acabou juntando as duas paixões em um trabalho só. Doideira, né? Achei bem bacana, só aí ele já tinha me ganhado.

— Isso é realmente bem... inesperado e... acho que interessante também — confessei, sincera. — Mas não sei se eu teria essa coragem. Acho que ficaria muito desconfiada e com medo.

— E por quê?

— Eu com certeza não gostaria de ter... sei lá, um ovo cozido como tatuagem — falei, sentindo um vinco se formar em minha testa com o pensamento.

— Eu sei que foi arriscado — admitiu. — Mas eu vi alguns desenhos dele pendurados na parede, se é que isso faz você ficar mais tranquila. E a experiência de ficar na expectativa foi um dos melhores sentimentos da minha vida, sério mesmo.

— Ficar na expectativa? — indaguei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, foi um pouco como... viver. A vida é inesperada, as coisas acontecem, as pessoas vêm e vão e nunca podemos prever o dia de amanhã. Estamos sempre esperando, ansiando alguma coisa que não sabemos o que é. Com a tatuagem foi a mesma coisa. Eu não sabia o que seria ou como ficaria o resultado final, mas a vida como um todo é assim, não concorda?

— É, bem... acho que sim — respondi, refletindo sobre o assunto e, estranhamente, gostando bastante daquela teoria.

— Se soubéssemos qual seria nosso futuro e o que aconteceria a cada dia, qual seria a graça? Como falei antes, a vida é uma caixinha de surpresas e é isso que faz dela algo tão precioso.

— Isso parece... fazer muito sentido.

— Sabe o que eu acho? — ele disse, uma expressão quase infantil emoldurando seu rosto.

— O quê?

— Acho que você deveria tentar.

— Fazer uma tatuagem?

Ofeguei, surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso! Marcar de alguma forma essa sua fase nova — sugeriu. Aquilo me pareceu... tentador. — A não ser que tenha medo de uma agulhinha... — provocou, me fazendo comprimir a boca.

— Claro que não tenho medo de agulha! — menti, mas ele não precisava saber disso.

— Então, o que me diz?

Seus olhos azuis brilhavam em minha direção com uma expectativa inédita. Faíscas pulavam para dentro de suas íris, aguardando com ansiedade minha resposta.

Aquilo parecia loucura, mas uma loucura a qual eu gostaria muito de viver. A forma como Victor falara sobre a experiência me fez imaginar como seria se eu me arriscasse também, sem medo, sem receios, sem arrependimentos. Parecia tão... libertador e emocionante.

Quando percebi, a vontade foi crescendo dentro de mim como uma chama: quente e avassaladora.

— Tá legal! — Arfei, animada. — Eu topo! Sempre quis fazer uma tatuagem, mas nunca soube exatamente o que tatuar.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele vai te ajudar com isso, pode confiar. — Assenti, inspirando fundo. — Então é melhor eu fazer uma ligação — comentou, parecendo satisfeito.

— A-agora? — gaguejei, nervosa. — Você quer dizer... fazer *hoje*?

— Claro! Antes que você mude de ideia.

Piscou, pegando o celular e ligando para o tal tatuador.

— Eu espero não me arrepender — murmurei, tensa.

— Garanto que não vai. — Ele sorriu abertamente, garantindo que algo em mim se acalmasse. — Na pior das hipóteses, eu pago a remoção.

Praguejei baixinho, torcendo para que isso não fosse necessário.



Assim que terminamos o jantar, fomos até o tal estúdio, onde o tatuador nos esperava. O homem de cabelos curtos e braços fechados com tatuagens cumprimentou Victor com alegria, que rapidamente

PERIGOSAS ACHERON

o agradeceu por nos atender àquela hora da noite de um domingo. Aproveitei enquanto os dois conversavam para avaliar melhor o lugar, observando de forma atenta as fotos penduradas pelas paredes. Em todas elas, sem exceção, as pessoas mostravam com orgulho suas aquisições eternas, marcadas na pele com os mais diferentes estilos, traços e cores.

Fiquei instigada e comecei a imaginar uma foto minha ali, em algum daqueles quadros de moldura escura, mostrando... mostrando... bom, eu ainda não sabia o que eu teria para mostrar quando a sessão acabasse.

Victor tinha razão, aquela expectativa era alucinante. Assustadora também, mas alucinantemente atrativa.

— Não precisa ficar nervosa — o tatuador comentou atrás de mim, me fazendo dar um pequeno pulo no lugar pelo susto. — Juro que nunca tive qualquer cliente que tenha saído insatisfeito daqui.

— N-não estou nervosa — aleguei, ajeitando a postura, ciente de que meu nariz havia mexido.

— Regra número um: para que isso dê certo, você não pode mentir pra mim — ele acusou, erguendo uma sobrancelha. — Vamos começar de novo?

Olhei para Victor, que me encarava com um sorriso cínico nos lábios. Ele fez um breve movimento com a cabeça, demonstrando apoio e tentando me passar alguma confiança. Voltei minha atenção ao tatuador, que me aguardava pacientemente, e confessei:

— Tá bom, eu tô morrendo de medo!

— Esse é um bom começo — ele disse, satisfeito.
— Agora, vamos falar mais sobre você?

Assenti, engolindo em seco.

A conversa durou aproximadamente uma hora. Nunca imaginei que me sentiria tão exposta. Aquele homem parecia ser mesmo capaz de ler minha alma, o que foi me deixando cada vez mais ansiosa para saber o que se passava na cabeça dele ao me avaliar.

Quando ele disse que estava pronto, pediu para que eu me sentasse em um tipo de maca preta

acolchoada e perguntou onde eu gostaria que a tatuagem fosse feita. E só então percebi que não chegara a pensar no local.

Um pouco confusa e aturdida, acabei escolhendo a lateral do braço, pedindo que ele fizesse algo não muito grande. Caso eu decidisse tirar depois, quanto menor, melhor seria. O tatuador concordou e começou a preparar seu material. As palmas das minhas mãos suavam e eu as enxugava no vestido, rezando baixinho para que aquilo não doesse e que, por favor, eu não saísse arrependida.

Ouvi o som da agulha e aquilo fez um frio percorrer toda a minha espinha e meus olhos se arregalarem. Falar que estava nervosa ou com medo era cordial demais para meu estado naquele instante. Eu estava apavorada! Tão apavorada que pensei em pular daquela maca e sair correndo. Mas tudo mudou quando Victor pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. De repente, eu já não estava mais procurando a porta de saída do estúdio nem pensando no fato de que uma agulha iria furar minha pele sem dó. Os pensamentos desapareceram no ar e tudo em que eu conseguia me focar era na

pele dele junto à minha, em como nossos dedos se encaixavam perfeitamente e como parecia certo segurar sua mão daquela forma.

— Eu não vou soltar sua mão — a voz suave e baixa de Victor atingiu meus ouvidos, e eu olhei para ele, meio abobalhada, meio indecisa. — Nunca mais — sussurrou, talvez para si mesmo.

Aquilo fez meu coração apitar de forma desesperada, meu corpo aquecer sem mais nem menos e minha boca se abrir para pedir que ele realmente não me soltasse nunca. Nunca mais. Porém, minha voz morreu no mesmo instante em que a agulha me tocou e uma dorzinha aguda e chata começou a me deixar inquieta. Victor aumentou o aperto em minha mão e, com os dedos livres, tocou meu queixo, impedindo que eu virasse o rosto para ver o que o homem desenhava em mim.

— Sem roubar — ele disse em provocação. Entortei a boca, emburrada e com muito, muito medo. — Sabe o que mais admiro em você? — perguntou em um tom calmo e extremamente sedutor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?

Senti a boca pinicar.

— Mesmo assustada, você não volta atrás, não desiste ou foge. Você é uma mulher incrível, sabia disso? — falou, passando o polegar pelas costas da minha mão, fazendo minhas bochechas esquentarem no mesmo minuto.

Victor podia ter razão até certo ponto. Em muitos momentos da minha vida, eu me recusei a deixar o medo tomar conta de mim e guiar meu caminho. Forcei-me sempre a seguir em frente e a lidar com o que viesse da melhor maneira possível. As coisas só não eram tão simples assim quando se referiam a ele, pois o receio que eu tinha de nunca o esquecer por completo corroía cada pedacinho da minha alma.

— Isso não é totalmente verdade — murmurei, tentando não me perder naquelas duas piscinas azuis intensas.

— Bom, neste momento é — cochichou, fingindo contar um segredo sórdido.

— Essa porcaria dói — resmunguei quando a dor

PERIGOSAS ACHERON

irritante aumentou.

Victor ofereceu um sorriso condescendente antes de dizer:

— Não vai demorar muito mais. — Ele olhou para o homem, que devia estar concentrado demais no seu trabalho para prestar atenção em nós dois. — Aguenta só mais alguns minutos.

Meneei a cabeça em concordância, mordendo o lábio inferior para não soltar um palavrão. Percebendo isso, Victor aumentou o aperto das nossas mãos, o que fez com que eu sentisse uma sensação de quietude e... paz.

— Prontinho — o homem disse, me fazendo encher os pulmões e prender o ar de forma inconsciente.

— Ai, meu Deus... — murmurei, nervosa.

Movi meu braço até que minha visão o alcançasse e... me encantei completamente com o que vi. Um dente-de-leão perfeito voava sobre minha pele e se despedaçava conforme a brisa o tocava de maneira gentil, transformando suas partes em lindas andorinhas. As linhas finas e delicadas

davam uma sensação incrível de movimento, subiam despretensiosamente por meu braço. Os sombreados feitos com tanto cuidado e destreza me fizeram perder o ar. Por um segundo, me senti como uma obra de arte.

— Isso é...

— Incrível — Victor completou meu pensamento, também observando o desenho de maneira minuciosa.

Eu apenas assenti, maravilhada.

— O dente-de-leão representa a liberdade, o otimismo e a esperança. As andorinhas reforçam isso e levam consigo a pureza e o retorno ao lar. Onde quer que você vá, Isabella, não desista dos seus sonhos, continue sempre buscando o que te faz feliz e jamais perca as esperanças em si e nas pessoas que ama. Tente pensar onde ou quem é o seu porto seguro. Acredite, você pode se surpreender.

O tatuador piscou de maneira bem sugestiva enquanto revezava seu olhar entre mim e Victor. Fiquei confusa até perceber que ainda estávamos de

mãos dadas. Desvencilhei meus dedos no mesmo instante, torcendo para que o sangue não corresse direto para meu rosto. Um sentimento de desconforto misturado com vergonha tomou conta de mim, mas tentei escondê-lo ao sorrir e pedir:

— Posso ver com um espelho também?

— Claro — o tatuador falou, segurando uma risada e entregando para mim um espelho de mão redondo.

Eu realmente estava impressionada e eufórica com minha nova aquisição. Aquele dente-de-leão parecia perfeito em suas curvas, olhar para ele levou uma sensação morna ao meu peito, o que me deixou extasiada. A tatuagem era perfeita, simples assim. E minha, toda minha.

O tatuador, então, pediu licença, avisando que iria limpar e guardar as coisas, deixando eu e Victor a sós.

— E aí? Acha que eu mereço um agradecimento?

— Victor comentou por trás de mim, divertido.

— Com certeza vou te pagar um sorvete amanhã depois do almoço — respondi no mesmo tom e me

virei para ele.

Victor levou os dedos até minha pele, fazendo um leve carinho próximo da área vermelha em que estava a tatuagem, e sorriu abertamente e tão... lindo que fez os pelos dos meus braços se arrepiarem.

— Eu jamais recusaria um sorvete — confidenciou, dessa vez mantendo aquelas duas piscinas em meus olhos. — Ficou linda em você, combina perfeitamente.

— Eu também gostei — admiti, controlando a voz trêmula devido ao seu toque em minha pele. — Obrigada por me trazer aqui.

Ele ergueu um canto da boca e depois mexeu um ombro, como se dissesse que não foi nada.

— É melhor eu te levar pra casa agora, não quero que durma tarde e perca a hora amanhã.

— Caraca, é verdade! Eu só preciso pagar o... — Ao tentar pular da maca, não calculei a distância correta até o chão e meu corpo foi para frente, se chocando diretamente com o peito de Victor. Suas mãos fortes seguraram meus braços, meu nariz

resvalou em sua clavícula, fazendo seu cheiro inebriar todos os meus sentidos. — F-foi mal! — pedi, a voz engasgada e um calor se apossando do meu rosto.

Arranhei a garganta e elevei meu olhar com o objetivo de me desculpar melhor, mas perdi toda a minha consciência quando me choquei com aquelas duas piscinas irresistíveis sobre mim, perto demais para que eu pudesse raciocinar. Elas me analisavam com uma dedicação sem igual, um brilho intenso e quente como se eu fosse a mulher mais bonita do planeta. Como se eu fosse a única mulher do universo inteiro.

Aquilo fez borboletas dançarem em meu estômago, fígado e esôfago. Ofeguei, perdendo todo o ar de meus pulmões e sentindo os braços de Victor rodearem meu corpo, me enlaçando pela cintura de forma tão automática e familiar que me fez estremecer.

— Eu não consigo mais — ele sussurrou, atormentado.

Tentei dizer seu nome, mas fui impedida quando, no instante seguinte, sua boca se juntou à minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com fome, carinho e saudade. Tudo em mim se revirou, os pensamentos nublaram e meu coração gritou *perigo* em todos os idiomas que eu conhecia. E assim, sem mais nem menos, tudo borbulhou dentro de mim.

Beijar Victor era como finalmente voltar para casa. Como se ali, imersa em seus braços, fosse o meu lugar, o meu lar, de onde eu nunca deveria ter saído. Sua língua invadia minha boca sem hesitação alguma, se embolando com a minha e me levando a sensação de alívio, nostalgia e felicidade, tudo junto.

Seu gosto continuava o mesmo, meu eterno vício. As mãos quentes e ávidas percorriam meu corpo, marcando suas digitais em minha alma por onde passavam. O toque que eu conhecia tão bem, talvez melhor do que a mim mesma. Firme, ávido e carinhoso.

De sua garganta escapavam gemidos e murmúrios de aprovação e saudade. Acho que de mim também, na verdade. Porque era isso, eu sentira saudades dele e de como nossos lábios e corpos sempre pareceram perfeitos juntos, feitos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um para o outro.

E assim, em um piscar de olhos, eu estava entregue, imersa naquelas sensações que só Victor era capaz de causar em mim. Desejando desesperadamente por mais, por tudo o que ele pudesse me oferecer. Essa constatação foi completamente assustadora.

Foram dois anos e meio para esquecer o que sentia por ele e bastou um beijo para que eu me lembrasse de tudo, para que todos aqueles sentimentos voassem para fora de mim, implorando pela liberdade da prisão em que eu os escondia.

Então eu soube. Soube que estava perdida.

Perdidamente apaixonada.

Perdidamente apaixonada por Victor.

Eu estava perdida e com medo de nunca mais me encontrar.

PERIGOSAS ACHERON



Passei aquela noite praticamente em claro, ainda conseguindo sentir os braços de Victor ao meu redor, sua língua tocando a minha com urgência, seus cabelos em minhas mãos e seu cheiro em minha pele. Nunca imaginei que aquilo aconteceria de novo.

Ou imaginei, mas não quis admitir.

Eu fui ingênua e cega, mas não poderia mais continuar assim. Estava claro que as coisas desandariam, era óbvio que alguma coisa assim aconteceria. Afinal, éramos eu e Victor. Tínhamos uma história, e nossos corpos pareciam lembrar

muito bem disso.

Quando ele me beijou, tudo em mim se incendiou no mesmo instante. Carne, mente e alma. O fogo só apagou quando fomos interrompidos pela volta do tatuador. Eu, com a cabeça girando e confusa com meus sentimentos, o empurrei para longe de mim com a pouca força de vontade que tinha, corri porta afora e entrei no primeiro táxi que passou.

Ah, sim, eu fui uma covarde. Mas em que momento eu não fui?

Quando se tratava de Victor e tudo o que ele fazia comigo, eu não conseguia encarar os problemas de frente. Eu apenas fugia, com medo de explodir a qualquer momento, a qualquer toque, a qualquer nova descoberta sobre o quanto ele estava enraizado dentro de mim.

Depois de tudo, depois de todo aquele tempo, eu *ainda* o amava. E eu não sabia se deveria rir ou chorar por aquela descoberta irônica. Era doloroso constatar o óbvio, aceitar que aquela semana me destruía, me fazendo voltar a ser a mesma tola apaixonada por um homem que não seria capaz de me corresponder à altura.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia onde as coisas acabariam caso não tivéssemos sido interrompidos. Na cama dele, provavelmente, onde na manhã seguinte ele deixaria mais do que claro que aquilo não passara de um sexo casual. E não, eu não aguentaria ouvir aquilo.

Às vezes nós precisamos ser egoístas, pensarmos em nós, em nos protegermos. Por isso, não me arrependi de fugir. Ainda que tenha passado a noite revirando nos lençóis, odiando o fato de sentir falta de seu toque em minha pele, dos seus lábios nos meus e da sua voz em meu ouvido.

Vendo que o sol nascia, desisti de uma vez de cair no sono e aceitei o fato de que precisaria de algumas boas doses de café para me manter desperta pelo resto do dia. Eu começaria na empresa nova e não pretendia dormir pelos cantos do escritório. Precisava colocar meus pensamentos em ordem e focar no que realmente era importante: minha carreira. Pensar em Victor, no beijo e em qualquer outra coisa do tipo geraria apenas desordem.

Liguei meu celular, que passou a madrugada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carregando após o fim da bateria. Assim que a tela se acendeu, vi que havia algumas ligações perdidas de Victor, além de mensagens as quais eu preferi não ler naquele momento. Vi também algumas mensagens de Camila perguntando como estava meu pulso. Avisei que estava tudo bem, já que eu nem sentia mais a necessidade de usar a munhequeira. Ela me desejou boa sorte no emprego novo e disse que me ligaria mais tarde para conversarmos.

Pensei em lhe contar sobre a noite anterior, era difícil esconder algo da minha prima, mas ela disse que voltaria a dormir, então preferi manter aquilo em segredo por ora. Afinal, eu sabia muito bem que Camila desejaria saber detalhe por detalhe. Postergar aquela conversa não parecia de todo mau no fim das contas.

Coloquei o celular de volta no criado-mudo e suspirei fundo, delineando com as pontas dos dedos o dente-de-leão marcado em minha pele. Mas aquilo somente serviu para me lembrar do que se seguiu após o desenho: o beijo arrebatador e tudo o que despertou dentro de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Argh! — praguejei, irritada por pensar no assunto, cansada pela noite em claro e com a cabeça em um caos profundo.

Já de saco cheio de ficar deitada, me obriguei a levantar e ir até o banheiro. Após o banho, eu provavelmente teria um árduo trabalho para esconder aquelas olheiras, disso eu tinha certeza.

Depois de tomar café da manhã com papai, que insistia em me perguntar se eu me sentia bem, terminei de me arrumar e rumei até o escritório. Porém, claro, bastou colocar meus pés em frente ao prédio comercial para avistar Victor recostado de forma inquieta na parede lateral do lugar. Ele passava as mãos de maneira frenética nos cabelos e um de seus pés batia no chão com certa força. Pensei que talvez ele fosse capaz até mesmo de quebrar o concreto embaixo de si.

Por sorte, ele ainda não tinha me visto, mas aquilo poderia acontecer a qualquer segundo, o que me deixou aterrorizada. Mordi o interior de uma bochecha, procurando outra entrada para que eu não precisasse encará-lo, mas não havia nenhuma porta lateral, apenas aquela, onde ele estava, o

maldito!

Eu realmente não tenho nenhuma escapatória?

— Puta que pariu, que merda! — rosnei com os dentes trincados.

Mas, para minha surpresa, uma voz muito conhecida comentou atrás de mim:

— Seu linguajar continua lindo e puro como sempre, Isa! — Virei-me para ver Ana, que me olhava com um sorriso enorme no rosto. — E obviamente você sabe que eu estou sendo irônica — ela brincou, abrindo os braços e se aproximando.

— Ana! — Arfei, a abraçando de volta. — Quanto tempo! Que saudades!

— Acho que foi a primeira vez na vida que eu desejei que as férias acabassem logo só pra te ver, garota! — Ela se afastou, segurando minhas mãos por alguns segundos. — Também morri de saudades, tô muito feliz por você estar de volta! Quando o Victor me contou, fiquei histérica e adorei saber que vamos poder almoçar hoje. Quero saber de tudo, viu? — Ela sorriu, gentil, e de

repente: — Aliás, olha ele ali! Ei, Victor, aqui!

Ah, não!

Prendi o ar e arregalei os olhos assim que me virei e vi que ele se aproximava como um touro. Como um touro atrás da tal manta vermelha, que por acaso era eu.

Merda!

Eu não acreditava que Ana tinha dedurado que estávamos ali, precisei me controlar para não xingá-la. Afinal, ela não sabia do beijo da noite anterior nem nada do tipo.

— Caralho, você sabe como me deixou preocupado ontem? — ele rugiu, furioso, e tudo o que pude fazer foi comprimir os lábios em uma linha fina. Ele passou uma mão nervosa pelo cabelo e suspirou antes de dizer: — Custava avisar que chegou em casa em segurança?

— F-foi mal. É que... acabei dormindo assim que cheguei e... — tentei mentir, mas seu olhar acusatório me fez preferir ficar calada.

Qualquer coisa que eu dissesse poderia apenas piorar as coisas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eita, vocês dois com certeza sabem como começar uma segunda-feira, hein?! — Ana brincou, ignorando o olhar fuzilante de Victor sobre mim e o fato de que eu estava muito, muito sem graça perto dele.

— Melhor eu ir, não quero me atrasar logo no primeiro dia — comentei, sorrindo sem jeito.

Ana me fitou, arqueando uma sobrancelha, bastante desconfiada.

— Não antes de a gente conversar — Victor avisou, sério.

— Er... Acho que não é uma boa ideia — sussurrei, odiando o fato de não conseguir nem mesmo olhar para ele, caso contrário eu provavelmente morreria ali, no meio-fio.

— Isabella — chamou, com o que mais parecia um aviso.

— Vocês podem conversar mais tarde, não podem? — Ana interveio, e eu quis agradecê-la. — Aliás, Victor, se importa se eu almoçar a sós com a Isa hoje? Acho que temos muito assunto pra colocar em dia, papo de garota e tudo mais.

PERIGOSAS ACHERON

Victor pareceu perceber o que Ana quis dizer e assentiu, apesar de se mostrar um pouco contrariado. Achei que ele fosse se virar e nos deixar a sós, mas se aproximou de mim sorrateiramente e falou baixinho para que apenas eu o ouvisse:

— Hoje ainda faz parte do nosso trato. De noite, eu *preciso* conversar com você. É importante. Você pode fazer isso?

— Não sei... — respondi.

Eu não sabia mesmo se conseguiria ficar a sós com ele mais uma vez sem perder o controle sobre mim mesma.

— Tudo bem — Victor falou, mordendo o canto da boca. — Você pode ao menos pensar no assunto?

Havia tanta dor e desespero em seu olhar que uma físgada aguda atingiu meu peito, eu quase concordei em encontrá-lo depois. *Quase*.

Eu ainda não conseguia resistir por completo àquelas duas piscinas profundas quando me fitavam daquele jeito. De alguma forma, era hipnótico. Mas

eu não queria tomar nenhuma decisão naquele momento, muito menos prometer que o veria naquele mesmo dia. Não sei se teria cabeça para aquilo, para o que quer que ele quisesse dizer ou mostrar.

— Posso pensar, sim — falei, enfim, achando que era o melhor que eu poderia fazer.

— Obrigado — ele sussurrou com um mínimo sorriso surgindo no canto da boca. — Vou te mandar o horário e endereço. Estarei esperando, mesmo que você não vá — avisou e então se afastou, deixando eu e Ana para trás.

— Nós definitivamente temos *muito* o que conversar nesse almoço — Ana comentou com um tom bastante sugestivo. Eu olhei para ela e abri a boca para dizer algo, mas ela logo me interrompeu: — Nem tente arranjar uma desculpa ou o que quer que esteja pensando.

— Tá bom — murmurei, sabendo que, depois daquela cena, Ana com certeza não acreditaria se eu dissesse que nada acontecera entre Victor e eu. — Podemos ir agora? — pedi, emburrada.

— Ah, sim, vamos! Você tem um mundo pra começar a conquistar — ela falou, segurando meu braço conforme nos encaminhávamos para a entrada do prédio.



A hora do almoço chegou, e eu agradei por não ter parado um segundo sequer desde que passei pela porta do escritório. Entre conhecer todos os funcionários — ainda que não passassem de dez —, aprender minhas funções e me familiarizar com tudo, o tempo passou voando e eu não tive nem mesmo a chance de pensar em Victor e em tudo o que acontecera. O que foi ótimo, claro.

Porém, Ana já me ligava para avisar que estava me aguardando no térreo, e eu sabia que precisaria tocar no assunto, mesmo desejando que alguma coisa caísse em minha cabeça e eu apenas esquecesse a noite anterior. Assim, como mágica.

Infelizmente, perdas de memórias não acontecem com tanta facilidade.

Encontrei minha amiga assim que coloquei os pés na rua e ela, tagarela como de costume, iniciou a

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa com milhares de perguntas sobre os últimos anos, se aquecendo para perguntar o que realmente queria. E foi no momento em que sentamos em um restaurante familiar ali próximo que Ana disparou:

— Vamos, desembucha. O que tá rolando entre você e o Victor?

— Nada, ué — menti, torcendo para que ela deixasse o assunto pra lá.

Mas claro que ela não deixou, pois me olhou com o olhar acusatório mais assustador que eu já vira.

— Primeiro: você mexeu o nariz...

— Inferno!

— Segundo: eu sei que você nunca quis me contar isso e eu nunca entendi o porquê de você esconder que dormiam juntos no passado, mas...

— Espera aí! Como diabos você sabia disso? — interrompi, um vinco surgindo em minha testa.

— Isa... Por favor, né? Era mais do que óbvio, amiga.

— E-era? — gaguejei, sentindo o rosto queimar.

PERIGOSAS ACHERON

Se Ana havia descoberto, será que todo mundo também sabia? Meu Deus, será que o seu Alberto desconfiava? O sangue imediatamente correu para as minhas bochechas.

— Claro que era. Vocês não se desgrudavam, pareciam dois amantes fazendo coisas obscenas e proibidas por aí.

— Ai, senhor...

Escondi meu rosto entre as mãos e o esfreguei, um pouco nervosa.

— Sabe... ele ficou destruído depois que você se mudou — ela comentou. — Não parecia o mesmo Victor de sempre. Demorou um bom tempo pra ele começar a participar dos *happy hours* e tudo mais de novo. Foi aí que eu e a Carol percebemos que ele tava passando por uma fase difícil.

— Ah, e imagino que a Carol o tenha ajudado *muito* nessa fase difícil — murmurei, incapaz de evitar que a mágoa transparecesse no meu tom de voz.

Eu não conseguia imaginar um Victor antissocial. Não combinava com ele. O Victor que eu conhecia

gostava de sair, flertar, curtir. Especialmente com mulheres bonitas, uma em especial que estava sempre disponível para ele. Aquele pensamento fez meu estômago embrulhar.

— Pronto, agora eu tenho certeza absoluta de que tem algo acontecendo. Você tá com ciúmes! — acusou, apontando o dedo em minha direção. — Nem pense em negar!

— Eu não ia — reclamei. — Negar, no caso...

Talvez fosse bom me abrir com a Ana, tirar aquele peso dos meus ombros, compartilhar a culpa que me consumia. Camila talvez não entendesse tão bem, já que não conhecia Victor como Ana. E eu sabia que minha prima surtaria ao saber sobre o beijo e a minha nova descoberta acerca dos meus sentimentos.

— Então me conta, o que aconteceu entre vocês?

— Como você já sabe, a gente ficava junto na época em que eu trabalhava na A.L. — comecei, um pouco sem jeito. — Demorou uns bons meses pra realmente rolar algo, mas quando rolou... bem, eu acho que levei mais a sério do que deveria e...

— E o Victor não?

Neguei com a cabeça.

— Ele ainda saía com a Carol, isso acabou me magoando, mesmo que não devesse. Você sabe como o Victor é... Ele nunca me prometeu nada, mas acabei viajando mesmo assim.

— Isso é meio esquisito — falou, pensativa.

— O quê?

— O Victor... quando eu comecei a notar que vocês estavam de rolo, eu não o via mais com a Carol, só quando era algo relacionado a trabalho. Tem certeza de que eles ainda saíam?

— Ela mesma me falou — expliquei. — Obviamente ela não sabia que ficávamos, mas todos sabiam que éramos muito amigos. — Ana assentiu. — Um dia a Carol me chamou e pediu pra eu entregar uma camisa do Victor pra ele. Ela disse que dormiu na casa dele na noite anterior e acabou levando a blusa pra casa pra lavar ou sei lá. Ela até piscou pra mim quando disse isso, Ana! Mais óbvio impossível! — Bufe, nervosa com a lembrança. — Eu fiquei tão puta e tão... triste que só falei pra ela

entregar ela mesma e saí andando. Chorei no banheiro por uns dez minutos, me sentindo uma completa imbecil.

— Fica difícil de defender assim... — ela disse, comprimindo os lábios. — Mas esse momento esquisito entre vocês hoje de manhã teve algo a ver com isso?

— Bom, não e... sim também. Tem a ver com muita coisa. Acabamos nos reaproximando quando eu voltei, mas ontem ele me beijou — confidencieei, um pouco angustiada.

— Ele o quê? — ela falou, e por algum motivo não me pareceu tão surpresa quanto tentou demonstrar.

— É... — respondi, um pouco desconfiada.

— E como foi? Digo, pra você...

— Como se eu voltasse para o passado num estalar de dedos.

— E isso é tão ruim assim? Quer dizer, você não queria beijá-lo?

— Queria — admiti, nervosa. — O problema é exatamente esse! Eu não quero voltar a ser uma PERIGOSAS ACHERON

relação casual, não quero entrar em um relacionamento a três com ele e a Carol, ou a quatro, cinco, seis... Eu quero o Victor comigo e só comigo, mas isso é só um sonho, uma ilusão, entende? Não posso esperar que ele queira a mesma coisa, porque é... ele. É o Victor! O cara que foge de qualquer compromisso sério como o diabo foge da cruz.

Ana assentiu, um sorriso ladino tomando conta de seu rosto.

— Ah, sim, entendi completamente. Mas, só pra você saber, as pessoas podem mudar.

— As pessoas sim, já o Victor... não sei, não...

Pensei sobre o fato de ele e a Carol terem dormido juntos na noite antes de irmos ao parque de diversões. Eu não podia esquecer e muito menos ignorar isso.

— Ao menos dê uma chance, ok? Você pode se surpreender. — Deu de ombros. — As pessoas mudam, mas nós temos que dar chance para que nos provem.

— Você tá estranha, sabia? — comentei. — O

que tá acontecendo?

— Acredite, eu só estou sendo uma boa amiga e te dando um conselho. — Ela abriu um sorriso travesso. — Pense no que eu falei antes de decidir ir pra casa hoje, só isso. Talvez você tenha outro lugar mais importante pra ir.

Ana piscou, e eu achei aquele papo muito esquisito. Porém, antes que eu pudesse perguntar mais qualquer coisa, ela mudou de assunto de um jeito tão abrupto que eu percebi que não pretendia voltar àquilo de jeito nenhum.

Pensei que talvez ela soubesse mais do que eu imaginava e, quando vi, estava completamente intrigada e curiosa, cogitando ir até o endereço que Victor mandara naquela manhã apenas para descobrir o que os dois estavam aprontando.

Porque sim, eu sabia, havia algo ali. Algo muito, muito estranho.



Saí do trabalho assim que o relógio marcou seis da tarde e todos começaram a se movimentar, inquietos para ir embora. Eu estava exausta por conta da noite anterior, que passara em claro, mas ainda assim não conseguia conter o enorme sorriso no meu rosto a cada pessoa que dizia “até amanhã” para mim. Mesmo sendo meu primeiro dia, eu sentia que aquele lugar me faria muito bem. As pessoas eram simpáticas e bastante unidas, todos vestindo a camisa da empresa para que crescessem juntos até o topo. Eu podia sentir a mesma vontade surgindo em mim.

Porém, mesmo com essa enorme alegria, algo

PERIGOSAS ACHERON

ainda apitava no fundo do meu cérebro. Mais especificamente as palavras de Ana e os olhos tristes de Victor naquela manhã. Peguei meu celular assim que parei no meio-fio em frente ao prédio comercial, vendo ali o endereço que ele mandara mais cedo. Senti-me indecisa em relação ao que fazer, não sabia se deveria ir ou não até seu encontro para ouvir ou ver fosse lá o que ele tivesse planejado.

Era uma decisão mais complicada do que eu esperava, pois um lado meu queria fugir, enterrar de novo aqueles sentimentos dentro de mim. Contudo, eu sabia que aquilo acabou não dando tão certo quanto eu esperava da última vez. Bastou a boca de Victor tocar a minha para eu descobrir que jamais o havia esquecido, nunca, em momento algum, em hipótese alguma.

Meu coração ainda batia por ele e apenas por ele. Era ridículo e cômico ao mesmo tempo. Mas o que eu poderia fazer se aquela era a mais absoluta verdade? Fugir não iria adiantar, já não era uma saída. Não dessa vez.

Então, antes que eu pudesse entender o que

PERIGOSAS ACHERON

estava fazendo, minha mão levantou e eu entrei no primeiro táxi que parou na minha frente, mostrando o endereço e me recostando no banco traseiro, sentindo as mãos tremerem com minha decisão.

Ah, sim, eu acabaria com tudo naquela mesma noite. Não me esconderia mais. Eu olharia diretamente para os olhos de Victor e falaria a verdade, contaria o que sentia e por que não poderíamos mais ser amigos.

Esperava que ele entendesse e respeitasse minha decisão, me dando logo o divórcio e me deixando seguir em frente. Sim, era isso que eu precisava: o tal ponto final.

Passei todo o caminho retorcendo as mãos em cima do meu colo e mordendo o lábio inferior com tanta força que poderia facilmente machucá-lo. Não era fácil pensar em se declarar, eu estava odiando o fato de ficar tão exposta e frágil, mas era necessário ir até o fim. Sabia que sim.

Olhei para fora da janela, vendo o céu escurecer cada vez mais conforme pequenas estrelas surgiam na imensidão. Percebi que a distância até o endereço da mensagem era mais longa do que

PERIGOSAS ACHERON

pensei e comecei a questionar onde Victor estava. Em outro continente ou o quê?

— Desculpa — pedi, chamando atenção do motorista. — Mas já estamos chegando?

— Sim, senhora. O aeroporto é logo ali — apontou para frente.

Eu abaixei um pouco o rosto para ver o enorme complexo. Sim, estávamos no aeroporto. A grande questão era: por quê? Foi aí que eu não entendi mais nada.

Assim que o veículo estacionou, eu paguei pela corrida e saltei, completamente confusa. Chequei mais uma vez a mensagem de Victor e fui até onde ele sinalizara que estaria, pegando a escada rolante e indo até... até a zona de embarque pelo que percebi.

Aquilo fez meu coração disparar. Por que eu estava indo até a zona de embarque? Victor não estaria, sei lá, indo embora. Não é?

Não é?

Aquele pensamento, mesmo não parecendo fazer sentido, levou um aperto até meu peito e fez um

PERIGOSAS NACIONAIS

bolo se formar em minha garganta. Apressei o passo, nervosa e assustada com a possibilidade de ele estar partindo.

E se fosse isso mesmo? E se ele já tivesse ido?

Como, então, eu poderia lhe falar a verdade, lhe contar sobre tudo o que acontecia comigo quando ele estava perto, como...

— Victor! — gritei assim que o vi de costas para mim em seu perfeito e alinhado terno de trabalho.

Ele se virou e um sorriso encantador surgiu em seus lábios. Tudo em mim estremeceu no mesmo instante.

— Você veio — ele sussurrou.

— O que tá acontecendo? Por que você tá aqui? — perguntei, colocando a mão no peito em uma tentativa inútil de acalmar a respiração e as batidas do coração. — Você não vai embora, né? Me diz que não tá indo pra lugar nenhum!

— Indo pra...? Ah! Não, claro que não.

— Então por que diabos estamos aqui?

Arfei assim que vi seus olhos azuis profundos vidrados nos meus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque da última vez eu não consegui te dizer o que precisava, mas não vou cometer o mesmo erro duas vezes — avisou, tão sério que os pelos de minha nuca se arrepiaram.

— Como? — foi tudo o que consegui dizer, perdida naquele olhar tão ferino e dedicado a mim.

Victor encheu os pulmões de ar, talvez buscando naquele ato coragem para continuar. Eu, inconscientemente, fiz o mesmo.

— Isa, naquele tempo, quando você me contou da oportunidade de estudar fora, eu senti que minha vida acabaria ali mesmo, embaixo dos meus pés. A ideia de ficar longe de você era insuportavelmente dolorosa. — Fez uma careta. — Mas você parecia tão feliz e decidida... Cacete, era o seu sonho! Você sempre me dizia que queria viver uma experiência dessas e eu... e eu não...

— Victor — chamei, sem saber ao certo o motivo.

— Não. Eu preciso terminar. — Suspirou, parecendo tão exausto quanto eu. — Eu não poderia te pedir pra ficar, jamais conseguiria ser

PERIGOSAS ACHERON

egoísta a esse ponto com você. Eu queria que você fosse feliz, entende? Mesmo que isso significasse que precisaria te deixar ir. — Engoli em seco, sentindo uma queimação esquisita passando por minha garganta. Aonde ele queria chegar, afinal? — Mas... — continuou, a voz afetada. — Eu também estaria mentindo se dissesse que não estava apavorado.

— Apavorado? — repeti, sem entender.

Victor passou uma das mãos nos fios negros, os deixando ainda mais desalinhados.

— Você virou meu mundo de cabeça pra baixo, Isabella! — acusou, nervoso. — Desde aquela noite, quando dormimos juntos pela primeira vez, nada mais foi o mesmo. Tudo estava errado, mas ao mesmo tempo certo. Eu não queria passar nem a porcaria de um único dia sem ter você! Droga, como é que eu vou explicar? — Ele massageou as têmporas, provavelmente pensando nas palavras seguintes. Eu, por outro lado, estava estática e incrédula. Nada em mim se movia, acreditei ter perdido a habilidade de falar. — Eu acho que já te amava antes daquele dia, mas não conseguia aceitar

isso. Eu não *podia* aceitar isso.

— A-amava?

Senti o teto girar, pensei que poderia cair dura em pleno aeroporto, onde pessoas passavam às pressas por nós, ignorando completamente a nossa presença e o fato de que eu poderia desfalecer a qualquer segundo.

Mas o fato do verbo *amar* ter sido dito no passado fez com que uma angústia dilacerante surgisse em meu peito. Ele... havia me amado? Algum dia em um passado distante que não voltaria mais? Era isso que ele queria dizer?

— Amava — falou, convicto. — Mas acho que só percebi quando você disse que ia se mudar. Sabe, na minha cabeça eu pensava que não podia sentir isso, eu prometi pra mim mesmo que nunca me apaixonaria por mulher nenhuma e não conseguia acreditar que algo tivesse mudado quanto a isso. Então preferia me enganar e falar que não era nada, talvez só um carinho especial por sermos tão amigos e tudo mais. Só que aí... a gente aconteceu e tudo parecia diferente, parecia ideal. — Victor bagunçou os cabelos, parecendo cansado e

PERIGOSAS ACHERON

arrependido. — Eu senti medo, medo do que poderia acontecer se eu aceitasse o que era aquilo. Também não era como se eu pudesse te pedir pra ficar sem nem saber o que isso significaria. E era o seu sonho acima de tudo, eu precisava te apoiar. Só não imaginava o quanto seria difícil...

Ele se calou, parecendo imerso em seus pensamentos, em suas próprias lembranças. Já eu não tinha palavras, minha mente era apenas uma névoa densa, quase como uma esponja que tentava com muito esforço absorver tanta informação. Se alguém me dissesse que tudo aquilo não passava de um sonho, eu acreditaria sem questionar. Mas tudo indicava que era real.

— Victor — falei, tentando controlar a voz trêmula. — Por que estamos aqui?

Um brilho triste ocupou seus olhos, e eu tive vontade de abraçá-lo, mas ainda não era capaz de me mexer. Todos os meus membros pareciam feitos de gesso.

— No dia em que você foi embora, eu finalmente me dei conta de que não podia te deixar ir sem te falar como me sentia. Mesmo que eu ainda não

PERIGOSAS ACHERON

aceitasse completamente, eu precisava te dizer. — Esfregou a testa com a mão, parecendo cansado. — Então eu vim pra cá o mais rápido que pude, mas já era tarde, você já tinha entrado no avião.

— Você veio? Veio até aqui?

Ele assentiu em um gesto sutil.

— Eu me senti ridículo — confessou, balançando a cabeça. — Sempre acreditei que sabia o que queria, nunca tive dúvidas sobre não querer um relacionamento sério, mas com você era diferente. Eu queria algo mais, mas não era fácil aceitar que todas as minhas convicções tinham ido por água abaixo. Depois do que aconteceu da última vez, eu não podia acreditar que tinha me apaixonado de novo... Eu me odiava por isso, odiava até mesmo você por fazer eu me sentir daquele jeito. — Victor me olhou e então suspirou fundo. Havia algo em sua expressão, algo que demorei para reconhecer, uma mistura de culpa, arrependimento e esperança. Apenas uma pontinha de esperança saltitando em seus olhos. — Desculpa, nada disso tá fazendo sentindo, né? — ele perguntou de forma carinhosa.

Balancei a cabeça em negativa, incapaz de fazer

PERIGOSAS ACHERON

qualquer outro movimento. Tudo parecia surreal demais para que eu pudesse reagir. Então ele continuou:

— Eu sei que nunca te contei o motivo pra eu preferir relações casuais e evitar me envolver com garotas que pudessem querer algum tipo de relacionamento. Eu dizia que era apenas por ser mais fácil e por algo sem compromisso dar menos dor de cabeça, mas a verdade é que uma pessoa me magoou no passado e eu não queria... bom, não queria dar a chance de viver aquilo de novo.

— O que aconteceu com você, Victor? — perguntei, sentindo a boca seca.

— Você sabe que eu passei um ano fazendo mochilão na Europa depois de passar na OAB, não sabe? — Concordei com a cabeça. — Lá, eu conheci uma australiana chamada Ashley e nos envolvemos. Acabamos viajando juntos por meses, como um casal mesmo. Me apaixonei perdidamente, pensei até em me mudar só pra ficar com ela, acredita? Um idiota, eu sei... — Torceu a boca em uma careta. — Mas quando o período de um ano acabou, tínhamos que voltar para as nossas

respectivas casas. Então eu me declarei, disse que queria que ficássemos juntos e...

Ele riu em uma clara reação de desgosto.

— E...? E o quê? — questionei, prendendo a respiração.

Mal podia acreditar que Victor estava de fato se abrindo daquela forma. Algo em mim aqueceu, o pulso ressoando em meus ouvidos como um tambor.

— E aí eu descobri que ela tinha um namorado esperando por ela em casa. Simples assim.

— Ela o quê?! — Arregalei os olhos e levei uma mão à boca. — Que filha da puta! — ralhei, sem acreditar na falta de caráter daquela mulher.

Então, por todo aquele tempo Victor fugira de relacionamentos e sentimentos por medo. Medo de se machucar mais uma vez.

— Então eu voltei pra cá com o coração quebrado e com a promessa de que não me apaixonaria de novo por mulher alguma — ele explicou baixinho, mas de repente seus olhos me encararam com um brilho determinado, o que me

fez soltar todo o ar de uma só vez. — Até eu me envolver com *você*. E, desde que isso aconteceu, eu não consigo me interessar por nenhuma outra mulher. E eu não vou mentir, eu tentei.

Victor soltou uma lufada de ar, parecendo cansado, e eu comprimi os lábios, sem saber ao certo o que fazer ou dizer. Era óbvio que aquele era um assunto delicado para Victor e como ele se esforçava para me contar toda a história. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ele continuou:

— Depois de meses sem conseguir nenhum contato com você, tentei sair com outras garotas, mas eu só pensava em você e acabava sozinho em casa. Então eu desisti de tentar. Patético, não acha?

Ele balançou a cabeça, um sorriso irônico tomando sua face.

— Não é patético... — murmurei tão baixo que não tive certeza se ele fora capaz de me ouvir.

— Desde então, só existe você pra mim, Isabella — disse, convicto, os olhos brilhando em minha direção. — Desde que eu aceitei que havia me apaixonado, não consegui mais pensar em qualquer

outra pessoa. E eu te trouxe aqui pra te dizer isso, porque eu precisava ser honesto comigo e com você. Mesmo depois de todo esse tempo, eu apenas queria que você ouvisse de mim e que visse que eu não sou mais o cara que fugia de um compromisso. Eu não tenho mais medo — avisou, se aproximando e colocando a mão grande em meu rosto, fazendo um leve carinho em minha bochecha com o polegar. — Eu só quero ficar com você, quero que você seja minha tanto quanto eu já sou seu — sussurrou a última parte, seu hálito batendo contra o meu rosto, me deixando extasiada.

Pensei que meu espírito pudesse sair do corpo ao ouvir cada uma daquelas palavrinhas. Era a primeira vez que eu ouvia aquela história, que começava a descobrir os motivos de Victor ter aversão aos relacionamentos, sua história, sua bagagem.

E me surpreendi quando percebi que o entendia. Claro que eu entendia! Como não poderia? Eu havia passado os últimos dois anos e meio evitando me abrir para qualquer outra pessoa por ter meu coração partido, fugindo desesperadamente de

qualquer um que tentasse derrubar meus muros. Eu também estivera apavorada por todo aquele tempo. Com medo de deixar alguém entrar, da possibilidade de me sentir ainda mais estraçalhada do que da primeira vez.

Mas estávamos ali, eu e Victor, compartilhando a mesma vontade. A mesma *necessidade* de estarmos juntos. Minha mente girava na velocidade da luz e eu esqueci até mesmo meu nome conforme ele dizia tudo o que eu sempre quisera ouvir.

Até que...

— Por quê? — indaguei baixinho, sentindo a voz embargar. Fitei as duas piscinas que me olhavam com toda a expectativa do mundo e percebi que havia confusão em seu olhar. — Por que você continuou com a Carol enquanto estávamos juntos? Por quê? — repeti, uma mistura de angústia e mágoa, segurando as lágrimas que queriam aparecer.

— Eu o quê? — ele perguntou, o cenho franzido. — Mas eu não continuei com a Carol, do que você tá falando? — Sua outra mão preencheu a lateral do meu rosto e sua testa encontrou a minha. — De
PERIGOSAS ACHERON

onde você tirou isso?

— Não mente pra mim — pedi em um sussurro.

Tirei suas mãos de meu rosto com cautela e olhei para ele, apreensiva.

— Mas eu não tô mentindo, é a verdade — falou, parecendo mesmo sincero. — Por que você acha que eu dormi com a Carol?

— Porque ela apareceu no escritório me pedindo pra entregar sua camisa, insinuando que passou a noite com você. Ou vai falar que ficaram jogando cartas a madrugada toda? — retruquei, sentindo meu sangue esquentar.

— O quê? — Victor balbuciou. — Não! *Não!* Eu não dormi com a Carol — disse, os olhos azuis se arregalando e as mãos voltando para o meu rosto, me segurando com tanta ternura que minhas pernas quase desmontaram. — Deus, Isabella! Você entendeu errado!

— Como eu posso ter entendido errado, Victor? — perguntei, segurando o choro. — Ela deu a entender exatamente isso. Céus, ela praticamente confessou que dormiu com você. Eu não sou idiota!

— Claro que você não é idiota. E eu jamais mentiria sobre isso! — ralhou. — Nós nunca mais tivemos nada desde o dia em que eu e você ficamos juntos. A Carol dormiu, sim, na minha casa, mas não *comigo*. Ela apareceu no apartamento no final da noite, dizendo que tinha saído com um cara que tentou forçar algo. Ela disse que só correu pra minha casa porque era mais perto, ela parecia assustada e me pediu pra ficar. Eu não podia dizer não, entende? Ela era minha amiga também. — Fiz uma careta, e Victor percebeu. — Não como você, eu sei, mas ela estava assustada — se justificou. — Não podia simplesmente mandá-la embora, mas eu não dormi com ela! A Carol passou a noite no quarto de hóspedes e só. Emprestei uma blusa pra ela dormir, mas não passou disso. Por que não me perguntou naquela época? Eu poderia ter explicado, ela te confirmaria a verdade.

— Por que eu não te perguntei sobre isso? — retruquei, um pouco irritada. — Porque eu não tinha nada a ver com a sua vida, ora! Você deixou bem claro que era algo casual. Se eu falasse qualquer coisa ou mostrasse o quanto aquilo me

magoava, eu apenas estaria fazendo papel de boba e indo contra tudo que combinamos.

— Era algo casual no início... — falou, engolindo em seco. — E não foi fácil aceitar que as coisas com você eram diferentes. Era esquisito recusar outras... bem, ofertas e tudo mais porque eu só queria ficar com você. Aquilo me deixou aterrorizado por semanas! — revelou, parecendo aturdido. — Mas odeio pensar que você realmente achou que eu fiquei com a Carol, porque nada aconteceu entre a gente, em momento algum.

— E quanto à noite que você passou fora? Um dia antes de irmos para o parque de diversões?

— Você não acha que eu passei a noite com ela, acha? — questionou, nervoso.

— Eu a vi sussurrando alguma coisa no seu ouvido no almoço, e, bem, deduzi que...

— Deduziu errado — ele ralhcou, magoadado. — Ela só tava contando uma fofoca boba de um estagiário. Eu passei aquela noite no escritório, adiantando o trabalho do dia seguinte pra passarmos o dia inteiro juntos no parque sem

atrasar nenhuma papelada.

Então eu não tive dúvidas, Victor me dizia a verdade. Eu deduzira errado, eu me enganara. Enganara-me quanto a ele, quanto a tudo.

— Victor... — tentei dizer, me desculpar por tirar conclusões precipitadas, mas ele me interrompeu, aproximando o rosto ainda mais do meu.

— Isabella, eu preciso que você entenda que jamais faria algo pra te magoar e muito menos alguma coisa que pudesse me fazer perder você. Sei que eu não tinha maturidade naquela época pra aceitar aqueles sentimentos, mas não existia nem existe mais ninguém além de você. Só você, entende? Só você — sussurrou a última parte com tanta intensidade que meus pulmões se esqueceram de funcionar.

Meu corpo estremeceu e meu coração gritou *perigo*, mas não rápido o suficiente, pois no segundo seguinte a boca de Victor colava à minha com paixão, fúria e... amor.

Foi inevitável colocar minhas mãos em sua nuca,

deixando que meus dedos se emaranhassem em seus fios negros e o trouxesse ainda mais para perto de mim. Sua língua se embolava com a minha, nunca imaginei que pudesse existir gosto melhor do que aquele.

Não era apenas um beijo, era muito mais. Era um recomeço, uma chance, uma esperança para nós dois. Ainda que minha cabeça estivesse confusa com tudo o que me dissera, eu acreditava nele. Algo em mim dizia que ele contava a verdade, e tudo que meu corpo pedia era que eu não o afastasse, que eu não o deixasse ir, porque eu também o amava. Amava Victor com todas as minhas forças. E esse amor era maior do que qualquer outra coisa.

— Eu acredito — falei com nossas bocas ainda coladas. — Eu acredito em você.

Então ele sorriu, todos os dentes à mostra e a felicidade atingindo seus olhos junto com aquelas ruguinhas perfeitas. Se fosse possível, eu diria que o amei ainda mais no segundo seguinte.

— Eu te amo e não vou te deixar fugir dessa vez, nunca mais — avisou, encostando sua testa na

PERIGOSAS ACHERON

minha e me abraçando forte, enfatizando o quão sério falava.

Eu retribuí o abraço, desejando que o tempo parasse e eu nunca mais precisasse me mover. Ali, em seus braços, eu estava feliz e em casa.

— Eu também amo você. Sempre amei — admiti em seu ouvido, deixando que as lágrimas rolassem. Não havia mais motivo para segurar o choro ou o sentimento. — Mas nunca achei que seria recíproco, então eu fui embora por medo. Eu... eu não tive coragem de falar o que sentia naquela época, não queria ser rejeitada ou fazer papel de boba.

Segurei um soluço, e ele apertou mais seus braços em minha cintura, beijando minha têmpora com fervor. Victor era capaz de me entender, eu sabia que sim.

— Eu também não fui capaz de aceitar o que sentia naquela época. Eu tinha medo de cair de cabeça e me afundar, como aconteceu da outra vez. Acabei percebendo tarde demais o quanto eu estava errado — ele contou com pesar, o corpo ainda colado ao meu. — Hoje eu vejo que talvez não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse pronto. Eu ainda não era o cara certo pra você, ainda não te merecia, mas, quando te reencontrei, eu soube que não poderia cometer o mesmo erro. Eu tentei por tanto tempo te esquecer, voltar àquela vida que eu tinha e acreditar que esse sentimento passaria com o tempo, mas nada funcionava, nada parecia certo. Eu só conseguia pensar em você, o que fazia eu me sentir patético por não ser capaz de seguir em frente. E bastou te ver mais uma vez pra ter certeza de que esse sentimento nunca iria embora, independente do que eu fizesse.

— Nunca passou pra mim também. O tempo e a distância não adiantaram de nada... — confessei, a voz embargada, minha boca grudada em seu ombro. — Eu tentei me enganar e achar que tinha te esquecido, mas esses últimos dias só me mostraram que você nunca saiu de dentro de mim.

Apertei meus braços em seu corpo, desejando que ele se juntasse a mim, que fôssemos somente um. Eu o queria ainda mais perto, o máximo possível. Apenas para que eu pudesse sentir seu calor sobre mim, me aquecendo, me levando paz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Naquela noite em Vegas... — ele voltou a falar, baixinho. — Lembro que você disse que chegamos a um ponto em que eu não poderia te dar o que você queria, então eu decidi te mostrar que as coisas seriam diferentes dessa vez. — Victor suspirou, beijando meus cabelos. — Mas na manhã seguinte você desapareceu de novo, e eu morri de medo de nunca mais te encontrar, de ter perdido outra chance com você. — Então, ele riu e se afastou, me fitando com as duas piscinas azuis incrivelmente límpidas antes de continuar: — No dia em que você apareceu lá em casa, eu estava pensando em contratar até um detetive particular pra te achar, sabia? Esse era o tamanho do meu desespero! Mal acreditei quando você surgiu do nada na minha porta, pensei que era o destino ou algo assim. Por isso, quando vi que tinha uma oportunidade de te manter por perto e provar que eu era capaz de te dar tudo que você queria, eu aproveitei.

— Por isso os setes dias em troca do divórcio? — perguntei.

Victor assentiu e, de repente, um canto de sua

PERIGOSAS ACHERON

boca se curvou em um sorriso envergonhado.

— Quanto a isso... eu provavelmente deveria te pedir desculpas. — Ergui uma sobrancelha, desconfiada, e ele riu, bastante sem graça. — Tem algo que preciso te contar.

— O quê? — questionei, sentindo o coração bater forte contra o peito.

— Não somos casados de verdade.

— O quê? — repeti, arregalando os olhos, sem entender nada.

— Er... Bem, sobre isso... É que pra se casar em Vegas é necessário tirar uma licença antes e obviamente nós não tiramos. Então...

— Então... foi tudo falso? — questionei, perplexa, e Victor assentiu. — Você me enganou pra ter esses dias?

— Me desculpa, Isa! — Mexeu nos cabelos, nervoso. — Eu sei que foi errado, você pode brigar o quanto quiser comigo por isso, mas eu não podia, simplesmente não podia deixar você ir de novo. E olha, se pensar pelo lado positivo, não precisaremos resolver nenhuma papelada. Isso não é ótimo?

Um sorriso travesso surgiu em seu rosto enquanto ele me olhava com aquelas duas piscinas azuis enormes, mais parecendo um cachorro sem dono em busca de um mínimo de pena. Bufei, sem saber se o xingava ou se ria da ironia daquilo tudo. Por fim, optei pelas duas coisas.

— Você é um idiota! — observei, balançando a cabeça e não conseguindo evitar que uma breve risada saísse. — Não acredito que você me deixou pensar que estávamos casados esse tempo todo! Eu devia ter pesquisado sobre o assunto, me sinto uma idiota!

Victor deu de ombros e falou:

— Ainda bem que não fez isso. Caso contrário, provavelmente não estaríamos aqui nem teríamos passado esta semana juntos.

— É, acho que você tem razão — comentei, e ele me ofereceu um sorriso ladino charmoso. — Mas por que me levou para os lugares que íamos antigamente? Não pude deixar de reparar nisso.

— Eu queria, de alguma forma, recriar as nossas lembranças de outra maneira. Eu precisava te

provar que eu mudei, que posso ser o homem que você merece. — Victor pegou minhas mãos e as levou até seus lábios, deixando em meus dedos um beijo cálido. — Eu sei que demorei mais do que deveria, mas eu quis te mostrar que as coisas poderiam ser diferentes dessa vez, que eu não quero mais algo casual e que eu te levo muito a sério. Eu quero ser seu e quero que você seja minha, pra valer dessa vez. Sem medo, sem bagagem, só nós dois. É engraçado pensar que eu encontrei em você o que eu sempre quis sem nem mesmo saber que queria. E agora não quero ficar nem um dia longe de você. E aí, o que me diz? Podemos tentar um relacionamento de verdade dessa vez?

Seus olhos demonstravam uma expectativa sem igual. Havia tanta paixão e amor ali dentro que eu resfoleguei, achando que poderia acordar a qualquer momento. Em Victor eu também encontrei tudo o que sempre quis, tudo o que sempre precisei. Eu não poderia estar mais feliz ou mais certa da palavra que saiu da minha boca em seguida:

— Sim! — Arfei, sorrindo. — É claro que eu

digo *sim*.

Então eu o beijei como se minha vida dependesse disso. Porque, naquele instante, eu acreditei que dependia.



Não lembro ao certo quando ou como fomos embora do aeroporto e muito menos de quem foi a ideia. Eu estava tão inerte e contente que minha mente voava apenas entre os olhos azuis de Victor, seu sorriso largo e sua voz sincera dizendo que me amava.

Ele realmente me amava, com todas as letras. E isso era tudo no que eu conseguia focar. O resto era apenas o resto.

Chegamos à sua casa de mãos dadas, rindo sobre algum assunto do caminho, o qual eu também já não me lembro. No minuto em que atravessamos a

porta de seu apartamento, suas mãos buscaram minha cintura e meus lábios se chocaram com os dele com toda a voracidade que eu sentia percorrer minhas veias. O sangue pulsava forte e rápido, cada centímetro de pele esquentando com seu toque.

Acreditava de verdade que não importava quantas vezes eu o beijasse, todo o meu corpo e alma continuariam com saudades dele. Victor parecia se sentir da mesma maneira pela forma com que me apertava com firmeza e juntava seu tronco ao meu.

A ponta da sua língua pediu passagem, e eu entreabri a boca de muito bom grado enquanto íamos aos tropeços até o sofá do apartamento. Por algum motivo — talvez a enorme necessidade um do outro —, o quarto parecia longe demais naquele momento.

Victor caiu sentado no sofá e meu corpo foi puxado para cima dele em seguida, com minhas pernas se acomodando ao seu redor, suas mãos alisando com fervor minhas costas e apertando meu bumbum volta e meia, o que sempre me fazia arfar.

Era bom demais sentir seu toque, ele sempre

PERIGOSAS ACHERON

sabia exatamente o que fazer, parecia ser capaz de ler meus pensamentos melhor do que eu mesma. Todo o meu corpo parecia se recordar de como era seu toque em minha pele, de como era maravilhoso e familiar ter aqueles dedos longos percorrendo cada centímetro meu de maneira afoita.

Não havia espaço ou tempo para a espera ou cuidado. Apenas o desejo ardente, a inconfundível necessidade de pertencermos um ao outro.

Puxei seus cabelos com mais força do que planejava assim que minhas mãos atingiram sua nuca, adorando a maciez dos fios em meus dedos. Sua língua quente e macia percorria a ponta do meu queixo, descendo por meu pescoço e atingindo minha clavícula com beijos enlouquecidamente deliciosos.

— Ah, Isabella — ele murmurou, arrebatando minha blusa de botões e beijando a parte exposta do meu seio.

Ele olhou com uma feição muito dura para meu sutiã, provavelmente desejando que ele queimasse nos confins do inferno. Tentei não rir de seu olhar impaciente e nem mesmo tive tempo para isso, pois

PERIGOSAS ACHERON

ele logo abaixou a peça de roupa com apenas um puxão, fazendo com que eu ficasse completamente exposta.

Victor sorriu, cheio de malícia, antes de abocanhar um mamilo de uma só vez. Ofeguei em resposta, uma mistura de prazer e ansiedade. A sensação quente e molhada de sua língua me desvendando percorreu minha espinha, fazendo meu corpo se arquear em busca de mais.

Ah, eu queria mais. *Precisava* de muito mais!

Seus lábios sugavam a pele sensível, roçando os dentes por toda a área e deixando os pelos dos meus braços arrepiados. Era algo maravilhoso e viciante, o que começava a me deixar inquieta, achando que poderia perder a cabeça a qualquer segundo se sua boca continuasse a me estimular daquele jeito.

Se aquilo era algum tipo de batalha contra a minha capacidade de raciocínio, bem... Eu estava perdendo miseravelmente.

À medida que eu me remexia com ansiedade, Victor começou a ter um pouco de dificuldade em

continuar o que estava fazendo. E, céus, eu realmente não queria que ele parasse! Ele também não parecia estar nem um pouco disposto em acabar com aquela tortura maravilhosa, então agarrou com força meu quadril e me empurrou para baixo, me obrigando a ficar quieta e sentir o quanto ele estava excitado.

E ele estava. Muito. O que me fez querê-lo ainda mais, se é que isso era possível.

— Você consegue sentir o quanto eu te quero? O quanto eu desejo você?

— Victor... — gemi seu nome.

Sem conseguir controlar meu próprio desejo, rebolei sobre seu membro rígido, imaginando como seria tê-lo completamente dentro de mim, me invadindo, tomando tudo que eu oferecia, estocando forte e...

— Puta que pariu — ele rosnou, encostando a testa em meu ombro, os músculos todos rígidos como se controlasse uma fera que tentava sair. — Você é ainda mais gostosa do que eu me lembrava.

O clima estava quente, nossas peles ardiam,

quase febris. A necessidade de atingir o prazer crescendo dentro de nós como um mar em fúria, nos fazendo estremecer a cada novo toque, novo beijo, novo olhar faminto.

De repente, Victor elevou o rosto. Seus olhos continham apenas um brilho de selvageria e desejo, faiscando sem parar contra os meus. A saudade era tanta que ele mal conseguia se controlar, era nítido, tão claro quanto suas íris.

Mordi o canto da boca, pensando que poderia perder a consciência a qualquer momento caso ele continuasse a me olhar daquela maneira tão voraz. Mas meus pensamentos terminaram aí, pois Victor levantou de súbito, me segurando pelas coxas e grunhindo algo inteligível ao mesmo tempo em que tomava minha boca para si.

Seus dedos estavam fincados em minha carne e nossos sexos se roçavam por debaixo de toda aquela roupa, causando um frenesi impetuoso conforme ele me carregava até seu quarto a passos lentos demais para o meu gosto. Na verdade, só percebi onde estávamos quando minhas costas tocaram o colchão macio. Seu corpo grande surgiu

por cima do meu, pressionando mais uma vez seu membro rígido contra minha intimidade, me fazendo sentir o baixo ventre queimar de vontade. Vontade dele, apenas dele.

Sua boca percorreu meu pescoço, mordiscando o lóbulo da minha orelha e fazendo cócegas com a barba que começava a crescer. Tudo em mim se arrepiou.

— Eu preciso de você — murmurou, os lábios ainda colados em minha pele, dando beijos molhados por toda a extensão livre. — Preciso tanto que posso morrer se não te ter logo.

Sua boca desceu, a ponta da língua deixando um rastro de fogo por onde passava. Meu corpo tremia, ansioso, cheio de expectativa. Ele beijou um seio, apertando o outro com a mão grande e forte, descendo os lábios por minha barriga e atingindo o cócs da calça. Seus dedos me despiram habilmente e com um desespero que eu era capaz de entender. Afinal, eu precisava dele tanto quanto ele precisava de mim. Era uma vontade latente e incontrollável.

Com apenas um puxão, minha calça e calcinha se foram, voando pelo quarto até atingir algum canto

PERIGOSAS ACHERON

do chão. Aquelas duas piscinas azuis me fitavam com fome, muita fome. O suficiente para me fazer perder o ar dos pulmões.

Victor percebeu a forma desconcertada em que me deixou, o que fez um sorriso diabólico surgir em seu rosto, resultando na perda de uma batida do meu coração. Sua palma percorreu minha panturrilha, tocando com delicadeza a parte de trás de meu joelho. Em seguida, alcançou de forma rápida a parte interna da minha coxa, onde deixou um leve apertão na carne sensível. Ele foi subindo e subindo cada vez mais até que minha boca se entreabriu de forma sôfrega e seu sorriso aumentou no mesmo instante em que um de seus dedos percorreu minha intimidade.

Arfei, sentindo o pulso disparar e retumbar em meus ouvidos. Ele me tocava lentamente, provocando de propósito, adorando ver como meu corpo reagia ao seu toque: trêmulo e desesperado por mais.

Victor me desconcertava com tanta facilidade que percebi que, para mim, não haveria ninguém mais no mundo inteiro. Nós dois éramos fogo,

paixão e amor, éramos tudo o que duas almas precisavam para se tornarem apenas uma.

— Você gosta que eu te toque? — ele perguntou, repuxando um canto da boca de maneira mordaz.

Assenti com um leve menear de cabeça, gostando da forma como sua voz entrava rouca e suave por meus ouvidos.

— Por favor — implorei em um sussurro, fechando meus olhos com força quando ele enfim me invadiu com o indicador enquanto os outros dedos exploravam minha fenda em círculos torturantes.

— Assim? — questionou, travesso, e tudo o que fui capaz de fazer foi abrir a boca, sentindo o ar esvaindo conforme ele mantinha os movimentos e eu perdia completamente o eixo da Terra. — É assim que você quer?

— Ah, Victor... — resfoleguei, apertando seus ombros e me remexendo sem o controle dos meus movimentos. — Sim, assim!

Eu não demoraria muito para chegar lá. Não se ele continuasse a me provocar daquela maneira

diabólica. Diabolicamente *deliciosa*.

Mas então ele parou de repente, e eu o fitei, incrédula e furiosa. Nossos olhos se encontraram, as ruguinhas todas ali, complementando o sorriso imenso dele. Aquela visão me fez comprimir os lábios. Ele era lindo, tão lindo... E tão meu, completamente meu.

— Tem algo que eu quero fazer antes — confidenciou, mudando o sorriso para um repuxar de lábios muito, muito sedutor e arteiro, o que me fez franzir a testa, confusa. — Eu quero te provar. Não... Eu *preciso* te provar, sentir seu gosto de novo.

Ele encaixou o rosto entre minhas pernas e passou a língua macia e quente por toda minha extensão, fazendo com que tudo vibrasse e um gemido mudo escapasse da minha garganta. Eu enlouqueceria a qualquer segundo, sabia disso. Era minha única e total certeza.

Uma de suas mãos segurava minha coxa com firmeza. Seus dedos livres massageavam meu ponto sensível, tirando de mim qualquer resquício de racionalidade, me fazendo esquecer meu nome,
PERIGOSAS ACHERON

idade e até onde estava. Naquele momento, só existia a boca de Victor em mim e minha necessidade primitiva de chegar ao ápice daquele prazer. Meu quadril se mexeu, aumentando o choque entre minha fenda e seus lábios gentis e famintos.

Arfei seu nome, segurando seus cabelos e implorando para que não parasse por nada no mundo. Era abrasador, úmido e tão, mas tão gostoso... Gostoso demais, a ponto de eu não saber se sobreviveria se ele continuasse, com meu sangue fervendo por entre as veias e a mente agitada em uma busca incansável pelo êxtase.

Então eu finalmente explodi, vendo tudo girar ao meu redor e a Terra desabar. Meus músculos convulsionaram e por um minuto achei que o prédio tremia, mas era apenas eu. A língua de Victor ainda passeava por meu sexo de maneira lenta conforme ele murmurava algo inteligível, fazendo sua respiração bater na área sensível e tudo em mim se arrepiar em uma sensação de deleite extremo.

Enterrada no colchão aconchegante, tentei

recuperar o ar enquanto sentia os lábios dele subirem por todo o meu tronco, deixando um rastro ardente por onde passava. Victor mordiscou a pele sensível do meu seio esquerdo e sorriu, travesso. O pouco ar que havia em meus pulmões se foi e minha coluna se arqueou sozinha, avisando que eu ainda não estava totalmente satisfeita, que esperava por mais.

Ele tirou com cuidado o que restava da minha blusa e o sutiã, jogando-os no chão. Beijou meu pescoço, mordiscou meu queixo e tomou minha boca em um beijo cheio de paixão que me acordou por completo, fazendo uma nova chama crescer dentro de mim e tudo se incendiar.

Ah, se as coisas continuassem assim, talvez eu não sobrevivesse mesmo àquela noite...

— Como eu senti sua falta, Isabella — murmurou, a boca ainda colada à minha, descendo para perto da orelha, onde foi deixando beijos molhados por toda a região, alcançando o lóbulo e sussurrando em seguida: — Senti falta de você inteira.

Meu coração disparou, não sabia bem se de

PERIGOSAS ACHERON

emoção ou excitação. Meus sentimentos estavam confusos, eu não sabia bem no que deveria focar, pois meu corpo parecia queimar com cada mísero toque de Victor.

Como era possível querer tanto assim uma pessoa? Como era possível perder a consciência apenas com um beijo, um toque, um olhar ou um sorriso? Eu jamais seria capaz de responder essas perguntas, mas esse era exatamente o efeito que Victor causava em mim. E eu gostava, não podia negar. Queria mais, queria que ele me tocasse por inteira. Que tocasse minha alma, se possível. Eu queria que as coisas fossem assim para sempre.

Então, eu soube: seria feliz pelo resto da vida. Contanto que ele estivesse comigo, eu seria completamente feliz.

Minhas mãos afoitas o ajudaram a retirar a camisa social, deixando seu peitoral exposto para que eu pudesse tocar sua pele febril. Mas, para minha surpresa, avistei algo que não esperava. Bem ali, pendurado em seu pescoço: a aliança. A aliança do nosso *casamento*.

Toquei o círculo dourado com cuidado, sentindo

PERIGOSAS ACHERON

a frieza do metal na ponta dos dedos. Ele havia mesmo guardado em um lugar especial. Ao lado do próprio coração.

Aquilo levou uma sensação quente e confortável ao meu peito.

— Então é aqui que ela estava esse tempo todo? — perguntei em um murmúrio.

Victor segurou minha mão por cima do colar e sorriu, divertido, me fazendo sorrir também.

— Não achou mesmo que eu andaria por aí sem isso, não é? — brincou, arqueando uma sobrancelha. — É a maior prova de que você disse *sim* pra mim.

— Eu estava bêbada! — lembrei, e ele deu de ombros.

— O seu *sim* só saiu mais arrastado, mas ainda era um *sim*. E isso fez de mim o homem mais sortudo do universo.

— Eu amo você — falei baixinho, sentindo os lábios tremerem. — Eu amo você — repeti, dessa vez mais firme, trazendo seu corpo para mais perto em um abraço desengonçado, beijando cada

centímetro de pele que eu pudesse alcançar, desde seu ombro até o pescoço, chegando ao seu rosto para colar minha boca na dele. — Amo mais que tudo.

— Você é minha. E eu sou seu. Pra sempre — prometeu.

Sorri como a boba apaixonada que eu era. E ele fez o mesmo, roçando o nariz no meu e me beijando de maneira voraz em seguida. O incêndio retornou com força total, com potencial de queimar o que estivesse entre nós.

Minhas mãos logo o ajudaram com o resto de suas roupas até que ele estivesse sem nada, ajoelhado à minha frente e tirando a camisinha da carteira, colocando-a em seu membro completamente ereto, pronto para me tornar sua de forma definitiva.

Mordi o canto da boca enquanto o analisava, me lembrando do quanto eu o adorava. Eu o adorava por completo, cada mínimo detalhe dele. Não só seu físico — que era irresistível, claro —, mas também sua personalidade travessa e gentil. Victor era muito mais do que muitos podiam ver, eu sabia

PERIGOSAS ACHERON

que ele era um homem espetacular — principalmente depois de ter deixado seus medos de lado e ser meu.

Meu... como era bom pensar dessa forma.

Subi meu olhar, me deparando com seus olhos azuis mais escuros que o normal pela excitação, me observando de forma minuciosa. Quase como se estivesse gravando em sua mente cada pequena parte de mim, assim como eu fazia com ele. Havia algo primitivo em seu olhar, um brilho excitante e misterioso conforme ele me encarava como sua mais perfeita presa.

Estendi um braço e lhe toquei o ombro com as pontas dos dedos, me demorando um pouco mais onde o lobo repousava tão delicadamente. Quando eu o vi, bem ali, cravado em sua pele como se pertencesse a ele por toda a vida, me peguei pensando em como era bonito e poderoso. Aquele olhar intenso penetrando minha alma, assim como faziam os olhos de Victor.

Ele e aquele lobo pareciam compartilhar o mesmo dom de hipnotizar as pessoas, pois era assim que eu me sentia: hipnotizada e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

completamente encantada. Porém, todos meus pensamentos morreram em seguida, pois Victor se aproximou, engatinhando com um felino feroz, me cobrindo com seu corpo e calor, me obrigando a recostar no colchão macio mais uma vez.

— Eu preciso de você — avisou, a voz baixa e os olhos em chamas.

Arfei quando seu membro tocou minha entrada, grande, forte e imponente, exigindo passagem. Eu o segurei com a palma da mão, enrolando meus dedos por toda sua extensão, sentindo-o pulsar contra minha palma conforme eu subia e descia sem pressa.

— Não me tortura — pediu, fechando as pálpebras com força, o que me fez sorrir.

— Hummm... Mas é tão tentador — confessei de forma manhosa, apertando ainda mais seu sexo, o que fez os pelos de seus braços arrepiarem na mesma hora.

Mas toda a diversão esvaiu no momento em que seus olhos se abriram e me encararam mais uma vez, quase negros e opacos, ardendo em desejo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fúria. Seu rosto se aproximou do meu, e eu pude sentir sua respiração forte e desregulada me atingir em cheio.

— Vamos ter muito tempo pra isso depois, mas eu preciso de você *agora* — disse com uma expressão muito séria, a mandíbula rígida.

Engoli em seco conforme meu próprio corpo se arrepiava em ansiedade e excitação. Algo naquele olhar selvagem fazia com que eu o quisesse mais e mais, de forma descontrolada e incompreensível. Então, sem aguentar esperar nem mais meio segundo, eu o encaixei e fitei Victor em um pedido mudo para que me invadisse, me fizesse dele.

Ele assentiu com um leve balanço de cabeça, me penetrando com força. Victor iniciou as estocadas conforme sussurrava meu nome com a voz grossa e sôfrega. Enrolei minhas pernas em seu tronco, dando-lhe mais acesso. Uma de suas mãos passou por debaixo de mim, segurando a base da minha coluna e me levantando para que pudesse entrar ainda mais fundo.

— Ah, Victor!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ofeguei, adorando senti-lo completamente dentro de mim conforme sua velocidade e força aumentavam.

— Eu sinto que vou explodir a cada vez que você diz meu nome desse jeito — admitiu, a rouquidão em sua voz denunciando o quanto tentava se controlar.

— Por favor, por favor, continua! — implorei, cerrando os olhos.

— Porra, Isabella — rugiu, trincando os dentes e estocando para dentro de mim sem piedade. — Quando você pede assim...

— Não para — murmurei, fíncando minhas unhas em suas costas conforme uma fina camada de suor nos rodeava. — Não para, Victor!

Ele grunhiu e aumentou ainda mais a velocidade, dizendo meu nome sem parar. O som dos nossos sexos se chocando e ecoando pelo quarto fazia minha mente nublar. Minha boca se abriu em um gemido libertador quando eu enfim cheguei ao clímax.

Victor me fez ver fogos de artifício, estrelas,

PERIGOSAS ACHERON

vagalumes e tantas outras luzes que eu não fui capaz de identificar. Tudo girava, eu estava entorpecida e meu corpo convulsionava de prazer quando o senti explodir, todos seus músculos enrijecendo. Então seu peso caiu sobre mim, me aquecendo de uma maneira deliciosa e familiar.

Eu o abracei, beijando com carinho seu ombro e sentindo sua boca tocar minha têmpora antes de se jogar para o lado e me puxar para seu peito. Victor me acomodou em um meio abraço, passando os dedos longos por toda minha coluna em um vai e vem gostoso. Minha mão acariciou sua pele quente, sentindo sua respiração descompassada se acalmar conforme o cordão com a aliança subia e descia com rapidez.

Victor se desfez da camisinha, jogando-a na lixeira ao lado da cama, e comentou, deixando escapar um sorriso ladino:

— Sabe, acho que deveríamos passar o dia inteiro aqui, nesta cama. Talvez algum tempo no sofá ou de repente na mesa de jantar. Tem a copa da cozinha também, não podemos nos esquecer dela.

m canto de sua boca se ergueu de maneira

PERIGOSAS ACHERON

maliciosa, me fazendo rir baixinho.

— E o trabalho? — indaguei, arqueando uma sobrancelha.

— É tão ruim ficar doente no seu segundo dia? — disparou, aumentando o sorriso e me apertando ainda mais contra si.

— Preciso mesmo responder?

— Não me culpe por tentar. Mas o que acha de tomarmos um banho, comermos algo e dormimos agarrados a noite toda?

— Posso pensar no seu caso. — Sorri, brincalhona, mordendo a ponta da língua antes de pular da cama e dizer: — Se você me alcançar até o chuveiro, prometo pensar com carinho.

— Esse é o seu desafio? — retrucou ao se levantar, erguendo uma sobrancelha.

Eu, claro, corri na mesma hora, mas Victor era bem mais rápido. Antes que eu pudesse sair do quarto, ele já havia me alcançado e levantado meu corpo como se eu não pesasse nada, me colocando em seu ombro e nos levando até o banheiro.

— Vou te fazer pensar com muito, *muito* carinho

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo — avisou, cheio de malícia.

Então, horas depois, já limpos, satisfeitos e exaustos, eu dormi. Dormi com o corpo tão grudado ao dele que pensei que poderíamos nos fundir a qualquer momento.

Não que eu achasse isso ruim. Longe disso.

PERIGOSAS ACHERON



Lembro-me de estar sonhando com algum lugar ensolarado, Victor ao meu lado, quando um som irritante e insistente me fez acordar. Estendi o braço ainda sonolenta, pegando o celular que vibrava no criado-mudo ao lado da cama. O nome de minha prima piscava no visor. Olhei para o lado, agradecendo por Victor ainda estar dormindo. Olhei novamente para a tela e vi que faltavam dez minutos para o despertador tocar. Ou seja, menos dez minutos de sono por causa da Camila. Ela tinha tanta sorte que eu a amava incondicionalmente...

Saí da cama com cuidado para não acordar Victor e atendi a chamada assim que atingi o corredor.

— Não podia esperar dar minha hora de acordar, não? — perguntei, tentando segurar um bocejo.

— Dez minutos a mais ou a menos não vão te matar! — avisou, parecendo ansiosa. — Tentei falar com você ontem, mas não atendeu o celular, aí liguei pra sua casa e seu pai disse que você mandou uma mensagem avisando que ia dormir fora. Ele chegou até a tentar uma aposta comigo de que você estaria com o Victor, acredita?

Ai, pai...

— Ah... er... e-eu... — gaguejei, tentando achar as palavras. Quaisquer palavras, na verdade.

Minha cabeça parecia estar em curto-circuito, pois nada vinha à mente. Absolutamente nada!

— Eu sei que tá cedo, Isa, mas não aguentei! Preciso saber, você tá mesmo com ele?

— Uhum... — murmurei, enchendo os pulmões de ar e tentando segurar o sorriso. — Tô na casa dele, Ca!

— E vocês...?

— Sim! — respondi mais alto do que eu gostaria, me obrigando a abaixar a voz logo em seguida. —

E é pra valer dessa vez. Ele disse que me ama, acredita? Ele me ama!

Não pude resistir ao impulso de pular no lugar, mesmo que isso me fizesse parecer vinte anos mais nova.

— Ai, prima, isso é maravilhoso demais! — falou, animada. — Assim eu fico despreocupada. Tava com medo de vocês terem passado a noite juntos e ele te machucar depois disso tudo. Você sabe, né? Eu jamais o deixaria sair vivo se te machucasse de novo. Eu cuidaria pelo menos de uma boa castração.

— Credo, prima!

Ri, achando graça de sua aura protetora.

— Não faria nada além da minha obrigação — avisou, a voz calma e um pouco assustadora.

— Vamos agradecer por isso não ser necessário — falei, aliviada. — Mas posso te encontrar de noite e contar tudo pessoalmente? Ele pode acordar a qualquer momento e...

— Óbvio! — ela disparou, contente. — Quero saber os mínimos detalhes. Assim... os mínimos

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmos, viu? — avisou, a voz bem sugestiva, o que me fez corar.

— Tá bem, eu te conto tudo, mas não nos *mínimos* detalhes, porque né...

— Chata! — me acusou, e eu pude imaginar sua cara emburrada do outro lado da linha.

— Fuxiqueira! — rebati. — A gente se encontra mais tarde e conversa melhor, beleza?

— Combinado! Eu e o Fábio vamos dar uma saída já, já... Então a gente se fala depois.

— Maravilha! Bom passeio pra vocês — desejei.

— Bom trabalho pra você — ela falou. — Ou eu deveria desejar uma boa manhã de sexo também?

— Camila! — repreendi, e ela gargalhou.

— Aproveita sua manhã! — disse, divertida. — Só não demais, você sabe... pra não perder a hora. Tchauzinho, prima.

A chamada foi desligada e eu fiquei ali, parada no corredor, sentindo todo o sangue correr para o meu rosto. De repente, a porta do quarto se abriu e Victor perguntou após um bocejo:

PERIGOSAS ACHERON

— Por que você parece um pimentão?

— Por nada. Nada não — respondi, sem graça.

— Você acordou antes do despertador — disse, se aproximando e enlaçando minha cintura.

— Minha prima me ligou — expliquei, e ele assentiu, beijando minha testa.

— Eu preferia te dar bom-dia na cama, mas as coisas não saíram como eu planejei — brincou, elevando uma mão e fazendo um carinho em meu rosto.

Eu, claro, derreti. Mas a voz da razão soou no fundo do meu cérebro e, ainda que eu quisesse calá-la, me obriguei a ouvi-la e me lembrar de que eu não podia me atrasar para o segundo dia de trabalho.

— Onde estão as roupas que deixei aqui? — perguntei antes de selar nossos lábios com carinho.

Um beijinho de nada não ia me atrasar, né?

— No quarto de hóspedes — ele respondeu, roçando o nariz no meu. — Lavadas e passadas.

— Que bom, porque vão ser elas mesmas que vou usar para o trabalho hoje — falei, me

PERIGOSAS ACHERON

desvencilhando de Victor, mesmo que totalmente contra minha vontade.

Ele disse que prepararia o café da manhã enquanto eu tomava uma ducha. Agradei, beijando todo seu rosto antes de me retirar.

Meu corpo ainda estava exausto, me permiti repousar a testa nos ladrilhos frios do boxe, não contendo um sorriso ao lembrar de nós dois na noite anterior e naquela manhã. Completamente diferente do que vivemos anos atrás. Dessa vez, não era só algo casual, era amor, era sério, era verdadeiro. E nada poderia me fazer mais feliz. A esperança de que as coisas dariam certo entre a gente atingiu todo o meu âmago e fez tudo queimar de alegria. Era uma sensação boa, de paz, alívio e emoção.

Era bom demais não ter mais medo, me sentir livre para fazer o que quisesse e dizer o que precisasse. Livre para amá-lo com todo o meu coração.

Ah, sim, aquela era uma ótima terça-feira!

Desliguei o chuveiro e enchi os pulmões de ar,

buscando forças para aguentar o dia inteiro depois de tanto... exercício que fizemos na madrugada. Elevei os braços no ar e me espreguicei, sentindo nos dedos o metal gelado da aliança que eu ainda usava. Que estava presa!

Estendi a mão em frente ao rosto, me deixando observá-la mais uma vez, o aro dourado e brilhante envolvendo meu dedo anelar com perfeição. E então, sem motivo algum, eu tentei tirá-lo, mesmo sabendo que não adiantaria de nada, pois ele continuaria insistindo em ficar por ali mesmo.

Até que... ele saiu. Saiu como se simplesmente fosse o que ele deveria fazer. Como se, em momento algum, tivesse fincado em minha carne e batido o pé, avisando que ficaria ali para sempre, não importasse que tipo de manteiga ou graxa eu usasse para removê-lo. Ele apenas saiu, escorregando para fora de meu dedo com facilidade.

— Tá de sacanagem, né? — murmurei para mim mesma ainda encarando o anel repousado na palma da minha mão.

Sem acreditar que aquilo havia acontecido, me

PERIGOSAS ACHERON

enrolei de qualquer jeito na toalha e corri até a sala de estar, chamando Victor com tanto entusiasmo que ele se virou, assustado.

— O que foi? — Quis saber, fechando a geladeira e se aproximando com curiosidade.

— Olha, olha! — falei, levantando a mão sem o anel. — Ele saiu, acredita?

— Mas ele não tava preso?

— Sim! Estava, no passado, que quer dizer que não está mais! — respondi, empolgada. — Ele apenas saiu, do nada. Agora posso finalmente te devolver.

Victor franziu o cenho no instante em que estendi o aro dourado para ele.

— Eu não quero que você me devolva — resmungou, emburrado.

— Mas, Victor, isso aqui com certeza te custou um bom dinheiro — expliquei. — Não sou nenhuma conhecedora de joias pra afirmar com certeza, mas acho que é ouro de verdade! Não posso ficar com ele.

— Claro que pode. Ele é seu, ué. Eu dei pra você.

Ele deu de ombros, e eu entortei a boca.

— Mas você tava bêbado, nem deve ter visto o valor quando pagou.

— Não me importa o valor — disse, me fitando com as duas piscinas azuis incrivelmente cristalinas. — Eu dei pra você e quero que fique com *você*. — Abri a boca para retrucar, mas ele colocou o indicador sobre os meus lábios e continuou: — Considere como algo que simboliza o nosso compromisso ou um tipo de souvenir pela nossa aventura, tudo bem?

— Um souvenir? — retruquei com a sobrancelha arqueada. — Um souvenir que custa mais do que o meu salário? Eu não...

— Você nada — falou, puxando meu corpo para si e aproximando nossos rostos. — Eu não vou aceitar um *não* como resposta. Se o problema é usá-lo, você pode apenas guardar com você, mas eu não vou aceitar de volta e ponto final.

Soltei o ar, sabendo que ele não voltaria atrás, e balancei a cabeça.

— Tudo bem — murmurei, derrotada. — Eu fico

PERIGOSAS NACIONAIS

com ele.

Victor sorriu e juntou sua boca na minha antes de sussurrar:

— O café da manhã tá pronto, aliás. Com fome?

Assenti, inalando o cheiro bom de café fresco conforme ajeitava o aro dourado no dedo mais uma vez, sem querer admitir que já o sentia como parte de mim.

— Faminta! — respondi, muito, muito honesta.

— Isso não é novidade — brincou, beijando meus cabelos e me soltando para que pudéssemos nos acomodar na mesa farta.



— Ahá! — Ana pulou à nossa frente assim que entramos no prédio comercial, encarando nossas mãos entrelaçadas com um sorriso no rosto. — Posso supor que nosso plano deu certo, Victinho?

Franzi a testa, confusa.

— Plano? — perguntei.

Victor deu de ombros, erguendo um canto da boca de maneira cínica.

PERIGOSAS ACHERON

— Todo mundo precisa de uma forcinha dos amigos de vez em quando.

— Por isso você tava com aquele papo lá sobre dar uma chance no almoço de ontem, né? — questionei Ana, que me fitava com a feição mais culpada e arteira do universo. — Sabia que tinha algo de estranho naquela conversa!

— Não me culpe, Isa! Eu tô *shippando* vocês há anos e não custava nada te deixar com uma pulga atrás da orelha pra encontrar com o Victor. E pelo visto deu tudo certo, sim?

— Certíssimo — Victor bradou, contente, levando minha mão até seus lábios e deixando um beijo cálido antes de sorrir como uma criança. — Obrigada pela força, Aninha.

— Disponha sempre, querido! É uma maravilha ver você em um relacionamento sério pela primeira vez na vida. — Ana falou, animada. — Bastante satisfatório, na verdade. E hoje, vamos almoçar? Ou eu vou atrapalhar os pombinhos?

Ela olhou para mim.

— Cla-claro que não vai atrapalhar. Vamos

almoçar, sim, né?

Encarei Victor, que assentiu com aquele sorriso de tirar o fôlego. Então, ele pegou o celular, que parecia vibrar em sua mão, e avisou:

— Meu pai tá me esperando, melhor eu ir subindo. Vejo vocês depois — disse, selando seus lábios nos meus rapidamente.

Balancei a cabeça em positivo, mesmo querendo agarrá-lo pela cintura e gritar “fica mais um pouquinho comigo!”. Mas Ana, que já acenava para ele e segurava em meu braço com força, fez toda minha atenção focar em si enquanto caminhávamos a passos lentos para o prédio.

— Você sabia tudo o que ele planejava, sua danada? — questionei em censura.

Ela mordia o canto da boca, claramente segurando uma risada. Já eu decidia se ria ou se a xingava.

— Desde o início! — contou. — Ele me ligou no dia em que você apareceu na casa dele, e eu fiquei doida! Pena que só pude ajudar na reta final mesmo. Acho que nunca fiquei tão frustrada nas

minhas férias — admitiu, suspirando. — Mas vejo que deu tudo certo no final, hum?

Ela levantou as sobrancelhas de maneira acusatória, e eu optei por rir, mais de vergonha do que por qualquer outra coisa.

— É... Deu, sim. Obrigada mesmo pelo empurrão, acho que sem ele eu não teria tido coragem de ir até o Victor ontem.

Senti as bochechas esquentarem, e Ana reparou, pois fez um som muito agudo e esquisito conforme me encarava com os olhos brilhando.

— Sabe, eu tô feliz de verdade por vocês terem se resolvido. Somos amigas há muito tempo, e eu conheço o Victor há anos também, desde que entrei no escritório — explicou. — Foi uma grande surpresa quando eu percebi o que os dois aprontavam pelas costas de todo mundo, inclusive a minha.

Seu tom era de brincadeira, mas pude perceber que havia um pouco de mágoa também. Por isso, fui logo dizendo:

— Desculpa por não ter contado na época. Na

verdade... eu não falei disso com ninguém. Parecia o tipo de segredo que não deveria ser contado ou as coisas poderiam evaporar, entende? Não sei, acho que naquela época eu tinha medo de tocar no assunto, de estragar tudo...

— Eu sei. — Ela sorriu, complacente, e beijou meu ombro. — Tá tudo bem. Claro que eu gostaria de ter ouvido de você lá atrás, mas eu entendo. Todo mundo tem seus segredos, faz parte.

— É, acho que sim — comentei, sem saber mais o que dizer.

— O engraçado é que eu achava que era só algo de corpo mesmo. Acho que por isso também não falei nada, não queria estragar a festa dos dois. Mas quando você se mudou...

Ana franziu o cenho, como se sua mente tivesse voltado para anos atrás. Aquilo despertou meu total interesse.

— O quê? — indaguei, passando pela roleta do prédio e caminhando até o elevador.

— O Victor... depois que você partiu, bom... como posso dizer... — Ela torceu os lábios,

pensativa. — Parecia que cada sorriso, cada brincadeira, simplesmente tudo era... falso. Não era mais o Victor de sempre. Ele parecia mudado e distante.

— *Falso?* Como assim?

— Ah, não sei. — Ela soltou o ar pelo nariz ruidosamente. — Eu tinha a impressão de que ele tentava convencer o mundo e talvez até ele mesmo de que estava bem, que a vida havia seguido em frente, mas ele não podia me enganar. Você sabe, eu tenho olhos de águia! — Meneei a cabeça em concordância. — Não entendi nada quando você me fez prometer que não daria seu contato pra ele. Além disso, naquela época, se eu tentava perguntar qualquer coisa, você se esquivava...

— Eu sei, me des...

— Não precisa se desculpar de novo. — Ana sorriu, e entramos no elevador. — Acabei deixando pra lá também, mas era estranho ver que o Victor não flertava mais por aí, parecia nem conseguir enxergar as garotas que se jogavam aos seus pés... — Ela revirou os olhos, e eu inconscientemente fiz uma careta desgostosa, apertando os botões dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos andares com mais força do que necessário. Por sorte, estávamos só nós duas dentro da caixa de aço. — Foi então que eu entendi tudo. Ele tinha se apaixonado e você tinha ido embora. Ele parecia... perdido, sem saber o que fazer ou como agir. — Aquilo fez meu coração perder uma batida e um leve gosto de amargura surgir na ponta da minha língua. — Mas sabe... — ela continuou, e eu me forcei a ouvi-la, ainda que quisesse correr para Victor, me agarrar a ele e dizer infinitas vezes o quanto o amava e sentia muito por tudo. — Acho que no final foi melhor assim.

— Foi? — repeti, confusa.

Ana concordou com a cabeça.

— Olha só, você realizou seu sonho de passar um tempo fora, se especializou, conheceu pessoas novas, viveu de verdade. E agora voltou, tá namorando com o Victor e aposto que os dois tão felizes pra caramba.

Ela ofereceu uma piscadela divertida, e, de repente, eu ri.

Ri, mesmo que o rosto parecesse esquentar mais

PERIGOSAS ACHERON

que o normal.

Ri porque parecia o certo a se fazer.

Ri, especialmente, porque era tudo verdade.

Ana tinha razão. Mesmo que o tempo também tenha sido difícil para mim, cada dia valeu a pena, cada experiência, cada novo lugar ou aprendizado. Meus momentos com Camila, Fábio, John e cada pessoa que passou por minha vida em São Francisco fez com que eu me sentisse realizada e amadurecesse. Foi o tempo necessário para que eu me tornasse uma nova Isabella, uma Isabella mais adulta e pé no chão. E ainda que meu coração estivesse partido quando deixei o Brasil, eu não me arrependia em momento algum de minha decisão, nem mesmo nas noites solitárias em que eu me lembrava da sensação de Victor me abraçando entre os lençóis e depois me odiava por ainda pensar naquilo.

O tempo passou, e eu não fui capaz de apagá-lo completamente de mim, mas eu vivi e me esforcei a cada dia para me tornar uma pessoa melhor. E como Ana dissera, as coisas estavam bem, eu tinha Victor comigo. Eu o amava e ele me retribuía com

PERIGOSAS ACHERON

a mesma intensidade. Tínhamos a chance de começar algo, de começar de fato a nossa história e seguir rumo ao futuro.

É, eu estava feliz. Feliz pra caramba!

— Bom, é aqui que você fica — ela falou, me despertando dos pensamentos. Percebi que o elevador se encontrava no meu andar. — Passa lá no escritório para irmos almoçar juntas, tá? Não esquece!

— Deixa comigo! — respondi, beijando sua bochecha e saindo pela porta. — E Ana... — Me virei de novo. — Obrigada por tudo.

Ela sorriu, contente, e piscou antes que as portas se fechassem. Suspirei fundo e chequei as horas no celular, constatando que já estava mais do que na hora de começarmos o expediente daquela terça-feira.



A manhã passou como um foguete, nem tive tempo de pensar em mais nada além das planilhas imensas das quais pediram para eu cuidar. Não que eu estivesse reclamando, claro. Na verdade, era

PERIGOSAS NACIONAIS

bom demais me sentir útil, eu não poderia estar mais satisfeita. Mas, quando a hora do almoço chegou, percebi que eu não havia comido mais nada além do café da manhã. Parecia que um terremoto catastrófico poderia tomar conta do meu estômago a qualquer momento.

E, bom, eu não duvidaria que, se isso acontecesse, Victor e Ana pudessem ouvir o ronco do escritório deles, quatro andares acima do meu. Por isso, antes que algo do tipo acontecesse, peguei minha bolsa e corri para o elevador, torcendo para que os dois já estivessem livres para o almoço.

Toquei a campainha um pouco ansiosa e me sentindo boba por isso. Era esquisito pensar que ia almoçar com minha amiga e meu... *namorado*. Aquela palavra parecia estranhamente maluca e satisfatória, e eu preciso confessar que gostava bastante de como ela soava nos meus pensamentos.

A porta então se escancarou, e Ana abriu um sorriso ao me ver.

— Pela sua cara, você tá quase desfalecendo de fome — disse, soltando uma risada baixinha.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah... não, tô de boa até.

Dei de ombros, e sua risada aumentou de tom, o que me deixou completamente confusa.

— Você mexeu o nariz, amiga — explicou, como se fosse óbvio.

Bufei, consternada. Todo mundo sabia disso, pelo visto? Que grande porcaria!

— Enfim... — Suspirei, derrotada. — Cadê o Victor?

— Ele tá só acabando umas coisinhas e já vamos. Entra aí enquanto isso.

Abriu mais a porta e me deu passagem para entrar. Ficamos na recepção cogitando onde poderíamos ir, até que Victor surgiu com seu pai em seu encalço e assim, sem mais nem menos, sem nem um pequeno aviso prévio, ele juntou sua boca à minha em um selinho demorado.

— E aí, vamos? — falou com uma normalidade fora do comum.

Eu apenas tive tempo de arregalar os olhos e engolir em seco quando seu Alberto se aproximou com um sorriso muito contente nos lábios, os olhos

— tão azuis quanto os de Victor — brilhando de expectativa.

— Isabella, querida, como vai? — Ele quis saber, e eu sorri amarelo, tentando me lembrar como era mesmo que se falava.

— T-tudo bem, seu Alberto. E o senhor?

— Tudo ótimo. Melhor agora, na verdade — comentou com um tom sugestivo demais para que eu pudesse deixar de notar, encarando a mão que Victor pousava em minha cintura.

— Quer almoçar com a gente, pai? — Victor perguntou, descontraído, mas o mais velho fez uma careta em resposta.

— Tenho uma reunião agora, mas nos falamos depois — avisou antes de se virar para mim e dizer: — Sempre um prazer vê-la, querida. Cuide bem do meu menino, sim?

Acenou com uma piscadela, indo em direção à porta.

— Er... Pode deixar, senhor — respondi, sem graça, vendo-o sair do escritório. Ana soltou uma risadinha baixa, e reparei que os lábios de Victor

também tremiam. — Deus, isso foi constrangedor! — falei, olhando para ele com repreensão.

— Bobagem, linda. Ele ia descobrir mais cedo ou mais tarde — disse, dando de ombros e me puxando para um meio abraço ao mesmo tempo em que beijava o topo da minha cabeça. — Só adiantei logo as novidades.

— Você fez tudo de caso pensado? — questionei, semicerrando os olhos. Victor apenas deu de ombros, tentando controlar o sorriso ladino que teimava em aparecer. — Quero arrancar sua cabeça fora — resmunguei com a boca colada em seu peito e os braços rodeando o tronco largo.

— Não foi tão ruim assim, vai...

Inspirei fundo, sentindo seu cheiro de perfume e homem, esquecendo completamente a cena embaraçosa de segundos atrás.

— Só um pouquinho — falei em tom de brincadeira, me aninhando em seus braços.

Estava tão acomodada ali que nem mesmo conseguia me irritar com o maldito.

— Ai, vocês são tão fofos juntos! Acho que meu

coração não aguenta esse amor todo! — Ana bradou, a voz alta e estridente demais.

Ela parecia estar falando muito sério sobre aquela parada de *shippar*.

— Ora, ora — Uma outra voz surgiu, o que fez Victor me soltar para que eu me virasse, dando de cara com Carol se aproximando. — Então vocês dois estão mesmo juntos, é?

Ela tentou sorrir, sem muito sucesso. De alguma forma, mais parecia que ela estava tendo um derrame ou algo parecido.

— Dá pra acreditar? Eu ainda tô tentando me acostumar com a ideia — Ana falou com seu tom animado.

— É... difícil mesmo de acreditar — Carol murmurou, mais para si mesma do que para qualquer outra pessoa, então abriu um sorriso largo e disse: — Fico feliz por vocês! Nunca imaginei que o Victor fosse realmente sossegar. Ele... bom, ele deve estar mesmo... apaixonado.

Victor sorriu e coçou a nuca, um pouco sem jeito com a constatação. Aquilo era tão novo para ele

quanto para mim.

Carol ainda nos encarava com certo estranhamento. Tentei agradecer pelos votos de felicidade, mas minha língua travou antes que pudesse proferir alguma coisa. Por mais que Victor não tenha dormido com ela enquanto estávamos juntos, a simples lembrança de que eles tinham seus casos no passado ainda me dava náuseas, eu sentia uma pitada de ciúmes impossível de ignorar.

Torcia para que isso passasse com o tempo, imaginando ser apenas uma insegurança boba que ainda vivia em mim. Eu não deveria ficar remoendo isso, era besteira. Victor me amava e não parecia ter problema nenhum em assumir isso para o mundo.

Eu não precisava me preocupar.

Não mesmo...

Certo?

— Mas e aí, quer almoçar com a gente? — Ana indagou, mas Carol negou com a cabeça.

— Talvez outro dia. Preciso... hummm... fazer umas coisas e tal, não vou acabar tão cedo. Mas

bom almoço pra vocês — desejou, dando um meio sorriso rápido antes de sair um pouco às pressas.

Não pude negar que achei aquilo meio estranho. Carol parecia nervosa e bem diferente da mulher confiante que sempre fora, mas não tive tempo de pensar mais no assunto, pois meu estômago deu as caras e roncou alto, fazendo Ana e Victor gargalharem e sugerirem irmos logo. De preferência antes que eu caísse dura no chão.

Eu apenas sorri. Afinal, aquela era mesmo uma possibilidade.



Cheguei em casa e me joguei no sofá, pendendo a cabeça para trás e fechando os olhos por um segundo. Céus, como eu queria simplesmente cair dura e dormir sem ter hora para acordar...

— Pai? — gritei, imaginando que não teria nenhuma resposta.

Todos os cômodos pareciam estar com as luzes apagadas, e eu não ouvia nenhum ruído além dos carros que passavam pelas ruas do lado de fora das janelas.

Conferi as horas no celular e estranhei que ele ainda não houvesse chegado do trabalho. Então

tratei de lhe mandar uma mensagem perguntando onde estava. Papai respondeu avisando que era aniversário de um colega e que eles haviam saído para comemorar em um barzinho. Sorri inconscientemente, respondendo que desejava que se divertisse.

Desde que Verônica entrara em nossas vidas, papai passava quase todo o seu tempo com ela, evitando a companhia dos amigos, dos quais ela não gostava muito. Por isso era bom vê-lo sair e curtir um pouco, ainda que fosse uma terça-feira à noite e eu só conseguisse pensar em minha cama.

Imaginando que ele não chegaria tão cedo, decidi chamar Camila e Fábio para irem lá para casa. Era isso ou encontrar com eles em algum lugar, e Deus sabia o quanto eu não estava disposta a sair.

Depois que os dois confirmaram que estariam a caminho em quinze minutos — e com comida, o que eu particularmente considereei ótimo —, achei uma boa ideia tomar um banho para despertar. Ah... isso resultaria em uma prima muito, muito revoltada comigo, já que ela avisara por mensagem que estava se roendo o dia inteiro, louca para ouvir

as novidades.

— Ok! Chega de preguiça! — disse para mim mesma, me levantando em um pulo e batendo de leve em minhas bochechas.

Entrei no chuveiro desejando não ter pressa, mas, assim que enxaguei os cabelos, a campainha tocou e eu revirei os olhos, cansada. Quem diabos seria? Não era possível que fosse Camila e Fábio, mas então... quem?

Enrolei-me na toalha e tratei de correr até o quarto para colocar uma roupa qualquer. A campainha tocava sem parar, comecei a pensar que o prédio devia estar pegando fogo para a pessoa ser tão insistente e irritante.

— Já vai! — gritei do corredor quando a campainha tocou pela décima vez, o que me deixou de muito mau humor. — Já falei que tô indo! Você não pode esperar um seg...— Minha frase morreu no instante em que abri a porta e me deparei com a cara enfezada de Verônica do outro lado.

Ela batia o pé e me olhava com uma mistura de raiva e impaciência.

— Dá licença, garota — resmungou antes de abrir a porta com força e ir entrando, esbarrando em meu ombro de propósito, claro. Aquilo fez meu sangue ferver.

— O que você quer aqui, Verônica? — perguntei, os dentes cerrados.

— Cadê seu pai?

— Não tá aqui. Se veio falar com ele, é melhor...

— Aquele imbecil parece não querer falar comigo, já que não atende a porcaria do celular — rugiu, exasperada. — Mas acho que nós duas sabemos muito bem de quem é a culpa, né? Garota intrometida... — murmurou a última parte, o que fez com que todo o meu autocontrole esvaísse.

— Olha só, a *culpa* é toda e exclusivamente *sua* — frisei, enfurecida. — E eu não tenho nada a ver com o fato de ele não querer mais viver com você. Só me surpreende que ele tenha demorado tanto para enxergar o tipo de mulher que você é.

Sorri, debochada, adorando vê-la franzir o cenho e trincar a mandíbula.

— Você sempre foi uma nojentinha mesmo,

PERIGOSAS NACIONAIS

Isabella — falou em um tom cheio de fúria. — Aquele tapado do seu pai... não vê que você só se aproveita dele e atrapalha as nossas vidas!

— Eu? — Ri sem humor algum. — *Eu* me aproveito dele? Verônica, ele é o *meu* pai e sempre quis me dar a melhor educação. Isso sempre te incomodou, não é? O fato de ele não querer te levar pra viajar ou comprar sei lá o que porque estava investindo em mim.

— Ele é um idiota, sempre foi — ela disse, bufando. — Mas era o idiota que me dava uma vida confortável e agora me deixou sem nada por sua causa.

— Ele não é um idiota — rosnei, incomodada. — Ele é um ótimo pai, isso, sim. Ao menos agora eu vou poder ajudar com as contas e o que ele precisar, mas você... você simplesmente largou seu emprego e achou que ele iria te bancar a vida inteira como uma dondoca, não foi?

— Mas é claro! É o dever dele como marido! E você arruinou tudo fazendo fofquinhas ridículas pra ele!

PERIGOSAS ACHERON

— Só porque ele é o seu marido... quer dizer, *era* — sorri, vitoriosa —, não significa que ele precise bancar tudo sozinho. O casamento também é dividir as responsabilidades, e não só se aproveitar do outro. Ele te largou porque finalmente viu quem você é, e agora eu te pergunto pela última vez: o que você tá fazendo aqui?

— Vá para o inferno, garota! E dá licença que eu preciso pegar minhas coisas.

Verônica saiu resmungando pelo corredor a passos pesados que faziam o piso tremer. Eu poderia confundi-la com um dinossauro naquele momento se eles não estivessem extintos há tanto tempo.

Sentei no sofá de casa e aguardei que ela pegasse suas coisas. Afinal, não tinha muito mais o que fazer além disso.

Por sorte, papai já havia separado a maior parte em duas malas grandes e não demorou para ela surgir na sala de estar com os olhos em chamas e a boca comprimida em uma linha fina. Mas, diferente do que imaginei, Verônica não partiu de imediato. Não... Ela suspirou fundo e empertigou a coluna,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se aproximando de mim com um olhar superior e astuto.

Seria mentira se eu dissesse que algo naquele olhar não me assustou, porque por um segundo eu senti um frio congelante na minha espinha. Eu me levantei e cruzei os braços sobre o peito, provavelmente tentando me proteger de alguma forma daquela mulher que me encarava de uma maneira bem ferina.

— Eu vou embora — ela disse, convicta. — Mas não pense que as coisas vão terminar assim, me ouviu? Seu pai vai voltar correndo pra mim, aquele velho não tem mais ninguém.

— Ele tem a mim — falei e me repreendi por minha voz ter saído um pouco trêmula.

— Pode ser que sim, mas tudo o que vai, volta. E isso ainda não acabou — decretou com um sorriso muito diabólico nos lábios cheios.

Segurei o instinto de engolir em seco, não queria mostrar que o tom de sua voz ameaçadora era capaz de me afligir. Então coloquei as mãos nos quadris e sorri em deboche.

PERIGOSAS ACHERON

— Já vai tarde, Verônica. E lembre-se de nunca mais voltar, viu?

Ela abriu a boca para dizer algo mais, algo que talvez me fizesse ter pesadelos durante a noite pela forma intensa e apavorante com a qual me fitava. Mas, por sorte ou obra do destino, a campainha soou e ela selou os lábios, apenas sorrindo daquela forma maquiavélica antes de se virar e pegar suas malas.

Verônica abriu a porta, passando por Camila e Fábio sem pedir licença e esbarrando suas coisas neles sem nenhum cuidado, o que deixou os dois com uma feição nada agradável enquanto a viam sumir pelo corredor do andar.

— O que ela fazia aqui? — minha prima finalmente perguntou, entrando no cômodo com Fábio em seu encalço e trancando a porta.

Dei de ombros, soltando o ar com força pelo nariz.

— Veio pegar as coisas dela. Acho que foi bom meu pai não estar aqui hoje — falei, cansada.

Aquela conversa tinha me tirado mais energia do

que eu podia imaginar.

— Você tá meio pálida, lindinha — Fábio observou, se sentando ao meu lado. — Tá tudo bem?

Assenti, sorrindo sem graça.

— Ela só sabe ser assustadora quando quer — expliquei. — Mas ela já foi embora, não precisarei lidar com a Verônica nunca mais. — Fábio meneou a cabeça em concordância. — E vocês estão aqui agora e quero saber qual será o nosso jantar de hoje. Isso, sim, é de extrema importância!

— Ai, prima, você só pensa em comida — Camila comentou, divertida, colocando na mesa baixa em frente ao sofá algumas sacolas de um restaurante chinês que eu adorava.

— Sabia que vocês não iriam me desapontar — falei, abrindo uma das embalagens e beliscando um bolinho recheado com frango.

— Nã-nã-não! — Camila interveio, tirando a comida de perto de mim. Eu a olhei com a testa encrespada, e ela explicou, cínica: — Só depois que contar tudinho da noite passada!

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentei roubar mais um pedaço do bolinho recheado, mas Fábio bateu em minha mão com um sorriso travesso.

— Apoio cem por cento a Camilinha, meu amor. Queremos saber tudo! Bota pra fora, anda! Ou vai ficar sem comer.

Revezei meu olhar sofrido entre as pequenas caixas de papelão que minha prima protegia como se sua vida dependesse daquilo. Meu estômago começou a se remexer com o cheiro de comida quentinha e apetitosa.

Decidi fazer uma contraproposta, torcendo para que os dois curiosos aceitassem:

— Vamos fazer o seguinte: eu conto enquanto a gente come.

— Ah, não! — Camila bradou, mas eu a interrompi:

— Vocês não querem toooodos os detalhes? — Arqueei uma sobrancelha, vendo-os assentir com hesitação. — Então, isso vai levar tempo e não queremos que o jantar esfrie, né? — Ambos se entreolharam, entendendo aonde eu queria chegar.

PERIGOSAS ACHERON

— Ou eu posso contar uma versão encurtada... —
Ergui um ombro. — Fica a critério de vo...

Mas não foi necessário completar a frase, pois Fábio já puxava as coisas das mãos de Camila e colocava as embalagens à nossa frente.

— É bom que você não pule nenhuma parte ou eu faço você colocar tudo pra fora depois de comer, garota — ameaçou.

A lição disso é que você nunca deve tentar enganar seus amigos. Principalmente se eles forem teimosos como mulas.

Sem ter muito o que fazer, apenas concordei com a cabeça, sorrindo amarelo e me ajeitando melhor no sofá.

— Ei, que porra é essa? Você fez uma tatuagem?
— Minha prima puxou meu pulso, passando os dedos pelos traços finos em minha pele.

— Pois é... — Abri um sorriso torto. — Então vamos começar com o jantar de domingo à noite...

Fui contando aos dois sobre os últimos dias, passando pelo *rooftop*, o significado da tatuagem, o beijo inesperado e minha fuga. Fábio suspirava,

dizendo que Victor era um romântico e que adoraria encontrar um homem que o levasse para uma aventura como aquela. Cogitei que ele também surtaria com a ideia de não saber o que seria cravado em sua pele, mas, vendo que Camila poderia começar a suar de nervosismo a qualquer momento, voltei à história original. Conteí, então, de como Victor me esperou em frente ao prédio do trabalho na manhã seguinte, o quanto eu estava nervosa e o fato de ter encontrado Ana.

Minha prima e Fábio não disseram nada. Pareciam curiosos demais para saber o resto da história, então sequer tentaram interromper. Porém, quando cheguei à parte do aeroporto e a declaração de Victor, Fábio começou a se remexer, inquieto, e a soltar gritinhos agudos pela sala de estar, enquanto Camila me fitava com os maiores olhos que eu já tinha visto, algo cintilando nas íris amendoadas.

Minhas bochechas queimavam de vergonha ao contar — sem tantos detalhes assim, o que deixou os dois bem irritadiços comigo — sobre a nossa noite. Todo meu corpo aqueceu também, só que

não de vergonha, claro.

A mera lembrança de Victor por cima de mim, se encaixando entre minhas pernas e mergulhando até o fundo da minha alma fazia algo despertar em meu âmago. Algo violento e selvagem. O que me fez pensar se seria muito inconveniente aparecer no apartamento dele depois que Camila e Fábio fossem embora.

Suspirei, derrotada. Do jeito que aqueles dois estavam imersos na história e animados com as novidades, não iriam embora tão cedo. Fugir para a casa de Victor já não parecia tão viável assim.

Finalizei a história, percebendo que a comida há muito já havia acabado. Porém, não tive sequer tempo de comentar que ainda estava com fome, pois quatro braços me apertavam com força. Dois de cada lado do corpo.

— Eu falei, eu falei! — Camila bradou, orgulhosa. — Eu sabia que a história de vocês ainda não tinha terminado.

— O Victinho me surpreendeu, linda! — Fábio falou, ainda suspirando. — Tinha medo de ele só

estar querendo te levar pra cama ou algo assim, de te magoar, sabe? Mas, se ele te ama, eu não poderia ficar mais aliviado. É ótimo saber que não vou precisar resolver nada com meus punhos.

— Fábio! — ralhei. — Em momento algum os punhos resolveriam qualquer coisa.

— Eu sei, eu sei. Mas, se fosse preciso, eu os usaria. O único problema é causar calos nestes meus dedinhos lindos.

— Dedinhos? — Camila rebateu? — Essas porras são quase cenouras de tão grandes e grossas!

Fábio se fingiu de ofendido, e uma falsa briga entre os dois começou. Menos um minuto depois, o assunto mudou para cabelos com pontas duplas.

Eu apenas estava feliz demais para prestar atenção em cada palavrinha. Feliz por minha história com Victor. Feliz pelo meu pai ter expulsado Verônica de nossas vidas para sempre. Feliz por ter Fábio e Camila comigo, ali.

Feliz por tudo.

Apenas feliz.



Como eu previra, demorou bastante para aqueles dois irem embora, ainda mais quando papai chegou e viu que as coisas de Verônica haviam sumido, me perguntando se ela tinha passado no apartamento.

Não lhe contei exatamente como foi a conversa, achei que seria desnecessário. Apenas disse que ela pegou suas coisas e partiu, para o bem de todos nós. Camila concordou e, antes que eu pudesse piscar, ela e Fábio já começavam a dar uma de casamenteiros em cima de papai, dizendo que ele ainda era jovem, que poderia arranjar uma mulher gostosa e boa o suficiente para ele. Praguejei com a ideia. Nunca era legal imaginar seu pai paquerando. Tipo, nunca!

Depois de incontáveis horas e inúmeros bocejos, nossas visitas partiram e eu pude enfim cair na cama. Na manhã seguinte, a quarta-feira chegou sem nenhuma pretensão. O dia no trabalho foi mais tranquilo do que eu esperava.

Após o expediente, recebi uma mensagem de Victor me perguntando se eu gostaria de ir até a nossa cafeteria de sempre para comermos uma fatia daquela torta de chocolate com cereja que eu tanto

gostava. Minha resposta, claro, foi um enorme *sim* com direito a letras maiúsculas e muitos, muitos pontos de exclamação.

— Oi, linda — Victor disse assim que passei pela catraca do prédio, enroscando a mão na minha como o gesto mais natural do mundo, assim como respirar ou comer.

Os pelos de minha nuca eriçaram no mesmo instante. Ainda estava me acostumando com nossa nova relação e só podia dizer que estava gostando bastante de como as coisas estavam indo.

— Oi — saudei, ficando na pontinha dos pés e selando nossos lábios com um selinho mais breve do que eu gostaria. — Como foi seu dia?

— Hummm — Ele entortou a boca, o que me deixou com mais vontade ainda de beijá-lo. — Não muito bom, na verdade. Vários pepinos pra resolver. Mas agora tá tudo bem. Tudo ótimo, na real.

Então ele sorriu com todos os dentes, as ruguinhas surgindo em seus olhos como um passe de magia conforme o aperto de sua mão na minha

aumentava e ele nos encaminhava para fora do prédio. Controlei o suspiro que queria sair, me forçando apenas a sorrir de forma boba e o acompanhar, mas a voz de Carol surgiu atrás de nós, fazendo um frio percorrer minha coluna.

— E aí, tão indo pra onde? — ela perguntou, parando do outro lado de Victor e segurando seu antebraço com familiaridade.

Eu, obviamente, comecei a pensar em inúmeras maneiras de cortar a cabeça dela fora.

— Naquela cafeteria aqui perto — Victor respondeu com calma, e eu me segurei para não ranger os dentes.

— Entendi! — ela falou, mordiscando o canto da boca. — Bom, vou deixar o casal se divertir. Até amanhã, querido, não esquece que temos que resolver aquela papelada da companhia de luz.

— Nem me lembre disso — ele praguejou, e, no segundo seguinte, Carol beijou sua bochecha e acenou para mim em despedida. — Tchau, Isa! Vamos marcar algo qualquer dia desses, hein?!

Então ela se foi, e eu pensei que meu sangue

explodiria a qualquer momento de tão quente que estava. Não que eu fosse uma mulher ciumenta. Na verdade, eu me considerava bem tranquila. Mas não com ela, não com Carol. Meus instintos gritavam algo no fundo do meu cérebro, eu não gostava nem um pouco quando ela se aproximava de Victor daquela forma, com tanta... intimidade.

— Ei, tudo bem? — Ele quis saber, fazendo uma leve carícia com o polegar em minha palma. Virei-me para ver as duas piscinas em minha direção, um pouco preocupadas. — A Carol te incomoda, né? Sei que ela pode ser meio invasiva às vezes, é o jeito dela, você sabe. Se quiser posso conversar com ela sobre isso.

De repente, me senti um pouco infantil. Talvez eu estivesse apenas exagerando. Sim, eu sabia que Carol era assim, muito... dada. Ela e Victor não tinham nada há muito tempo. Anos, na verdade. E eu sabia que eles eram amigos. Talvez eu que estivesse encarecendo com algo à toa.

— Não, tudo bem. — As palavras saíram naturalmente sem eu perceber.

— Tem certeza?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, é melhor eu só ignorar mesmo. — Dei de ombros. — O Fábio sempre brinca que não podemos nos deixar afetar pelas inimigas.

Ri, me lembrando de como meu amigo dizia que esse era um lema para se levar pela vida toda. Comecei a pensar que ele tinha certa razão no final das contas.

— O Fábio, é? — Victor murmurou, e eu o fitei, vendo que sua expressão era um pouco sombria.

— É... — Torci a boca. — Algum problema?

— Como ele... — Victor arranhou a garganta. — Como ele reagiu com nosso namoro?

— Ué, como assim? — Um vinco se formou em minha testa. — Ficou feliz, claro.

— Hum... Sério?

Victor parecia indeciso, o que despertou minha curiosidade.

— Eu sei que você não vai muito com a cara do Fábio, sabe-se lá porque, mas...

— Acho que ninguém gosta de um cara que cobiça sua namorada — me interrompeu, olhando para frente e parecendo muito austero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — ralhei, meio gemendo e meio rindo, até que a gargalhada presa na garganta saiu e tudo o que eu consegui fazer foi rir.

Victor achava que o Fábio... Sim, ele achava! Ele realmente achava.

Ai, meu Deus!

— Qual é a graça? — indagou, emburrado.

— Me diz que você sabe que o Fábio é gay, por favor. Me diz que você tava brincando e que não acredita que ele gosta de mim! — pedi, sentindo a barriga doer pelas risadas.

— Como é que é? — Victor arregalou os olhos, uma mistura de surpresa e alívio. — É sério? Puta que pariu, ele é gay mesmo?

— Porra, Victor! Não acredito nisso!

Balancei a cabeça, secando a lágrima que se formava no canto do meu olho.

— Cacete! E eu achava... eu achava que... Puta merda, eu sou um imbecil mesmo!

Ele, então, também começou a rir, bagunçando os cabelos com a mão livre, ainda incrédulo com a

PERIGOSAS ACHERON

descoberta.

— Ok, ok, senhor que não presta atenção nas coisas que estão debaixo do seu nariz — falei, enchendo os pulmões de ar e voltando à voz normal. — Vamos apressar o passo? Tô com muita fome.

— Você tá sempre com fome — Victor comentou, rindo baixinho. — Queria entender como pode comer tanto e ainda ser magra desse jeito.

— Metabolismo é tudo — falei com sinceridade, e ele assentiu, ainda sorrindo.

— Mas falando em comida... — ele começou, parecendo um pouco... ansioso? Eu olhei para ele, curiosa e gostando de perceber que suas bochechas pareciam levemente coradas. — Meu pai comentou com a minha mãe sobre a gente e, bom... vai rolar aquele almoço lá na casa deles no sábado, lembra? Acho que cheguei a comentar com você. — Meneei a cabeça em concordância, um pouco nervosa. Ah, sim, eu lembrava muito bem desse almoço. Aquele em que o irmão do Victor e a esposa iam. Um almoço de família! E eu sabia muito bem o que

PERIGOSAS ACHERON

viria a seguir. — Então, eu queria muito que você fosse e minha mãe meio que não para de falar disso também.

Ele levou a mão livre para a nuca, massageando o local, claramente envergonhado, o que, de alguma forma, me fez amá-lo ainda mais.

— Ah, eu... — Arranhei a garganta para dar mais firmeza à voz. — Eu adoraria ir, com certeza.

Victor olhou para mim e sorriu. Um sorriso contente e aliviado, que quase me tirou o fôlego de tão lindo e me fez cogitar a ideia de minhas pernas terem virado gelatina. Então, um sentimento quente se instaurou em meu peito. Foi quando descobri que, sim, a cada dia eu poderia amá-lo mais e mais.



Passei cerca de meia hora no telefone com Camila antes que Victor me buscasse para irmos até a casa de seus pais. Ela tentou, inutilmente, me acalmar de alguma forma, me lembrando diversas vezes que eu já os conhecia.

Céus, eu trabalhara para o seu Alberto por um bom tempo! E a dona Clara sempre fora carinhosa comigo nas vezes que visitara o marido no escritório. Por que diabos eu estava surtando daquela maneira?

“Para de palhaçada, Isa! Tá se preocupando à toa, vai ser ótimo”, foi o que minha prima disse. Era

uma pena que ela e Fábio só ficariam mais uma semana e depois partiriam de volta para São Francisco. Aquilo trouxe um aperto ao meu coração. Eu sentiria falta daqueles dois como se sente falta do sol em uma tarde fria do inverno. Seria estranho não os ter tão perto, mas balancei a cabeça, mandando aqueles pensamentos tristes para longe.

E, além disso, eu precisava me focar em algo mais urgente, como bom... aquele almoço! Camila tinha razão, eu precisava parar com aquele desespero desnecessário. Claro que era a primeira vez que eu iria almoçar na casa dos Leone e... como... como a namorada do filho mais velho deles e tudo mais... Um calor atingiu meu rosto. Eu estava envergonhada, era esquisito pensar na situação como um todo.

Mesmo que durante a semana inteira eu e Victor tenhamos nos encontrado todos os dias, fosse no almoço, após o trabalho ou até nas duas vezes em que dormi em sua casa, ocasiões nas quais nos amamos por horas e horas, eu ainda me sentia como em um sonho. Um sonho do qual eu tinha

medo de acordar e descobrir que nada daquilo era real. Mas a cada vez que Victor me beijava, juntava seus dedos nos meus ou sussurrava o quanto precisava de mim, um pedacinho meu aceitava que aquela era a minha realidade. Minha feliz e maravilhosa realidade.

É, as coisas pareciam estar bem demais.

Isso era algo que eu jamais esperara ou previra. Ora, eu tinha partido do Brasil exatamente por querer distância de Victor, para enfim esquecê-lo e seguir minha vida! Mas o destino pode ser um jogador irônico muitas vezes, e eu só descobri isso quando o caminho de Victor voltou a se cruzar com o meu naquele cassino em Vegas.

Desejei lembrar mais daquela noite. De como chegamos ao momento em que — de acordo com Camila e Fábio — eu o beijei, de como decidimos que nos casarmos — ainda que sem crédito algum — era uma boa ideia. E o que conversamos durante aquelas horas em que estivemos a sós... Victor dizia também não se lembrar de quase nada, e eu não tinha suspeitas de que ele mentira, mas...

— Droga! — resmunguei para mim mesma. —
PERIGOSAS ACHERON

Eu queria mesmo lembrar. Principalmente da parte do Elvis nos casando — admiti, torcendo o canto da boca. — Maldito álcool...

E antes que eu pudesse fazer uma daquelas promessas falsas de que jamais beberia tanto assim outra vez, meu celular tocou. Era Victor, avisando que estava me aguardando em frente ao meu prédio.

Saí aos tropeços do meu quarto, procurando papai, mas não encontrei nem mesmo um mínimo sinal dele. Franzi o cenho, confusa. Ele não havia avisado que iria sair, certo? Ou será que avisou e eu não ouvira? Porém, percebi que a porta de casa estava aberta e a voz de seu Paulo ressoava junto de... uma mulher?

— Pai? — chamei, vacilante. — Ah, oi, dona Márcia — saudei a senhora de quarenta e tantos anos, nossa vizinha desde que me entendo por gente.

— Oi, querida! Desculpe roubar seu pai, é que a porta da cozinha emperrou e eu não conseguia abrir de jeito nenhum. Desde que o Antônio faleceu, esses trabalhos manuais têm me dado alguns

PERIGOSAS ACHERON

problemas.

Ela sorriu, gentil e um pouco sem graça.

— Eu sei. Sinto muito, dona Márcia.

Meus lábios se abaixaram em um sorriso triste, eu sabia que o marido dela tinha passado dessa para uma melhor no ano anterior. Papai chegou a mandar minhas condolências para ela na época, mas só. Era bom saber que ao menos ela tinha alguém para ajudá-la quando necessário.

Não pude deixar de perceber que suas bochechas ficaram levemente ruborizadas por meu pai dizer para ela não se preocupar, pois ele estaria sempre à disposição. Dona Márcia pareceu agradecida e envergonhada. Também não passou despercebido por mim que seu Paulo parecia meio sem jeito, coçando a testa um pouco forte demais.

Meu celular vibrou mais uma vez com outra mensagem de Victor me perguntando se eu vira a anterior, e eu tratei de me apressar, me despedindo dos dois e descendo o elevador com pressa.

— Mal a demora — disse assim que entrei no carro com a respiração entrecortada pela breve

corrida. Victor riu, e eu soube o que ele estava prestes a dizer. Por isso fui mais rápida e avisei: — Não vou entrar na academia de novo, nem vem!

— Tudo bem. Eu até que gosto quando você fica vermelhinha e ofegante assim — ponderou. — Quando está embaixo de mim e gemendo meu nome é melhor ainda. — Ele sorriu, algo entre malicioso e diabólico. — Quem sabe a gente possa fazer esse tipo de exercício mais tarde...

Meu pulso disparou e todo o meu corpo se aqueceu com aquela promessa. Victor pareceu perceber, pois aproximou o rosto do meu e resvalou o nariz por minha bochecha antes de juntar sua boca na minha em uma carícia provocativa.

Ah, sim, com certeza um exercício seria ótimo mais tarde. Faz bem para a saúde, não faz? Essa vida *fitness* e tal... E se eu não queria entrar em uma academia... Bom, aquela opção parecia ser mais... hummm... interessante.

— É melhor irmos logo — ele disse, parecendo insatisfeito por afastar seus lábios dos meus. — Minha mãe é um doce de pessoa, mas não é nem um pouco fã de atrasos.

Assenti, lhe dando um selinho rápido antes que ele voltasse para seu lugar de motorista. Victor deu partida e logo o carro se movia por entre as ruas da cidade. Após um tempo de silêncio, enquanto ouvíamos umas músicas agitadas, ele comentou algo sobre sua sobrinha e aquilo só me fez lembrar do nosso destino final e tudo o que ele representava.

O nervosismo retornou com força, senti as palmas das mãos suarem. Eu as contorci em meu colo e murmurei algo como “legal, a família vai estar completa”. Voltei a olhar para a janela, mordendo o interior de uma bochecha e rezando mentalmente para que tudo desse certo e que eu não fizesse algo desastroso como... sei lá, jogar a comida no teto.

Como eu faria isso eu não sei, mas, quando estamos nervosos ou ansiosos, as coisas mais inacreditáveis acontecem. Só esperava que os Leone não tivessem nenhum lustre caro em cima da mesa nem nada disso.

— Ei — Victor chamou, e senti as duas piscinas azuis me observando de soslaio. Virei-me para

olhá-lo e sua mão se moveu, indo até minha coxa e fazendo um leve aperto confortante por cima do jeans claro que eu usava junto de uma blusa listrada no estilo marinheiro. — Vai dar tudo certo, meus pais já te adoram. Você sabe disso.

Suspirei e concordei com a cabeça em completo abandono quando a quentura de sua mão sumiu da minha perna, já que retornou ao volante. Algo naquele simples gesto foi capaz de alcançar minha mente turbulenta e me levar certo alívio.

Deixei um canto da minha boca se erguer. Victor tinha razão, seus pais eram uns fofos comigo e eu os adorava. Tudo ficaria bem. Era só um almoço. Um simples e inofensivo almoço.

— Eles só estão animados porque é a primeira vez que levo alguém pra conhecer eles oficialmente como minha namorada. Tinha que ver! — Riu baixinho. — Ontem, minha mãe ficou o dia inteiro me perguntando o que você gosta de comer — disparou, erguendo um ombro.

E assim, de repente, toda a minha breve calma se foi, dando espaço à enorme responsabilidade que me atingia em cheio.

— Tô fodida — murmurei, fechando os olhos com força e recostando a cabeça no vidro lateral.

— Hum? Disse algo? — ele perguntou.

— Ah... só que tô faminta.

— Claro que está!

Ele riu, voltando sua atenção para a rua. Eu apenas me segurei para não choramingar.



Chegamos até a casa de dois andares quinze minutos depois. O jardim frontal era grande, com direito a uma piscina de tamanho razoável e até mesmo uma casinha de cachorro antiga. Das laterais da propriedade, dava pra ver também uma plantação mista de lírios brancos e rosa. As flores eram tão bem cuidadas e saudáveis que mais me pareceu uma obra de arte.

A artista, claro, surgiu em seguida pela porta principal.

— Sabia que tinha ouvido o portão sendo aberto!
— Clara disse, um sorriso tão aberto e hospitaleiro que não pude fazer outra coisa além de retribuir. —
Isabella, querida, como é bom te ver finalmente!

Então, sem aviso prévio, a mulher de cabelos negros enroscou os braços em minhas costas em um abraço apertado e quase maternal.

— Também é ótimo ver você, dona Clara.

Ela se afastou, os lábios ainda escancarados e os dentes à mostra, indo até o filho mais velho e lhe abraçando da mesma forma.

— Oi, mãe. A senhora tá linda.

— Obrigada, meu amor — ela agradeceu com um pouco de timidez enquanto alisava o vestido florido com as mãos. — É ótimo ver você sem um terno e gravata também. Parece anos mais jovem.

— Se você diz, eu acredito.

Ele ergueu um canto da boca, colocando as mãos nos bolsos da calça de forma relaxada.

Dona Clara tinha razão. Eu adorava quando Victor se vestia de maneira mais despojada, com um simples jeans e uma camiseta preta. Os cabelos escuros ainda estavam um pouco úmidos e bagunçados de um lado para o outro, tanto que precisei segurar o impulso de enredar meus dedos ali, naquele amontoado de fios rebeldes e macios.

Mas eu também estaria mentindo se dissesse que não gostava quando ele se vestia daquela maneira formal para o trabalho. Os ternos sempre lhe caíam muito bem, moldando seu corpo perfeitamente, lhe garantindo a imagem de um homem de negócios. Era sexy demais, não tinha como negar. A verdade é que não importava o que ele usasse, aos meus olhos Victor era perfeito de qualquer jeito.

Quer dizer, pensei, se eu precisasse escolher, eu diria que o prefiro sem roupa. Ah, sim, sem nadinha de nada. Sempre!

— Vamos entrar? Todos já estão esperando — Clara sugeriu.

Concordamos com a cabeça, e ela nos guiou para dentro. Graças ao bom Deus, Victor enlaçou minha cintura com um braço, assim, ao menos, eu não cairia na frente da família dele de tanta vergonha que me habitava.

Quando atingimos a sala de estar, só tive tempo de perceber que a decoração era simplista, mas de muito, muito bom gosto. Principalmente pelos diversos quadros de paisagens incríveis que enfeitavam as paredes brancas e os móveis claros

PERIGOSAS ACHERON

com detalhes em madeira escura. Para completar, os jarros de flores — as mesmas do jardim frontal — deixavam o ambiente com um cheiro adocicado.

Rapidamente minha atenção foi tomada por uma voz conhecida e logo vi seu Alberto se levantando com animação de uma mesa.

— Que bom que chegaram! — avisou, contente, ao se aproximar e tomar minhas mãos em um gesto comum. — Theo e Alice só foram colocar a Manu pra dormir e já voltam. É um prazer recebê-la em nossa casa, Isabella.

— O pra... — Arranhei a garganta quando percebi que falhava. — O prazer é todo meu, seu Alberto — respondi com mais firmeza, ainda que minhas pernas tremessem um pouco pelo nervosismo.

Ele sorriu antes de se virar para o filho e dar dois tapinhas em suas costas. A feição menos cansada do que de costume demonstrava um grande orgulho, e eu sabia muito bem o motivo. Isso só me fez ficar ainda mais ansiosa por aquela tarde.

Dona Clara sugeriu que nos sentássemos e

ficássemos confortáveis, mas, antes que minhas pernas — desejando algum apoio mais firme, uma vez que o braço de Victor já não mais me rodeava — encontrassem com o assento da cadeira bege, passos surgiram no corredor e eu soube no mesmo instante que precisaria aguentar um pouquinho mais em pé.

E assim, sem mais nem menos, com um quase grito de satisfação, Victor se aprumou e andou a passos rápidos até o homem de cabelos negros como os seus, mas os olhos escuros como os da mãe.

— Irmãozinho querido — meu namorado bradou com certa ironia e divertimento na voz antes de puxar o mais novo para um abraço apertado.

Theo — pelo menos eu imaginava que fosse ele — resmungou algo, tentando se desvencilhar do abraço do irmão, o que fez a mulher de cabelos castanhos e olhos de esmeralda ao seu lado sorrir.

— Ele também te rejeita quando você o toca, Alice? — Victor perguntou em falsa mágoa.

— Ah, não, acho que isso é só com você mesmo.

Ela riu, brincalhona, mas pude ver quando meu namorado a olhou de forma bastante provocativa, fazendo-a virar um tomate maduro.

— Acho que você tem razão — ele comentou de maneira despretensiosa. — Eu o ensinei a nunca rejeitar uma mulher bonita, especialmente quando *ela* o toca. Inclusive, é ótimo te ver vestida, cunhadinha.

Então ele piscou e a mulher bufou, irritada.

— Foi só uma vez, Victor! Você nunca vai se esquecer disso?

— Jamais!

— Teoricamente foram duas vezes — Theo interveio, dando de ombros.

— Eu... ah... vou... hummm... oi! — Ela olhou para mim como se eu fosse a salvação da pátria. E, bom, do jeito que ela parecia sem graça, eu provavelmente era isso mesmo para ela. — Tudo bem? Você deve ser a Isabella. Eu sou a Alice, esposa do Theo.

— Muito prazer, Alice! — falei.

Logo atrás, eu pude ver Theo emburrado, dando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um soco no braço de Victor, que ria e afagava o lugar que devia estar ao menos um pouco dolorido. Ele já havia comentado sobre gostar de implicar com o irmão e a esposa, e pelo visto não tinha exagerado quando falara que era muito, muito divertido ver os dois sem jeito.

— Então, vamos comer? Aposto que estão todos com fome — Clara sugeriu, e eu vi nitidamente Victor me observar de soslaio, um canto da boca erguido quase como estivesse prestes a...

— Ah, sim, a Isabella tá morrendo de fome, mãe!

Filho da puta!

Quer dizer, *não! Droga... desculpa, dona Clara! Juro que não é nada pessoal.*

— Oh, querida! Então venha, vamos logo começar. Eu fiz algumas opções de pratos...

Então a mulher começou a listar o menu do dia conforme eu sorria amarelo, esperando que Victor sentasse à minha frente para que eu pudesse lhe dar um belo chute nas canelas. Ele olhou pra mim, sorrindo de maneira muito cínica.

Ok, talvez dois chutes.

PERIGOSAS ACHERON

Já acomodados na mesa — com Victor ao meu lado, afagando discretamente minha perna e recebendo alguns beliscões nem um pouco carinhosos —, a matriarca da família enfim pediu para que nos servíssemos, parecendo bastante ansiosa com aquelas duas pedras ônix brilhando em minha direção. Aquilo fez minhas mãos suarem, precisei secá-las no jeans antes de sorrir um pouco tímida e me servir de um pedaço de carne que estava cheirando maravilhas.

— Então... er... — comecei, achando o silêncio incômodo. — Parabéns pelo casamento. Ainda é recente, não é?

— Ah, valeu! — Alice agradeceu. — Sim, faz algumas semanas apenas. Nem tivemos tempo de pensar numa lua de mel, as coisas estavam complicadas no trabalho e com criança é sempre mais difícil se planejar.

Ela entortou a boca em um bico tristonho.

— Vocês podem sempre deixar a Manu comigo — Victor lembrou, levando uma garfada à boca.

— Nem por cima do meu cadáver — Theo

respondeu em um murmúrio.

Victor levou a mão ao peito, se fingindo de ofendido.

— Você só tem inveja porque a Manuzinha sempre pede meu colo — disparou.

— Ela não pede *sempre* o seu colo — o mais novo resmungou com uma carranca bastante irritadiça.

Dona Clara, como toda mãe, tentou apaziguar a conversa entre as crias:

— Vocês podem deixá-la com a gente, querido.

Alice de repente soltou uma risada alta e, vendo que todos a fitavam com expectativa, explicou:

— A Nanda e o Miguel também já se ofereceram milhares de vezes pra ficar com a Manu por alguns dias. Eles dizem que querem treinar pra quando o Thomas nascer, mas... — Ela olhou para o marido, um pouco de diversão em seu semblante ao ver que ele parecia querer revirar os olhos, provavelmente adiantando o que viria a seguir: — O Theo é um pai muito... ahn... protetor.

— Ah, Theo, pelo amor de Deus! Leva logo a
PERIGOSAS ACHERON

Alice pra uma lua de mel, você tá precisando transar, meu irmão, senão essa carranca feia vai ficar estagnada na sua cara pra sempre — Victor ralhou, e seu Alberto reclamou do linguajar do mais velho, que deu um sorrisinho em resposta, se desculpando.

Pela forma que Theo encarava o irmão, achei que os dois poderiam se atracar ali mesmo, em cima da mesa cheia de comida. Mas, para minha surpresa e alívio, o mais novo apenas suspirou, derrotado.

— É, eu sei. — Bufou. — É só que... ela é a minha menininha — murmurou a última parte um tanto envergonhado, o que o deixou extremamente fofo e... paternal.

— Ah, meu amor! — Alice exclamou, meio rindo, meio gemendo, rodeando os braços no pescoço do marido e lhe dando um beijo estalado na bochecha. — Mas não precisa ficar preocupado, a gente sabe que a Nanda e o Miguel vão cuidar dela como se ela fosse a princesa da Irlanda.

Theo, ainda sendo esmagado pela mulher, ergueu os lábios em um sorriso ladino muito charmoso. Foi a primeira vez que o vi sorrir. Ou, quer dizer, PERIGOSAS ACHERON

mostrar alguma prévia disso. E minha nossa Senhora dos Ventres Abençoados! *Arrasou, dona Clara!*, pensei, ainda que para mim o primogênito fosse muito mais bonito. Alice, no entanto, deveria pensar o contrário

— Tudo bem, acho que alguns dias não farão mal — ele cedeu, se virando para Alice e selando os lábios aos dela de forma breve.

Sua boca se abriu, mas nenhum som saiu dela. Porém, eu, que estava prestando mais atenção neles do que deveria, pude *ler* o que ele dissera. Algo como “principalmente se for pra ficar com você”.

E, bom, foi o suficiente para o rosto dela aquecer e corar. Não pude deixar de perceber que os olhos dos dois se encontraram, ainda que por um breve segundo, e suas íris brilharam de uma maneira mágica. Foi apenas uma troca de olhares para quem via de fora, mas ali, tão perto, percebi que era algo mais. Havia uma enorme intensidade e cumplicidade entre aqueles dois, a ponto de que me vi segurando um suspiro.

Aquilo... o que eles tinham... aquela breve troca de olhar, algo tão simples e ao mesmo tempo tão

PERIGOSAS ACHERON

poderoso, era exatamente o que eu queria: um amor daquele tamanho, do tamanho do universo.

De repente, uma mão grande tomou a minha por debaixo da mesa. Eu me virei para encontrar aquelas duas límpidas piscinas azuis. Era um olhar repleto de adoração, carinho e amor. Tudo isso transparecendo nos olhos de Victor.

Foi quando percebi que eu já tinha um amor daqueles e não pude evitar o sorriso que escapou dos meus lábios. Victor Leone era a Nutella do meu brigadeiro de leite ninho, o sorvete do meu *brownie*, o recheio do meu *petit gateau*.

Pelo visto, minha mente já estava se adiantando para a sobremesa.

— Então, Isabella — seu Alberto chamou, captando minha atenção. — Como anda o trabalho novo?

Assim, o assunto começou e a cada nova conversa eu me sentia mais à vontade. Dona Clara contou algumas peripécias dos filhos quando mais novos, falou sobre estar animada para a viagem que ela e o marido pretendiam fazer assim que ele se

aposentasse em alguns meses. Ressaltou que estava orgulhosa do Victor por ele assumir o escritório e, claro, que ficara surpresa e contente por ele ter sossegado de uma vez por todas.

— Achei que ele ia virar aqueles tios que morrem sozinhos fazendo a tal piada do pavê, sabe? Aquela se é pra ver ou pra comer... — ela brincou. — Ainda bem que você apareceu e mudou esse destino desastroso, querida.

O último comentário, claro, me deixou um pouco envergonhada, ainda mais quando Victor passou os braços ao redor dos meus ombros e me deu um beijo carinhoso na bochecha, murmurando algo a respeito da piada não ser tão ruim assim. Mas eu estava nervosa demais para rebater aquele comentário.

Céus, era a primeira vez que eu me reunia com a família de um namorado. Na verdade, era a primeira que eu *tinha* um namorado.

Falamos sobre muitas coisas, tantas que mal me lembro de todos os assuntos. Dividimos risadas e compartilhamos histórias até que toda a comida da mesa se esvaísse. Victor não mentira ao falar que a

PERIGOSAS ACHERON

matriarca Leone era uma cozinheira de mão cheia.

Assim que dona Clara se levantou para recolher os pratos, praticamente pulei da minha cadeira, oferecendo ajuda. De início ela recusou e pediu para que eu me sentasse de novo, mas depois de um pouco de insistência me deixou ajudá-la. Alice se juntou a nós e logo estávamos na cozinha, separando a sobremesa para levar até a sala.

— Uma pena que você não voltou algumas semanas antes — Alice comentou, colocando os pratos sujos na máquina de lavar louça. — Seria ótimo se você tivesse ido ao casamento.

— Ah, foi uma pena mesmo. — Sorri, sem graça. Não precisava dizer que há poucas semanas eu e Victor não tínhamos absolutamente nada além de um casamento falso. — Mas eu vi as fotos, você tava linda e a festa com certeza foi incrível!

— Valeu! — respondeu, um pouco vermelha pelo elogio. — Foi um dia muito especial mesmo. E muito esperado! — ela lembrou. — Eu e o Theo ficamos noivos por muito tempo, porque eu só quis casar depois de termos a Manu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você devia querer que ela participasse da festa, né? — refleti, e ela riu baixinho.

— Bom... é... hum... Claro que eu queria que nossa pequena participasse, mas a verdade é que... ahn... eu não queria parecer uma melancia ou um balão de ar no meu casamento — confessou de maneira cúmplice, mordendo a língua.

Ri, balançando a cabeça em concordância.

— Posso entender isso.

— Acho que foi o primeiro casamento em que não vi o Victor ir atrás das madrinhas — Clara, que estava apenas nos ouvindo, comentou. — Na verdade, a mudança dele desde que vocês se separaram foi bastante visível, querida. É muito bom vê-los juntos de novo.

— D-de novo? — repeti, um pouco nervosa. — V-você então sabia q-q-que...

— Claro que eu sabia! — Ela riu de maneira fofa. — Eu sou mãe. Mães sabem de tudo sempre.

— Isso é verdade! — Alice interveio, divertida. — Nós sabemos mesmo. Essa parada de sexto sentido é real!

PERIGOSAS ACHERON

— Sexto, sétimo, oitavo... — Clara completou, risonha.

Então, por um milésimo de segundo, os olhos negros da matriarca fitaram os verdes da nora. Havia algo ali, algum tipo de pedido mudo, de uma forma tão íntima que as faziam parecer como mãe e filha. Perguntei-me se elas realmente não se consideravam como tal.

Alice, de repente, falou:

— Bom, melhor eu ir levando isso aqui para os meninos. — Pegou a bandeja com o brigadeirão e a ergueu com facilidade. — Até já.

Assenti, engolindo em seco. Ah, eu sabia muito bem o que iria acontecer. E a mão de Clara em meu ombro só provava que eu estava certa. Ela queria mesmo falar comigo a sós. Sobre o que... bom, eu descobriria assim que ela finalizasse aquele silêncio absoluto e desesperador.

— Sabe, querida... — ela começou, um pouco hesitante, o que não ajudou no meu nervosismo. — O Victor é uma pessoa muito fácil de ler. — Eu me virei, vendo-a erguer um canto da boca em um

meio sorriso nostálgico. — Sempre achei que era por conta dos olhos, sabia? Os olhos dele são tão azuis quanto os do Alberto e do meu próprio pai. Acho que por isso eu sempre consegui enxergar tudo ali. Diferente do Theo, o Victor nunca foi capaz de esconder nada de mim. — Dona Clara riu baixinho e de uma maneira tão suave que meus músculos relaxaram um pouco. — Ele até tentou — continuou ela —, muitas vezes, mas nunca durou por muito tempo. Acho que o que dizem sobre os olhos serem a janela da alma é tão verdadeiro quanto o sexto sentido de uma mãe. Bastava olhar pra ele e eu descobria tudo. O que ele sentia, se era tristeza, alegria, nervosismo, ansiedade ou... amor. — Sua voz saiu bastante sugestiva na última palavra

Abri a boca uma, duas, três vezes, mas eu não sabia o que dizer. As palavras simplesmente morriam em minha língua. Clara, percebendo isso, sorriu e continuou:

— Eu conheço bem o meu filho e tenho certeza de que ele não era uma pessoa fácil de lidar naquela época. Mas também sei que ele mudou e isso é

graças a você.

— E-eu não fiz na-nada — rebati, inspirando fundo para parar com aquela gagueira ridícula. — Ele mudou por si só — falei mais firme, aprumando a postura.

Clara ergueu um canto da boca, e percebi que algumas ruguinhas bem parecidas com as de Victor surgiram em seus olhos.

— Ele com certeza se esforçou, mas você foi o motivo. Só quero que saiba que estamos todos muito felizes por vocês. É muito gratificante para uma mãe ver aquele brilho apaixonado nos olhos dos filhos e, bom, como falei, conheço bem o meu primogênito e espero que você se sinta como parte desta família. Pois acredite, Isabella, isso já é verdade. — Ah, sim, aquilo acabou comigo. O chão embaixo dos meus pés se dissolveu e uma ardência começou na boca do meu estômago, subindo pelo peito e garganta até chegar aos meus olhos. Duas lágrimas caíram, e Clara abriu os lábios em um sorriso aberto e maternal antes de me abraçar apertado. — Seja bem-vinda, querida! — falou, a boca encostada em meu ombro enquanto eu a

agarrava como se fosse uma menina de sete anos abraçada à própria mãe após levar um tombo.

— Obrigada — foi tudo o que fui capaz de dizer, segurando um soluço emocionado.

Por sorte, consegui me reerguer e enxuguei as duas lágrimas com os dedos, sentindo uma felicidade imensa transbordar do meu peito. Eu me sentia acolhida, contente e esperançosa.

Só então percebi o verdadeiro motivo de ter ficado tão nervosa com aquele almoço. Ali estava a razão de eu estar preocupada: eu queria ser bem recebida. Eu queria ser aceita pela família de Victor, eu queria fazer parte daquilo, deles.

E, bem... eu fazia. Eu realmente fazia. Todo o medo e receio se foram, dando espaço apenas para a alegria e a animação. Abracei dona Clara uma última vez, adorando sentir seu cheiro de lavanda e seus braços me rodeando com mais força. Lembrava-me bastante as poucas memórias que eu tinha da minha própria mãe. Era reconfortante.

Agradei de novo, dessa vez deixando escapular um sorriso largo em meu rosto, o que a faz retribuir

PERIGOSAS NACIONAIS

o gesto da mesma maneira.

— O que acha de irmos ver se sobrou brigadeirão para nós duas? — sugeriu, amável.

— Ai deles se não tiverem guardado pra gente! — respondi, verdadeiramente preocupada.

Clara riu antes de tocar em meu cotovelo e me conduzir de volta para a sala de estar.

Meu desespero só cessou quando chegamos até à mesa e vi que o brigadeirão permanecia intacto, ainda que Victor, Alberto e Alice encarassem a massa escura e succulenta com muita adoração. Theo, por outro lado, parecia não ligar muito para a sobremesa, e aquilo me fez imaginá-lo com a cabeça de um ET. Quem diabos poderia não babar perto daquilo?

Logo nos sentamos à mesa e tratamos de devorar o doce, falando sobre mais alguns assuntos aleatórios. E foi no instante em que eu levava minha última colherada à boca que o choro de criança preencheu todo o cômodo, fazendo com que o pedaço de brigadeirão caísse de volta em meu prato.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode deixar que eu pego ela — Theo disse ao se levantar.

Alice agradeceu com os olhos, continuando a se maravilhar com a sobremesa. Eu, claro, fiz o mesmo e tratei de terminar minha porção, pensando se seria muita falta de educação comer mais... sei lá, uns cinco pedaços.

Enquanto eu tomava coragem para me servir outra vez, ouvi passos no corredor e logo avistei Theo com Manu nos braços, e, inesperadamente, esqueci completamente do brigadeirão e foquei toda a minha atenção em algo muito mais gostoso: aqueles bracinhos e perninhas gordinhas que eu tive vontade de morder.

Alice se levantou, indo até o marido e segurando as mãozinhas da filha, levando-as aos lábios para um beijo cálido.

— Oi, meu amor. Acordou, hum? — ela sussurrou para a criança, que parecia bem desperta com aqueles enormes olhos verdes direcionados a mim. — Vamos conhecer a tia Isabella?

Tia Isabella... Aquilo me soou tão... legal! Mas

antes que eu pudesse começar a me desmanchar, Victor se levantou e apontou com certa fúria para a outra mão da bebê, que segurava a miniatura de um carrinho meio babado.

— Você nunca me deixou mexer na sua coleção e agora a Manu pode colocar até na boca? Isso não é justo, Theo!

O mais novo deu de ombros, sorrindo de uma maneira bem debochada conforme Alice tirava a criança do colo do pai e a trazia para mim. Os irmãos começaram uma discussão sem pé nem cabeça referente a tal coleção de carrinhos. Aquilo me pareceu bastante intrigante e cômico, ainda que Victor parecesse chateado de verdade com a situação.

— Sabe, não são só os nossos amigos que tratam a Manu como realeza — Alice comentou, risonha, fitando o marido com uma enorme admiração. — O Theo só me deixa ver a coleção, tocar está fora dos limites. Mas ele realmente adora quando a filha quer brincar com os carrinhos, mesmo que babe tudo no processo. Nada é mais importante que a princesinha dele.

Ela soltou uma breve risada meio apaixonada no mesmo momento em que seu Alberto se portou entre dos dois para apaziguar a briga, resmungando sobre estar muito velho para aquilo. O que, claro, fez todo mundo rir e o clima divertido se instaurar mais uma vez.

Manu começou a se remexer nos braços da mãe, percebi que seu foco estava em Victor, com as mãozinhas esticadas em direção ao tio, claramente pedindo colo. Ele, com um sorriso no rosto, se aproximou da criança, tocando sua cabeça.

— E aí, pequena! Acho que alguém quer ficar com o titio, não quer? Claro que quer, o titio é muito mais legal que o papai — debochou com um repuxar de lábios vencedor. — Eu disse, ela *sempre* pede o meu colo.

Mas, antes que Victor pudesse estender as mãos para pegar a criança, Theo estalou a língua alto e resmungou com uma feição emburrada:

— Vem logo, Victor, só vou deixar você tocar essa vez na minha coleção.

As duas piscinas azuis brilharam e por um

momento pensei que meu namorado fosse saltitar de emoção. Ele não pareceu perceber que o caçula só queria afastá-lo da filha, e eu não pretendia estragar sua felicidade. Ele estava tão extasiado que mais parecia que alguém havia avisado que uma Disney seria construída no Brasil.

— Fica pra outra hora, coisa gostosa — ele disse, beijando a testa de Manu e indo atrás do irmão pelo corredor, que claramente estava com muito, muito ciúmes de sua princesa irlandesa.

Alice me olhou de maneira cúmplice, e eu ri, desejando que tivéssemos mais almoços como aquele.



— Não foi tão ruim assim, não é? — Victor brincou, colando minhas costas em seu peito e os braços fortes circundando minha cintura conforme entrávamos em seu apartamento.

— Não, não foi — admiti baixinho, suspirando conforme ele beijava meu ombro, fechando a porta atrás de si. — Eu gostei bastante.

— Eu também — falou, jogando meus cabelos

PERIGOSAS NACIONAIS

para um lado para que tivesse maior acesso à pele sensível do pescoço. — Mas eu confesso que não via a hora de te trazer pra cá.

Sua voz já rouca fez todos os pelos do meu corpo eriçarem. As mãos grandes me viraram para si e logo meu tronco se chocou contra o dele. Arfei ao sentir como sua pele queimava, ainda que por debaixo das roupas. E aquilo bastou para todo o meu corpo se incendiar também.

— Hummm...

— Tão linda — sussurrou ao abrir um sorriso esplêndido. Meu pulso perdeu uma batida, pensei que poderia morrer ali mesmo, em seus braços. — Como você pode ser tão linda assim?

Seus dedos foram para minha nuca, me puxando de encontro à sua boca faminta. Meus braços o rodearam, fincando os dedos em seus cabelos macios, seu cheiro inundando meus sentidos de uma só vez.

Não levou meio segundo para que suas mãos erguessem minhas coxas e logo eu estava atracada ao seu quadril, perdendo qualquer noção de tempo

PERIGOSAS ACHERON

e espaço, como sempre acontecia quando Victor me beijava daquela forma.

Ele espalmou as mãos em meu traseiro, nos colando ainda mais um ao outro como uma promessa muda de que não se afastaria nem um centímetro sequer. Havia um brilho de adoração e desejo, tudo misturado naquelas íris incandescentes. Algo que fez todo o meu interior se revirar de excitação.

— Quarto — falei com nossos lábios ainda colados.

— Quarto. Definitivamente quarto — respondeu, meio rindo e meio gemendo conforme nos levava em direção ao corredor escuro.

Sua boca urgente não deixava meus lábios ansiosos em momento algum, fazendo todo o meu interior estremecer de desejo e paixão.

Chegamos até sua cama com uma rapidez inacreditável, e o corpo de Victor já esmagava o meu, assim como seus lábios sugavam cada cantinho de pele exposta, me fazendo delirar entre os lençóis, nossas roupas desaparecendo como um

passa de mágica.

Seu semblante ainda refletia uma necessidade ardente, e toda a minha pele queimava em resposta. A língua quente e travessa percorria meu queixo, pescoço e orelha, sussurrando palavras apaixonadas que eu guardaria para sempre no coração. Palavras que seriam eternizadas nas minhas melhores lembranças, me fazendo amá-lo cada vez mais como um ciclo vicioso do qual eu não queria me libertar.

Então, quando eu já não era capaz de aguentar aquela tortura de mãos e beijos molhados, com todo o meu corpo implorando para tê-lo dentro de mim, Victor me invadiu. Tomando tudo o que eu lhe oferecia, me fazendo sua como há tempos eu já era, me levando a gritar e gemer seu nome em ruídos desconexos. Apenas me amando daquela forma deliciosa que só ele sabia fazer, que só ele *conseguia* fazer.

Aquilo não era apenas sexo. Não, era muito mais. Sempre era mais.

Victor foi aumentando o ritmo das estocadas, os olhos azuis com uma chama faminta que eu já

PERIGOSAS ACHERON

conhecia bem analisando cada milímetro meu, cada expressão, cada suspiro, cada batida de pulso. Ele me decorava, assim como eu fazia com ele: a forma que seu maxilar trincava quando ele tentava se controlar para não explodir, a forma que seus lábios se comprimiam em uma linha fina antes de se entreabrirem na chegada do êxtase e a fúria de satisfação em seu beijo quando finalmente atingíamos o ápice juntos.

Era o paraíso. O *meu* paraíso particular.

Já exaustos, ofegantes e suados, Victor nos aninhou no colchão. Seu tronco se colava às minhas costas e seu braço me levava ainda mais para perto de si. Seus dedos faziam leves carícias em minha mão, relaxando todos os meus músculos cansados.

— Eu poderia viver o resto dos meus dias assim — murmurou de maneira sonolenta após um bocejo longo.

Aquilo causou explosões violentas em meu peito, meu corpo só foi capaz de se aproximar ainda mais, se moldando perfeitamente ao dele até que eu caísse no sono, esperando que o dia seguinte fosse tão bom quanto o anterior.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Domingo à tarde, Victor precisou levar o irmão e Alice até o aeroporto. Por isso, aproveitei o resto do dia para ficar com Camila e Fábio, que não paravam de me importunar com perguntas sobre o tal almoço de sábado. Os dois ficaram extasiados com tudo que contei, principalmente Fábio, que se dizia apaixonado pelo meu namorado, torcendo para achar um homem como ele em São Francisco.

Minha prima, por outro lado, parecia bastante aliviada. Isso não me surpreendeu, pois ela sempre fora uma pessoa muito protetora com aqueles que ama, e eu, claro, estava bem no topo dessa lista, ao lado de John e sua mãe. contei para ela a conversa

PERIGOSAS ACHERON

com Clara, a forma com que a família de Victor me recebera e como eu realmente me divertira. Camila foi abrindo um sorriso maior que o outro, feliz de verdade por mim.

A conversa rolou até tarde da noite com aqueles curiosos me enchendo com as mais diversas perguntas. Acho que até a cor do porta-retratos na estante da sala de estar foi questionada.

Nunca gostei muito de dar satisfações da minha vida, mas ironicamente eu não me enchia deles de jeito nenhum. Respondia todos os seus questionamentos com paciência e divertimento. O clima agradável conforme dividíamos uma pizza e falávamos sobre cada detalhezinho do meu dia anterior.

Era um pouco triste pensar que eles só tinham mais uma semana no Brasil. No caso, mais uma semana *comigo*. Por isso, mesmo que uma parte de mim gritasse para que eu ficasse o domingo inteiro — ou quase inteiro — na cama com Victor, tudo o que eu mais queria era passar um tempo com meus amigos. Aproveitar cada segundo da companhia alegre deles. Pelo simples fato de que, assim que

eles embarcassem no avião, eu morreria de saudades. E eu sabia bem como a saudade poderia ser cruel.

Devido ao trabalho, eu só poderia visitá-los no máximo uma vez ao ano e, se tivéssemos sorte, eles poderiam voltar nas férias também. Mas isso nunca é garantia de nada, não é? Tantas coisas podem acontecer e até mesmo mudar.

Não que eu tivesse medo de mudanças. Isso, graças aos céus, eu nunca tive. Diferente do que muitos pensam, as mudanças às vezes podem ser boas. Eu só esperava que não mudasse o fato de nos falarmos sempre. Que aquela amizade acesa e carinhosa nunca se apagasse, nem mesmo ameaçasse a tal. Isso eu não aguentaria.

Mesmo já sentindo essa enorme falta precipitada de Camila e Fábio, eu não podia esquecer que ao menos eu teria Ana comigo. Se minha amizade com ela sobrevivera ao tempo em que estive em São Francisco, com eles dois não seria diferente.

Além disso, havia Victor. E ele sempre estaria ao meu lado, me alegrando, me ouvindo, me fazendo feliz. Isso já me consolava mais do que o suficiente.

PERIGOSAS ACHERON



Quando segunda-feira chegou, senti que já estava mais familiarizada com o emprego, os colegas e todas as atribuições em si, o que me deu uma enorme sensação de paz e orgulho. Principalmente ao ver todas aquelas malditas planilhas impecáveis. Eu me sentia como se fizesse parte de algo, algo maior que eu, era um sentimento indescritível.

Não que eu não me sentisse assim na época em que trabalhava como secretária do senhor Alberto, é só que... bom, não era a mesma coisa. Eu não fazia muito mais do que atender ligações, marcar as reuniões e organizar algumas pilhas de papéis. Eu não *criava* nada. Diferente de como acontecia no meu emprego novo, em que todo o balanceamento da empresa estava em minhas mãos, tudo feito de forma meticulosa por mim mesma. Eu já recebia elogios de meus superiores pelo ligeiro trabalho de qualidade. Acho que é disso que falam sobre jamais precisar trabalhar se fizer o que ama.

Por isso, quando a hora do almoço chegou em um piscar de olhos, eu saí do escritório com um sorriso contente, pensando em milhares de maneiras de

automatizar qualquer processo ali dentro, em tudo o que eu poderia ajudá-los a crescer, pois acreditava que é isso que significa vestir a camisa da empresa. Eu diria que eu usava até mesmo a calça, sapatos e luvas. Talvez até um gorro. Metaforicamente falando, é claro, já que estávamos no Brasil e, mesmo não sendo verão, o sol nos castigava no dia a dia sem dó.

— E aí, vamos comer? — perguntei para Ana assim que a encontrei em frente ao prédio, onde combinamos mais cedo. — O Victor não veio?

— Ele foi no tribunal mais cedo e ainda não voltou — ela explicou com uma feição cansada.

— Ah, é, verdade. Acho que ele comentou algo sobre isso ontem — falei, pensativa, tentando me lembrar de suas palavras exatas.

Recordei das palavras *tribunal* e *amanhã*, mas tudo foi esquecido no instante em que ele pressionou a boca na minha e colocou nossos corpos com os braços fortes rodeando minha coluna na manhã do dia anterior. Era inevitável.

Quando Victor me beijava ou me tocava dessa

PERIGOSAS NACIONAIS

forma, nada mais tinha importância e muito menos sentido. Ninguém poderia me culpar por não prestar atenção em qualquer coisa além das sensações maravilhosas que ele me proporcionava. O resto era apenas o resto.

— É bom que teremos um almoço só de garotas, né? — Carol disse, surgindo atrás de Ana.

E, bom, eu não esperava sua companhia, mas aparentemente Ana a convidou e eu é que não iria desconvidá-la. Mesmo que sua presença gerasse uma coceira esquisita no fundo da minha garganta. Ou talvez eu estivesse apenas começando um resfriado.

— Ah, sim — Ana falou com uma expressão maliciosa. — Poderemos falar do que quisermos sem ninguém ficar de fora ou nos julgar por fofocar sobre as Kardashians.

Os olhos verdes de Carol se iluminaram, e eu soltei uma risada baixinha. Talvez o almoço com as duas não fosse de todo mal. Ao menos eu poderia dar uma chance, não poderia? Sem Victor por perto, com certeza seria mais fácil.

PERIGOSAS ACHERON

Ou era o que eu esperava.

— Falando em Kardashians — Carol se adiantou.
— Você viu que a...

Então as duas começaram a falar de roupas, rumores, quadris largos e enchimentos de boca. Eu, que sabia apenas o superficial daquela família, apenas ouvia o que as duas tinham a dizer enquanto andávamos lado a lado até um restaurante a quilo que ficava na esquina do próximo quarteirão.

Alguém já pensou que o vale-refeição poderia ser classificado como a oitava maravilha do mundo?

Com os pratos cheios de comida — o meu nem tanto assim, pasmem! Eu estava tentando controlar a alimentação para não virar uma orca por conta da falta de exercício e o namoro recente. Afinal, é verdade o que dizem: namoros engordam. E engordam muito se não tomarmos cuidado! —, nós procuramos uma mesa vazia e nos acomodamos. E, graças aos céus, o assunto envolvendo as Kardashians ficou para trás!

— Como tá tudo desde a sua volta, Isa? — Ana perguntou. — Acabamos nem falando muito disso.

Ainda tá tendo problemas com aquela sua madrasta?

— Ah, não te contei mesmo sobre isso — lembrei com os olhos se arregalando. — Você não sabe da maior, meu pai a chutou pra fora de casa e das nossas vidas.

Um sorriso sapecou meus lábios inconscientemente. Eu ainda estava me acostumando com a ideia de ter Verônica longe e era muito bom lembrar que ela não estava de férias nem nada, que havia partido para sempre, para o bem de todos nós.

— Jura? — Ana perguntou, surpresa, e eu assenti. — Eu me lembro daquela vez que a encontramos na rua e ela foi *supergrossa* com você. Lembra, Carol? Você tava junto também. — Carol concordou com a cabeça. — Odiei ela no mesmo instante — Ana confidenciou. — Mas o que rolou entre ela e seu pai pra acabar assim?

Contei para as duas a história toda, como cheguei ao Brasil e estava sem ter onde ficar. Ana fez um bico triste por não estar por perto para me ajudar naquela situação, mas abriu um sorriso diabólico

PERIGOSAS ACHERON

quando eu a lembrei de que fiquei na casa de Victor. Carol, por sua vez, resmungou algo como “você poderia ter ido lá pra casa”, mas a verdade é que ela nunca fora uma opção. Naqueles dois anos e meio em que estive fora, se nos falamos duas vezes foi até muito e apenas trocamos meia dúzia de palavras de felicitações pelo aniversário ou coisa assim. Não éramos de fato amigas. Nunca fomos. Estávamos mais para colegas por tabela, principalmente por Ana e, bom... pelo Victor.

Acabei sorrindo sem graça e soltando um “foi tudo muito rápido” apenas para não ter de dar nenhuma outra desculpa e muito menos falar a verdade nua e crua, dizendo por que eu jamais a teria procurado. Até mesmo um *hostel* era mais bem-vindo, ainda que com um banheiro compartilhado por cem pessoas. Mas claro que Carol não precisava saber disso, apesar de ela parecer estar de certa forma se remoendo conforme mordida a ponta do polegar com uma feição incomodada.

Ana me pediu para não parar e acabei continuando a história, falando como tudo se

PERIGOSAS NACIONAIS

desenrolou naqueles dias e sobre a conversa franca que tive com meu pai, o fato de ele ter ido tirar satisfações com a ex-mulher e ela ter lhe dito bem na cara umas coisas das quais ela não gostou nem um pouco.

Papai nunca me contou realmente o que ela dissera, mas acredito que deve ter sido uma conversa pesada, pois seu rosto ficava avermelhado de raiva a cada vez que tocávamos no assunto.

Verônica deve ter espalhado todo o seu veneno sem perceber ou... sem conseguir se segurar, como eu a via fazendo quando estava com papai. Perto dele... ah, ela era um anjo que caiu do céu! Mas bastava ele sair, mesmo que apenas para comprar o jornal na banca, que ela bufava como um touro e lançava todo tipo de olhar enviesado em minha direção. Era horrível me sentir uma intrusa em minha própria casa.

Naquela época, um dos maiores motivos para eu amar meu emprego na A.L. Advogados era o fato de que eu mal cruzava com aquela mulher, pois passava o dia inteiro fora. Foi uma verdadeira benção, com certeza!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, que doideira tudo isso! — Ana bradou, perplexa, levando um pedaço de frango à boca. — Mas sinceramente? Essa mulher subiu alguns pontinhos no meu conceito, viu?

— Oi? — indaguei, franzindo o cenho.

— Pensa bem... — Ela engoliu e tomou um gole de suco. — Se não fosse por essa palhaçada dela de te trancar pra fora de casa, você não teria passado aqueles dias na casa do Victor e... — Carol resmungou algo novamente sobre eu não a ter procurado, mas Ana deu um tapinha em suas costas e disse para ela esquecer o assunto.

— E...? — incentivei que ela terminasse, e Ana se empertigou na cadeira.

— E hoje vocês poderiam não estar juntos, né? Olha como isso seria ruim — apontou, convicta. — Não acha? Bem ou mal, a víbora te deu a chance de se acertar com ele, então... ela ganhou uns pontinhos. Bem pouquinhos, mas ganhou.

Ana sorriu amarelo, e eu ri. Ri porque ela estava certa. Talvez as coisas tivessem sido diferentes se Verônica não tivesse tentado me prejudicar.

PERIGOSAS ACHERON

Engraçado que o feitiço virou contra a feiticeira, pois eu estava muito bem comprometida e feliz, enquanto ela voltara para a casa da mãe com uma mão na frente e a outra atrás.

Sua ameaça vibrou em minha mente. “Isso ainda não acabou”, ela dissera, e eu me perguntava todo dia o que Verônica quisera dizer com aquilo. Camila achava que ela provavelmente colocaria meu pai na justiça para tentar arrancar algo dele, e, bom, eu não duvidava disso. Afinal, eles eram casados e no divórcio ela com certeza pediria uma pensão ou pelo menos metade dos nossos bens. Eu podia apostar que papai estava preocupado com isso, ainda que não demonstrasse. Mas, com um emprego e um salário muito bem-vindo, eu o ajudaria a recuperar o que ela sugasse de nós.

Contudo, algo em mim dizia que não era só isso. Verônica era, sim, ambiciosa ao extremo. Gostava do dinheiro e gostava ainda mais de gastá-lo, mas algo em sua voz soturna naquela noite fazia os pelos da minha nuca arrepiarem em aviso.

— Sabe... — Carol disparou, parecendo despretensiosa, e eu acordei de meus devaneios,

olhando-a nos olhos. — Foi uma grande surpresa pra mim e, bom, acho que pra todos, ver o Victor namorando.

— Com certeza foi o acontecimento do século. Talvez até do milênio — Ana ponderou.

— Fico me perguntando se essa fase vai durar. — Carol deu de ombros. — Isso não é nem um pouco do feitio do Victor. Será que ele vai aguentar um relacionamento por muito tempo? Acho que poderíamos até fazer uma aposta, hein?

Havia certo desdém em sua voz, ainda que ela tentasse escondê-lo ao máximo. Mas eu percebi. Não, eu o *senti* assim que as palavras entraram em meus ouvidos.

— Não fala besteira — Ana interveio. — Isso foi muito maldoso, Carol! — disse, fechando a cara para a amiga em repreensão.

— Ah, desculpa! — ela pediu, soando falsamente doce. — Foi só uma brincadeira. Só penso que é uma pena, um homem como o Victor estar fora do mercado, você sabe...

Sorriu, provocativa, se referindo a casos passados

dos quais eu preferia nem pensar a respeito, pois só a imaginação fazia meu estômago se revirar do avesso.

— Isso me soa muito como inveja, sabia? — disparei, não conseguindo segurar as palavras, que jorraram de mim. — Talvez orgulho ferido até.

Um canto da minha boca se ergueu um tanto vitorioso, pois eu sabia que, sim, era isso. Ela estava com inveja e com o orgulho ferido, por isso não fora capaz de segurar a própria língua.

Carol fez um bico claramente raivoso e me olhou com os olhos verdes chispando em minha direção.

— Inveja? Orgulho ferido? Pelo que, Isabella? Por favor... — ela falou, tentando soar debochada, mas notei que sua voz tremia.

De ele te ver apenas como um sexo casual e nada mais do que isso, foi o que eu quis responder. Mas Ana se adiantou, tentando apaziguar o clima desconfortável:

— Não vamos falar disso, beleza? — pediu, um pouco nervosa. — O fato é que o Victor se apaixonou e isso muda qualquer homem. Temos

apenas que ficar felizes pelos dois, certo?

Ela disparou um olhar sério para Carol, que sorriu sem graça e falou:

— Ah, claro, você tem toda razão, Aninha. Toda razão. Mas voltando àquele assunto da Kylie, você viu o que ela usou no...

E, bom, eu não escutei mais nada até o final daquele almoço. Tentei me convencer de que estava sendo boba e me deixando levar pelas provocações da Carol. E, ainda que eu ficasse incomodada com suas atitudes e comentários, eu não deveria ligar para qualquer insinuação.

Afinal, Victor estava comigo. Victor amava a mim, somente a mim. Ele a via apenas como uma amiga e nada mais, mesmo que tivessem um passado juntos. Pensei que, talvez, o fato de ter convivido com os dois na época e visto certas coisas que até aquele momento eu tentava esquecer fazia com que houvesse uma dificuldade maior em simplesmente ignorá-la e deixar tudo aquilo no passado. Além disso, era ainda mais difícil quando Carol tentava a todo custo se mostrar presente com toda aquela intimidade que eu gostaria que ela não

PERIGOSAS ACHERON

tivesse com Victor.

Mas mesmo que eu tentasse deixar aquilo para lá — e eu tentava de verdade! —, alguma coisa apitava no fundo da minha mente. Um tipo de alerta que eu não ouvia com todas as letras, convencida de que era coisa da minha cabeça.

Eu não era mãe, como Clara e Alice falaram durante o almoço de sábado, mas eu deveria ter confiado no meu sexto sentido. E no sétimo e oitavo também. Pois não muito tempo depois eu descobriria que aquele incômodo que eu sentia sobre Carol e Victor tinha fundamento.

Ah, e como tinha...



Encontrei Victor apenas depois do trabalho, quando ele insistiu em me deixar em casa.

— Como foi seu dia? — ele perguntou dentro do carro ao pegar minha mão para beijar meus dedos com carinho. — O almoço com as meninas foi legal?

— Tudo certo — menti. Não via sentido em falar dos comentários de Carol, eu não queria que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

decidisse conversar com ela sobre o assunto nem nada do tipo, então preferi manter aquilo somente para mim. E para Ana, claro. — E você? Dia cheio, né?

— Demais! — falou, soltando o ar pela boca com força, claramente exausto. — Andamos recebendo uns casos complicados nesses dias e parece que a cidade inteira precisa de um advogado, porque não para de chegar coisa nova. Sinto que toda minha energia tá sendo sugada.

— Você precisa descansar um pouco de vez em quando. Tenta dormir cedo hoje, aposto que vai acordar mais disposto amanhã.

Estendi o braço para o apoio de seu banco e acariciei sua nuca, passando os dedos pelo pescoço em uma tentativa de massagem. Victor praticamente ronronou com a carícia, mexendo a cabeça para que eu alcançasse os pontos que ele queria.

— Dormir cedo... bom, já que você não vai lá pra casa hoje, talvez eu consiga essa façanha — brincou, irônico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora a culpa de você dormir mal é minha?
— Eu me fingi de ofendida, aumentando a força de meus dedos em sua pele, que começava a aquecer.

— Ah, sim — ele murmurou, um sorriso ladino surgindo. — A culpa é toda sua. — Victor me olhou de soslaio, um brilho malicioso percorrendo as íris azuis. — Quando eu tenho você nos meus braços, é impossível soltar. Eu só quero te beijar até o sol nascer, é mais forte do que eu.

Meu sangue, de repente, fez greve por todo o meu corpo e se juntou em meu rosto em forma de protesto. Porém, meu corpo entendeu bem o que Victor queria dizer e uma pequena chama começou a se alastrar, fazendo tudo se incendiar com a simples lembrança do que era estar nos braços dele, ser beijada por aquela boca faminta em cada centímetro de pele e...

— Chegamos — Victor avisou, parando em frente ao meu prédio.

— Hã? Ah, verdade... — falei em uma mistura de surpresa e decepção por estar na hora de nos despedirmos. — Obrigada por me trazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ouvi dizer que é isso que os bons namorados fazem — ele sussurrou, se aproximando e selando nossos lábios em uma carícia deliciosa.

— E você é o melhor de todos, sem dúvida — murmurei com nossas bocas ainda coladas e senti seu sorriso se abrir.

— Eu sei.

Foi a minha vez de rir.

— Pouco convencido você — acusei, dando um novo selinho e me afastando. — Boa noite.

— Boa noite, linda. Durma bem.

Então, antes que eu pudesse abrir a porta e me expulsar para fora do veículo, Victor me deu um daqueles sorrisos espetaculares com todos os dentes à mostra, as ruguinhas deixando seus olhos encantadores. Minhas pernas desmancharam, foi um sufoco deixá-lo, mas consegui com muito, muito esforço.

Depois de... hum... alguns bons minutos e mais dois ou três beijinhos roubados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Arrependi-me amargamente por ter deixado Victor ir embora naquele carro na segunda-feira. Se eu tivesse apenas um vislumbre de como seria turbulenta aquela semana, ah... eu pediria que ele me levasse para casa dele e ficaria bem coladinha àquele corpo grande a noite inteira.

Como Victor dissera, parecia mesmo que toda a cidade precisava de um advogado e inúmeros casos caíram na A.L.. Tantos que mal tivemos tempo de nos ver nos outros dias, já que ele chegava sempre mais cedo no escritório e saía tarde da noite. Na hora do almoço, ele ainda estava cheio de trabalho e acabava pedindo qualquer coisa para comer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto se afundava em toneladas e mais toneladas de papel.

A semana só não foi de todo ruim porque passei cada minutinho livre com Camila e Fábio. Ainda estava meio nostálgica e já sofrendo por antecedência pela partida deles, que se daria no domingo de manhã daquela mesma semana. Afinal, eles também precisavam retornar ao trabalho na próxima segunda.

Mas foi na sexta à noite que eu pensei que tudo finalmente se resolveria e aqueles últimos dias difíceis dariam uma trégua quando recebi uma mensagem de Victor:

Linda, acho que vou conseguir terminar tudo hoje. Só falta a Carol terminar uns documentos aqui do processo dela, vou revisar e ir pra casa morrer na cama.

Porém, diferente do sentimento de alívio que senti ao receber a mensagem e ler a primeira linha, odiei até a morte o que veio a seguir. Ora, já tinha passado das dez horas da noite e provavelmente o escritório estava vazio há muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Exceto por Victor.

Exceto por Victor e Carol...

Ah, eu não gostava daquilo. Não gostava mesmo.

Mas o que diabos eu poderia dizer? Era o trabalho dele e isso incluía Carol, eu gostando ou não.

Desliguei a tela do celular e o coloquei ao meu lado na cama, respirando fundo e tentando contar até dez conforme pensava nas melhores palavras para responder ao Victor sem parecer uma doida ciumenta. Só que, menos de cinco segundos depois, uma nova mensagem chegou e meu coração amoleceu instantaneamente com o que li a seguir:

Sabe, meu sono é tanto que fico na dúvida se sinto mais saudades de você ou de dormir. Bom, se bem que, colocando agora lado a lado, não tenho dúvidas de que é de você. O que acha de ir lá pra casa amanhã de manhã para passarmos o dia embaixo do cobertor fingindo assistir a algum filme na TV? Só fingindo mesmo... ;)

A risada espontânea veio antes mesmo de eu terminar de ler a mensagem e de repente todo meu

incômodo passou. Victor sempre me fazia rir, acho que essa era uma das coisas que eu mais amava nele. Qualquer homem que seja capaz de arrancar de você os seus melhores sorrisos com certeza é o tipo de cara pelo qual você deve agradecer por ter encontrado.

E eu agradecia por Victor. Todas as noites antes de dormir.

Por isso, com o coração aquecido e uma saudade insana do meu namorado, apenas respondi:

Definitivamente eu apoio esse plano. Estou com saudades também! Bom trabalho e até amanhã ☺

Larguei o aparelho no criado-mudo ao lado da cama e me ajeitei nas cobertas. Não estava com tanto sono, mas Camila e Fábio já tinham ido embora e papai já tinha se recolhido, dizendo estar exausto após ajudar dona Márcia com uma estante nova. E eu não tinha nada, nada mesmo para fazer.

Porém, é óbvio que ficar deitada na cama sem sono algum e com o namorado preso em um escritório com uma mulher que você não gosta só poderia levar minhocas para a minha cabeça.

Minhocas do tamanho de Júpiter!

Praguejei baixinho, apertando o travesseiro em meu rosto. Eu queria ser mais madura, ser aquele tipo de mulher que confia plenamente no namorado. E não é que eu desconfiasse de Victor. Não, isso eu não fazia. Mas eu não confiava na Carol. Nem mesmo uma fibra do meu ser confiava naquela garota. O fundo do meu cérebro apitava quando eu estava perto dela, dizendo que ela era traiçoeira e para que eu ficasse de olhos abertos.

Mas o que eu poderia fazer? A resposta era simples: nada. Não havia nada que eu pudesse fazer. Além, claro, de torcer para que Victor também ficasse de olhos bem abertos e não caísse em nenhum papinho dela.

Ele não cairia, certo? Victor não era bobo e me amava. Depois de tudo o que passamos, ele não jogaria nós dois fora por qualquer coisa, muito menos por Carol. Ele me amava e era verdadeiro.

Acabei dormindo com esse pensamento quando o relógio marcou por volta de meia-noite. A manhã de sábado chegaria logo, e eu queria acordar cedo, pular da cama e correr para o apartamento de PERIGOSAS ACHERON

Victor para que pudéssemos cumprir aquela promessa de um dia inteiro juntos.

Sabia que Camila e Fábio não se importariam se saíssemos apenas para jantar no dia seguinte. Eu só queria estar junto de Victor embaixo das cobertas, tendo a certeza de que tudo estava bem, de que nada nem ninguém no mundo poderia nos separar por mais que tentassem. Nosso amor era o sentimento mais forte do mundo.

Eu só não imaginava estar tão, mas tão errada assim...



O despertador apitou às oito da manhã. Era cedo, eu sabia bem, mas tinha acordado diversas vezes durante a madrugada desejando que o sol nascesse e eu pudesse colocar meu plano em ação.

Queria surpreender Victor com um café da manhã na cama, pois ele merecia depois de tanto esforço nos últimos dias. E, bom... já que estaríamos ali mesmo, poderíamos continuar em seu colchão pelo resto do dia como combinado.

Corri para o banheiro e tomei um banho, vestindo

um short e uma camiseta, levando comigo uma mochila com uma muda de roupa. O resto do espaço foi preenchido depois, na padaria perto de casa, onde comprei suco, pães, queijo, presunto, geleia e até um bolinho de chocolate com nozes do qual eu sabia que Victor gostava. Com certeza Victor ficaria contente com a surpresa, principalmente com a outra parte, que incluía uma *lingerie* preta rendada por debaixo das minhas roupas.

Ri, divertida e ansiosa, conforme pedia o táxi na rua e dava o endereço do meu destino. Esperava que ele já tivesse acordado, já que Victor sempre fora de acordar cedo. Mas, caso contrário, eu não me importaria em encher de beijos toda a sua cara amassada de sono, que só o deixava ainda mais irresistível com aqueles fios escuros bagunçados e os olhos azuis semicerrados.

Um suspiro involuntário saiu da minha boca e meu estômago se torceu assim que cheguei ao seu prédio e cumprimentei o porteiro, indo direto para o elevador e chegando ao andar. As mãos já coçando para enlaçar o pescoço de Victor, grudar nossos

corpos e beijar cada pedacinho dele que eu pudesse. Essa vontade louca, claro, me fez rir, porque eu parecia uma boba apaixonada.

Mas, bom, eu *era* uma boba apaixonada.

Apertei a campainha e aguardei, me remexendo inquieta assim que ouvi os passos do outro lado da porta. Meu sorriso já era largo e contente, estampado em meu rosto de orelha a orelha, ansiando pelo segundo em que Victor apareceria à minha frente.

Assim que a porta se abriu e eu vi a blusa social branca de Victor há poucos centímetros de distância, tudo morreu dentro e fora de mim: a felicidade, o sorriso e o amor...

Porque quem usava a maldita blusa e nada mais não era o meu namorado, e sim Carol.



Eu não pensei em nada ao empurrar Carol para o lado e forçar minha entrada no apartamento. Estava tão desesperada que sequer liguei para o sorrisinho vencedor no rosto dela. Na verdade, tudo ao meu redor estava embaçado. Minha mente nublou, os olhos se encheram de lágrimas e uma dor dilacerante se instalou em meu peito.

Então eu corri de forma mecânica e assustada em direção ao quarto de Victor, buscando em meus pensamentos qualquer desculpa plausível para a presença dela ali, usando a camisa dele e nada mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nada mais...

Meus pés se apressaram, como se minha vida dependesse daquilo. Achei que poderia ser rasgada ao meio em um piscar de olhos.

Eu só precisava...

Precisava ter certeza de que...

De que era um engano ou...

Não sei.

Eu não conseguia pensar, raciocinar. Eu só buscava alguma resposta que impedisse que meu coração se quebrasse em milhões de pedacinhos. Mas o que eu encontrei naquele quarto foi exatamente a última coisa que eu desejava ver: Victor estava de bruços no colchão, dormindo de forma serena e, claro, sem roupa alguma. O lugar ao seu lado estava remexido, como se há poucos segundos outro corpo estivesse ocupando aquele espaço.

Não havia desculpa. Não havia outra resposta senão aquela óbvia de que... ele me traía. Com Carol.

Fiquei paralisada por um instante que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente durou meio segundo, mas que para mim foi como décadas, séculos, milênios. Raízes sendo criadas em meus pés enquanto eu era preenchida por uma raiva uniforme em cada célula do meu ser. Um rugido animalesco fugiu da minha garganta, o que fez com que eu não me sentisse como eu mesma, e sim como um monstro.

Eu odiei aquilo.

Odiei Victor.

Odiei a mim mesma por ter acreditado nele.

Odiei tudo o que sentia.

Ele, claro, despertou com meu grito ou fosse lá o que aquele som parecesse no mundo dos humanos. Seu rosto estava confuso, o cenho franzido e a mão esfregando a testa com força. Não dei tempo para que ele despertasse por completo, pois eu precisava dizer, eu precisava colocar para fora toda minha raiva.

— V-você — gaguejei, a voz embargando. — Você é um canalha, cafajeste, o homem mais baixo deste mundo, Victor! Como pôde fazer isso? Depois de tudo...

PERIGOSAS ACHERON

— E-espera, Isabella — ele pediu, consternado e tentando, sem muito sucesso, sair da cama. Ele parecia fraco e um tanto perdido, mas isso não me fragilizou de jeito nenhum. Eu só queria chutá-lo, socá-lo e proferir todos os palavrões do meu vocabulário. — Do que você tá falando?

— Vai se ferrar, Victor! — rugi entredentes, ouvindo passos ecoarem pela porta do quarto, de onde Carol surgiu com a feição mais inocentemente falsa que eu já vira. Victor a fitou como se ela fosse um bicho de duas cabeças, mas eu ignorei esse fato. — Eu nunca mais na minha vida quero olhar pra essa sua cara. Nunca mais!

Enchi os pulmões de ar e com facilidade retirei aquela maldita aliança que eu ainda usava, atirando nele com toda a força que me restava, acertando em cheio seu peito nu. Me senti uma idiota, uma iludida por ter acreditado que Victor tinha deixado aquela vida libertina para trás, que me amava e que queria só a mim.

Não, ele jamais se contentaria com uma mulher só. Nunca se contentou.

Por que naquele momento seria diferente?

Simples: não era. Não era diferente.

— Isabella, me escuta, isso não é o que você tá pensando! — Virou-se para Carol, como se tentasse desvendar um quebra-cabeça de cinco mil peças. — Carol, o que você...? — tentou dizer, mas sua boca ficou aberta, ele parecia ainda mais perdido.

Nada daquilo me importava. Eu estava cheia de ódio, um gosto amargo por toda a minha boca, uma necessidade urgente de desaparecer daquele apartamento o mais rápido possível.

Eu só precisava correr dali. Fugir para bem longe dele, para outro planeta se fosse necessário.

— Não é o que eu tô pensando, Victor? — rosnei, a voz já rouca por segurar o choro. — Essa é a frase mais clichê de todas! Por que simplesmente não admite? Admite que você nunca mudou e que nunca vai mudar! Você *nunca* vai amar ninguém de ver...

— Não é verdade! — interrompeu. — Eu amo você e isso tudo é um engano, tem que ser! — declarou, nervoso, se apoiando na cama com esforço para tentar se levantar, parecendo tonto.

Tudo o que pensei foi que a noite deveria ter sido tão boa que ele mal conseguia andar. Ora, era uma surpresa, então, que Carol conseguisse com tanta facilidade...

— Um engano? — Ri alto, mas não havia humor algum na minha voz. Na verdade, havia mágoa, tristeza e uma vontade imensa de chorar até o fim dos dias. Como ele fora capaz? Como ele pôde dormir com ela? Por que então todo aquele esforço para que ficássemos juntos, para mostrar que havia mudado? Eu era o quê? Algum tipo de prêmio? Um desafio? — Então me explica, que tipo de engano é esse? Como você explica vocês dois sem roupa dividindo uma cama? — perguntei, porque uma parte de mim ainda esperava por uma explicação, qualquer uma que fosse.

— Eu... — Victor falou, já em pé, tentando se aproximar a passos lentos e cautelosos. — Eu não sei, eu não consigo me lembrar, mas...

Ele estendeu os braços conforme seu corpo chegava cada vez mais perto do meu. Parecia receoso ao se aproximar. Faltavam poucos centímetros para seus dedos me tocarem, mas eu

não queria ser tocada por ele. Não enquanto eu o imaginava tocando *ela*.

— Essa é a sua explicação? Que não se lembra?
— rugi, incrédula.

— Isabella — ele chamou, a voz tensa. — Eu... eu realmente não me lembro de ontem, mas me escuta!

— Escutar o que, Victor? Nem mesmo *você* sabe o que dizer!

Balancei a cabeça e esfreguei o rosto com as mãos. Ouvi os passos de Victor se aproximarem, mas eu não o queria perto de mim. Não queria vê-lo e muito menos estar ali. Algo morria dentro de mim, eu estava cansada. Cansada de sentir, cansada de sofrer.

— Chega — sussurrei, sentindo todo o peso do momento desabar sobre mim, um buraco se abrindo abaixo dos meus pés, o som do meu coração se estilhaçando por completo dentro do peito... — Chega. Eu vou embora — avisei, me virando.

Não queria que ele me visse chorar. Não queria dar esse prazer à Carol, que observava tudo de

camarote, um sorriso triunfante em minha direção. Aquela situação como um todo já era humilhante demais.

Ouvi Victor gritar meu nome seguido por um palavrão, mas nada me importava, simplesmente nada. Eu ainda tentara. Tentara ouvir sua explicação, entender que aquilo não passava de um engano, uma grande confusão. Mas ele nem mesmo tinha *isso* para me dar, uma resposta para o que eu vi, para o que acontecera.

Sou uma perfeita tola, foi como me pensei. Uma tola quebrada.

Tudo doía. Cada músculo, cada poro, cada órgão. Era uma dor que me partia ao meio, rasgava todo o meu corpo e minha alma inúmeras e inúmeras vezes, sem cessar. Minha mente, traiçoeira, revivia aquelas cenas no fundo do meu cérebro. Tudo no que eu podia pensar era a necessidade de me agarrar a alguém e chorar, extravasar toda aquela imensa tristeza instaurada em mim, encrustada em meu coração com tanta firmeza que tive medo de nunca mais me livrar dela.

Peguei o primeiro táxi que passou na rua e dei o

PERIGOSAS ACHERON

endereço de onde Camila e Fábio estavam. Céus, eles iriam embora no dia seguinte e aquela seria a nossa despedida: eu aos prantos, enrolada nos braços deles, rezando para que tivesse forças para sobreviver àquele dia e todos os outros que viriam.

Se eu não tivesse... o que seria de mim?

Tentei não pensar sobre o assunto, eu já me sentia destruída demais para ter outros tantos pensamentos negativos rondando minha cabeça atordoada. Estava tão mergulhada naquele sentimento amargo que sequer percebi o quão rápido cheguei até o apartamento, tocando a campainha um pouco impaciente e me jogando nos braços da minha prima no instante em que ela abriu a porta com sua cara de sono e uma expressão confusa.

— Meu Deus! Isa, o que houve? Prima! Prima, o que aconteceu? — ela perguntou, mas eu não consegui responder.

Nenhuma palavra saía da minha boca, só gemidos desconexos e soluços irregulares.

— Fábio! Fábio, acorda! — Camila gritou, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

meus olhos estavam tão embaçados que nem mesmo era capaz de distinguir a silhueta do meu amigo.

— O que houve? O que tá acontecendo? — ele questionou, fechando a porta do apartamento e se aproximando, tocando minhas costas com tanto carinho que achei que poderia desmanchar.

— E-ele — tentei dizer, engolindo em seco e sentindo a voz tremer como um terremoto em minha garganta. — Ele dormiu com a Carol. Ele... me traiu — expliquei, enfim.

Enterrei ainda mais os dedos no pijama de Camila, deixando as lágrimas rolares à vontade, como se nos seus braços eu encontrasse algum tipo de abrigo, onde o mundo não poderia me machucar. Onde Victor não pudesse me alcançar e onde a dor não fosse capaz de me atingir.

Pensar naquilo doía muito, mas dizer... proferir aquilo em voz alta me fazia sentir como se um punhal estivesse me atravessando de um lado a outro, a lâmina fria encaixada em meu peito, rasgando cada pedacinho de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava sentindo algo bem diferente do que senti quando acreditei que Victor tinha dormido com Carol anos atrás. Naquela época, não tínhamos nada, não era uma traição. Uma tristeza me consumira, mas naquele momento, depois de tudo, depois de ele ter dito que me amava, não era só tristeza que me invadia. Era mágoa, terror, tortura, agonia. Eram tantos sentimentos ruins misturados que eu já não era capaz de diferenciá-los conforme me corroíam da cabeça aos pés.

— Eu vou matá-lo! — Fábio rugiu, se levantando e andando de um lado para o outro no apartamento. — Eu vou castrar esse filho da puta!

Camila continuou me abraçando firme, passando a mão gentil por meus cabelos, mostrando que estava ali por mim, ainda que aquilo não fizesse o sofrimento ir embora. Ao menos, era bom não estar sozinha. Eu não seria capaz de aguentar aquilo sem eles dois.

— Calma, precisamos entender melhor o que tá rolando. Depois disso, eu te ajudo a arrancar as bolas dele e fazemos até um churrasco com elas se você quiser. Mas, prima... — Camila me chamou

com todo o cuidado do mundo, como se eu fosse uma boneca de porcelana prestes a rachar. Ela me afastou pelos ombros, fitando meu rosto inchado com uma feição quase maternal, e pediu: — Conta pra gente exatamente o que aconteceu? Por favor. — Seu tom era repleto de preocupação, pena e até mesmo raiva.

Raiva de Victor por ter me feito chorar, disso eu tinha certeza.

Fábio, então, surgiu com um copo de água. Bebi em uma golada só, sentindo um enorme alívio quando o líquido gelado atingiu meu estômago. A respiração, errática, começou a ceder e pude finalmente clarear um pouco a fala e explicar tudo sobre aquela manhã, segurando com todas as minhas forças o choro que teimava em retornar com força total enquanto eu detalhava tudo o que vi e as palavras trocadas.

Os dois me ouviam com muita atenção, ainda que Fábio apertasse o copo vazio com tanta força que eu imaginei que ele quebraria a qualquer instante. Camila tinha uma feição misteriosa no rosto conforme a história se desenrolava. Ela parecia...

desconfiada?

Mas, antes que eu chegasse ao final, a campainha tocou insistentemente. E a pessoa atrás da porta continuou a tocá-la até que Fábio, bufando, se levantou e foi até ela, abrindo-a e enrijecendo todos os músculos. Eu soube quem era no mesmo instante.

Meu corpo reagiu, acelerando o pulso e descompassando minha respiração.

— Vai embora, cara! Ou eu mesmo te coloco pra fora. — O tom de Fábio era sério e muito assustador.

Meu corpo tremeu; se não por isso, pela pessoa que estava na sua frente.

— Ela tá aí, não tá? — Ouvi a voz de Victor, que parecia alucinado. — Isabella! Precisamos conversar, por favor!

Percebi que Fábio portou o corpo grande em toda a porta, impedindo sua passagem.

— Você não vai chegar perto dela — avisou, soturno.

— Eu não fiz nada! Eu preciso explicar isso pra

PERIGOSAS ACHERON

ela — Victor rebateu, impaciente. — Eu não sei o que aconteceu, caralho! Eu tava trabalhando e do nada... tudo ficou confuso e embaçado. Eu não lembro! Mas eu não te traí, Isabella, eu não traí! Eu jamais faria isso, porque eu amo *você*! — Victor aumentava o tom, tentando fazer com que sua voz chegasse até mim.

Eu ri, incrédula e sem humor algum. Uma parte de mim também gritava. E gritava algo que eu não queria ouvir, tentando me convencer de que tudo fora um engano, um mal-entendido. Que Victor, ali, parecendo tão frágil e desesperado, estava sendo sincero em suas palavras. Mas eu havia visto com meus próprios olhos, não é? Como eu poderia acreditar que ele não havia dormido com Carol se nem mesmo ele conseguia dar uma explicação viável?

— Não me interessa — Fábio bradou, trincando os dentes. — Vai embora. Agora! — mandou, irredutível.

— Não! — Victor rugiu. — Não vou embora até conseguir explicar, mesmo que eu não consiga de fato, ela precisa...

— Vai embora! — eu, enfim, gritei. — Acabou, Victor, acabou! — Minha voz abaixou, já embargando mais uma vez. — Por favor, só vai embora.

— Isabella, por favor, me escuta — suplicou, e, apesar de não vê-lo, já que Fábio bloqueava sua passagem e minha visão, eu pude imaginar perfeitamente sua expressão abatida e tensa.

E aquilo fez meu coração errar uma batida. Senti-me ridícula, pois, mesmo naquela situação, a simples ideia de Victor sofrendo me afetava.

Como o amor pode ser irônico, não é? E traiçoeiro.

Definitivamente traiçoeiro.

Agarrei-me mais uma vez à Camila, que manteve o braço em meus ombros durante todo o tempo, e ouvi Victor resmungar algo para Fábio, que respondeu sem paciência alguma:

— Ela já disse pra você ir.

Victor, acho, tentou passar ainda assim pela porta, pois Fábio não pensou duas vezes antes de erguer o punho e socar sua face. O baque mudo me

fez estremecer.

— Eu não vou desistir dela — ele disse, decidido, mas com a voz um pouco abafada.

— Eu te avisei, não avisei? Se a machucasse, iria se ver comigo. Não vou deixar que se aproxime da Isa. Então, vaza daqui antes que eu quebre o seu nariz.

A porta foi fechada em um estrondo tão forte que senti as paredes do apartamento tremerem. E as do meu coração também. As lágrimas brotaram mais uma vez em meus olhos e tudo girou. Camila me abraçou forte e deixou que eu me acomodasse em seu colo como uma criança de cinco anos que precisa da mãe.

Não sei ao certo quanto tempo se passou depois daquilo. Minha noção de tudo estava bastante debilitada, mas, quando finalmente consegui me acalmar, percebi que Fábio já trazia um prato de comida para cada uma de nós.

— Vamos, meu amor, você tem que comer alguma coisa — ele falou, gentil.

Sequei os rastros de lágrimas com as costas das

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos e assenti, respirando fundo e me encolhendo entre o sofá e a mesa de centro.

— Desculpem por tudo isso — pedi.

— Você não precisa se desculpar, Isa — Camila disse. — Nunca! A gente vai sempre estar com você, nos piores e melhores momentos.

— Eu sei — murmurei. — Obrigada por isso. Mesmo.

Os dois sorriram, balançando a cabeça ao se acomodarem ao meu lado. Tentei sorrir também, mas parecia que os cantos da minha boca se recusavam a realizar o gesto. Por isso, achei melhor apenas focar minha atenção na comida.

Assim que terminei o prato, Fábio levou tudo para a cozinha e retornou trazendo de brinde um chocolate escondido, falando que era para eu me alegrar. Aquilo foi como um soco nas costelas. Eu não tinha como me alegrar, não era humanamente possível, simples assim.

Camila, provavelmente percebendo minha expressão abatida, pegou minhas mãos e as juntou com as suas.

PERIGOSAS ACHERON

— Olha, Isa — ela começou, parecendo um pouco indecisa sobre como continuar. — Preciso dizer que eu tô achando essa história bem esquisita.

— Como assim, Camilinha? — Fábio interrogou, confuso.

— Pensem comigo, por que diabos o Victor dormiria com a Carol, na casa dele ainda por cima, se ele mesmo tinha combinado da Isa ir até lá hoje de manhã? Assim, eu sei que homens podem ser tapados muitas vezes, mas o Victor não é tão burro assim, certo? Ele não poderia ter cometido um erro tão grotesco quanto esse, com essa chance óbvia de que seria pego no flagra. Sei lá, me parece... suspeito.

Ela deu de ombros, a expressão reflexiva, como se tentasse encontrar uma resposta plausível para aqueles questionamentos. Sua teoria, claro, invadiu meus pensamentos e despertou minha atenção.

Victor não era burro. Isso ele não era mesmo.

Mas a imagem de ele sem roupas, Carol usando sua camisa, a cama bagunçada... tudo aquilo surgiu com força total em minhas lembranças e eu quis

chorar mais um rio de lágrimas.

— Sei lá! — ralhei, odiando ouvir minha voz tão amargurada. — O idiota deve ter achado que eu só chegaria mais tarde, pode ter pensado que daria tempo de ela ir embora antes... Não sei!

Eu tentava me convencer de que era isso mesmo, que Victor apenas calculou errado seu plano, mas algo dentro de mim, no fundo da minha alma, não conseguia aceitar aquilo. Meu âmago inteiro dizia que havia uma explicação, algo por trás daquela confusão toda.

— Confesso que achei estranho uma coisa que ele falou — Fábio comentou, imerso em pensamentos. — Ele disse algo sobre não se lembrar das coisas, de estar trabalhando e do nada tudo ficar... embaçado. Acho que foi essa palavra que ele usou. Se ele tivesse mesmo te traído e sido pego no flagra, o mais sensato seria apenas pedir desculpas, implorar pelo seu perdão e tudo mais, mas ele falou com tanta certeza que não fez nada... Não sei, achei esquisito também.

— E você disse que ele parecia meio aturdido e tonto, não disse? Lá na casa dele... — Camila

PERIGOSAS ACHERON

perguntou, e a visão de Victor mal conseguindo se colocar em pé reforçou certas dúvidas.

— É, ele parecia como se estivesse dopado ou algo assim — contei, sentindo que de fato havia algo a mais naquela história, algo importante que eu não conseguia enxergar claramente.

— Será que não seria bom vocês conversarem, meu amor? — Fábio perguntou, mas apenas a menção de estar cara a cara com Victor fez meu estômago embrulhar.

Balancei a cabeça em negativa de forma frenética.

— Não quero ver o Victor, não consigo — afirmei, nervosa.

— Tá, mas e se você for tirar essa história a limpo com a Carol? — minha prima sugeriu. — Se ele diz não se lembrar de nada, vá até a fonte que tem as respostas que você precisa.

Ela deu de ombros, como se fosse a solução mais simples e óbvia do mundo.

— Aaaah, adorei! — Fábio se empolgou. — Acho que você tem que confrontar essa garota

mesmo. E você ainda pode dar um tapa nela no final, que nem naquelas novelas mexicanas. Dizer algo como “você não vale nada, Carol Madalena!”, jogar o cabelo pra trás e sair divando porta afora.

— Vocês são loucos! — ralhei, sem acreditar que eles esperassem que eu fosse até a Carol. — Sério, vocês têm um probleminha, só pode!

— Bom, a verdade é que você tem três opções — Camila começou, e eu bufei, sem acreditar que uma vozinha dentro de mim dizia que eles tinham razão. — Falar com o Victor, que teoricamente não se lembra de nada, obrigar a Carol a te contar o que aconteceu ou ficar aqui, chorando e se lamuriando até a noite chegar. E aí, qual vai ser?

Minha prima arqueou a sobrancelha em desafio, e eu praguejei, aceitando que eu precisava fazer pelo menos alguma coisa.

Qualquer coisa que fosse.



Convencer aqueles dois de que eu deveria ir sozinha até a casa de Carol não foi fácil. Eles insistiram bastante para me acompanhar, mas eu sentia que era o tipo de coisa que eu devia fazer por mim mesma. Eu e ela apenas. E apesar de minha consciência sussurrar em meus ouvidos que era uma péssima ideia e... bem, completamente desnecessário ir bater de frente com a garota que eu peguei na cama com o meu namorado, algo no fundo do meu coração me dizia que era necessário e urgente. Havia partes faltando naquela história, eu podia sentir. E o pior: eu queria saber.

Sim, eu queria saber o que acontecera. Porque

PERIGOSAS ACHERON

Victor falara de forma convicta que não tinha me traído e, ainda assim, confuso com o que realmente acontecera na noite anterior. Claro, ele podia ter ficado bêbado e pronto. Essa era uma opção muito viável. Eles poderiam ter tomado um porre daqueles e foi isso, acabaram juntos entre os lençóis.

Praguejei com o pensamento. Só a lembrança fazia todo o meu corpo arder de fúria e tristeza, se obrigando a não convulsionar a qualquer momento pelas lágrimas que desejavam sair a qualquer custo. Mas eu as preendi com todas as minhas forças e meu orgulho, endireitando a coluna antes que o táxi chegasse ao prédio onde Carol morava.

Ainda estava incerta sobre a minha decisão, cogitei que seria melhor apenas esperar uns dias antes de tocar naquela ferida aberta. Porém, o que me impulsionou a resolver aquilo o quanto antes fora o fato de que eu só teria mais algumas horas com Camila e Fábio. Só mais aquele dia.

No dia seguinte, eles partiriam e eu choraria sozinha. Então, se fosse para ficar arrasada por toda a madrugada, eu preferia que fosse no colo deles,

com suas mãos afagando meus cabelos e suas vozes gentis dizendo que tudo ficaria bem. Que eu superaria Victor e seguiria em frente.

Bufei, imaginando que seria exatamente o que eles diriam para mim. O som saiu de maneira amarga da minha boca, o que deixou meu coração ainda mais apertado. Como eu seria capaz de superar algo assim? Um amor daqueles? Um amor que talvez nada mais fosse do que uma ilusão baseada em palavras falsas.

Não seria fácil, com certeza. Mas meu maior receio era de que fosse impossível. Victor estava cravado em cada pedacinho da minha alma. Como, então, eu poderia apagá-lo sem apagar a minha mesma? E se aquela voz sussurrada em meu peito estivesse enganada e não houvesse nenhuma explicação para o que eu presenciara naquela manhã? E se Victor realmente dormira com Carol e tudo o que vivemos não passara de uma fantasia ridícula? E se o amor que ele dizia sentir por mim fosse um engano? E se...

— Talvez tenha sido melhor acabar tudo logo antes que fôssemos longe demais. Talvez nosso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

destino não seja mesmo ficar junto — murmurei, sentindo cada fibra do meu ser latejar com aquela afirmação.

— Como disse, menina? — o motorista perguntou, e só então percebi que as palavras saíram de minha boca.

— Ah, nada, não. Estamos chegando?

— Sim, é logo ali na esquina — ele avisou.

Enchi os pulmões de ar, sentindo-os queimar. Paguei ao moço de bigode sobressalente e saí do veículo, as pernas bambas e sem força alguma. Mas eu não desistiria, não até ter algum tipo de ponto final, uma certeza absoluta. Eu não era mais aquela Isabella de anos atrás, que apenas fugia de seus problemas. Dessa vez eu faria diferente, eu os encararia frente a frente. Ainda que doesse. Ainda que me matasse. Eu não correria como uma garotinha assustada.

Do outro lado da rua, avistei o prédio amarelado e um pouco antigo, me recordando de que não havia porteiro. Pelo que me lembrava, era um apartamento da família de Carol, que deixaram para

PERIGOSAS ACHERON

ela morar em vez de precisar pagar um aluguel desnecessário.

Fazia anos que eu fora até ali, uma única vez, acompanhada de Ana. Eu precisaria buscar em minhas memórias qual era o maldito número do apartamento.

Caminhei até a entrada e, como se um raio divino houvesse acertado bem no meio da minha cabeça, um casal de velhinhos surgiu pelo corredor do prédio, abrindo o portão para sair.

— Vai entrar, querida? — a mulher de cabelos brancos e ralos perguntou de forma amável.

— Vou, sim, mas, na verdade, não me lembro o número do apartamento.

Sorri amarelo.

— Quem você veio visitar? — o senhor de barriga saliente perguntou.

— A Carol, conhecem? Alta, cabelos escuros e olhos verdes.

— Claro, conhecemos, sim. Ela mora no 202, pode ir lá — avisou, me dando passagem.

Com um agradecimento e um aceno, eu enfim

PERIGOSAS ACHERON

entrei no prédio e me encaminhei até o segundo andar, alcançando a porta do apartamento com rapidez.

E foi quando todo o sangue do meu corpo gelou.

Porque eu escutava claramente Carol do outro lado da porta.

Mas não só Carol.

Havia também outra voz. Uma voz muito conhecida.

A voz de Verônica.

— Você tava certa, ela simplesmente saiu correndo que nem uma idiota do apartamento. Nem deixou o pobre coitado falar — Carol disse, não contendo as risadas.

— E ele se lembra de alguma coisa? — Verônica perguntou, ansiosa.

Meu coração errou uma batida, tentando entender o que estava acontecendo ali. Por que diabos Verônica e Carol estavam juntas e falando sobre mim, Victor e... o que mais?

Inconscientemente, grudei meu ouvido na porta, tentando escutar melhor aquela conversa, algo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro de mim me dizendo que ali estariam todas as respostas que eu procurava.

— Nadinha de nada! Foi bem como você falou, esse remédio faz a pessoa apagar e cair dura. Ele não sabia nem como chegou ao apartamento, tive que inventar uma história... Falei que ele se sentiu mal e que eu o levei pra casa. Ele ficou bem confuso de início, depois um pouco desconfiado. Argh... E depois me mandou embora. Disse que precisava resolver as coisas com a Isabella, acredita? — Carol bufou alto, consternada. — Que tinha que ir atrás dela e *mimimi*... É um idiota mesmo! Ela nunca vai acreditar nele, muito menos perdoar. Ainda que ele realmente não tenha feito nada.

Pude imaginar perfeitamente o canto de sua boca se erguendo em satisfação.

Então...

Então, elas...

Meu cérebro tentava assimilar cada palavra dita, o pulso acelerando sem piedade e a garganta parecendo um deserto de tão seca.

PERIGOSAS ACHERON

Eu fora até ali em busca de respostas, nem que fosse algo como “o Victor caiu e bateu a cabeça, então eu tive que estancar o sangue com a minha roupa. Depois eu o levei para casa e acabei dormindo lá, no sofá e tal, você sabe, só pra ter certeza de que ele não teria nenhum traumatismo craniano. A pancada foi tão forte que ele não se lembra de nada.”

Claro que eu provavelmente não engoliria uma desculpa dessas. Não sem ver o galo na cabeça pelo menos... Mas, ainda assim, até mesmo *isso* parecia mais plausível do que o que entrava em meus ouvidos e era assimilado por meus neurônios.

Meu Deus! Eu tinha sido abduzida sem querer para dentro de uma novela mexicana? Só faltava a Paola Bracho surgir pelo corredor com uma risada maléfica!

— O importante é que a gente separou aqueles dois — Verônica falou, vitoriosa, e toda minha atenção retornou à conversa das duas. Tudo aquilo me enojava. Era absurdo, surreal, maldoso! E sua voz fina e enfadonha se vangloriando por aquilo só fez com que crescesse uma vontade incontrollável

de esmurrar seu nariz em mim. — Isso é pra essa garota aprender a não se meter comigo — continuou, rindo alto e fazendo os nós dos meus dedos pinicarem. Eu não era uma pessoa explosiva, muito menos violenta ou vingativa, mas aquilo... aquilo eu não poderia deixar passar. Era mais forte que eu. — Ela achou que eu ia deixar barato o que fez? Que eu ia esquecer que me tirou a boa vida que eu tinha? Tadinha, que inocente! Agora vai sofrer do coração pra aprender.

A porta quase tremeu com a risada que compartilharam, o que fez todo o sangue do meu corpo ferver como lava. Minha visão se tornou vermelha conforme a fúria aumentava, meus músculos se retesaram com tanta força que pensei que romperiam minha pele a qualquer momento. Um grito se formava em minha garganta, precisei engoli-lo à força antes que saísse como o som de um animal enjaulado.

Eu mal podia acreditar no absurdo que tinha ouvido. Era inacreditável, mas era verdade, eu sabia. *Aquela* era a verdade. Victor realmente não havia me traído. Ele não mentira para mim. Tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

fazia um terrível sentido.

Aquelas duas cobras se juntaram de alguma forma para bolar aquele plano boçal e nojento. Elas chegaram a drogá-lo para me fazer acreditar que ele e Carol haviam dormido juntos. Céus, que tipo de mente doentia faz algo assim? O que aquelas duas tinham na cabeça para irem tão longe apenas para prejudicar alguém?

Mas as coisas não ficariam daquele jeito.

Não, de jeito nenhum!

Eu não deixaria que elas saíssem impunes daquele plano cruel. O que ambas fizeram ultrapassava qualquer limite, qualquer senso de humanidade. Ah, elas pagariam! Eu as faria pagar. Talvez não com a marca da minha mão em seus rostos, mas de alguma forma. De alguma forma que as fizesse se arrepender de seus atos, se é que isso era possível para duas pessoas de coração manchado como elas.

Mesmo que eu não soubesse ao certo o que dizer ou fazer, era simplesmente demais para que eu aguentasse calada. Eu não tinha forças para apenas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me virar e ir embora, contar a Victor o que acontecera e pedir desculpas por não ter lhe dado a chance de se explicar, ainda que ele não fosse capaz de fazê-lo, já que não sabia mesmo o que tinha acontecido. Mas não, eu precisava mostrar para Verônica e Carol que o que fizeram fora grave e que as coisas não ficariam baratas. Precisava mostrar a elas que eu não tinha mais medo, que não fugiria mais. Eu não era mais uma fraca que corria de qualquer coisa que pudesse me machucar. As coisas mudaram, eu mudara. E se fosse necessário encarar as duas de uma só vez para mostrar que estava ali, pronta para defender Victor e tudo o que construímos juntos, eu o faria com o queixo erguido, os olhos em chamas e a língua afiada.

Então, no instante seguinte, meu punho se levantou por vontade própria e começou a socar a porta como se socasse a cara delas.

PERIGOSAS ACHERON



A porta mal se abriu e, dessa vez, quem sorria era eu. O que, preciso confessar, me trouxe um enorme sentimento de satisfação. Carol, por outro lado, pareceu tão branca que achei por um segundo que ela fosse um fantasma. Ou talvez estivesse apenas prestes a desmaiar. Aquilo apenas fez meu sorriso se estender.

— I-I-Isabella? O q-que vo-você tá fazen...

— O que *eu* tô fazendo aqui? — perguntei, entrando em seu apartamento mesmo sem ser convidada. Ao entrar na sala de estar, cravei os olhos em Verônica, próxima à mesa redonda com

PERIGOSAS NACIONAIS

quatro lugares. Seus olhos encontraram os meus com desdém, ela pareceu não se abalar com minha presença. Ela me encarava dos pés à cabeça com aquele olhar superior e um canto da boca erguido. — Acho que meus motivos não importam mais. O que importa é o que eu ouvi — falei, firme.

Carol engoliu em seco.

— Há q-quanto tempo vo-você... — ela tentou falar, mas não me contive a vontade de interrompê-la.

Já tinha processado tudo o que ouvira e meu sangue borbulhava em minhas veias enquanto minha mente tentava se manter o mais sã possível. O que não estava sendo nem um pouco fácil. Ainda mais quando tudo o que eu queria era elevar minha voz e gritar um bocado. Mas eu precisava ser clínica e fria naquele momento, então me contive e apenas avisei:

— O suficiente pra saber o que vocês duas fizeram. E o suficiente pra saber que isso é crime, sabiam? Drogar uma pessoa é crime, e, se vocês acham que vão sair impunes disso, estão muito enganadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma aí, Isabella! Vamos conversar melhor, você entendeu errado — Carol suplicou, sua voz trêmula revelando o quanto estava nervosa em ser pega no flagra.

— Não acho que eu tenha entendido nada errado, Carolina. Eu ouvi tudo o que falaram, com todas as letras. E tenho certeza de que, se o Victor fizer um exame ainda hoje, os resultados vão mostrar que ele foi drogado.

Carol ficou ainda mais branca, se é que aquilo era possível. Verônica, por outro lado, continuava sem fazer qualquer ruído, mas sua expressão já não era mais tão irônica quanto há alguns minutos. Ela parecia tensa, quase pude imaginar as engenhocas se mexendo em sua cabeça.

Aquilo me estimulou. Eu queria mesmo que elas tivessem medo, que se arrependessem de seus atos errados e maldosos.

— Você, como advogada, deve saber melhor do que eu qual é a pena pra esse tipo de coisa — comentei, me controlando para não parecer tão debochada quanto gostaria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inspirei fundo e saquei o celular da bolsa, percebendo que o movimento atraiu a atenção das duas.

— O que você tá fazendo, garota? — Verônica questionou, impaciente e nervosa.

— O que você acha? Ligando pra polícia, óbvio — respondi, os olhos cravados na tela do celular conforme eu me perguntava se talvez fosse melhor ligar para Victor antes.

— P-p-polícia? Espera aí, Isabella! — Carol se aproximou, os olhos verdes arregalados, suas mãos segurando meus ombros. — Por favor, não faz isso, vamos conversar.

— Não tem o que conversar! — bradei, deixando escapar uma pequena parcela da minha raiva. — Vocês fizeram isso tudo pra me afetar! Sabia que vocês podiam ter matado ele ou algo assim? Vocês são loucas, inconsequentes! Deviam ter pensado melhor antes, mas a vontade de me machucar era tão grande que nem pensaram que o planinho de vocês poderia ir por água abaixo, não é?

— Você não vai ligar pra ninguém, garota! —

PERIGOSAS ACHERON

Verônica ralhou, também se aproximando com uma das mãos estranhamente escondida em suas costas.

Infelizmente, eu ignorei aquele fato.

Seus olhos estavam em chamas, algo entre ira e desespero. Algo que causou um enorme calafrio em minha espinha. E por algum motivo uma vozinha dentro de mim gritou para que eu corresse daquele apartamento. Que eu corresse o mais rápido que eu pudesse!

Mas eu não a ouvi e continuei ali, plantada na sala de estar de Carol, fitando as duas em desafio, enraizando meus pés no chão e mostrando que eu não mudaria de ideia.

— Não vou ligar? — falei, cínica. — Me observe então, sua bruxa.

Carol gritou alguma coisa, e não entendi nada quando senti uma picada no braço esquerdo. O lugar começou a latejar com uma queimação e só tive tempo de encarar Verônica e sua feição quase diabólica cheia de satisfação.

Algo estava errado, muito errado. Tudo começou a ficar dormente, minha visão escureceu. O celular

PERIGOSAS NACIONAIS

tombou de minha mão e meus músculos cederam. A cabeça começou a girar, um sentimento ruim se apossou de mim.

Então eu senti medo.

Medo do que estava acontecendo, do que iria acontecer.

No segundo seguinte, eu já estava em um limbo.



Tudo doía, demorou para que eu percebesse que estava deitada em uma superfície fria e dura. Provavelmente o chão, pensei ao me remexer e sentir a coluna reclamar. Senti algo esmagar meus pulsos e tornozelos, entendendo que eu estava amarrada feito um animal selvagem, uma fera incontrolável.

Isso só serviu para aumentar meu desespero. Abri os olhos com dificuldade, sem saber ao certo quanto tempo ficara apagada. Minha pele ardia onde a corda esbranquiçada e grossa me tocava. Grossa o suficiente para que eu não me soltasse tão cedo. Talvez até nunca. Estremeci com o pensamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os pulsos, além de bem presos, também me amarravam junto de uma pilastra de madeira sólida que ia do chão ao teto. Eu estava completamente impedida de me mover.

Não podia acreditar que Verônica e Carol tinham sido capazes de me sequestrar e me prender em um lugar como aquele. Onde elas estavam com a cabeça? Mas eu deveria mesmo esperar algo diferente de duas pessoas que drogaram alguém apenas para cumprir um plano ridículo?

Vaguei meus olhos cansados pelo cômodo quase vazio, exceto pelas caixas empoleiradas no outro extremo do lugar e até mesmo uma esteira de academia antiga. Em uma das paredes, havia também o que parecia um disjuntor e um tipo de banco de madeira largo e velho com as pernas moídas. Nada que pudesse me dar qualquer pista de onde eu estava.

O ar parecia denso, cheio de poeira e mofo. Claramente era um lugar abandonado, podia ver o piso de madeira velha e a tinta descascada ao meu redor, típico de um lugar que ninguém visitava. Nunca.

PERIGOSAS ACHERON

O cômodo de quatro paredes estava bastante escuro, sem nenhuma janela. Senti-me enclausurada, claustrofóbica, como se não houvesse ar suficiente para mim. Como se eu pudesse sufocar a qualquer instante.

Acima da minha cabeça, uma luz fraca lutava para se manter acesa, mas volta e meia piscava em desistência.

— Que merda — resmunguei, tentando imaginar quantas horas eu ficara inconsciente e há quanto tempo eu estava ali.

Tentei me mexer, mas parecia que meus membros eram feitos de cimento. Talvez fosse efeito do que quer que Verônica injetara em mim.

Aquela desgraçada filha de uma puta!, quis rosnar, mas minha garganta estava seca demais para forçar a fala.

Senti-me desnorтеada, os pensamentos ainda não estavam totalmente claros. Era como se uma nuvem cobrisse minha mente, como a vez em que misturei vodca, tequila e gin. Com certeza era uma sensação que eu não desejava sentir de novo, porém, ali

PERIGOSAS NACIONAIS

estava eu, encurralada em um canto escuro de um lugar desconhecido, sem saber ao certo qual seria meu futuro próximo.

Será que elas... pretendiam... sumir comigo? Engoli em seco com a ideia, o coração disparando e soando alto em meus ouvidos.

Eu odiava Verônica e a considerava uma víbora, mas assassina? Ela chegaria tão longe assim? E Carol? Sua inveja e ciúmes eram tão intensos a ponto de chegar a esse extremo? Para ser sincera, eu preferia não descobrir a resposta para aquelas perguntas.

Remexi-me, inquieta, tentando forçar minha mente a raciocinar direito. Eu precisava pensar em algo, precisava encontrar algum jeito de fugir, de ligar pra alguém, de...

— Finalmente a Bela Adormecida acordou. — A porta velha rangeu e a voz de Verônica penetrou meus ouvidos. — Que pena. Poderia continuar inconsciente assim pra sempre, não acha? Um mundo em que eu não precise lidar com você parece tão atraente...

PERIGOSAS ACHERON

Um sorriso diabólico preencheu seus lábios cheios enquanto ela se aproximava a passos preguiçosos.

— Onde... — Arranhei a garganta, tentando reunir mais firmeza. — Onde eu tô? O que você injetou em mim?

Proferir aquelas palavras fez minha garganta doer, mas isso não impediu que eu a encarasse com seriedade. Eu não demonstraria medo, ainda que todas as minhas fibras parecessem tremer dentro de mim. Verônica não precisava perceber o quanto eu estava apavorada. Afinal, isso só faria aumentar a expressão vitoriosa em seu rosto.

— Sabe, ser farmacêutica é muito útil esses dias — falou, dando de ombros. — Você apagou rapidinho. O único problema foi te carregar do apartamento pra cá. Talvez fosse melhor perder uns quilinhos, querida. Se o seu namoradinho não te traiu de verdade, isso seria só questão de tempo. Os homens prezam muito a aparência, sabia disso?

Seu tom zombeteiro me deu náuseas. Como ela podia brincar com algo assim? Com alguém amarrado e estirado no chão? Foi quando percebi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que minha ex-madrasta era uma pessoa ainda mais horrível do que eu podia imaginar. E talvez mais perigosa do que eu acreditava ser possível.

— Pra onde vocês me trouxeram? — repeti em um rosnado.

— A sua amiga mora num lugar horrível, não acha? Nem mesmo porteiro tem, é um desastre. Mas, pensando bem, isso é um ponto bem positivo, já que temos este subsolo incrível onde ninguém vai nos achar. Provavelmente metade dos moradores nem sabe que existe, não é ótimo? Fica dois andares abaixo da portaria, e, mesmo que você comece a gritar, ninguém conseguirá te ouvir.

Sorriu, tão contente que um arrepio passou por meu corpo.

— Um subsolo? — murmurei, perdida.

— Acho que é algum tipo de despensa ou espaço para guardar tralha, sei lá. Mas não é que serviu perfeitamente pra gente?

Arqueou uma sobrancelha como se esperasse que eu concordasse com seu pensamento. Verônica estava louca. Não, ela *era* louca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você espera ganhar com isso, Verônica? Algumas horas de silêncio pra escapar? Isso não vai te ajudar em nada — falei, empinando o queixo para poder encará-la de baixo.

Ainda não tinha forças o suficiente para me levantar e, mesmo que tivesse, as cordas me fariam cair no mesmo lugar.

— Bom, só o fato de ver você estirada no chão com essa carinha de pobre coitada já me satisfaz.

Então ela riu, o que me assustou ainda mais. Era uma risada sombria e perversa, capaz de fazer todos os pelos dos meus braços se arrepiarem.

— Você me odeia a esse ponto? — questionei, obrigando minha voz a não sair tremida.

Verônica torceu a boca, se recostando na parede e cruzando os braços na altura do peito. Os olhos brilhando em minha direção.

— Odeio qualquer pessoa que entre no meu caminho. Infelizmente você optou por ser uma delas.

— Eu só disse a verdade para o meu pai, você fez todo o resto — retruquei sem desviar o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você acabou com a minha vida! — ralhou, se desencostando da parede e se aproximando a passos duros. Seu dedo indicador pairou em frente ao meu rosto, a unha pintada de vermelho prestes a perfurar meus olhos e talvez meu crânio. — Seu pai era o meu sustento, e você tirou isso de mim! Você me fez perder uma vida tranquila e cheia de conforto, além da boa grana que eu ganharia quando aquele velho babão morresse. A culpa disso tudo é sua! — acusou, a voz em pura ira. Foi difícil não estremecer, e acho que só consegui porque ela se afastou novamente, andando de um lado para o outro no pequeno espaço. — Consegue imaginar como é difícil encontrar um homem do tipo conservador como seu pai? Que topa sem reclamar bancar a esposa e mimá-la? Ah, querida, se você soubesse... — Revirou os olhos. — Os jovens de hoje em dia só querem saber de dividir contas e responsabilidades, eu não nasci pra isso. E estava mais do que bem como dona de casa, sem me preocupar com nadinha de nada. Se tivesse se afastado e ficado quieta, não estaríamos nesta situação. — Virou-se para mim, os olhos cravados nos meus. Como uma onça, se aproximou, PERIGOSAS ACHERON

deixando o rosto a poucos centímetros do meu em um aviso ameaçador. — *Você*, Isabella, só está colhendo o que plantou.

— Você é doida! — bradei. — Falta um... não! Faltam muitos parafusos na sua cabeça! Você acha mesmo que meu pai iria continuar casado com alguém que vê ele como um velho babão e uma forma de se aproveitar? — Emiti um estalo com a língua, revoltada. — Era só questão de tempo pra ele se divorciar de você. Meu pai pode até ter caído no seu teatrinho de boa esposa no início, mas ele mesmo já estava percebendo a sua segunda face. *Você* acabou com seu casamento e com sua boa vida, não eu, Verônica.

Sua mão se ergueu e alcançou meu rosto tão rápido quanto a pronúncia do seu nome no final da minha fala.

— Sua vadiazinha, você não sabe de nada — murmurou, abrindo um sorriso ao apreciar minha bochecha como sua própria obra de arte, que pela ardência deveria estar vermelha e com a marca de seus dedos.

Ali, bem ali, eu quis estrangulá-la. Mas eu não

PERIGOSAS ACHERON

tinha braços nem pés disponíveis. Então, tudo o que pude fazer foi cuspir em sua cara. E digo, com toda a sinceridade, que aquilo foi revigorante.

Seu sorriso, claro, morreu de imediato e com as costas da mão ela limpou o rosto.

— O que eu sei é que sequestro e cárcere privado é ainda pior do que drogar alguém. Você vai pra cadeia e não vai sair de lá tão cedo — cochichei como se contasse um segredo, e vi Verônica fechar o punho e estendê-lo em minha direção.

Fechei os olhos pelo que me aguardava, sabia que aquilo doeria. Mas, para minha surpresa, o soco não veio, pois uma voz se fez presente e chamou a atenção de nós duas:

— Ela tem razão — Carol disse, entrando no cômodo com uma expressão nervosa. — Estamos em uma grande furada com isso tudo!

— Já falamos sobre isso, garota! — Verônica disse, impaciente. Se afastou de mim e foi até Carol, sacudindo-a pelos ombros. — Agora já era! Estamos nessa juntas, você sabe disso. Você é tão cúmplice quanto eu, me ouviu? — Carol assentiu

PERIGOSAS NACIONAIS

freneticamente, a expressão em uma mistura de terror e desespero. — Ótimo! — Verônica falou, já mais calma. — Fica com essa criatura enquanto eu me lavo. Essa nojenta cuspiu em mim.

Ela me lançou um olhar enviesado e saiu porta afora. Tive vontade de gritar que cuspiria quantas vezes fossem necessárias, mas ver Carol andando de um lado para o outro despertou minha total atenção.

— Puta que pariu! Puta que pariu! — Carol resmungava conforme seus passos pareciam acelerar no chão de madeira.

— Carol — chamei, mas ela não pareceu me ouvir. — Carol? Carol!

— O que você quer, cacete? Não tá vendo que eu tô tentando pensar? — reclamou, exasperada.

Ela me olhou finalmente, mas minha boca se abriu e se fechou como a de um peixe. Percebi, então, que não sabia o que dizer. Carol bufou e continuou a andar pelo quarto. Parecia confusa, perdida em pensamentos ao murmurar palavras para si mesma.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? — As duas palavras soaram baixinho, só percebi que saíram da minha boca quando os olhos verdes me fitaram, curiosos. — Por que você fez isso tudo? — questionei, só então percebendo que eu *precisava* daquela resposta.

Eu tinha de entender o motivo de ela se esforçar tanto para me machucar. Não éramos amigas, eu sabia disso. Mas chegar àquele ponto...?

Verônica tinha seus motivos, ainda que não fossem válidos. Mas quais eram os motivos da Carol? O que eu fiz — ou ela achava que eu tinha feito — para que chegássemos àquilo?

Achei, por um momento, que ela não havia me escutado e abri os lábios para repetir a pergunta, mas os fechei no instante em que ela pronunciou:

— Eu o amo. Sempre amei. — Suspirou fundo, parecendo exausta. Carol se aproximou, ficando de joelhos na minha frente, os olhos verdes escrutinando minha face. Acabei engolindo em seco sem querer. — Eu amo o Victor mais do que qualquer coisa. Mas ele nunca retribuiu. E nunca iria, não é mesmo? Ele me via só como um corpo pra esquentar sua cama e uma boa amiga nas horas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vagas. Nada além disso. Até tentei sair com outros caras, entrar em algum relacionamento sério com alguém e seguir em frente, mas nunca era igual. Eles simplesmente não serviam. Não eram o Victor.

Carol riu, desgostosa, balançando a cabeça. Era, na verdade, um som amargurado e cheio de dor. O suficiente para que eu sentisse até um pouco de pena, porque, sim, ele nunca a vira como alguém que pudesse ser mais do que uma relação casual. Eu sabia como aquela certeza poderia quebrar um coração em dois.

— Eu teria aceitado, sabe? — comentou, mordendo um canto da boca. — Se tivéssemos vivido o resto das nossas vidas como algo casual. Não era a vida ideal, mas eu aceitaria. Era quem ele era, certo? Ele sempre falava que nunca se prenderia a ninguém, e eu acreditei, achei mesmo que ele falava sério.

— Ele falava — falei baixinho. — Ele falava sério sobre isso.

Carol soltou o ar pela boca de uma vez só e passou a mão pelos cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Podia até ser, mas tudo mudou quando vocês se conheceram. No início, não pensei em você como uma rival nem nada parecido, achei que realmente seriam apenas amigos. — Ela balançou a cabeça, como se tentasse clarear os pensamentos. — Era eu quem dormia na cama dele, era a minha boca que ele beijava, então eu não me importava se ele fosse tomar um café ou sei lá o que com você. Só que, de um dia para o outro, ele ficou distante, sempre tinha uma desculpa para não ficarmos juntos. Eu não sou burra, Isabella. Eu via a forma com que ele te olhava, tinha um brilho diferente ali, algo que eu nunca tinha visto desde que o conheci.

— Não foi planejado — contei. — Só... aconteceu, e nos apaixonamos. Eu também achava que ele jamais iria se comprometer com alguém, mas, diferente de você, eu não queria aquela vida pra mim.

— Então você fugiu — Carol completou meu pensamento.

— É, então eu fugi.

— Você foi uma covarde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fui, mas não sou mais. E não vou desistir dele, não importa quantas vezes vocês duas ou o mundo inteiro tente nos separar.

— Eu te invejo. E, sim, eu te odeio. Te odeio com todas as minhas forças. Te odeio por tirar o Victor de mim, por tirar o meu futuro.

— Ele nunca foi o seu futuro — falei, sincera, e aquilo a fez rir, balançando a cabeça.

— Acho que nunca vamos saber a resposta certa quanto a isso. — Deu de ombros, se levantando. — Foi muito cômico quando encontrei a Verônica te espiando ao sair do trabalho. Eu tinha acabado de me despedir de você e do Victor e me deparei logo com a pessoa que mais te odeia no planeta. O mundo é muito pequeno, sabia? — perguntou, entortando a boca em um meio sorriso reflexivo. — Acabamos nos falando, e papo vai, papo vem, ela logo entendeu que você não era a minha pessoa favorita. Acabamos trocando telefones, e não pude resistir de participar do plano maluco dela. Na época, claro, não parecia tão maluco assim.

Ela encheu os pulmões de ar, pousando as mãos na cintura e fitando o chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não entendo, Carol — disparei, atraindo seu olhar. — Sinceramente, não entendo. Você é linda, inteligente, bem-sucedida e tinha tudo para ter uma vida feliz e cheia de sucesso.

— Aonde você quer chegar? — perguntou, sem paciência.

— Quero dizer que você perdeu isso tudo ao participar desta loucura toda que a Verônica inventou. Você acha mesmo que ninguém vai me encontrar? Que não vão descobrir o que vocês duas fizeram? Porque vão, você sabe disso! Meus amigos sabiam que eu estava indo pra sua casa, eles vão ligar um ponto com o outro.

— Posso dizer que você saiu correndo lá de casa desesperada e chorando. É uma história bastante plausível até. Eu não seria responsabilizada pelo meu desaparecimento — comentou, pensativa, como se já estivesse formulando cada pedacinho daquela mentira caso ela fosse necessária.

Minhas pernas tremeram. Carol seria mesmo capaz de colaborar com aquilo tudo de boa vontade?

PERIGOSAS ACHERON

— Então vocês pretendem me manter aqui pra sempre? — Ofeguei, nervosa. — Ou vocês pretendem me matar? Você virou uma assassina, Carol? — Minha pergunta pareceu tê-la despertado de seus pensamentos, sua feição se tornou dura como pedra. Vi ali, ainda que apenas de relance, uma oportunidade de fazê-la mudar de ideia. — Você sabe que o Victor não vai descansar até descobrir o que aconteceu comigo. E você é advogada, Carol, uma das melhores que conheço. Você fez faculdade, tem um ótimo emprego, família e amigos. Quer mesmo jogar sua vida fora por isso? Por um plano maluco de uma mulher que acabou de conhecer?

Ela me encarou, algo reluzindo em seu olhar, algo que pensei serem lágrimas. Tive a certeza de que eram quando ela passou as costas da mão sobre os olhos.

Eu ainda podia escapar, ainda havia uma chance.

— Eu entendo que você tenha sofrido pelo Victor e que me odeie, consigo entender de verdade. O ciúme e a inveja são sentimentos naturais do ser humano e você nada mais é do que humana. Eu

jamais te julgaria por isso, aliás, ninguém, nem mesmo o Victor. Ele gosta de você, sente um carinho enorme por você, só não é o mesmo tipo de amor que o seu.

— Ele sente? — ela perguntou, a voz um pouco trêmula.

— Claro que sente, Carol — bradei. — Ele te considera uma das melhores amigas dele. E eu morro de ciúmes de ver vocês dois, tenho medo de que qualquer dia ele decida que sente sua falta e escolha você.

— Mesmo? Você pensa nisso?

Ela se aproximou com cautela, como se avaliasse tudo o que eu dizia. A feição em uma mistura de surpresa e felicidade.

Era tudo verdade, a mais pura verdade. Se eu queria atingir Carol, deveria ser sincera com ela.

— Penso — confessei, torcendo a boca. — Eu também sou humana, assim como você. E às vezes também sou dominada por sentimentos como esses. — Encarei-a nos olhos, séria, percebendo as esferas verdes cravadas em mim com curiosidade. — Mas

a diferença é que eu jamais faria qualquer coisa pra te machucar. Isso é perder uma parte da sua humanidade, é ultrapassar todos os limites. E *isso* o Victor jamais perdoaria.

— Ele... — ela tentou dizer, mas a voz embargou e as pálpebras se arregalaram. — Ele vai me odiar se descobrir — murmurou, tensa. — Ele nunca mais vai querer olhar pra minha cara se... puta que pariu! O que eu tô fazendo? Meu Deus, não quero que o Victor me despreze, eu não suportaria isso! Não sou uma fora da lei. Pelo contrário, eu luto *pela* lei. Deus, o que eu tava pensando? Como me deixei levar por aquela doida?

As palavras continuaram pulando de sua boca, mas eram apenas lamúrias que eu não conseguia identificar. Carol levou as mãos à cabeça e me encarou, um desespero tomando todo o seu rosto. Antes que eu pudesse chamar seu nome, ela já se ajoelhava à minha frente e tentava desamarrar a corda de meus tornozelos.

Uma onda de alívio e esperança me invadiu. Ela caíra em si, eu poderia fugir. Eu veria meu pai, Camila, Fábio, Ana e Victor de novo.

Victor.

Eu só desejava pular em seus braços e beijar sua boca, sentir no seu abraço a proteção que só ele era capaz de me proporcionar, acreditar que eu estava a salvo e que nosso futuro ainda estava intacto. Eu ainda seria feliz. E eu precisava tanto pedir desculpas a ele, dizer o quanto sentia por não acreditar nele e em seu amor. Não via a hora de pedir perdão e agarrá-lo com força para nunca mais soltar. O pensamento me trouxe uma sensação morna ao peito e uma ansiedade para que tudo acabasse logo. O mais rápido possível.

As cordas finalmente começaram a ceder com os puxões, e eu soltei o ar pela boca, só então percebendo que o estava segurando. Porém, o som da porta nos despertou e Carol parou o que estava fazendo para se virar. Verônica entrou no quarto e não demorou meio segundo para entender o que ela fazia, endurecendo o rosto e mostrando os dentes com raiva.

— Filha da puta! O que você tá fazendo? — rugiu, se aproximando com rapidez.

— Isso é loucura, Verônica! — Carol gritou. —
PERIGOSAS ACHERON

Nós vamos ser descobertas, vamos pra cadeia! Entende o que eu quero dizer? Vamos ser presas!

— Eu escapei da outra vez — minha ex-madrasta falou baixinho e de uma maneira insana. — E vou escapar de novo, contanto que você não estrague tudo! Tá na hora de acabarmos com essa brincadeira e nos livrarmos desse peso morto — falou com uma malícia diabólica na voz, elevando uma das mãos e mostrando uma seringa com um líquido amarelado dentro. Engoli em seco e todo o meu corpo se arrepiou de medo. — Bom, quase morto, na verdade — se corrigiu com uma risadinha. — Mas isso aqui vai cuidar dessa inconveniência. Apenas não atrapalhe, garota.

O olhar de Verônica era gélido em Carol, como um aviso para que saísse da sua frente. Percebi que o corpo da advogada estava rígido de costas para mim, menos sua mão. Lentamente ela corria os dedos para o bolso traseiro da calça jeans, onde percebi que havia um celular acomodado. Entendi de imediato o que ela pretendia e percebi que precisava distrair Verônica antes que ela percebesse as intenções de Carol. Porém, eu estava

aterrorizada com a ideia de ter aquela mulher perto de mim, ainda mais com a seringa de conteúdo desconhecido tão próximo. Mas era a minha única chance, não era? Por isso, inspirei fundo e disse:

— Verônica, você tinha razão, a culpa foi toda minha. — Graças aos céus, aquilo despertou sua curiosidade e ela desviou o olhar de Carol para mim. Um olhar cheio de desconfiança, mas o suficiente para que a outra pudesse se afastar um pouco e pegar o celular. — Eu não deveria ter falado nada para o meu pai, eu...

O som do celular vibrando me fez arregalar os olhos, e Verônica já não me via ou ouvia mais. Seus pés já haviam corrido até Carol e jogado o aparelho no chão, estilhaçando a tela em mil pedacinhos.

— O que você fez? — ela perguntou entredentes. — O que diabos você fez?

— N-nada! Eu só fui checar as horas! — Carol mentiu, e isso era evidente pela sua feição de espanto. A cara de quem é pega no flagra fazendo algo errado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mentirosa! — Verônica rosnou, indo pra cima da advogada sem pensar duas vezes. — Você tentou ligar pra alguém? Pra quem?

— Verônica, pensa bem — Carol falou, a voz contida e falha. — Se a gente se entregar pra a polícia agora e conversar com o Victor e a Isabella, tenho certeza de que não irão prestar queixa. Ainda podemos sair dessa!

— Sair dessa? Isso é impossível, sua anta! E você ia mesmo ligar pra polícia e nos dedurar? Você é mais imbecil do que eu imaginava.

— Olha, me escuta... — Carol tentou dizer, mas Verônica a interrompeu com um enorme vinco em sua testa:

— Eu mandei você ficar fora do meu caminho, agora vai morrer junto com essa desgraçada! — avisou, pulando em cima da advogada como um tigre feroz.

Carol gritou, assustada, e as duas começaram a se atracar do outro lado do cômodo. Verônica tentava lhe espetar com a agulha, enquanto Carol lutava para impedir a mulher, segurando seu braço como

PERIGOSAS ACHERON

podia.

Tentei me levantar, mas, ainda que um pouco mais frouxas, as cordas continuavam a me prender completamente. Eu precisava ajudar, duas contra uma nos faria escapar. Já Carol, sozinha, não aguentaria aquela batalha por muito tempo. Verônica era muito mais forte, rápida e sagaz.

No entanto, Carol conseguiu, de alguma forma, lhe dar uma rasteira e minha ex-madrasta caiu no chão, ofegante, xingando-a de todos os palavrões possíveis. Carol correu até mim, tentando mais uma vez me livrar das cordas, mas Verônica se levantou com rapidez e se atirou sobre nós duas. Era questão de vida ou morte.

Houve rugidos, socos, chutes e puxões de cabelos. Contorci-me para sair da zona de ataque o máximo possível, tendo a certeza de que, amarrada como estava, eu não tinha tantas chances de me defender. Tentei apenas esticar as pernas para atingir Verônica em cheio no abdômen, fazendo com que ela caísse para trás, se afastando alguns bons centímetros. Mas havia sido tarde demais.

Quando percebi, o corpo de Carol começou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

endurecer, imóvel. Alguns grunhidos falhos e desconexos saíram de sua garganta e linhas arroxeadas sobressaltaram em seu pescoço, deixando em evidência o caminho de veias que levava o sangue do coração ao cérebro. Meus músculos se retesaram e meus membros mais pareciam feitos de cimento. Aproximei o rosto das minhas mãos amarradas e abafei um grito de desespero sem nem perceber, esmagando a boca escancarada em completo terror na pele machucada pelas cordas. No momento seguinte, entendendo o que acontecia logo à minha frente, não pude evitar que uma tristeza sem igual me consumisse.

Os olhos verdes de Carol se apagaram, e eu tive certeza de que eles jamais se abririam novamente. Não havia mais vida ali, nem um pequeno rastro de que houvera um dia.

Carol estava morta. Verônica a matou.

E eu era a próxima.

PERIGOSAS ACHERON



— Bom, menos uma — Verônica falou ao se levantar, alongando o tronco e massageando a base da coluna.

Havia deboche em sua voz e um repuxar de lábios cínico. Como se ela não tivesse acabado de matar uma pessoa. Como se não tivesse assassinado Carol a sangue frio.

Eu queria me manter forte, mas os rastros de lágrimas percorriam todo o meu rosto, caindo pelo queixo e atingindo o chão. Próximo de onde o corpo de Carol estava, já empalidecendo e com aparência dura.

Fiquei presa àquela visão, àquele quarto, a mim mesma. Meus olhos estavam embaçados e a mente começava a girar pelo terror. A garota que eu conhecia há anos e que, apesar de tudo, mudara de ideia e pretendia me ajudar, estava morta. Bem ali, na minha frente, sem que eu pudesse ter feito algo para ajudá-la.

Meu corpo tremia, recapitulando a cena do embate e de quando vi o brilho de seus olhos sumir como um passe de mágica. Meu coração pulava dentro de peito com medo do que viria a seguir, as palavras de Verônica ressoando em meus ouvidos como um tambor. A respiração entrecortada e fraca, uma voz saindo do fundo do meu âmago me alertando do perigo.

Como eu poderia escapar sozinha, amarrada e apavorada? Eu não tinha mais chances, tinha?

— Está com medinho, querida? — minha ex-madrasta perguntou ao se aproximar, o rosto bem próximo do meu. Ela fez um bico de pena e riu alto em seguida. — Ah, tadinha dela, só tem mais alguns minutinhos de vida, que peninha, hum? Espero que tenha visto com atenção o que acontece

quando se injeta esse maravilhoso coquetel num corpo humano. — Sua voz, de repente, se tornou séria e seu olhar era puro desdém. Tentei controlar as lágrimas, abafando os sons do choro. Comprimi os lábios, pois queria gritar, mas acreditei que isso só a faria se divertir ainda mais. — Sabe, ele nada mais é do que uma mistura de brometo de pancurônio e cloreto de potássio. Não é tão fácil assim conseguir esses componentes, eu realmente não esperava gastar com essa garota aí. — Verônica se aproximou do corpo de Carol. Seu pé cutucou o cadáver e uma careta pairou em sua face. — Ainda bem que ainda me resta alguma coisa. Não precisa ter ciúmes, tem o suficiente pra você também. Claro que eu pretendia usar com seu pai, né?! Seria assim que ele se aposentasse, mas as coisas saíram um pouco de controle. — Suspirou, cansada. — Ainda não estamos legalmente separados, eu tenho uma boa chance de ficar com a casa e as economias daquele velho em breve, só vou precisar mexer uns pauzinhos pra conseguir um pouco mais dos componentes.

Fiquei horrorizada com a descoberta, minha boca

se abriu em surpresa. Ela não pareceu ligar muito e apenas esticou os braços para cima como se o que tivesse revelado não fosse nada demais. Como se ela não estivesse assumindo ser uma assassina com todas as letras.

— Esse era o seu plano desde o início? — murmurei tão baixo que pensei que ela não tivesse ouvido.

Verônica riu alto e de maneira divertida.

— E por que mais eu me casaria com aquele velho e aturaria você achando que era a dona da casa? — indagou, fazendo soar óbvio. — Eu vi em seu pai uma presa fácil, então não perdi a oportunidade. Infelizmente, você veio de brinde e, bem... — Torceu a boca com desprezo antes de continuar: — Não um daqueles brindes bons. Você é como... hum... como quando compramos um ovo de páscoa e, em vez de mais chocolate ou algum brinquedo legal, vem um pequeno quebra-cabeças bem chato e sem graça. É, essa é você, com certeza: um quebra-cabeças entediante!

Verônica gargalhou, se divertindo com sua comparação. Comecei a me questionar quem era

PERIGOSAS ACHERON

aquela mulher e por que tinha tanta maldade assim em cada fibra de seu ser. Havia algo de insano nela, que se destacava em seus olhos levemente arregalados e na risada histérica demais para o assunto. Verônica era desequilibrada e perigosa.

Extremamente perigosa.

E ela queria matar meu pai.

Não, pensei. Ela *iria* matá-lo assim que acabasse comigo.

O pensamento despertou em mim uma enorme ira. O medo, ainda que continuasse impregnado em cada célula do meu ser, começou a recuar. Eu não deixaria aquela mulher realizar seus planos, não deixaria que ela machucasse ninguém que eu amava.

Eu tinha de pensar em alguma coisa.

E eu tinha de ser rápida!

— Isabella, querida, acho que, se você continuar a me olhar assim, alguma entidade mística vai causar um aneurisma no meu cérebro — Verônica debochou, erguendo um canto da boca. — Aposto que tá pensando em alguma forma de sair dessa,

não é? Você não tem muito tempo e adianto que nem mesmo uma chance de evitar o inevitável.

Ela forçou uma expressão de pena, que apenas a deixou com uma careta falsa.

— Você é um monstro! — falei entredentes, frustrada.

Apesar de tentar encontrar no fundo da minha mente alguma solução que estivesse ao meu alcance, nada vinha. Eu não conseguia pensar em porcaria nenhuma.

Porra, eu mal consigo me mexer com essas cordas me apertando!, pensei, entrando em completo desespero.

Verônica continuava me olhando, mostrando que nem mesmo se afetara com meu xingamento. Ela sorria de forma vencedora e divertida, me fazendo estremecer de raiva e pavor.

— Ai, ai, eu poderia ficar aqui pra sempre vendo você com essa carinha assustada — ela comentou com a voz suave. — Mas a verdade é que tô doida pra ter uma boa noite de sono, então acho melhor acabarmos logo com isso. Que tal me esperar aqui

enquanto eu pego aquela mistura mágica que te falei? — Ela sorriu, cínica. — Bom, não é como se você tivesse outra opção, né? A não ser que você crie uma força sobrenatural e consiga quebrar essa pilastra de madeira ao meio. Só que isso não me parece nem um pouco possível. Então... até já!

Verônica se virou e saiu do cômodo, fechando a porta e me deixando naquele meio escuro conforme a lâmpada ainda lutava para se manter acesa. Meus olhos fitaram o corpo de Carol no chão, tão próximo a mim e tão... sem vida. A visão fez meu estômago embrulhar e meu coração se comprimir dentro do peito.

Carol não merecia aquele fim. Ela errara, sim, mas deveria lidar com a justiça e não com a morte. Aquilo era cruel demais.

Pensar que em breve eu teria o mesmo destino fazia tudo em mim se revirar. Tentei imaginar várias formas de lutar contra o que viria a seguir, de talvez me soltar daquelas cordas e isolar a agulha que Verônica traria em mãos em alguns minutos, mas nada se mostrava viável.

Céus, não era nem possível! Eu estava

PERIGOSAS ACHERON

encurralada, completamente encurralada!

Então eu rezei. Eu rezei para todos os deuses, porque me parecia ser a única saída. Rezei para que, se eu não conseguisse escapar, que pelo menos ela não machucasse meu pai. Rezei para que Victor soubesse que eu o amava. Rezei para que Camila, Fábio e Ana não sofressem tanto e que fossem capazes de seguir em frente. Eu rezei por muitas coisas e agradei por tantas outras, mas nada parecia suficiente, pois eu queria viver. Eu tinha tanto a dizer para cada um deles e tanto a fazer... Eu não queria partir, muito menos daquele jeito.

— Por favor, por favor — supliquei para ninguém em especial. Apenas porque eu precisava ter esperança, nem que fosse ínfima.

Eu precisava acreditar que não acabaria assim. Era isso ou aceitar que eu não beijaria Victor nunca mais, que não poderia ver Camila e John tendo seu primeiro filho, que não seria capaz de agradecer a meu pai por tudo o que fizera por mim... E aqueles pensamentos eram dolorosos demais para aguentar.

— Por favor — pedi mais uma vez, deixando que o choro corresse livre por minhas bochechas. —
PERIGOSAS ACHERON

Por...

A porta se abriu, e eu engoli um gemido de desespero, mas minha boca se abriu e os olhos quase pularam para fora de órbita.

— Victor — ofeguei, vendo-o cravar aqueles olhos azuis em mim com uma preocupação e alívio de outro mundo. — Ah, Victor!

— Isa — murmurou, correndo ao meu amparo, puxando o meu corpo contra o seu e me abraçando forte. — Graças a Deus, você tá bem! Você tá bem, tá tudo bem. — Sua voz preenchia meus ouvidos como uma prece, entorpecendo minha mente com o calor do seu corpo contra o meu.

Eu quis apenas fechar os olhos e dormir recostada em seu peito, sentindo seu cheiro. Sentia-me tão cansada e fraca... Como se toda a adrenalina tivesse esvaído, me tornando nada mais do que uma alma dormente.

Victor se afastou de súbito, me fazendo resmungar. Eu não queria que ele se afastasse. Nunca mais.

— A Carol, ela... — ele falou, a voz tão baixa e

incrédula que eu mal o ouvi.

— Sim... ela... — Engoli em seco, sentindo a voz embargar. — Ela se foi.

— Puta que pariu! — Victor esfregou a testa com força, passando a palma da mão no olho direito para enxugar a lágrima solitária que caía. — O que diabos aconteceu? — perguntou, voltando a atenção para mim, escrutinando meu rosto com carinho e tristeza.

— Verônica a matou e... e ela vai voltar a qualquer momento! — avisei com pressa, me obrigando a lembrar de que não poderíamos permanecer ali por muito mais tempo.

Ainda não estávamos fora de perigo.

— Preciso te tirar daqui — Victor disse, nervoso, correndo as mãos para as cordas e se empenhando em desamarrar os nós. — Você tá machucada?

Balancei a cabeça em negativa, e ele suspirou com a feição suavizada.

— Victor, me desculpa — pedi, arrependida, e ele voltou sua atenção para mim. Aquelas íris azuis confusas vidradas em mim como se buscassem

alguma resposta. Foi quando lembrei que ele ainda não sabia a verdade. — Elas duas te drogaram, você não fez nada. Desculpa por não ter acreditado em você, desculpa por ter achado que você seria capaz de...

Mas Victor se aproximou, beijando minha testa com força e me fazendo engolir o resto das palavras.

— Não importa mais, precisamos sair agora daqui. Falamos disso depois — ele avisou, e eu assenti, sentindo os olhos arderem pelas lágrimas de alívio que começavam a brotar.

Victor iniciou o trabalho de me soltar, as mãos começando a trabalhar nas cordas. Meus pulsos foram soltos, e eu massageei o local dolorido enquanto ele desprendia meus tornozelos. Porém, antes que ele fosse capaz de desfazer o nó por completo, a porta se abriu e Verônica surgiu, claramente surpresa ao perceber que eu não estava sozinha.

— Maldição! — ela rosnou e se colocou em posição de ataque, dando a entender que correria em nossa direção. — Como você chegou aqui?

Victor se levantou e se portou à minha frente, como se fosse uma barreira impenetrável. Naquele instante, eu temi pelo pior, mas, diferente do que acontecera com Carol, dessa vez eu era capaz de me mexer. Com as mãos trêmulas, terminei de desfazer o último nó da corda que apertava meus tornozelos e no segundo seguinte eu estava de pé, pronta para encarar Verônica. Se eu precisasse injetar eu mesma aquela agulha nela para salvar a nós dois, eu faria. Sem nem mesmo pensar duas vezes. Aquela cobra não machucaria mais ninguém. Muito menos Victor.

Verônica nos encarava, os olhos semicerrados. Por um momento, ela avaliou de soslaio a agulha em sua mão, estendendo-a como uma arma em nossa direção. Ela parecia prestes a atacar, apenas decidindo se seria realmente a melhor escolha. Afinal, seríamos dois contra um, embora ela tivesse uma arma mortal e nós não.

Um rugido animalesco reverberou de sua garganta e o brilho sanguinário em seus olhos me fez acreditar que ela havia se decidido.

— Não posso deixar que vocês saiam vivos daqui

— avisou entredentes.

A adrenalina retumbou em meus ouvidos e todos os meus músculos se retesaram, aguardando pelo que viria a seguir. Victor também pareceu perceber as intenções de Verônica, pois com o braço esquerdo me colocou novamente atrás de si em um gesto de proteção.

E quando eu pensei que minha ex-madrasta avançaria enfim, o som de passos pesados chamou nossa atenção. Principalmente a dela, que resmungou um palavrão e se virou assim que um homem gritou:

— Polícia! Fique onde está!



Mesmo garantindo que estava bem, Victor não me deixou escapar de uma avaliação médica e insistiu para que fôssemos ao hospital. Depois de uma bateria de exames, pude finalmente me juntar a ele mais uma vez, me surpreendendo ao ver que papai, Camila e Fábio também me aguardavam na sala de espera.

— Ah, Isa! — Minha prima correu até mim e enroscou os braços em meu pescoço, deixando escapar um soluço aflito. — Eu fiquei com tanto medo! Você tava demorando demais e não atendia o telefone, ficamos tão preocupados. Eu sabia que devíamos ter ido com você. Por que diabos

PERIGOSAS ACHERON

deixamos que você fosse sozinha? Senhor... você poderia estar morta, prima!

— Foi desesperador não conseguir falar com você, lindinha — Fábio confidenciou, se aproximando para abraçar nós duas. — Mas graças a Deus tudo acabou bem. Não sei o que seria de nós se algo acontecesse a você, meu amor.

— Desculpa mesmo por preocupar vocês — pedi assim que ambos me deixaram respirar ao se afastarem. Camila limpou as lágrimas e Fábio apertou meu ombro. Foi quando fitei papai, que parecia extremamente abatido. — Pai? — chamei, preocupada, e ele me encarou com uma expressão contorcida.

— Filha — ele murmurou antes de cair aos prantos, me puxando contra si e me apertando forte. — Me desculpa. Me desculpa! A culpa é toda minha por deixar essa mulher entrar na sua vida, nas nossas vidas. Me desculpa, eu nunca ia imaginar que...

— Pai!

— Eu não poderia imaginar que ela pudesse fazer

algo assim e...

— Pai! — repeti, me desvencilhando de seus braços. — Para com isso! A culpa nunca vai ser sua. *Nunca*, ok? A gente não tinha como prever que a Verônica faria algo assim.

— Mas eu... — tentou rebater.

— Você nada! Para de se culpar e apenas me abraça. Por favor — pedi, arfando quando ele me agarrou firme mais uma vez, suas lágrimas molhando minha blusa enquanto eu ensopava a camiseta dele. — Tá tudo bem agora — consegui dizer, ainda que com a voz falha.

Pude senti-lo assentir e aumentar seu aperto, deixei que ele esvaísse todos aqueles sentimentos que o consumiam. E me permiti fazer o mesmo também. Todo o medo e todo o susto indo embora junto com as lágrimas. Até que não restou mais nada para sair, até que eu pude respirar fundo e pensar com clareza.

Papai me soltou, ainda que com certa hesitação, e disse que iria procurar o médico para saber em quanto tempo os resultados dos exames sairiam.

PERIGOSAS NACIONAIS

Concordei com a cabeça e me agarrei a Victor no segundo seguinte. Por algum motivo, eu não queria me sentir sozinha ou desamparada. Precisava de braços ao redor de mim, me levando abrigo e tranquilidade.

— Ficamos sabendo da Carol — Camila comentou um pouco sem jeito.

— A Ana tá cuidando do funeral — Victor disse, apoiando o queixo em minha cabeça. — Apesar de tudo que ela fez, não consigo acreditar que ela... — Ele engoliu em seco, não sendo capaz de finalizar a frase.

Ainda era muito surreal o que acontecera. Carol estava viva algumas horas atrás, mas... ela já não estava mais entre nós e aquele pensamento parecia tão esquisito...

— Eu sei, eu também não — respondi, enchendo os pulmões de ar.

— A polícia deve vir em breve buscar seu depoimento. Você acha que consegue falar com eles? — Victor perguntou, acariciando meus cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

Assenti com a cabeça e uma dúvida pairou sobre meus pensamentos como um estalo.

— Como você soube? — perguntei, me afastando para fitá-lo, mal contendo minha curiosidade. — Como sabia onde eu tava?

— Carol — ele disse simplesmente. — Eu recebi uma mensagem dela dizendo algo como “Isa perigo subsolo” junto com a localização. Não pensei duas vezes, só saí correndo. — A imagem da advogada com o celular em mãos alcançou minha mente. Então ela não ia ligar para a polícia. Talvez soubesse que não daria certo e que não teria tanto tempo assim. Carol fora esperta e graças a ela eu estava viva. Eu não pude salvá-la, mas ela havia me salvado. E, apesar de tudo, eu seria sempre grata por isso. — Não pensei muito e só saí de casa com medo do que aquela mensagem significava. Liguei pra Ana no caminho, e ela entrou em contato com a polícia e com o seu pai, que provavelmente falou com sua prima. — Camila concordou com a cabeça. — Só a ideia de que algo pudesse acontecer a você me fez estremecer durante todo o caminho. E... e quando eu te vi... — Ele fez uma careta, um

vinco se formando em sua testa. — Quando te vi amarrada daquele jeito e a Carol no chão, eu...— Sua voz embargou, e eu me virei para tocar sua face.

Selei nossos lábios com carinho e sussurrei:

— Não precisa mais pensar nisso. Verônica foi presa e nunca mais vai chegar perto de mim e de nenhum de nós.

Victor meneou a cabeça com um aceno, puxando meu corpo até que eu estivesse completamente encaixada contra o seu.

— Eu nunca mais vou deixar que ninguém te machuque — prometeu baixinho, beijando minha têmpora.

— Eu sei que não — falei, me afastando de seu aperto. Não fui capaz de evitar que um enorme sorriso se abrisse em meu rosto. — E para o seu azar, você vai ter que me aguentar para o resto da sua vida.

Victor riu, divertido, me agraciando com as ruguinhas ao redor dos olhos.

— Eu chamo isso de sorte, na verdade.

— Se você diz, quem sou eu pra discordar? — brinquei, dando de ombros. — Ah, prima! — chamei, me virando para ela e Fábio, arregalando os olhos. — O voo de vocês é em... que horas são?

— Quase duas da manhã — Victor respondeu, checando as horas no celular.

— O voo é daqui a o quê? Quatro horas? — perguntei, mordendo um canto da boca. — Vocês precisam pegar suas coisas e ir para o aeroporto!

— O quê? — Camila ralhou, consternada. — De jeito nenhum! Você tá de sacanagem, né? Foda-se o avião! Eu não vou embora até ter certeza de que você tá bem!

— Eu também não pretendo ir a lugar algum! — Fábio disse, cruzando os braços sobre o peito com uma feição furiosa. — Que tipo de amigos você acha que a gente é, Isa?

Aquilo me fez rir. E chorar. Tudo junto.

— Os melhores — respondi. — Os melhores do mundo com certeza.



Os resultados demoraram algumas horas para
PERIGOSAS ACHERON

sair, então aproveitei para comer algo nesse meio-tempo. Depois que toda a agitação passou, senti como se houvesse um buraco negro em meu estômago. Todos, claro, deixaram escapar uma risada quando o ronco reverberou pela sala de espera. Eu, por outro lado, só pude sorrir, sem graça pelo ocorrido.

Assim que o médico me liberou, confirmando que estava tudo certo, pedi para Victor me levar direto para a delegacia. Papai nos acompanhou, e eu consegui convencer Camila e Fábio a irem para casa descansar e avisar John sobre a mudança de planos. Além disso, eles precisavam entrar em contato com a companhia aérea para tentar trocar a data do voo. Após alguma insistência, eles se despediram de nós e rumaram para o apartamento em que estavam hospedados.

Chegamos à delegacia quando o sol começou a nascer. O delegado Freitas chamou a mim, meu pai e Victor para depoimentos separados, um de cada vez. Contei tudo o que havia acontecido e confirmado que Verônica assassinara Carol a sangue frio e que pretendia fazer o mesmo comigo.

Eu sentia o corpo pesar de cansaço e sono, mas me obriguei a aguentar até que todo o processo fosse finalizado.

Ver Verônica atrás das grades era essencial para que eu pudesse dormir em paz. Precisava ter certeza de que nem eu, nem Victor ou papai corríamos mais qualquer risco nas mãos daquela mulher.

Nós só não esperávamos descobrir que *Verônica* não existia e que a mulher que até pouco tempo atrás era minha madrasta, que me sequestrara e matara uma pessoa bem na minha frente, na realidade se chamava Cláudia. E o pior: aquele não fora seu primeiro crime.

Cláudia era suspeita de ter matado o ex-marido há aproximadamente oito anos para ficar com suas economias. Quando viu que a família do homem estava desconfiada dela, mudara de nome e estado na surdina.

Com essa descoberta, as coisas fizeram um pouco mais de sentido. Verô... quer dizer, Cláudia havia dito que não fora pega da última vez e pelo visto ela só pretendia aplicar o mesmo golpe no meu pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Só que dessa vez as coisas não deram certo para ela. Graças a Victor. E, bem ou mal, graças a Carol também.

Quando ela foi enfim levada por um camburão, eu pude soltar o ar, aliviada. Ela finalmente seria presa. E pelo visto passaria o resto da vida trancafiada. Bem longe de mim, bem longe de todos nós.

Cansada e sonolenta, vendo que a manhã passara voando dentro da delegacia, finalmente voltamos para casa. Deitei e fiquei agarrada a Victor em minha cama, sabendo que seus braços eram o meu lar, que não existia nenhum outro lugar no mundo onde eu gostaria de estar.

— Desculpa mesmo por tudo aquilo que eu disse e por não ter deixado você se explicar — pedi, um pouco sem jeito.

— Acho que posso entender — ele respondeu, gentil. — Era uma situação bem comprometedora e eu nem mesmo tinha uma explicação decente a oferecer.

— Ainda assim... — Senti um bolo na garganta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao lembrar as coisas horríveis que dissera para Victor, me sentindo extremamente culpada. — Eu deveria ter te dado um voto de confiança ou ao menos uma oportunidade de falar. Espero que possa me perdoar.

— Hummm... — murmurou, fazendo uma leve carícia em meu braço. — Posso pensar no seu caso com carinho. Além disso, temos uma vida inteira pra você me recompensar.

Aquilo fez meu peito explodir de alegria. Sim, teríamos uma vida inteira pela frente e todos os dias eu o amaria e não deixaria que nada abalasse o nosso laço. Vivemos tanta coisa nos últimos anos até nos encontrarmos na mesma página, até que pudéssemos pertencer um ao outro, até que pudéssemos encontrar a felicidade juntos...

— Eu amo você — sussurrei, me aconchegando melhor em seu peito.

Victor beijou meus cabelos, e pude sentir seu sorriso.

— Mais do que comida? — ele brincou, passando o nariz por meus fios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aí já é um exagero... — Eu ri, divertida, e ele soltou um suspiro, fingido desalento. — Mais do que comida. Mais do que tudo — admiti antes de me entregar ao sono de vez.

PERIGOSAS ACHERON



Seis meses após o ocorrido, tudo estava em seus devidos eixos, apesar de eu ainda ter alguns pesadelos com o sequestro de vez em quando.

Camila e Fábio retornaram para São Francisco na semana seguinte e desde então havíamos mantido uma comunicação diária por mensagens e vídeos. Claro que eu sentia falta de tê-los ao meu lado, mas minha prima descobrira no mês anterior que ela e John estavam esperando seu primeiro filho e assim que eu tivesse direito a férias pretendia visitá-los. Eu não poderia estar mais feliz por ela. Camila seria uma mãe incrível. E muito, muito mandona. Mas, ainda assim, uma mãezona. Eu não via a hora

PERIGOSAS ACHERON

de ter um afilhado para mimar como eu bem entendesse.

Fábio também ganhou algumas novidades quando retornou à Califórnia, onde conheceu Michael, seu namorado oficial há quase três meses. De acordo com minha prima, ele não poderia estar mais radiante. Bom, dizem que o amor faz isso com a gente...

Falando em amor, eu não era cega a ponto de não ver que havia algo acontecendo bem embaixo do meu teto. Papai e dona Márcia andavam passando cada vez mais tempo juntos, juro que certa noite eu o ouvi chegando de madrugada em casa. Isso não seria tão suspeito assim se não fosse o fato de que ele cheirava exatamente como o perfume da nossa vizinha. Bom, contanto que ela o fizesse feliz e não tivesse nenhum assassinato em sua ficha na polícia, tudo o que eu podia fazer era torcer para que eles encontrassem a felicidade um no outro.

Assim como eu encontrei a minha em Victor.

Meu namorado havia finalmente assumido o escritório de advocacia do pai e estava fazendo um ótimo trabalho. Seu Alberto e dona Clara, espertos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como são, não perderam tempo e se aventuraram em uma viagem pela Europa. Voltariam apenas na semana seguinte, e eu acreditava que era só por conta do casamento de Ana, que seria no próximo sábado.

Devido a tudo que aconteceu e pelo luto em respeito à Carol, Ana decidira postergar o matrimônio, mas estava cada vez mais ansiosa conforme a data se aproximava. E eu, como madrinha, precisava urgentemente comprar um presente decente. Por isso que, na quarta-feira à noite, compeli Victor a me acompanhar até o shopping. Afinal, ele também era o padrinho e deveria pelo menos opinar em alguma coisa.

— Alguma ideia de a qual loja quer ir primeiro?
— ele perguntou ao enlaçar nossos dedos assim que saímos do prédio em que trabalhávamos.

Suspirei fundo e recostei a cabeça em seu ombro antes de responder, derrotada:

— Não tenho ideia.

Victor riu baixinho, beijando o topo da minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos achar alguma coisa legal — ele disse, complacente.

— Falando em coisas legais, outro dia vi na internet um livro de receitas *gourmet* pra miojo.

— Tá... — Victor disse, pensativo. — É melhor que eu vá comprar o presente sozinho. Você é uma ameaça pra sua amiga!

Um sorriso ladino surgiu em seu rosto, e, se eu não me sentisse tão ofendida, talvez tivesse soltado um daqueles suspiros apaixonados.

— Ei! Também não é assim, né?! — reclamei, mas logo ri. — Eu não pretendia comprar isso pra ela, só tava contando o que eu vi. — Dei de ombros, e Victor me fitou, desconfiado. — Não entendo seu preconceito contra miojo. É prático, rápido e gostoso.

— Aham... E cheio de sódio também! — Entortei a boca e deixei o assunto morrer. Ele não precisava saber que eu tinha salvado o link do livro para comprar para mim mesma assim que meu salário caísse, certo? — Amanhã você tem boxe na parte da manhã? — ele perguntou de repente.

PERIGOSAS ACHERON

Não que o fato de minha ex-madrasta ter deixado claro que eu deveria perder uns quilinhos tivesse me afetado, mas pensei que, depois de tudo, umas aulas de autodefesa não fariam mal. E eu precisava confessar: praticar uma luta era muito mais divertido comparado à academia, ainda que também um pouco mais perigoso para alguém como eu. Porém, com o tempo acabei pegando o jeito da coisa e com certeza me sentia mais confiante e disposta com o exercício. Nenhum assaltante seria páreo para mim em alguns anos!

— Vou na parte da noite só — respondi, e Victor assentiu.

— Que tal dormir lá em casa hoje, então?

— Hummm... Pode ser! Papai e dona Márcia iam jogar dominó ou algo assim. Posso dar uma privacidade pra eles, você sabe... pra se concentrarem no jogo e tal.

Pisquei, divertida, e ele riu, concordando com a cabeça. Não demoramos muito para chegar ao shopping, a escolha do presente foi mais fácil do que eu esperava. Ana com certeza gostaria do aparelho de *fondue* e eu obviamente não o comprei

PERIGOSAS ACHERON

pensando nos inúmeros convites que ela faria para que tivéssemos um festival em sua casa.

Não mesmo!

Ok, talvez isso tenha me influenciado só um pouquinho.

Um pouquinho de nada.

— Vamos pedir algo pra comer? — Victor sugeriu assim que entramos em seu apartamento.

— Com certeza — respondi, ainda pensando no tal festival de *fondue* que eu esperava que acontecesse logo.

De preferência no dia seguinte em que ela e o futuro marido voltassem da lua de mel. E enquanto eu fazia planos para estrear o presente de casamento, algo em cima da bancada da cozinha despertou minha atenção.

— O que é isso aqui? — perguntei, pegando o pacote pardo nas mãos. — Ué, tem meu nome aqui também.

Franzi o cenho e torci os lábios com curiosidade.

— Ah, é! Isso chegou hoje de manhã, mas também não sei o que é.

— Estranho... — comentei, avaliando o objeto. Era retangular e parecia conter algo duro em seu interior. No destinatário tinha o endereço de Victor e nossos nomes. — Posso abrir? — indaguei, e Victor concordou com um aceno.

Rasguei o embrulho no mesmo segundo, um pouco ávida demais para saber o conteúdo.

— O que é? — ele perguntou ao se aproximar.

— Parece um... álbum? — falei, arregalando os olhos ao abrir o *fotolivro* e... — Mentira!

— O quê? O que fo... Cacete! São as fotos do nosso casamento? — Victor questionou, incrédulo, conforme seus olhos se fixavam nas fotografias perfeitamente posicionadas dentro do álbum elegante.

— Sim! Céus, olha isso, é só desastre! — Apontei para a foto em que estávamos nós dois em frente a um Elvis muito alegre e, pelo visto, bêbado.

Não que eu e Victor estivéssemos minimamente sóbrios também. Minha maquiagem borrada e seus olhos cerrados provavam que estávamos até em

pior estado que o homem fantasiado.

— Tenho que concordar com você — disse, passando para as páginas seguintes com as pontas dos dedos. — Puta merda, olha essa aqui!

Victor gargalhou tão alto que pude sentir seu peito convulsionar em minhas costas. Era um som rico, sincero e cheio de vida, um som que aqueceu meu coração de imediato.

— Ai, Deus! — sussurrei, acompanhando-o nas risadas conforme analisava minuciosamente a fotografia à nossa frente, na qual Victor me carregava no colo com certa dificuldade e eu o agarrava pelo pescoço como se minha vida dependesse disso.

Atrás de nós, o tal Elvis e... uma provável Marilyn Monroe se agarravam em cima do altar.

— Eu queria muito me lembrar desse dia! — Victor comentou, passando um braço por meus ombros, os olhos ainda focados no álbum em minhas mãos.

— Eu também — admiti, suspirando. — E não é que a gente parecia mesmo feliz? — brinquei,

PERIGOSAS NACIONAIS

observando a fotografia do canto direito, na qual nossos lábios estavam selados e o Elvis e a Marilyn — que estavam chorando ou era só impressão? — nos olhavam com as íris brilhando.

— Nós *estávamos* felizes, só não sabíamos ainda — Victor disse, enlaçando minha cintura por trás e beijando minha bochecha.

Seu rosto estava colado ao meu e o calor de seu corpo passava pelo tecido das roupas, me atingindo em cheio. Seu cheiro inebriava minha mente, me deixando mole em seus braços, como eu sempre ficava quando Victor me tocava. Eu desmanchava com o mais simples toque dele, era inevitável.

— Acho que você tem razão — murmurei, colocando o álbum de fotos em cima da bancada da cozinha e fechando os olhos.

As pontas dos meus dedos percorreram as costas de suas mãos até o antebraço, acariciando cada centímetro de pele dele ao meu redor. Victor me apertou ainda mais contra si.

— Eu sempre tenho razão — comentou, rindo baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem sempre — respondi, provocativa.

— Tudo bem, talvez nem sempre — falou, resvalando o nariz em meu pescoço. — Mas sabe de uma coisa que eu tenho total razão?

— O quê? — perguntei com a voz meio mole.

— Que nós deveríamos nos casar de novo em Vegas, mas dessa vez sem álcool *e* com licença. Especialmente com licença.

A tranquilidade sumiu e meu coração pulou do peito no mesmo instante. Meu corpo inteiro se retesou e por dez segundos — que mais pareceram duas décadas — eu não tive forças para me mexer.

Eu dormi sem querer e acabei sonhando? Só podia ser!

Ele não podia ter falado aquilo, não é? Eu com certeza escutara errado ou então estava alucinando. Qualquer uma dessas opções parecia mais real do que... do que...

— Você não vai me dar uma resposta? — ele perguntou, se afastando e surgindo em minha frente. Suas mãos tocaram meu rosto com carinho, havia certa aflição em seus olhos azuis. — Sabe, eu

PERIGOSAS NACIONAIS

gostaria muito que você falasse alguma coisa — Victor disse em uma súplica, um sorriso nervoso querendo escapar de sua boca.

Meus lábios se abriram, mas as palavras não vieram. Os olhos pareciam querer escapar das órbitas, os dedos dos pés começaram a formigar e tudo em mim explodiu. Explodiu em felicidade, surpresa e paixão.

No segundo seguinte, minhas pernas pularam por si só e eu me joguei em cima de Victor, nos derrubando no chão do apartamento e colando minha boca na dele com urgência. Ele, claro, me retribuiu com a mesma necessidade e sentimento. Suas mãos percorrendo minhas costas com fervor, todo o meu corpo se incendiando instantaneamente.

— Posso considerar isso um *sim*? — questionou, meio rindo, meio gemendo. Os lábios ainda roçando nos meus.

— Ah, Victor... — Mal consegui conter o enorme sorriso que se instalava em meu rosto. — Não existe nenhuma outra palavra que eu pudesse dizer além de *sim*.

PERIGOSAS ACHERON

Ele sorriu, a felicidade chegando aos seus olhos azuis junto das ruguinhas que eu tanto adorava.

Então, dessa vez, Victor me beijou. Com tanto amor e devoção que não me restou nem mesmo a menor dúvida de que não, não existia nenhuma outra resposta que eu pudesse dar.



— Será que todos já chegaram? — comentei enquanto aguardávamos em frente à casa dos pais de Victor para o jantar de véspera de Natal.

— Provavelmente — meu marido respondeu, tentando equilibrar um ursinho de pelúcia em um braço e um boneco de super-herói no outro. — Minha mãe tá demorando tanto pra abrir essa porta que só consigo imaginar ela babando em cima do Caio.

Soltei uma risada baixinha, achando aquilo bem típico da dona Clara. Ela era mesmo doida pelos netos, tanto que volta e meia nos sondava para

saber quando pretendíamos lhe dar um terceiro, já que o segundo filho de Theo e Alice nascera cerca de oito meses atrás.

Era loucura pensar que já haviam se passado quase três anos desde o nosso casamento em Vegas. O segundo é oficial, claro.

A cerimônia fora simples — se é que a presença de um Elvis e uma Marilyn Monroe cheia de purpurina pode ser considerada simples —, somente com os familiares e amigos mais próximos. Meu pai e Fábio choraram o tempo inteiro, Camila sacudia John toda vez que olhava para mim no vestido branco que ela me ajudou a escolher, Ana não parava de tirar fotos de nós dois, os pais de Victor sorriam como bobos e Theo e Alice pareciam se divertir com Manu tentando puxar o cabelo do rei do rock.

Aquele foi o meu casamento, com tudo que eu queria e muito mais. Porém, a melhor parte era que, dessa vez, nós nos lembrávamos de absolutamente tudo.

O tempo passou rápido desde então. Eu me mudara para o apartamento de Victor, fora

PERIGOSAS ACHERON

promovida no trabalho quando completei um ano de casa e papai e dona Márcia assumiram o relacionamento alguns meses depois. Camila e John já tinham James e pareciam os pais mais abobalhados do universo. Minha prima, claro, não parou de me perguntar desde então quando eu decidiria entrar para o caminho sem volta da maternidade.

— Desculpa a demora, queridos — Clara pediu, amável como sempre, ao abrir a porta e nos dar espaço para passar. — Mas o Caio estava tão bonitinho naquela roupa vermelha de Papai Noel que não resisti e precisei tirar algumas fotos.

— Isso não é nenhuma novidade, avó babona — Victor brincou, beijando com carinho a bochecha da mãe.

Clara sorriu, satisfeita, antes de se virar para mim e me apertar em um de seus abraços acolhedores.

— Venham, venham, a comida já está na mesa! — avisou, fazendo meu estômago quase roncar com a palavra “comida”.

Em minha defesa, certas coisas nunca mudam

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo.

Percorremos a sala de estar, cumprimentando Theo, Alice e seu Alberto — que mostrava com animação os presentes debaixo da árvore de Natal para os netos.

É o que dizem: para toda avó babona, existe o avô babão.

Sentamo-nos todos à mesa quando Clara pediu, avisando que deveríamos aproveitar enquanto tudo ainda estava quente. Não objetei em momento algum, nos dez segundos seguintes eu já estava atacando a coxa do peru.

Victor e seu Alberto começaram a falar algo sobre o escritório, mas a matriarca Leone logo cortou o assunto dos dois, dizendo que o marido não deveria pensar em trabalho, já que estava aposentado, e sim na próxima viagem deles com destino ao Japão, marcada para a próxima quinzena. Em seguida, apenas para não deixar que o primogênito e o marido retomassem a conversa, começou a falar como Manu e Caio estavam crescendo rápido.

PERIGOSAS ACHERON

E, bom, isso bastou para que Theo sorrisse de maneira irônica e comentasse como quem não quer nada:

— É, Victor, assim você vai ficar bem pra trás. Mas tudo bem, você sempre poderá ser o tio das crianças. Com certeza é bem mais fácil do que ser pai e tudo mais.

Ele deu de ombros, levando uma garfada à boca de maneira despretensiosa. Meu marido, claro, logo entrou na pilha do irmão mais novo, comprimindo a boca em irritação.

— Pra sua informação, irmãozinho tolo, eu daria um ótimo pai. Provavelmente melhor até que você — falou, convicto, e se virou para mim. — Né, Isa?

Um enorme sorriso surgiu em seu rosto, um sorriso que lhe chegava aos olhos e trazia consigo as ruguinhas de sempre. Um brilho de expectativa pairava em suas íris azuis, fazendo meu pulso acelerar.

Por algum motivo, algo se revoltou em meu estômago e, para ser sincera, eu não sabia bem o que responder. Assenti com a cabeça e com um

sorriso amarelo nos lábios, achando estranho o fato do simples movimento me deixar um pouco tonta. Pensei que talvez tivesse comido rápido demais ou algo simplesmente não caíra bem.

Porém, quase nove meses depois, constatei que o que me fizera mal não tinha nenhuma relação à comida. Foi quando descobrimos que, sim, Victor daria um ótimo pai. O melhor do mundo de acordo com Amanda, nosso pedacinho de gente e nossa própria princesa da Irlanda.

Agradecimentos

Uau!

Eu tenho tanto a agradecer que, para ser muito sincera, não sei muito bem por onde começar.

Escrever e poder compartilhar esta história com todos é absurdamente gratificante e deixa meu coração explodindo de amor, gratidão e felicidade. Tive ótimos momentos com a Isa e o Victor, além de adorar rever a Alice e o Theo. Torço para que vocês tenham aproveitado este livro tanto quanto eu.

Como não poderia ser diferente, quero deixar meu enorme *obrigada* aos meus pais James e Eliana, ao meu irmão Allan e ao meu namorado Felipe. Família é tudo, e eu amo vocês com todo o meu coração.

Agradeço também à Lilian Vaccaro, a melhor editora-chefe deste planeta, e à querida Bianca Gulim, que trabalhou neste livro ao meu lado com um carinho sem tamanho. E também a toda a equipe da Coerência, que transformou esse sonho em realidade. Vocês são incríveis!

Não posso me esquecer das pessoas que me ajudaram de alguma forma a compartilhar esta história com todos: Fabi, Nick, Nat, Cellinha, Bia, Aurora, Angie, Mari, Dani e Bruna. Muito obrigada, meninas! Vocês são lindas demais e amo cada uma com tudo de mim!

Um beijo do tamanho de Júpiter às minhas queridas amigas que torceram por mim e me apoiaram em todos os momentos. Especialmente minhas parceiras literárias! Tenho muita, mas muita sorte de ter encontrado vocês e serei eternamente grata por tudo. De verdade, esta loucura de ser autora me trouxe os melhores presentes do mundo: vocês.

Um grande e forte abraço aos meus amigos lindos da PW, que me escutam falar de livros sem parar e que, além de torcerem pelo meu sucesso,

PERIGOSAS ACHERON

fazem meus dias mais felizes.

Por fim, a todos os meus queridos e maravilhosos leitores, que me acompanham e me fazem surtar a cada mensagem de carinho e incentivo: muito obrigada! Se eu cheguei até aqui, é graças à chance que vocês me deram. Espero que este livrinho escrito com tanto amor tenha rendido ótimas risadas e suspiros.

Vejo vocês na próxima!

PERIGOSAS NACIONAIS

Conheça outras obras da Autora

PERIGOSAS ACHERON

Inesperadamente Você



Sinopse:

Alice Bastos é uma residente de pediatria que está passando por uma situação complicada após o derrame do pai. Para pagar os custos do tratamento, ela decide vender a casa e morar em um local mais simples e próximo ao hospital em que ele está internado.

Quando surge uma oportunidade de comprar um ótimo apartamento com o preço em conta, Alice não pensa duas vezes antes de fechar o negócio. O

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela não esperava era ser vítima de um golpe que a obrigaria a dividir a moradia com Theo Leone, um profissional de TI arrogante, mal-humorado e bonito demais.

Porém, apesar dos desentendimentos, ambos descobrem que morar sob o mesmo teto pode ser a melhor coisa de suas vidas.

Link Inesperadamente Você:
<https://amzn.to/2FozJ9Z>

PERIGOSAS ACHERON

De Repente Nós Dois



Sinopse:

Nicole e Guido são melhores amigos desde sempre. Mas, quando Guido ganha dois ingressos para um cruzeiro somente para solteiros e acaba convencendo a amiga a acompanhá-lo, ambos descobrem que a relação entre os dois poderia, de repente, se transformar em algo muito mais intenso.

Link De Repente Nós Dois:
<https://amzn.to/2Y624JJ>

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON